

LUIZ CARAMASCHI

UM ESTUDO DO NOSSO TEMPO

Amós, o primeiro “pensador” hebreu, que é contemporâneo de Tales, nos fará contar que ao ser constituído por Deus em sua profissão, Deus lhe impõe este encargo:

“Profetiza contra meu povo”. Todo profeta é profeta contra, e o mesmo é, todo pensador.

(José Ortega y Gasset)

EDITORA SOCIEDADE FILOSÓFICA LUIZ CARAMASCHI

Praça Arruda, 54 - Caixa Postal 44 - 18800-000 - Piraju - SP

Fone (14) 3351.1900

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ÍNDICE

Prólogo.....	3
Para onde caminha a humanidade.....	5
Religião e crença.....	7
Por que o mundo está em confusão?.....	9
Harmonia de contrários.....	17
Metafísica e Dialética.....	24
Determinismo e Liberdade.....	32
Conteúdo e forma.....	43
A grande síntese filosófica.....	55
Porque e como as almas caíram.....	71
Cristo e a Cobra.....	85
Ser e Amor.....	97
Filosofia e Moral Materialista.....	114
A fala de Pelório.....	117
Fala o doutor Bolván.....	130
O que é igualdade.....	143
Epílogo.....	170
Carência de Filosofia (P. Dantas).....	175

Prólogo

Ao darmos início a este estudo, fomos advertido por pessoa amiga, mui douta e ponderada, que devíamos fazê-lo de forma acessível, sem o que correríamos o risco de não sermos lido. Ora, nosso fraco (ou forte) é a mania das citações textuais dos autores a que nos referimos. Num esforço de encontrarmos nova forma, resolvemos empregar o método de Coelho Neto a que ele deu o nome de "ao correr da pena". Assim, as citações sair-nos-ão de corrida, de orelhada, de viso; mas por um dever de honestidade intelectual, poremos um pequeno número entre parênteses, para mostrar, no fim do escrito, de quem e de que obra a idéia foi tirada. Feita esta ressalva, abordaremos o tema acima proposto.

Quem acompanha o noticiário dos jornais, de rádio e da televisão, impressionado com o desencontro de quase tudo, sem o querer, se pergunta: para onde caminha o mundo, que quer a mocidade estudantil, a cabeluda, a psicodélica, quais as causas que determinaram este estado de coisas. Outras interrogações nos ocorrem, deixando-nos em suspenso.

Desejosos de um esclarecimento, saímos a consultar os inteligentes, recebendo as mais variadas respostas e hipóteses. Respondem-nos uns: - ah, os moços? esses são uns desocupados que vivem às expensas de pais ricos, é por isso dispõem de tempo para anarquias e badernas; queríamos ver se tivessem de ganhar o pão de cada dia nas bancas de operários, se tinham disposição e tempo para meter-se onde não são chamados. Outros, então, acham que tudo são dedos do comunismo que manobram os cordéis de marionetes, não passando os estudantes de "inocentes úteis" dentre os quais muitos são úteis sem ser inocentes. E quando lhes advertimos que há agitações também nas áreas comunistas, como, por exemplo, as da mocidade checoslovaca e chinesa, respondem-nos: - é que o povo acordou.

Uns dos consultados são pela violência, outros, pelo diálogo. - Esses estudantes são um caso de polícia; é preciso empregar a repressão violenta umas rajadas de metralhadoras fariam esfriar os ânimos mais exaltados, tal como se esfriam os corpos dos tombados ao disparo delas. - Dialoguemos com os jovens, advertem outros, ouçamos o que eles tem a dizer.

- Diálogo? - replicam os que acreditam na força - diálogo não passa de polemica estéril. Com a razão se prova tudo, tanto que o universo e o espaço são infinitos, como que são limitados. O que resolve mesmo é o força, a autoridade, o monólogo de quem manda.

- Mas, como vencer idéias com balas? Acaso o cristianismo não venceu apesar da guerra que lhe movia toda a máquina estatal romana? E é verdade que o universo e o espaço podem ser infinitos ou limitados, sendo isto uma das antinomias de Kant. Toda vez que a razão se põe a analisar aquilo que transcende da própria razão, fica-se nas antinomias que sempre aparentam bifrontal cariz. Mas os problemas do nosso tempo são nossos, são caseiros, não estão lá em cima, na transcendência em que se oculta Deus. O diálogo, a polêmica esclarece, sim senhor; e neste caso, se pode, com verdade, dizer que da discussão "nasce a luz. É sofisticado afirmar que a razão não pode resolver nossos problemas próximos, nossas desavenças, só porque ela é impotente quando transcende de si, indo perquirir sobre os problemas de Deus, do espaço infinito e do tempo eterno.

Um terceiro a quem consultamos, fala logo de dentro do seu dogmatismo: - tudo não passa de falta de religião; os jovens desertaram de Cristo, abandonando a Igreja. - E por que abandonaram a Igreja? - Ah! isso é lá com eles! deserdaram da religião porque... porque foi profetizado que, no fim dos tempos, muitos se apostatariam da fé!

E assim, depois de sair a consultar as gentes, se nos resta fazer uma coisa: meter-nos conosco mesmo em solidão, e passar e repassar os argumentos todos pelo

fio cortante da razão. Este estar conosco mesmo este ato interior de averiguação; este xeque-mate que damos à verdade, sempre foi, o que se chama filosofia.

Reconhecemos a razão dos que afirmam que a mocidade estudantil tem sido usada como "inocentes úteis" do comunismo internacional que dispõe de órgão especializado em promover agitações em todo o mundo. Reconhecemos haver, entre os estudantes, "úteis" que não são inocentes, contra os quais se faz necessário um trabalho contra-subversivo. Mas não é este o ponto que desejamos abordar, isto é, a de estar pró ou contra os estudantes. O deles é um caso particular, e não nos interessa sendo como parte de um quadro geral. Nosso desejo é ir mais fundo, nas raízes da confusão que grassa pelo inteiro mundo.

Os estudantes, dizem, querem um mundo melhor. Está certo. Mas, aqui o busílis: como é esse mundo melhor que desejam o comunismo anti-cristão e francamente ateu? o socialismo democrático e cristão? uma ditadura hegeliana da direita como o nazismo ou o fascismo? o crescente intervencionismo estatal no campo econômico para cercear a ganância dos poderosos contra os menos favorecidos ou querem alguma fórmula, ainda não exposta ou aclamada

Referindo-se à arte moderna, Aníbal Machado teve uma frase que, segundo Afrânio Coutinho, podia ter sido a plataforma da "Semana da Arte Moderna". Disse ele: "Não sabemos definir o que queremos, mas sabemos discernir o que não queremos" (Afrânio Coutinho, Literatura no Brasil, vol.III, T 1, 80). Ora, como se pode fazer alguma coisa se não se sabe o que se quer? Esta frase de Aníbal Machado se aplica, à maravilha, à confusão geral de todos os que sabem o que não querem, porém que carecem de projetos para o que desejam. É a velha e estulta história a escrever-se por ensaios-e-erros animal; é a falaz ação sem pensamento ou "ação direta", em que a última ratio da força, passa para o plano da prima ratio. Os estudantes, num esforço de reivindicação de coisas que não sabem o que sejam, depredam, desmantelam, sujam as paredes e o soalho das universidades e academias. E o mesmo caso, referido por Ortega, de operários que, desejando pão, destroçam as padarias.

Tentaremos descobrir as causas profundas, radicais deste fenômeno histórico do nosso tempo; diagnosticada a moléstia, não será difícil receitar o remédio.

PARA ONDE CAMINHA A HUMANIDADE

Não somos progressista, porque o progressismo é galho do idealismo dos filósofos pós-kantianos e de Spencer, que achavam que tudo progride , necessariamente, quer queiram quer não queiram os homens. Um como que dedo de Deus escreve a historia, como ocorreu com a sentença escrita na parede da sala de festim de Baltazar. *Ora, como tudo irá para melhor, podemos descansar.* A historia segue o seu curso como aconteceu ao navio dos feáceos, como refere Homero, que, sem piloto, navegava diretamente ao porto (Ortega).

Também não somos derrotistas: acham estes que tudo necessariamente, retrógrada a extinção, e o homem se vai diluindo como um punhado de folhas de chá sucessivamente refervidas(Lesing). Horácio já dizia: "*Nossos pais, piores que nossos avós, nos engedram ainda mais depravados, e nós daremos uma progênie todavia mais incapaz*". O homem seria embrião de macaco (Bolk), ou um macaco degenerado (Buffon), de modo que o primitivo humano começou por fazer o que não faz nenhum macaco, qual seja, matar, assar e devorar a seus semelhantes (Weinert). Este

caráter, o canibalismo, é próprio do homem, e serve aos antropologistas para classificar séries inteiras do “*elo que faltava*”, ligador do homem ao macaco. Assim, na dúvida sobre se os restos são de macaco ou de homem, pergunta-se: era antropófago? Sim, era. Então, não há dúvida: trata-se de homem e não de macaco.....

Este ser devorador de semelhantes, próprio do homem, representa uma degradação moral dos homídeos, em relação aos símios donde procederam. E há mais esta prova: se o indivíduo repete as fases por que passou sua espécie, a criança humana seria mais animalesca que o homem adulto; no entanto ela se mostra mais humana, mais semelhante ao pacífico e cordato gibão; não é assassina, nem mentirosa, tendo servido de modelo a Cristo para os que hão de herdar o reino dos céus. E como o mundo é governado por homens-velhos, e não por homens-meninos, por isso o reino de Cristo não é deste mundo conforme ele próprio declarou. Logo, se este mundo nosso não é o reino de Cristo, não é muito que todas as civilizações entrem em colapso finalmente, e finalmente morram, e sejam enterradas para pasmo dos arqueólogos que as desenterram hoje. E tal como foi, assim o será, até que se realize o “venha a nós o teu reino” do padre-nosso.

Não sendo nós progressista, nem pessimista, que somos? Pois somos alertistas, de filiação orteguiana.

Então para onde caminha nossa civilização? Pois depende de nós, e só de nós. Que foi feito do Egito, que teve de ser redescoberto a partir dos hieróglifos? Que foi feito da Babilônia que a arqueologia desenterrou da areia e a redescobriu nos cuneiformes? Como é que Tróia foi ficar tão desconhecida e enterrada, até que aparecesse um homem de gênio que se dedicava ao comércio? Para descobrir Tróia, Schliemann teve de subvencionar suas expedições, visto que ninguém acreditava em sua idéia maluca. Fez-se então, vendedor de arenques, tornou-se rico, riquíssimo, e um dia largou mão de tudo, soprou a poeira as Iliada que o empolgava em sua mocidade, e disse para sua esposa e companheira: agora vamos descobrir Tróia. E descobriu.....

Suposto que as civilizações morrem e são enterradas, e que a história atesta retrocessos ou retornos à barbárie, não sabemos como se pode ser progressista. Não há razão também para sermos pessimista, na suposição de que tudo está condenado a um fatal retrocesso. Tudo depende do homem. Seu agir certo ou errado constitui a premissa de que, naturalmente, decorrem as conseqüências. As civilizações morrem de não terem sabido responder certos reptos bem conhecidos e estudados por Arnold J. Toynbee. O não saber replicar significa falência e morte. Assim morreu Roma, pois, para nosso pasmo e espanto, loucos varridos se fizeram imperadores. Assim caiu e morreu a Grécia; porque não soube distinguir seus filhos excelentes dos demagogos. Os homens-massa, e não seletos, se apossaram do poder, matando e exilando os ótimos. Homens que assassinaram um Sócrates, é bem que se tornem lacaios de Alexandre, e escravos de Roma. Assim caiu e morreu o Egito, porque fez pirâmides com os suores, e as lágrimas, e o sangue do povo escravizado; e para que pirâmides? Para guardar as múmias ressequidas e nojentas dos faraós....só para isso, e nada mais. E a Babilônia, por que morreu? Caiu a Babilônia, e a causa dela morrer ficou gravada numa tabuinha de argila achada no meio de outros escritos; nesta tabuinha está escrito o epitáfio daquela civilização: “Olha em volta e vê que todos os homens são estúpidos!”.

A historia dos erros, portanto, são a nossa riqueza, visto que nos põe em atitude de perene alerta para não cair. O “vigiai” que Cristo recomenda ao homem, se aplica à história. Nossa escola é a da vigilância, a do alerta, a de estar em guarda e prontidão, a de não subestimar os fenômenos sociais como a rebelião dos moços, a de provar

que com baionetas caladas não se vencem idéias, antes, pelo contrário, suscita a reação no mesmo nível que é o da força que não prova nada, nem convence ninguém.

Quanto mais nossa civilização avança, tanto mais se torna complexa e difícil; até que o homem médio, descoroado de não poder mentalmente acompanhar o progresso, larga mão de meditar e de ocupar-se de problemas modernos cada vez mais arqui-intricados. Usa de todas as comodidades que a técnica produziu, mas despreza as ciências, que são as raízes de todas as técnicas. O cientista puro e o filósofo estão desamparados. Para ganhar dinheiro é preciso dedicar-se as ciências aplicadas, às ciências praticas, isto é, as técnicas. Para tais homens, os filósofos são pessoas perdidas nas estrelas (Platão), e por isso não lhes dão proteção, nem atenção, nem ao menos simpatia, como coisa perfeitamente inútil (Aristóteles). Meios não faltam para a solução dos grandes problemas; o que faltam são cabeças (Ortega); e as poucas que existem não “querem pô-las sobre os ombros”(Ortega) os homens-massa. Há carência de princípios que norteiem a civilização contemporânea, e quando tudo levar a breca, os raros sobreviventes perguntar-se-ão com caras de bobos: por que será que acabou o mundo?

Para onde, pois, corre o mundo louco? Para o caos. Por que? Ora, pois porque é louco e os loucos não tem princípios. Se, como o demonstram as conseqüências naturais, necessárias, do evolucionismo, ser justo é ser forte(Nietzsche), tudo se há de desenvolver no reino da força e da astúcia com faz a natureza bruta; daí as mentiras diplomáticas; daí a ameaça constante de guerra; daí as neuroses coletivas que explodem nos protestos dos jovens que não sabem o que querem, mas se recusam a ir para onde os querem levar os velhos tão vazios de princípios e de projetos quanto os próprios jovens.

O mundo vai acabar por falta de princípios morais; e estes faltam por carecer de suportes filosóficos; e estes suporte não existem, porque se desprezou a filosofia como coisa perfeitamente inútil, donde vem que, segundo Ortega, estamos sem filosofia (sistemática) desde Augusto Comte. O mundo paga, agora, seu tributo oneroso, pelo desprezo aos homens de pensamento. Desde que o homem moderno aprendeu a confiar na ciência, ipso facto, passou a duvidar da revelação. Sua única salvação está agora na filosofia, e a esta ele estupidamente desprezou, deixando à mingua de recursos todos os filósofos. Quem sabe disto? Pois ninguém o sabe, e por isso, mais dia, menos dia, nosso mundo vai acabar. Um dia o mundo louco perde o medo de morrer..... e suicida-se.

RELIGIÃO E CRENÇA

As filosofias antigas(realismo) deram um suporte para a moral cristã, de modo que a mensagem do Evangelho não ficou sendo só uma questão de fé, de sugestão, com base só no principio da autoridade, destituída, totalmente, de racionalidade. Depois vieram as filosofias modernas(idealismo), tornando já precário esse esteio, e Schopenhauer riu-se de Kant por este fazer a sobrevivência da alma, base da moral, decorrer da necessidade de recompensa. Veio Darwin, veio Spencer, e a moral ficou suspensa no ar, com a filosofia que a sustentava, caída no ridículo, e os “Primeiros Princípios” de Spencer não representam as conseqüências naturais do evolucionismo.

A moral do evolucionismo, para ser conseqüente, terá de ser a da natureza animal onde impera a força, onde reina a astúcia, donde vem que ser justo é ser forte e astuto(Trasímaco-Machiavel-Nietzsche), como o entendeu o nazismo (Hitler), e como

entende o comunismo, seja o soviético, seja o chinês. E o americano, por sua vez, reptado no mundo da força, teve de replicar no mesmo nível, dando como resultado a corrida armamentista e a guerra fria que nos pregaram sustos. Corrida armamentista equivale a corrida técnica, pois foi por causa desta que o homem primitivo de fraco se fez forte, a ponto de duvidar que tivesse procedido dos animais inferiores, por evolução.

A técnica, pois, esse Golem(homem artificial como Frankenstein) que nos ameaça, hoje, triturar e reduzir a pó, foi despertado ao toque da varinha mágica da ciência, e, como no “Aprendiz de Feiticeiro” de Goethe, não mais sabemos como domina-lo. A técnica, filha da ciência pura, tornou o homem médio pseudo-racional, isto é, sem ciência, mas beato da razão. A crença na revelação, assim, cedeu lugar à crença na ciência, à crença de que tudo pode a razão, e por isso os franceses chegaram a fazer dela uma deusa, adorada na figura de uma linda e nua mulher pública. A tal chegou a beatice da razão. Cuidando-se racional, o homem-massa pôs em duvida a fé, a revelação, de modo que sua religiosidade é aparente, é uso, é costume, e não convicção profunda. O em que ele realmente crê, nada tem a ver com a religião que professa. A prova? Ei-la:

Conforme enuncia e demonstra Ortega, “nós estamos sempre numa crença”; em função dela pensamos e agimos. Por detrás das palavras, e, sobretudo, das ações de um homem, podemos saber quais as crenças que realmente tem. Não se trata de religião, que é exterior, motivo de discussão, objeto de pensamentos questionáveis. A crença é aquilo em que o sujeito está, e é ele, intimamente, embora professe uma religião ou seita que discute, e por isso não é ele mesmo.

Quando o Padre Antônio Vieira dizia que somos católicos de meias, porque cremos em Cristo, mas não cremos a Cristo, por outras palavras, disse o mesmo que Ortega. Cremos em Cristo, porque cremos nele, na pessoa dele; porem não cremos a Cristo (Vieira, Sermões,3, 183), porque não cremos ao que ele manda. E se há alguém que nos queira enfrentar neste terreno, que Também é o de Vieira, perguntamos logo: quem é que ama a seus próximos como a seus próprios filhos? Quem é que perdoa ao inimigo, e faz o bem a quem o persegue e calunia? Quem é que dá a capa a quem está querendo furtar a túnica? Quem é que vê em cada mendigo andrajoso, o próprio Cristo? Que disse: todas as vezes que amparastes a um desses pequeninos, é a mim que o fizestes. Quem é, pois, que toma os mendigos por Cristo, e os trata como se tratasse o próprio Cristo? Somos, pois, cristãos de meias, porque cremos em Cristo, mas não cremos a Cristo. E se alguém há que leve o Cristo a sério, vivendo seus ditames; que ame a seu inimigo e ao próximo como a seu próprio filho, apareça e diga: eis, aqui está quem ousou por em pratica o Evangelho, e por isso já não pode mais viver no mundo em que o homem é lobo para o homem. Porque é assim?

Porque uma é a nossa religião, e outra, a nossa crença. Vamos à igreja, cantamos hinos, louvamos e damos glórias a Jesus e a Deus. Todavia, nossa crença é a nossa vida que, segundo inquestionavelmente cremos, só pode ser feliz com o dinheiro com o qual compramos conforto, bem estar. Cremos a Calvino que dizia: a melhor maneira de agradar a Deus é acumular riquezas, porquanto essas representam o sinal de salvação que Deus, já nesta vida, envia a seus eleitos; por isto, segundo se infere de Calvino, e conforme cremos, é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um pobre entrar nos céus (Vianna Moog). Cristo disse o oposto; porem, não cremos a Cristo, e sim a Calvino. Se as riquezas nos põem em risco a salvação, e queremos riquezas, uma de duas: ou não cremos em salvação nenhuma, pelo que morreu acabou, ou não cremos em Cristo, que nos adverte do perigo, e antes,

pelo contrário, temos na riqueza um caminho para a salvação, como quer Calvino. Quem é, pois, o que quer, por vontade, ser um dos pobres de Cristo? Vejamos se há algum, por aí, porque até agora só temos encontrado calvinistas de todas as religiões!

Creemos no dinheiro porque ele torna o homem forte e respeitado. Creemos na força porque vence e esmaga, e duvidamos da justiça porque pode ser enganada com mentiras, e, astuciosamente, mentimos sempre nos negócios e no tribunal, só falando a verdade, quando ela nos é indiferente ou nos convém. O advogado é um perito nisto, e, portanto, sabe aconselhar a seu constituinte o que deve e o que não deve dizer. E a verdade? Ora, a verdade!

Religião e crença são coisas separadas; religião é uso externo, às vezes até para enganar, como faz o bichinho louva-deus que, a pretexto de andar sempre de mãos postas, apressa e devora o primeiro incauto que lhe passa perto. Crença é vida, é aquilo em que se crê realmente; por isso as crenças é que ditam as ações da vida individual, no passo que a religião mostra como proceder lá fora, na sociedade.

E a dúvida? A dúvida pertence ao mesmo estrato natural das crenças (Ortega). Não há ninguém que, juntamente com as crenças, não tenha dúvidas. E como as dúvidas incomodam, andamos sempre lutando por acabar com elas por meio de estudos. Quem está em dúvida não sabe como agir; porém, a inação é morte que se opõe à vida que é essencialmente ação. Então, para viver, é preciso produzir pensamentos, chegar a conclusões, adquirir crença.

Isto que nos acontece individualmente, Também ocorre coletivamente. As crenças coletivas sofrem colapso, entrando-se em dúvida. Então tem início o esforço para se conseguirem novas crenças. Tem lugar, neste caso, uma época de confusão como a em que estamos hoje. Assim foi na Grécia: perdida a crença nos deuses pelo trabalho demolidor dos cétricos, os sofistas acabaram o obra desses com edificar tantas doutrinas quantos são os homens. Daí o dizerem que o homem é a medida de todas as coisas. Sócrates usava as mesmas armas dialéticas dos sofistas para os vencer. Mas foi executado, porque um governo de massa não tolera os homens excelentes.

POR QUE O MUNDO ESTÁ EM CONFUSÃO?

Fizemos a distinção entre religião e crença. O mundo está convulsionado hoje, não por falta de religião, mas de crença positiva. A crença, já o dissemos, é aquilo que o sujeito é; aquilo em que ele está; aquilo que determina, imperativamente, o desenrolar da sua vida, a execução dos seus atos, o pautar da sua conduta. Crê no dólar, porque os Estados Unidos são fortes; crê na libra, porque ela é ouro; crê no ouro, porque ele vale, e vale, porque....é raro e belo; crê na propriedade, porque salva a poupança da desvalorização; crê que o pau pode quebrar de um momento para outro, determinando isto o fechamento dos bancos, donde vem que é melhor guardar o dinheiro em casa, dentro do colchão; crê que estamos em estagnação econômica, marcando passo enquanto que o tempo vital está correndo disparado.

Tempo vital é o tempo da nossa vida; corremos de automóvel, de avião, e, daqui a pouco, de satélite, para encurtar o tempo cronológico, o tempo astronômico, aproveitando, deste modo, mais o tempo vital útil que não pode ser aumentado. Por isso, marcar passo produz angustia, aflição, porque a velhice vem com todos os seus achaques, e não estaremos economicamente preparados para suportá-la. Corre, pois, tu, na tua mocidade, se quiseres descansar na velhice; porque se não correres

enquanto és forte, serás obrigado a correr enquanto já não mais tiveres pernas. Nisto se crê, por isto se corre.

Tudo isto determina a vida, não tendo nada a ver com religião. Mas são crenças tão vitalmente fortes, que não podemos fugir delas, tampouco olvidá-las. Elas são a nossa vida; nós estamos nelas.

Todo fim de ciclo é marcado por uma época de confusão, tal como a em que vivemos. Esta confusão resulta da perda da fé nas fórmulas tradicionais. Perdida a crença, dá-se pressa em achar outras, que do contrario a vida pára. Pena é que as novas crenças surjam muito tarde, já sem tempo de salvar a civilização. Além disso, as massas insufladas pela minoria dominante, formada pelos demagogos, se rebelam contra os inovadores e os massacram, como destruíram a Cristo, como assassinaram Sócrates. E Aristóteles, se pondo contra Alexandre que mandara executar a seu sobrinho, pelo “crime” de este não se ajoelhar diante do déspota macedônico, caído em desgraça, suicidou-se, alegando que não permitiria que praticasse outro crime contra a filosofia.

Perdida a crença dos deuses, a Grécia foi presa da confusão criada pelos cépticos, pelos sofistas e pelos demagogos. Tarde demais, criou-se nova crença, já sem tempo de salvar a nação.

Esta crença nascida na Grécia, viveu até hoje, e é a de que existe uma ratio, um logos, um sentido nas coisas. Existe uma lei ou principio conectando tudo. Há uma realidade mais profunda por baixo das aparências que nos mostra o mundo. Esta realidade que dá sentido e conexão a tudo, é o ser das coisas. Este ser das coisas é o que se creu existir; buscar saber no que consiste este ser das coisas, é o que se chamou filosofia.

Achavam (eis outra crença) que o guia para encontrar esta essência que subjaz às coisas, é a razão. Criam, primeiro, que há um ser das coisas, e, segundo, que esta essência que sub-está às coisas, pode ser descoberta com a razão. Logo, a filosofia nasceu desta dupla crença (Ortega), e desta ainda hoje vive. Mas, que sucedeu à filosofia?

Pois aconteceu que ela parou no século XVIII, e as chamadas filosofias novas não são sistemáticas, não sendo, por isto, burocratizáveis em novas instituições. O realismo grego foi a tese; o idealismo da pós Renascença, a antítese; falta agora a síntese, e esta não foi feita, porque surgiu uma dificuldade: a doutrina da evolução. Tanto o realismo como o idealismo são criacionistas, porque, para ambos, o senhor bom Deus fez o homem perfeito, isto é, com tudo o que nele há, como ensina a Bíblia. Provado, porem, que o homem tem história biológica, donde vem que tudo nele é histórico; o realismo e o idealismo foram postos em xeque.

Não enxergando outra saída, Marx e Engels se voltaram para a matéria, e pela primeira vez na história da filosofia, se disse que a matéria é o dado primário de tudo, a forma, a essência, a idéia, o pensamento, o espírito em fim, são dados secundários e derivados. O espírito e Deus, como já o dissera Laplace, se tornam hipóteses desnecessárias. Criou-se então, uma pseudo-filosofia para uso dos proletários, e esta falsa filosofia tem o fim exclusivo de ocupar as cabeças deles, defendendo-as contra a intromissão das filosofias a que os comunistas dão o nome de burguesas. Ora, se os socialistas da esquerda acham que devem ocupar os bestuntos vazios dos operários, segue-se que a verdade não interessa, e sim, essa ocupação. Como se explica, então, o descaso de todos para com a filosofia?

Levar, como se tem feito, o assunto para o campo emocional, sentimental, não adianta nada. De nada valerão as descrições pungentes dos massacres coletivos levados a efeito pelos comunistas. Trata-se de uma ideologia, antes de tudo, e é neste

terreno que a batalha deve ser travada. Urge, pois, uma filosofia nova que não veio à luz ainda.

E nós, que escrevemos este assunto, construímos a síntese realismo-idealismo-evolução, e está exposta numa obra volumosa, a que demos o nome de “Terceira Jornada Filosófica”. Todavia, nossa atividade executiva no serviço público, além de outras que temos de exercer para ganhar a vida, tiram-nos o tempo e a disposição para datilografar o manuscrito para o prelo. Tal, o nosso tempo: quem pode fazer alguma coisa, está manietado; quem tem as mãos livres, não atina com o que está acontecendo, nem sabe o que fazer.

Ensinar em casa e na Igreja a religião aos filhos, soa como proibir-lhes armas de brinquedo, contra as quais há umas campanhas absolutamente inócuas. Eles que foram impedidos dos brinquedos bélicos, vão manusear armas reais, mais tarde, para se fazerem reservistas. Assim a religião é contraditada, mais tarde, nas escolas, visto que todas as matérias fundam-se na doutrina da evolução. É verdade que a maioria dos que se formam, fazem-no na base da cola e da decoração, donde vem que o aprendizado se torna coisa separada da vida inautêntica que sempre viveram, vida esta que lhes insuflou o contorno social desde a infância. Porém, bom número, e é o dos mais inteligentes, assimila a idéia da evolução, tirando dela as conseqüências que, inevitavelmente, levam ao materialismo. Daí por diante, acomodam-se na vida; não se insurgem contra a religião que tomam por mero uso social. Todavia, onde estão as convicções profundas para orientar a educação dos próprios filhos? O fenômeno se acentua de uma geração para outra, e agora estamos em fase da mocidade rebelada que canta os seus próprios vazios. E os velhos? Esses, que somos nós, de braços cruzados, quedam-se a os escutar.

Por que essa passividade dos pais frente ao que os filhos fazem? Porque eles Também estiveram nas escolas, antes dos filhos, e lá, aprenderam a jogar com as seis provas da evolução. Do “elo que faltava”, ligador do homem ao macaco, foram descobertas séries inteiras; verificaram que esses sub-homens, estes macacóides, distinguiram-se dos símios, por serem antropófagos; que a natureza é feita de luta cruenta, em que vencem os fortes e os astutos; que a astúcia é o mesmo que engano, camuflagem, despistamento, mentira, esperteza, insinceridade, hipocrisia, ludíbrio. E se o homem tem de seguir a natureza, estas “virtudes” se impõem, em contraposição às do Evangelho. Os mais inteligentes, então, construíram esta cadeia de raciocínio, com base na evolução: se o homem procedeu dos planos inferiores da vida, estes planos vieram ainda mais de trás. Deste modo, de retrospectão, chaga-se, necessariamente, à matéria inorgânica, ao caos primitivo, em que as energias cósmicas se revolviam no seio do Colosso Primitivo de Alpher, Bethe e Gamow. Logo, no começo era o caos . Porém, o caos é o não-ser que se opõe ao Ser por excelência, que é Deus. Por isso que tudo o que Deus é, o caos não é. E vem assim a cadeia de contradições em que Deus é isto e o caos o oposto disso; Deus é harmonia e o caos desarmonia; Deus é ordem e o caos desordem; Deus é luz e o caos trevas; Deus é Lei e o caos substância amorfa, onde reina a confusão horrenda e o dantesco acaso. Por conseguinte, se tudo veio do caos, o ato primeiro do Criador foi criar a sua negação; foi negar-se a si mesmo no caos. Todas as dores, misérias e ignorâncias do mundo provem desta origem caótica do Universo. Se pela obra se conhece o autor, que artista será o que criou, em primeira instância, o horroroso caos, o medonho acaso?

Como todos descuraram da filosofia como coisa perfeitamente inútil (Aristóteles), estes problemas colocados pelo evolucionismo, não foram resolvidos. Resultado: o mundo se povoou de materialistas que vão à Igreja por respeitos

humanos, por exigência social. São religiosos para “inglês ver”, destituídos de qualquer convicção superior.

Agora, os jovens cantam, seus protestos, e nós os escutamos, sem saber o que fazer, pois para fazermos coisa, preciso era que tivéssemos pensado, chegado as conclusões e adquirido novas crenças. Tudo isto é a filosofia, e nós a desprezamos. E agora? Agora, a babel.

Que coisa mais se pode acrescentar a isso, assim, tão de corrida, ao correr da pena? Acrescenta-se que a natureza possui uma lei, que é a do mínimo esforço e máximo rendimento. Esta lei mostra porque os vegetais se passaram a animais, e como dentre estes, surgiram os carnívoros. No dia em que a primeira planta primitiva devorou a sua companheira, nesse dia fatídico, teve inicio a luta fratricida, e o combate sem tréguas. O animal herbívoro é um ladrão que rouba às plantas, as energias que, a muito custo, armazenam da luz solar pela fotossíntese. Não tardou, porem, que os ladrões se desaviessem, e um herbívoro devorou o outro. Assim, é que o leão vadio fica o dia inteiro dormindo no mato, e o lobo em seu covil, enquanto a pacífica gazela passa o dia inteiro a pastar. E ao cair da noite, ela, que trabalhou em catar ramos verdes e folhas, é assaltada pelas bestas ferozes, que lhe roubam as carnes, em que se transformaram as folhas e os ramos tenros. Seguindo a lei natural do mínimo esforço, a planta se fez herbívoro, e este, carnívoro. Por sobre todos apareceu o homem, o ladrão-mor que rouba a tudo e a todos os que lhes estão abaixo. Poupar energias e roubar o alheio é próprio da natureza bruta, e o homem, se trabalha, é pela ambição de possuir o mais, a se lhe tiram essa ambição, cessa o trabalhar.

Gostaríamos de ver como se arranja o comunismo, em sua dialética marxista, com esta lei natural. Por que não fala dela? Até a abelha tem sua colmeia, a ave o ninho,; e o lobo o seu covil. A sensação de posse começa pela do próprio corpo físico, de matéria, que cada um defende como o seu. Mas, enquanto este seu é de todos, ninguém cuida de nada, como já o advertiu Aristóteles, contrapondo-se ao comunismo de Platão. Enquanto dura a ilusão criada pela nova crença (o comunismo), enquanto os elogios e as medalhas de mérito são prezados, tudo vai bem. Até que enfim, o camponês se cansa de esforçar-se a troco daquilo que recebe, em pé de igualdade com o vadio que faz corpo mole e não produz. Que diz, então, a lei da astúcia que a dialética silenciou, mas que aplicam, à larga e em silêncio, os chefes bolchevistas? Acaso o imperador da Rússia czarista e família não foram assassinados, às escondidas, antes do sair do sol? Por que não os mataram em público, e a luz do dia, como aconteceu com o rei da França e com os mais chegados seus? A execução de Luiz XVI e de Maria Antonieta foi um ato de força; porem, o assassinio do czar Nicolau II, herdeiros e familiares, foi pura astúcia, representando isto, falsificação da vontade do povo. A razão é clara e manifesta: se fosse essa a vontade do povo, em vez de assassinato às ocultas e às escuras, far-se-ia processo ruidoso em tribunal, e a execução far-se-ia à luz do sol a pino. Bem sabem os chefes bolchevistas que a astúcia vale mais que a força, e que o homem é o rei dos animais, não por ser forte, mas, astuto. E ainda a astúcia representa economia de forças, e é mais fácil tocaiá o inimigo que vence-lo em duelo igual. Eis, como, consoante e dialética marxista, tudo se relaciona e se interliga; a lei do mínimo esforço e da astúcia se dão as mãos.

Que dizem, pois, as leis da astúcia e a da poupança de forças, ou seja, a do mínimo esforço? Pois é aplica-las já, pensa o proletário, e que sue o toleirão Stakhanov. Que foi feito do celeiro do mundo que era a Rússia? Que alimentos produzem hoje os campos da China?

O estudante é vadio? Bem que faz ele, pois o que se esforça, e sabe de verdade, não melhor destino. Basta o diploma....e depois, política....e um bom emprego se

consegue.... Agrônomos, engenheiros, advogados, médicos, dentistas..... Tudo é ser esperto, e arranjar um lugarzinho ao sol! E os professores? Estes ditam pontos de cadernos em que copiam os textos dos compêndios! Boa camaradagem com os alunos, sobretudo os bons, que por isto, perigosos. Fechem a porta... proseemos à vontade....mas, cuidado com o diretor!

E agora, ninguém sabe por que deu a louca no mundo?

O próprio pensamento nasceu e desenvolveu-se pela lei da economia e poupança de esforços. Enquanto um pobre animal se debate numa jaula, a fim de dar com a porta, por acaso, por puro ensaio-e-erro, um chimpanzé, após algumas tentativas inúteis, pára a distancia e reflete; depois leva a mão à tranca e abre a porta. Kohler fez destas experiências; e quando um macaco descobriu que podia encaixar uma vara curta na extremidade de outra, para poder alcançar bananas, ficou tão satisfeito que puxou para si muitas bananas, antes de comer algumas delas. Refletir, pensar, é executar o ato físico em pensamento, só em pensamento. Assim, o homem aprendeu a refletir para resolver os seus problemas, em lugar de os atacar às tontas, às loucas, pelo ensaio-e-erro. Então, por que aprendeu o homem à pensar? Pois foi para economizar tempo e energias. Logo, foi a lei do mínimo esforço e máximo rendimento que fez o homem um sêr racional.

Como, portanto, se explica hoje a chamada ação direta? Ação sem pensamento? E acaso não é isto que tem estultaneamente feito o homem moderno, com a sua ojeriza pelo pensar, pelo planejar, pela filosofia? Agora ele não sabe o que fazer, nem o que está acontecendo visto que retrocedeu ao ensaio-e-erro dos animais, em vez de lucubrar. Em face dos arqui-intrincados problemas modernos, o homem se vê desamparado de projetos, e não sabe como proceder, senão ir fazendo para ver no que dá. Esta é a formula moderna posta em pratica: “Não sabemos o que queremos, mas sabemos discernir o que não queremos” (Afrânio Coutinho, Literatura do Brasil, Vol. III, T. 1, pag. 80); como se fosse possível fazer alguma coisa, se não se sabe o que quer. Eis, aqui está, o que vem a ser a ação direta, a ação sem pensamento, a ação sem pré-ação. Os nossos homens modernos caracterizam-se, não como homens de ação, mas, como homens de movimento.... , visto como, em nível diferente e mais alto, fazem paralelo a um animal que se debate na jaula.

O engenheiro incumbido de fazer uma simples barragem num rio, ou uma ponte sobre ele, planeja, desenha, calcula, faz maquete, prevê os esforços de estrutura, considera a resistência dos materiais, até que, finalmente, põe mãos à obra, e a barragem ou ponte fica pronta. E que é mais fácil: fazer uma ponte de cimento armado, ou resolver os arqui-intrincados problemas politico-economico-psicologico-juridico-etico-etcetera sociais? Então, para estes, é tentar deste ou daquele jeito, para ver no que dá. Para as pontes, o engenheiro; para os doentes, os médicos; para os réus, os advogados; para os postos de o mando, qualquer um (!); para projetar a história, ninguém (! ?) Por que será, logo, que o mundo está em confusão?

Ora, pois, se o mundo está em confusão e sem filosofia desde há muito tempo, por que não se desintegrou ainda? Não, ainda, por causa do vigor do impulso e da antiguidade da moral, com base no Evangelho. A inércia que esta moral criou (embora ela ainda seja irrealizável em sua plenitude) é tão grande, que, graças a ela, as instituições se mantêm, assim como os usos e costumes. Nem na Rússia foi possível ser erradicada a moral de Cristo, como pretendiam os comunistas, como se o marxismo pudesse forjar outra moral, capaz de vigiar a conduta do homem até nas coisas que ele pode fazer em segredo. O que mantêm ainda o mundo em pé são uns restos de virtude, visto como a grande massa humana vive de fé, de sugestão, e não de razões claras como a luz do sol. A própria Rússia bolchevista tem de jogar com a fé, com a

sugestão, criando místicas, para governar as massas. O estacanovismo, por exemplo, é uma delas, e foi forjado para fazer os proletários trabalharem.

Dizem os soviéticos que o homem é quem criou Deus, e não, vice-versa; mas não tem a ousadia de tirar todas as conseqüências desta premissa, deste poder criados do homem, que sobre-está ao próprio Criador. Se o homem criou Deus, para, em nome seu, executar a exploração dos tolos, segue-se que a idéia de Deus é necessária para a produção de riquezas. A criação de Deus teria sido uma das infinitas artimanhas e astúcia do homem que soube copiar fielmente a natureza, onde a astúcia e a força são leis. Então, os proletários esclarecidos demais, cientes desta verdade inquestionável, devem, como manda a lei da natureza, tomar o máximo de proveito, e dar o mínimo de esforço, visto como não há Deus nenhum no comunismo que os mande trabalhar; antes, pelo contrario, esse Deus foi substituído pela natureza que fala dentro da fera carnívora: deixa o trabalho para o boi e o cavalo; que se cansem eles de cata, aqui e ali, brotos e folhas tenros; para que esforçar-se? Depois, é cair sobre eles, e apoderar-se do celeiro.

Quem, por conseguinte, mais lindamente soube falar sobre as virtudes sociais do trabalho, esse, na Rússia, garante não trabalhar no duro, visto como deve empregar suas energias em convencer os outros; a razão é clara, pois mais vale o trabalho feito por milhões de operários bem suggestionados, que o de um (ó azar !) que descobriu o segredo da natureza que prega, por sua lei da astúcia e da força, a infinda vadiagem das bestas ferozes. Que animal carnívoro pode ser utilizado pelo homem? Seria o lobo transformado em cão? A onça em gato? Pois o cão e o gato foram domesticados, e mais servem para dormir que para trabalhar; e em vez de carne, agora, comem angu.

Disse Deus: comerás o teu pão, e não o alheio, com o suor de teu rosto, e não do rosto alheio. Porem, a natureza, mestra da astúcia, mostra que mais cômodo é comer o alheio, produto do suor alheio. Qualquer lobo sabe, de cor, esta cartilha, donde vem que até nas estórias infantis, ele é o protótipo da esperteza e matreirice. Só que nestas estórias, a moral impõe que, aos lobos, aconteça, finalmente o pior. Todavia, na estória natural, e Também na social(civilização), o prêmio final, a palma da vitória, a continuidade da vida, sempre couberam aos que se fizeram astutos e fortes. Outra não é a razão da existência das forças armadas, em todas as nações. Com esta psicologia, façam, queremos ver, o proletário produzir!

Assentado, como está, que foi pela lei do mínimo esforço e máximo rendimento, que o vegetal se passou a animal herbívoro, e este, a carnívoro; que por ela, o homem se pôs a refletir, em lugar das tentativas loucas, próprias dos animais inferiores; assentado isto, se nos antolha a importância desta lei da natureza, que não pára aqui. Primeiro o vegetal primitivo mais forte e mais astuto, para poupar trabalho, devorou outro vegetal da mesma espécie, e, com isso se tornou animal vegetariano; o herbívoro primitivo mais forte e mais astuto, para economizar esforços, devorou o companheiro fraco ou débil, donde ter se tornado animal carnívoro; dentre os onívoros (que são os de unhas chatas e caninos curtos), uns acharam meio de defletir a ação que outrora era física, feita de tentativas ao acaso, que são os ensaio-e-erro. Por economia de esforços, a reflexão veio trazendo o animal onívoro(macaco), à idade da razão (homem), com o que, de novo, ele retornou a dieta carnívora e antropofágica; mais um passo na evolução, e o vencedor forte e astuto descobriu que o adversário apressado em combate desigual, em vez de servir de comida, podia ser usado como escravo, e o animal herbívoro (de cornos e cascos), podia ser domesticado para ser empregado como bestas de carga, e para movimentar as máquinas primitivas. O homem domesticou o animal, para ter quem o carregasse ao lombo, quem lhe puxasse o arado e o carro, quem lhe virasse o moinho e o engenho de cana. As leis do mínimo esforço e

máximo rendimento e da astúcia fizeram os mais fortes empregar o escravo para conduzir os animais domesticados na execução de variados serviços. Já, aqui, o forte, astuto e senhor, seguindo a lei do mínimo esforço, começou a procurar um tipo de trabalho que fosse mais barato que o do escravo e animal. Entramos, assim, na era das máquinas, cada vez mais máquinas, porque a energia destas é mais barata que o combustível do escravo (fubá, feijão), e que o do animal (capim, milho). A idéia da libertação dos escravos vingou, porque eles se tornaram desnecessários, do mesmo modo como, sem pregações humanitárias nenhuma, os animais de serviço, paulatinamente estão sendo postos de lado. Não é por humanidade que não se tentou domesticar o leão, e fazê-lo trabalhar; é que seu trabalho ficaria muito caro, visto que só come carne!

A lei da economia de esforços e do máximo rendimento pôs em movimento as inteligências dos inventores (astúcia) no sentido de criar máquinas automáticas cada vez mais complexas, e entramos, assim, na era das técnicas, na Revolução Industrial. Agora os poderosos (fortes e astutos), premiados pela lei do mínimo esforço e máximo proveito, conceberam uma idéia maluca que é a do capitalismo extremado, e por isso mesmo, utópico: substituir todos os operários, se possível, todos, pelas máquinas de produção dirigidas por robôs. A idéia é produzir em massa, sem concurso de operários. E estes, sem trabalhar, como viverão? Que se danem; vão cuidar de outros quefazeres. Quais, se as máquinas automáticas os vão desalojando por toda a parte? E para que a produção em massa, se o grosso dos consumidores, os proletários, não tem emprego, nem, por isso, poder aquisitivo? Se as coisas pudessem chegar a este extremo, teríamos de um lado, os senhores das máquinas, instalações e terras, morrendo de fome em meio a seus produtos utilitários, e do outro lado, os operários em meio a sua miséria. Torna-se evidente que os operários precisam ter ordenado suficiente com que comprar toda a produção que eles mesmo criaram. Todavia, os donos das máquinas e da terra querem o lucro, a mais valia (Marx); daí os trustes e os monopólios, com o que as riquezas se concentram nas mãos de alguns. Lutas, greves, crises, revoluções e guerras são as conseqüências naturais deste sistema econômico - o capitalismo.

Onde, a linha de menor resistência, onde, a linha de menor esforço (lei de mínimo esforço)? Pois não há de ser outra, senão a da democratização do capital, pelo que os próprios operários passam a ser donos das fontes de produção. As sociedades anônimas são o caminho, e não, o comunismo, por uma razão muito simples: os trustes e monopólios são a concentração das fontes de produção e das riquezas nas mãos de poucos. Nas sociedades anônimas, o capital se acha democratizado nas mãos de muitos que são os donos reais das fontes de produção e dos produtos; eles são portadores de títulos nas bolsas de valores. No comunismo, o que se verifica é um monopólio de natureza estatal, em que os operários são donos de tudo, assim se prega, mas sem títulos de propriedade negociáveis, com os respectivos dividendos a que estes títulos dão direito. Tudo é de todos, mas ninguém dispõe de nada, nem sente nada nas mãos, exceto os fortes e astutos que estão no poder. Tudo é de todos, do mesmo modo como somos donos da praça pública e das árvores do jardim. Falta a sensação de posse individual sobre a praça e sobre as árvores, e por isso não adianta nada me dizerem que elas são minhas, lhe afirmarem que elas são suas, nos declararem, com ênfase, que elas são nossas, pois não sentimos isso.

Quando o proletário, “dono de tudo”, não sentir nada nas mãos; quando a vigilância da polícia o espreitar de todos os cantos em que estiver um companheiro, compulsoriamente, delator; quando os expurgos liquidarem os que lhe estão acima, tirando-lhe o animo de subir mais alto; quando, enfim, sua crença no regime comunista

se volatilizar, deixando em seu lugar, decepção e vazio; então, cada um vai viver segundo a lei da astúcia e do mínimo esforço, e fazendo corpo mole, não produz mais. E agora? Agora só resta fazer o revisionismo à doutrina de Marx, para ver em que ponto está a falha.

E ela está errada no ponto em que tomou o galho pela árvore, o artigo, pela lei. O princípio da contradição interna existente em todas as coisas, em todos os planos da realidade, no pensamento e no universo inteiro, não é a mais importante lei da dialética, e sim, a lei do mínimo esforço e máximo rendimento. O princípio da contradição interna é artigo desta lei maior; esta que é a verdade!

Também não há luta de contrários no seio de uma unidade, com a vitória de uma das partes, mas, sim, o equilíbrio, a harmonia, marcados pela linha de menor resistência, que é o mesmo que linha do equilíbrio das forças oponentes e complementares. Pois claro: se uma força puxa para um lado, e outra, para o outro, a massa do fenômeno desenvolve-se na resultante. O que manda agora é a física: duas forças de sentidos diferentes, aplicadas sobre um móvel, o fará deslocar-se na resultante de ambas. Deste modo, toda unidade, sem exceção nenhuma, é uma harmonia de contrários, e não, luta de contrários, como enunciam Marx, Engels e Cia. Em lugar de luta, põe-se harmonia, e tudo se resolve. A idéia de luta implica na de antagonismo, desarmonia, guerra, sendo o oposto de harmonia que coexiste com a paz e a concórdia. Esta falsificação da verdade tinha em vista levar os proletários à luta, à revolução armada e sangrenta, como se essa fosse a regra normal da natureza.

Não existe isso de um pólo da unidade sobrepujar o outro: se prevalecesse a força centrífuga, o planeta e os elétrons se perderiam no espaço, e os sistemas planetário e atômico, cessariam de existir. Se, pela recíproca, a força gravitacional aumentasse, e não, igualmente, a centrífuga, os planetas todos descreveriam uma espiral de fechamento contínuo, indo precipitar-se na massa do sol. Também os elétrons cairiam no núcleo atômico, se o eletro-magnetismo deste aumentasse desproporcionalmente aquela força que faz os elétrons se afastarem. A vitória de uma, sobre a sua oponente, destrói a unidade, assim no átomo, assim no universo inteiro. A órbita, seja do planeta, seja do elétron, é o lugar de equilíbrio de forças contraditórias, é a linha de menor resistência, ou seja, a de mínimo esforço e máximo rendimento. Por isso que essa lei maior, síntese da harmonia de contrários, que dá ordem a tudo, e faz do caos, um cosmo. Esse foi o erro de Marx: este, o pecado de Satã: em tempos diferentes, um e outro cuidou que a matéria é tudo, quando ela não passa de um par que é matéria e forma, e isto, desde Aristóteles.

Todos os corpos compostos da química são equilíbrio de contrários; se fosse possível, como querem Marx e Engels, que uma parte oponente prevalecesse contra a outra, que uma se transformasse na outra, teríamos este absurdo: na molécula de água, por exemplo, o oxigênio venceria o par de hidrogênio, ou vice-versa; logo, a molécula de água ficaria toda oxigênio, ou toda hidrogênio; no átomo, ou todo próton ou todo elétron; no sistema planetário, ou todo sol ou todos planetas; na célula, ou todo citoplasma, ou todo núcleo; num casal, ou todo macho, ou toda fêmea; numa família, ou todo homem, ou toda mulher. O absurdo salta à vista, até do proletário mais bronco.

Conquanto esta verdade da dialética, há trezentos anos, já tinha sido enunciado por Vieira, que dizia: “o mesmo mundo está fundado numa concórdia discorde, e não há coisa nele que não tenha o seu contrário” (Vieira, Sermões, 19, 312); embora tenha esta antiguidade, a enunciação deste princípio do universo, Marx e Engels pretendem ser pais desta descoberta, visto que Hegel desenvolveu esta doutrina só no aspecto metafísico. Falseando, porém, esta verdade universal, dizem Marx, Engels e Cia, que “essa unidade de contrários, essa ligação recíproca dos contrários, assume

um sentido particularmente importante quando, em dado momento do processo, os contrários se convertem um no outro” (Georges Politzer, Princípios Fundamentais de Filosofia, 70). Em dado momento da luta dos contrários burguesia-proletariado, cada um dos contrários se converte um no outro. A burguesia, classe dominante, torna-se classe dominada; o proletariado, classe dominada, torna-se dominante (Georges Politzer, Princípios Fundamentais de Filosofia, 71). A ser verdade isto, vale perguntar:

Vencida a luta, a burguesia, como classe dominada, continua a existir? Se sim, como é possível, se foram aniquilados os fundamentos (propriedade) que a faziam existir? Se não, como pode existir sozinho o par proletariado, sem o seu par oponente, a burguesia? Suposto que o proletariado é um par da unidade social; suposto que toda unidade se compõe de pares opostos e complementares; como pode a unidade do social converter-se só no par proletariado?

Resposta: sim, pode, porque parte do proletariado assume a forma de classe dirigente, que são os onze e os seus sequazes, e estes ficam no lugar outrora ocupado pela burguesia que foi liquidada. E os proletários? Pois eles ficam por baixo, como era antes, só que agora até desamparados dos meios de protestar, cercados, que são, por uma cortina de ferro que os isola do resto do mundo, e vigiados por seus vizinhos que, em sigilo, de quando em quando, fazem seus relatórios de setores poderosos. Que dizer então? Pois dizer que apenas foram trocadas as coleiras aos cães, e se antes eram de couro, agora são de ferro. Por que, assim? Porque a infalível lei da dialética enuncia que toda unidade (neste caso, o social), se compõe de duas metades que se opõe e se complementam: o par de dirigentes poderosos, e o par dos obedientes proletários, e ai destes se rebelam, se não cantam loas aos poderosos mandantes.... Campos de concentração é que não faltam nos países socialistas da esquerda, apesar de não estarem em guerra.

Em vez da contradição burguesia-proletariado, fica esta: todo-poderosos de um lado, e os sem poderes do outro; todo-poderosos de chicote em punho, isto é, campos de concentração, trabalhos forçados, paredões de fuzilamento, expurgos periódicos, encorajamento de denúncias tidas por “atos patrióticos” e mais ainda se vindas de filhos a pais. O filho que fizer isso contra os próprios pais, ganha uma estátua em praça pública, e recebe as honras de herói nacional, como já aconteceu na URSS Deste modo a unidade cão-coleira não se altera. Cão representa, neste caso, o proletariado sempre insatisfeito e pronto para morder. Contra ele, portanto, a coleira de ferro do poder absoluto. E isto é justo para a moral anti-cristã comunista, para a qual “a justiça é o desassombro do forte”(Nietzsche). Haveria alguém que não entenda isto?

A HARMONIA DE CONTRÁRIOS

Vimos que a tida por principal lei da dialética não é a luta de contrários e sim a harmonia de opostos, visto como toda unidade se compõe de duas partes que se contrapõe, que se reciprocam. O antagonismo que faz uma parte da unidade inimiga jurada da outra, não vai além do caso particular da lei que tem caráter geral, do elétron ao universo.

A luta de contrários constituiu, outrora, a lei geral, quando teve vez a fase inversa da que vivemos hoje: aquela foi, então, a fase involutiva, da queda e desintegração, quando todas as unidades se desfizeram nos seus elementos componentes, até que tudo se resolveu no mais inteiro caos, de onde, agora, surge o universo, por evolução. Involução e evolução são dois priscos e arquifundamentais termos da dialética, dos

quais todos os demais decorrem. Entretanto, na fase atual evolutiva, a lei geral é a de harmonia de contrários, e só pode ser encarada como luta odienta de opostos que visam mutuamente destruir-se, quando o objetivo da lei, neste caso particular, é o da desintegração, rumo ao caos. No entanto, isto que afirmamos, constitui a ossatura da terceira jornada filosófica, e não pode ser desenvolvida por miúdo aqui, assim de corrida, ao correr da pena.

Não é, como dissemos, a lei dos contrários a mais importante da dialética, e sim, a lei do mínimo esforço que faz com que as contrariedades se resolvam em equilíbrio, em ordem, em harmonia, tornando unitária a dualidade de opostos. Este equilíbrio se dá na linha de menor esforço, sendo esta linha o trilho ou a trajetória de todos os fenômenos, desde o inframicro até o ultramicro-cósmico. Antes dos dois pólos contraditórios está o um da harmonia, do equilíbrio. Ninguém duvida, exceto os marxistas, que a unidade antecede a dualidade, e que o um vem antes do dois. E se alguém quiser escapar-se por outra porta, dizendo que cada parte da unidade é meia unidade, que entra na formação de um todo maior, ainda há este cerco: a divisão ao meio, de qualquer coisa, implica necessariamente, a idéia de unidade divisível. O meio vem da divisão do um, do inteiro. Por esta ou outra forma, a unidade antecede as partes que a compõem, donde se segue que a lei da unidade tem primazia sobre a da dualidade, isto é: a harmonia, a ordem, a coerência, a linha de mínimo esforço impõem que os contrários se procurem, não para lutar, reciprocamente, mas para ambos se conectarem, se fecundarem, se amarem. Esta harmonia e conexão que funde os opostos na unidade, recebeu de Platão o nome de Eros, donde ele dizer que tudo no universo, inclusive este, está cheio de Eros.

Eros, o amor, segundo o mestre grego Hesíodo, é a personificação do princípio abstrato da união dos elementos e dos seres, seguindo-se disto, que a natureza é, essencialmente, erótica, não em sentido particular, de sexo somente (Freud), mas no sentido geral de conexão, de amor. Em vez do pan-sexualismo (Freud), o que há é o pan-amor. Como o objeto da filosofia é procurar esta conexão omnímota, universal, foi definida por Ortega como sendo “a ciência do amor”. A própria palavra inteligência, vem de inter (entre) e legere (ler); inteligência significa, ler entre...as coisas (ou dentro destas, entre as partes) o nexa que as torna compreensíveis; este mesmo nexa que une e relaciona as coisas entre si, conecta e interliga as partes contraditórias de qualquer unidade. Por conseguinte, a própria inteligência é erosóide, visto que procura o Eros, a conexão, a ratio, o logos, o sentido das coisas, o que vale dizer: a essência delas. Essa é a causa porque a inteligência, seja pela etimologia da palavra, seja pelo seu objeto, é filosófica, visto que busca o Eros ou amor.

Consequentemente, “a filosofia é a ciência geral do amor” (Ortega y Gasset, *Meditações do Quixote*, 22 e 43); seu primeiro lanço de olhos é para a unidade; depois enxerga que toda unidade se opõe a outra, com a qual se casa, formando uma unidade maior; por isso, as unidades maiores, sem nenhuma exceção, são formadas por unidades menores e estas, por outras ainda menores, até o infinitesimal que, teoricamente, coexiste com o zero absoluto do ser, isto é, com o não ser. Por outro lado, toda unidade se une com sua oposta na formação de unidades maiores, e estas, com outras, até o infinito positivo ou Ser absoluto, que é o Ser total descrito por Parmênides, primeiro, e depois por Platão, como sendo uno, eterno, imutável, infinito, imóvel. Deste modo, do universo ao elétron, tudo está dominado por Eros, o amor. E a própria palavra universo possui estrutura dialética, e significa, uni, mais, verso, ou seja, a unidade mais a sua contra-dicção pluralidade. Por isso é que todas as contrariedades vão se harmonizando e hierarquizando, até a construção da unidade

máxima universal. O universo, por conseguinte, é constitutivamente, ordem e hierarquia, do infinitesimal ao infinito.

Sendo a lei da unidade, necessariamente, inquestionavelmente, a primeira na ordem das coisas, como vêm Marx e Engels dizer que a lei primeira é a da dualidade de opostos em luta, a luta de contrários, como a denominam? E por que em vez de harmonia de opostos, dizem luta de contrários? A razão é clara e manifesta: partindo desta premissa, a luta de contrários, como se fosse a lei universal por excelência, primária na ordem das coisas, o universo todo se acha cindido por esta luta, estando todo ele fundado sobre o ódio, sobre a desarmonia, sobre a desordem, sobre a guerra. Logo, as lutas de classes, são as conseqüências necessárias de um universo alicerçado sobre o ódio. Se a filosofia, segundo Platão e Ortega, é a ciência geral de Eros, a ciência geral do amor, de acordo com Marx e Engels, a filosofia é a ciência geral do ódio, uma vez que só enxergam a luta e a guerra que se fazem, entre si, os adversários. Como tudo no universo está animado desta luta e guerra de opostos, ele não é ordem, harmonia, lei, mas, oposto disto: o universo é um vir a ser, um tornar-se, que se encaminha para o caos. Trata-se pois, de uma filosofia involutiva, que mostra o processo pelo qual o universo se torna, gradativamente, caos. Para ser coerente, a filosofia Marxista tem de concluir que o universo se encaminha para o caos, isto é, volta para donde veio, e as leis da dialética marxista, mostram como se dá este processo desintegrativo, que pode ser assim:

Toda unidade possui uma contradição interna, em que dois inimigos lutam cada um por sobrepujar o outro; vencendo uma facção, uma se transforma na outra, ficando ambas no mesmo sinal, da mesma polaridade. E como pólos iguais se repelem mutuamente (física experimental), a unidade se repele em duas metades que se repelem entre si. Mas dentro de cada facção separada, existia já outra contradição de dois novos oponentes em luta. Outra vez uma parte vence a oponente, forçando a que é vencida se transforme nela. Nova cisão se verifica, em virtude de terem ficado iguais as polaridades. Assim, cada unidade vai decompondo-se, pela análise, e cada vez mais se restringe a seus elementos componentes. Estes brigam, por sua vez, entre si, e se desintegram em unidades cada vez menores, até atingir o caos mais inteiro do não-ser. Um exemplo, para facilitar a compreensão: uma molécula de água contém duas partes em luta entre si, se fosse verdadeira a doutrina de Marx e Engels. O oxigênio estaria, então, em luta com o hidrogênio. Este antagonismo leva os átomos a se tornarem iguais, quanto a polaridade, em razão do que se separam, cessando de existir a molécula de água. Todavia, os átomos são unidades que tem, por sua vez, uma contradição interna, em que os elétrons em luta contra os prótons. Esta nova luta de contrários leva-os a se separarem em elétrons, de um lado, e prótons, de outro. Ora, o elétron é uma unidade dinâmica, um remoinho energético, um turbilhão eletromagnético, em que a eletricidade se acha em luta contra o magnetismo, e um pólo magnéto-elétrico, com o seu contrário. Fracionando-se o elétron, sua substancia se desvanece em ondas de energia, e estas se degradam de nível evolutivo, de modo que os altos das ondas se anulam contra os baixos delas; e assim é que as ondas se retificam, ou seja, as curvas sinuosas se mostram como linhas retas. Um as linhas retas dessas chocam-se contra outras, de sentido contrário, e por este caminho até aquele estado de prima substancia que é o primeiro, o mais arrematado caos, de que surgiu o universo; este caos mais inteiro é aquele estado a que Aristóteles chama de matéria pura, ainda nada ato, ainda sem essência alguma. Mas o conceito moderno de matéria é o de energia-substância (Einstein). Logo, a matéria pura é energia-substância primordial que se agita no seio do caos.

Estes são os corolários naturais daquela premissa marxista desde que se tenham em vista, ser coerente e honesto. Mas não. O marxismo não segue esta linha, visto como aplica a lei da astúcia até em filosofia. E não tem importância a incoerência, pois tal “filosofia” não foi feita para pensadores, e sim, para operários brancos, de inteligências tão crassas quanto suas próprias mãos. Deste modo, quando interessa isto, é isto; quando interessa aquilo, é aquilo. Quando o objetivo a atingir é a luta de classes, toda unidade se compõe de dois contrários em luta. Feita a revolução, e liquidada a burguesia, agora o socialismo vermelho é uma harmonia de opostos, porque toda unidade é harmônica, nela as contradições se resolvem em equilíbrio e ordem. Quando interessa, a filosofia é definida como uma “concepção geral do mundo da qual se pode deduzir certa forma de conduta” (Georges Politzer, Princípios Fundamentais de Filosofia, 14).

Esta definição é correta. Todavia, em vez de desenvolver este enunciado que daria na conclusão de que cada filosofia é uma concepção geral do mundo, um ponto de vista do universo, um mirante, uma perspectiva dele (Ortega); que por conseguinte, é preciso olhar de todos os mirantes, e ouvir os pensadores todos; que, por este motivo, a filosofia é essencialmente histórica, não havendo nela o feito, o acabado, e antes, estando nela tudo a fazer-se; em vez disto, envereda para outra direção, definindo: as filosofias são justificações dos interesses de classes. A isto, diz Lenine: “Marx e Engels foram, em filosofia, de começo ao fim, homens de partido” (Georges Politzer, Princípios Fundamentais de Filosofia, 21).

Arranjado deste jeito, Parmênides primeiro, e depois Platão, teria imaginado o Ser uno, eterno, infinito, fixo ou imutável para que, deste modo, tudo ficasse como está, sem mudanças nem transformações. A exemplo do Ser (Deus) parmenídico-platônico-aristotélico, a burguesia não precisaria trabalhar. E como tudo reflete o Ser parado, imutável, cada classe social, desde o início, foi aí colocada, e para sempre. Deste modo, é próprio, é crucial que a burguesia ociosa fique a cavaleiro do proletariado laborioso, seguindo-se a conclusão de que sempre houve e haverá ricos e pobres no mundo. Segundo Marx, nisto se cifra o ideal do grande Parmênides, o grande, no conceito de Platão. O interesse da classe opressora teria criado a metafísica, e quando Schopenhauer define o homem como “animal metafísico”, deve ser entendido por animal interesseiro que, consoante seus interesses, cria suas razões, sua metafísica, sua filosofia.

A lei da esforço mínimo, da harmonia de opostos na integração de unidades maiores, tem validade universal, e, por isto, está presente também no mundo dinâmico em que as energias e os ciclos aparecem polarizados em impulsos contrários. Assim, consoante ao que ocorre com toda unidade, sem nenhuma exceção, também os ciclos maiores se compõem de menores, e estes, de outros ainda menores, até ao átomos, até o tempo de uma rotação eletrônica, até o tempo mínimo que é o raio do elétron percorrido com a velocidade da luz. Pela mesma razão, todo ciclo tem seu desenvolvimento assegurado pelo ciclo maior, que o abarca, e este, por outro, até o ciclo máximo Involução-Evolução.

Ora, a história ;e feita de ciclos, e por isto, todo desenvolvimento histórico suscita um movimento contrario, a fim de ambos, depois se resolverem na síntese. A este movimento dialético da historia, Hegel deu o nome de tese-antítese-síntese. A síntese, como se vê, abarca na sua unidade de ciclo maior, tanto a tese como a antítese. Que quer dizer isto? Pois diz que o passado é reabsorvido e pervive no presente.

O passado tem de ser reabsorvido no presente, te, de ser superado por uma forma de vida mais alta (o ciclo maior), e não, combatido, destruído. A molécula não combate as átomos; absorve-os, na sua estrutura: a célula viva não declara guerra às

moléculas; abarca-as, na sua constituição; a colônia celular de que surgiram os seres superiores, não faz violência as células, e antes, as arrebanha, amorosamente, para a formação de um todo mais complexo. De igual modo, por exemplo, o liberalismo econômico surgiu com a democracia, como superação do regime feudal. O antiliberalismo, por conseguinte, é o próprio feudalismo que tinha o seu rival no liberalismo. No entanto, o bolchevismo e o nazi-fascismos se declaram anti-liberais, donde vem que são retrocesso às formas anteriores ao liberalismo. Por isso é que Ortega declara que tais regimes são retrógrados, são anacrônicos, e suas revoluções não tem sentido histórico de ir por diante, e sim, são um tornar atrás, nos métodos e processos da selvageria. Tais doutrinas são anti-históricas, visto como querem impor o passado superado por uma forma de vida mais alta.

O anti-Cristo, pela mesma razão, era representado pelos fariseus que combateram a Cristo e o mataram. Todavia, o cristianismo venceu no tempo, e ser anti-Cristo, hoje, combater o cristianismo, é adotar a atitude farisaica, é tornar à mentalidade do involuído fariseu. Ora, se o cristianismo já venceu a seu oponente, como poderá ser vencido por este? Esta é a causa porque o cristianismo não pode ser aniquilado na Rússia, estando aqui a prima heresia que irá dar cabo do bolchevismo. Só poderia vencer o cristianismo, um super-cristianismo (!), uma superação dele.

Deste modo, o liberalismo será vencido, na certa, pelo super-liberalismo (democratização do capital), e jamais, nunca, pelo anti-liberalismo, seja ele o bolchevismo, seja o nazi-fascismo. Por que? Pois porque o passado não pode vencer o futuro, nem a funda, o fuzil. O ser anti do comunismo e do nazi-fascismo, mostra que estes são um tornar atrás no tempo; e tornar atrás significa derrota, falência, morte.

Ora, assentado isso por premissa, vem a conclusão de que todas as filosofias existentes no mundo, ou ainda por existir, podem resumir-se a duas únicas: a da burguesia e a do proletariado. Que é a verdade? Perguntou Pilatos à Cristo, e este silenciou, para não perder tempo (lançar pérolas aos porcos), com um filosofastro que nada estava, de fato, querendo saber. Cristo silenciou, que a verdade é o amor (Eros), o princípio de conexão de tudo, a harmonia de contrários que tudo fecunda e ordena, fazendo do caos um cosmo. E o amor que tudo cria e ordena desde o elétron até o universo inteiro, tem seu recíproco, seu contraditor no egoísmo, no ódio que tudo desintegra e faz do cosmo um caos. Cristo silenciou isto. Agora, vai a versão do anti-Cristo: “a verdade é o ódio que ascende a luta de classes; é o interesse de cada um, do qual decorre o interesse da classe; a verdade é o egoísmo que se contrapõe ao amor!

Por que, logo, se enfurecem os marxistas contra o pragmatismo que parte do interesse e do útil para forjar sua verdade? Escreve Politzer: “de fato, o pragmatismo, ideologia típica da burguesia decadente, que renega a ciência, subordina muito simplesmente, a verdade aos interesses da classe dominante (Georges Politzer, Princípios Fundamentais de Filosofia, 144). Acaso a definição que diz ser a filosofia uma elaboração com vistas a defender os interesses de classe, não deságua no pragmatismo? Não declarou Lenine que Marx e Engels, foram de cabo a rabo, homens de partido? Com isto não ficou dito que o interesse de classe foi posto por base no marxismo? Se os fins justificam os meios (Machiavel), e, por isto, para defender os interesses de classe, forja-se uma filosofia, tem-se de admitir que tal filosofia é uma mentira útil, semelhante à nobre mentira de Platão, e à mentira vital de Hitler!

Então, que é filosofia? É a concepção geral do mundo, ou é a justificação do interesse de partido ou classe? O filósofo é um homem que procura compreender a verdade? Ou é um homem de partido, e precisa arranjar uma filosofia para justificar, racionalizar o seu interesse? Se for tomada esta última definição para filosofia, ela não

procura a verdade, doa a quem doer, e sim, busca racionalizar o interesse. Logo, a filosofia não é o amor da sabedoria, mas o amor das vantagens e interesses subalternos. Se somos burgueses, temos uma concepção do mundo; se somos proletários, imaginamos outra, sempre tendo por base, por premissa maior dos raciocínios, o interesse. Parodiando o sofista grego, poderíamos então dizer: o interesse é a medida de todas as coisas, havendo duas verdades, quanto são os interesses. Assim raciocinam os marxistas: é preciso que os trabalhadores que querem modificar o mundo tenham dele uma justa concepção (Georges Politzer, Princípios Fundamentais de Filosofia, 16). Que justa concepção é esta? Pois é a que condiz com o interesse de cada um. Logo, justo é tudo o que concorda com o meu e com o nosso interesse. O que interessa a mim é justo; o que se opõe aos meus interesses, injusto. E como no choque de tantos interesses, vence o do mais forte, segue-se que a justiça é o interesse do forte, como já o afirmaram Trasímaco e Nietzsche.

Se, como é verdade inquestionável, “o mundo está fundado numa concórdia discorde, e não há coisa nele que não tenha o seu contrário (Vieira); que tudo, por conseguinte, é bipolar, havendo positivo-negativo, belo-feio, direito-avesso, etc; se isto é verdade peremptória, axiomática, então haverá rico e pobre. Este rico pode ser constituído pela burguesia ou pelo Estado, como é esse o caso da URSS em que ninguém pode ter nada, nem mesmo a esperança de possuir, nem a liberdade para reclamar, porque vigiado e delatado pelo vizinho, é, depois liquidado como contrarrevolucionário. Dizer que pertence ao Estado é de todos, não passa de uma frase oca, porque o Estado não existe sem representantes, e estes são os que realmente dispõem de tudo que o Estado possui. Deste modo, é obvio que os grandes da União Soviética não tem o mesmo nível de vida de um mineiro de carvão. Quem está no poder, usa e abusa. Ora, pois, é no uso que consiste a propriedade (Goethe), donde se infere que, quem pode usar é dono. Em lugar de o poder econômico estar distribuído nas mãos de muitos, como é o Estado burguês, fica concentrado nas mãos de Onze e Cia. Por que assim? Porque, consoante à lei da dialética, tudo é bipolar, seguindo-se disso, que há até no socialismo soviético, os que tem e os que não tem.

Mas, suponhamos que os termos contraditórios duma sociedade podem transformar-se um no outro. Quer dizer que, se um dos contrários vence o outro, ou cessa de existir o pobre, e todos ficam ricos (que felicidade), ou cessa de existir os ricos e todos ficam pobres (que desgraça). É isto possível? Vejamos:

A dialética marxista é fundada na matéria, na natureza, onde tudo é harmonia de opostos. Mas os sofistas vermelhos, em vez de dizerem harmonia de contrários, dizem, luta de opostos. Nesta luta, uma parte vence a oponente. Então não há mais o contrário. E como toda unidade é bipolar, cessando de existir um extremo, ipso facto, cessa de existir o outro. O diabo existe porque há Deus; se não houvesse Deus, ficaria o demônio sem ter a quem negar, e neste ponto surgiria em seu sistema negativo a contradição positiva. Esta facção rebelada, tornada positiva, em luta contra o mesmo mal, seria da parcialidade de Deus, com o que, de novo, passaria a haver Deus. Assim, a existência do supremo mal implica, necessariamente, na existência do supremo bem. Esta é a causa porque a palavra satanás suscita em nós a oposta idéia de Deus. Os que negam haver Deus, são compelidos a afirmar, também, que não há demônio; quem nega o bem fica obrigado também a negar o mal. Ora, a existência do mal é fato inquestionável, é da experiência de todos, até dos soviéticos, que mantém cheias as suas prisões. Consequentemente, esta própria afirmação implica, obrigatoriamente, na sua adversidade, donde vem que o bem existiria, ainda que se o não pudesse comprovar em parte alguma. Prove-se a existência do mal e a do demônio que se ocupa de o praticar, e, com isto, ter-se-á provado a existência do bem e a dos bons

que o praticam. Essa consciência, esta inteligência é o fogo com que a fantasia supôs estarem-se queimando as almas nos infernos.

Como se vê, não precisamos ir à metafísica para nos prover de meios com que refutar a dialética marxista; é usando suas próprias armas que a desbaratamos, pois é impossível reduzir um termo ao outro dos contrários, sem destruir a unidade que os arregimenta.

Por esta razão irretorquível, o termo proletariado só tem sentido em face da sua contradição, burguesia; e quando esta não existe, de fato, ainda se continua entendendo aquele por oposição ou referencia à burguesia que, historicamente existiu. Mas esta redução de um termo ao outro é um impossível da dialética. Por conseguinte, os contrários sempre existirão, donde vem, outra vez, que a sociedade soviética se compõe de ricos (os Onze e Cia que tem tudo nas mãos), e de pobres (proletários de mãos totalmente vazias). Pela mesma razão, como estes poderosos negam à Deus e o espírito, os proletários os afirmam, sendo esta a causa dialética de não ter sido possível erradicar a religião do povo russo. A negação se acha no pináculo do poder, e a afirmação, no extremo oposto, consistindo esta a única herança que não pode ser tirada aos que nada tem, exceto amaríssimas decepções.

Por que tudo é assim? Porque a dialética diz que toda unidade é bifrontal, e que a unidade se desfaz, quando um termo vence o oponente. Exemplo: se o elétron se positiva no próton (elétron positivo), tudo, no átomo, fica positivo; e como os pólos de nomes iguais se repelem, os pósitrons e os prótons fogem uns dos outros, e o átomo se desfaz, como o comprovam os fatos científicos. E sem átomos não há moléculas, nem moléculas gigantes dos compostos orgânicos, nem células, nem vida, nem consciência, nem o binário proletariado-burguesia. O homem é o oposto da mulher para ambos se harmonizarem na unidade social família. Mas, segundo Marx, os oponentes estão empenhados numa luta, em que um par se transforma no outro. Quer dizer, de acordo com a tal dialética marxista, que o homem vira mulher ou esta se transforma em homem. O ideal, logo, é o casamento de dois homens entre si, ou de duas mulheres. A possibilidade dessas inversões sexuais generalizadas, ocasionadas pelos atos que geram os hábitos viciosos, levou o Papa Paulo VI a dizer, salvo engano, que a Rússia poderia vir a ter o destino das cidades Sodoma e Gomorra. A libertinagem requintada é o corolário natural do que acha que morreu acabou, pelo que não precisa prestar contas a ninguém, de seus atos bons ou maus. Existe já uma fase neurofisiológica para as inversões sexuais, por causa de o anus ter função sexual residual, tal como ocorre como arrepio de frio no humano. Os milhões de músculos horripilantes sob a pele servem para erguer os pêlos dos animais, aumentando-lhes a capa de ar quente sobre o corpo. Pois arrepia-se a pele do homem com o frio, sem ter pêlos que erguer. De igual modo, a função sexual dos animais inferiores, executada com a cloaca e o anus, deixou um resíduo funcional para o ser humano, sendo esta a causa primeira da sodomia. A causa segunda reside na tentativa de reativar aquela função residual, pela repetição do ato vicioso que cria o condicionamento reflexivo. A terceira causa reside na perda da esperança no destino social, pelo que não mais se quer filhos. Esta terceira causa desencadeia a segunda que tem raiz na primeira. Por este caminho andou a Babilônia, e caiu! Por este andou o Egito, e caiu! Por este, a Grécia, e caiu! Por este, Roma, e caiu! Por que logo, iria manter-se em pé a URSS, se fosse possível matar, totalmente, lá, a moral de Cristo? O índice de natalidade é o barômetro das civilizações, e quando ela começa a cair progressivamente, significa que as forças genesíacas estão sendo desviadas para o lado orgiástico, e isto, em virtude de a civilização ter ficado sem amanhã, de ter-se dado o colapso da sua herança social, de haver perdido ela a confiança, a crença no seu porvir histórico

(Toynbee). Deste modo a dialética marxista deixa, de antemão, aberta a porta à degradação moral, visto como se um contrario se transforma no outro, não é muito que dois iguais se busquem, viciosamente, e forçando eles a natureza, acabem por condicionar-se (reflexos condicionados Pavlov), e o habito torne prazerosa tal união de iguais.

Todavia, a dialética verdadeira dá lugar a esta degradação? Não, porque, consoante ela, toda unidade (a família é um exemplo) se compõe de dois pares opostos em harmonia. É certo que há casais que vivem brigando, porque não se ajustaram em toda a linha; não se encaixaram todas as oposições particulares, todas as reentrâncias com todas as saliências; e é mecanicamente compreensível que, no lugar da roda em que dentes não se engrenam, há atritos que desbastam os excessos, alisam, amaciam e ajustam a engrenagem. Tal como as maquinas novas, assim a família recém formada.

Na sociedade acontece o mesmo. A luta entre proletariado e burguesia nasce das injustiças: da parte do empregador, porque aspira o trabalho com paga miserável; por parte do operário, porque objetiva salário sem cumprir sua função de trabalhar. E do mesmo modo como a luta ou ajusta ou separa casais, a luta também, ou ajusta ou separa o binômio proletariado-burguesia. Não é por conseguinte, uma necessidade histórica que haja estas separações de contrários, mas é absolutamente necessário que ambas as partes cheguem a um acordo (harmonia-eros), que é o socialismo do meio, ao qual procura chegar o próprio socialismo de esquerda pelo seu revisionismo, e também, a sociedade capitalista, pela crescente democratização do capital, a par do crescente intervencionismo estatal em assuntos econômicos. A isto se deu o nome de reformismo e esta palavra causa mal estar nos marxistas odientos que, por isto, amam a discórdia, a revolução armada, o derrame de sangue nas guerras civis. Mas, a verdade é que revisionismo equivale a reformismo, e por um ou outro caminho, se há de chegar, inevitavelmente, ao socialismo do meio.

Grande parte da confusão do nosso tempo se resume na busca deste meio termo entre os extremos capitalismo e comunismo. A harmonia é esse ponto de equilíbrio, o fulcro da balança dos contrários, em luta hoje, para alcançar a paz amanhã.

Cada nova conquista evolutiva é feita por meio desta luta; não luta de opostos com vitoria de um deles sobre o seu adversário (Marx), mas luta com que ambos se desbastam nos excessos, de modo a se ajustarem, bem se cincidam, por reciprocidade, macho e fêmea, fechadura e chave, entalhes e dentes de qualquer peça anatômica, biológica, mecânica; não teria fim se fossemos enumerar as casos com os quais, como os citados, nos deparamos a todo instante. Só mesmo o sofista marxista poderia tentar torcer esta verdade peremptória que nos entra pelos olhos.

Cada nova conquista evolutiva, pois, é feita por meio desta luta construtiva, e as unidades que se acham hoje em paz (estáveis), também tiveram de lutar para alcançar esta pacificidade, esta estabilidade, donde este enunciado: “a evolução é a eliminação progressiva do caos”. Os neutrons brigavam no seio do Colosso Primitivo, até que, após expandir-se este, e caída sua temperatura, os neutrons expulsaram de si os elétrons, e com isto se tornaram prótons. Os elétrons expelidos passaram a girar em torno dos prótons, e disto resultaram os átomos. Estes lutavam entre si, ate que as condições do meio propiciaram suas combinações estáveis, e então apareceram as moléculas e os compostos. Cada unidade formada, luta por achar na sua oposta, a complementar, os entalhes e dentes pelos quais ambas se interligam em unidades maiores. A harmonia (amor, Eros) vai jungindo cada unidade com a sua complementar, e um pequenino cosmo surge rodeado pelo caos; primeiro o cosmo neutrônico; depois o cosmo atômico; posteriormente o cosmo molecular; mais tarde o

cosmo do composto mineral; em seguida o cosmo do composto orgânico; o cosmo da vida; o cosmo da consciência; o cosmo social....ah! este não é cosmo.....é caos, em grande parte ainda, mas será cosmo um dia! O caos vai sendo expulso pela ordem, e esta eliminação, progressiva do caos se chama evolução.

Na unidade social, porque mais complexa, ainda há caos, daí a luta das partes para encontrar os entalhes de unificação, de integração, de harmonização. Entre o caos primeiro e a ordem última, escalonam-se todas as lutas que vão registradas na história cósmica, na história telúrica, na história geológica, na história da vida, na história social (civilização), e nas outras histórias que ainda hão de vir. A Arqui-História da queda das almas do “topos uranos” (Platão), e da volta delas para o lugar celeste, por evolução, abarca, no seu âmbito, todas as demais histórias possíveis do Universo.

METAFÍSICA E DIALÉTICA

A filosofia é a visão geral do mundo. Para ter esta visão os filósofos se colocaram em duas posições diametralmente opostas, seguindo, por coerência, dois métodos também contrários entre si. Um destes métodos é o dialético, e o outro, o metafísico.

Metafísica significa depois da física, como a denominou Aristóteles. Todavia, Aristóteles entendia por física toda a natureza que vemos com os olhos do rosto. Olhando, principalmente, as coisas em torno, os metafísicos descobriram que, por trás dessa realidade (res = coisa), por baixo dessa coisidade, nos fundamentos dessa mundanidade está um nexos que a tudo seria inteligível, compreensível. Visto o mundo com os olhos da cara, ele é um caos de coisas separadas. Assim é que enxerga o mundo um animal quadrúpede qualquer. Vendo-o, contudo, com os olhos do entendimento, ele se nos mostra conectado por leis e princípios, por essências e conceitos. Por isto é que inteligência é inter-legere, como já vimos, e significa enxergar entre as coisas o nexos que as congrega e unifica. Por esta causa, a inteligência é essencialmente metafísica (depois da física), uma vez que se ocupa do nexos que interliga as coisas entre si, e que conecta as partes contrárias de todas as unidades do universo ao elétron.

Os filósofos gregos que se continuaram por toda a Idade Média, afirmavam que a realidade é isso que a inteligência alcança das coisas, e por este motivo, tudo o que os olhos vêem são aparências opostas àquela realidade oculta por debaixo ou atrás das aparências. Esta realidade oculta que a inteligência descobre, é ideal. Para os filósofos gregos e para todos os escolásticos da Idade Média, o real é essa idealidade que subjaz às coisas. Então, porque o sujeito olha para fora e enxerga essa realidade ideal, por isso esse idealismo é chamado objetivo, uma vez que objeto é aquilo que se opõe ao sujeito; é o que se posta frente a ele.

No fim da Idade Média, esta visão do mundo mudou de sentido, recaindo sobre o próprio sujeito, em vez de sobre o objeto, como fora até então. Descartes partia da realidade do próprio pensamento para descobrir, progressivamente, todas as demais realidades. Este idealismo é o subjetivo, uma vez que parte do sujeito, e não do objeto. Kant é o maior dos filósofos idealistas subjetivos, conquanto tenha sido continuado por três outros grandes filósofos, dentre os quais, Hegel.

Hegel é o criador do método dialético, que se opõe ao método metafísico. O método metafísico, grosso modo, é dedutivo, porque, segundo ele, de verdades gerais se deduzem as verdades particulares. Se dissermos: o semblante divinal desta criança

reflete a beleza do Criador, teremos enunciado um pensamento metafísico. Da beleza de Deus deduzimos a causa por que a criança é bela. A beleza de Deus, que é anterior e geral, aparece refletida, como em espelho, no rosto angelical da criança.

O método dialético parte do particular para o geral, para o universal, sendo, por isto, um método indutivo ou sintético. Não se pode pensar numa coisa, sem relacioná-la a outras. Um objeto relaciona-se com outro, e este, com outros, até chegar ao universo, a Deus. Quando dizemos: a criança é bela, associamos o conceito de criança ao de beleza. Foi, como se vê, um acrescentamento, porque no sujeito, criança, não está implicada a idéia de beleza. A criança podia não ser bela, porque beleza é harmonia e proporção. Se dissermos: a harmonia e a proporção deste rosto de criança lembra o cântico infinito das estrelas, em que a ordem cósmica atesta a beleza do Criador, teremos enunciado um pensamento dialético. Se dissermos: as rosas são umas flores que, associadas a outras, formam o jardim que tem um zelador; este jardineiro é um homem tão vivo quanto as roseiras que ele cuida. Rosa, flor, planta, botânica, ser vivo, biologia, animais, homem, sociedade, costumede dar rosas, flores, por presente, ou de enfeitar os caixões mortuários com flores, com rosas; morte-vida; morte-outra vida; céu-inferno; espírito sobrevivente à morte; recompensa-castigo; justiça de Deus (perfeita) e justiça dos homens (imperfeita); justiça-injustiça; céu-terra; etc, etc; o que é que não se relaciona? Pois este relacionar que liga cada coisa a cada coisa, e todas com outros todos até o universo, até a Deus, é a dialética.

A rosa é uma flor; as flores são folhas diferenciadas; as folhas são órgãos respiratórios e nutritivos das plantas, e se prendem aos galhos brotados dos troncos. O tronco é a zona indiferenciada, o equador entre os pólos opostos copa e raízes. Estas, crescendo em posição antípoda à da copa, imergem-se na terra à qual a geologia dá o nome de rocha. As varias rochas existentes no planeta formam a massa planetária, que roda em torno do Sol. Este, por sua vez, associado a outros sois ou estrelas, entra na constituição duma galáxia chamada Via-Láctea. Da organização das galáxias surge o universo que, pela constituição etimológico-dialética da palavra, significa unidade oposta à pluralidade. O universo é um caso da unidade na variedade, tal como o conceito de árvore que é, também, uma unidade de variadas partes, dentre as quais as flores em geral, e em particular, as rosas. A árvore, pois, é um universo, assim como todas as coisas, visto que universo é a unidade mais a sua contra-parte pluralidade. Assim, se pode, com acerto, falar de universo atômico, universo celular, universo animal, universo do indivíduo humano, do social. etc. Eis outro exemplo de como se desenvolve o pensamento dialético.

Todas as coisas, sem exceção, representam uma dualidade de opostos que são forma e conteúdo. A forma é o conceito, a essência, ou aquilo que a coisa é. O conteúdo é a substância que enche a forma, e lhe dá consistência sua existência real.

Se pegarmos qualquer coisa, verificaremos que ela é bipolar, cortada pela linha de simetria, e, em alguns casos, como os dos caramujos, o crescimento assimétrico dos cascos, produz, também, um efeito harmônico; assim é que uns entes simétricos, as lesmas, produzem seus cascos assimétricos. Daí vem: simetria-assimetria, direita-esquerda, direito-avesso, positivo-negativo, claro-escuro, etc. Cada unidade se compõe de duas partes que se contrastam, que se contrariam, que se negam, e a harmonia é sempre, por toda parte, a linha do mínimo esforço, o centro de equilíbrio de contrários, o espigão de duas vertentes, a aresta de duas faces, o aspecto bifrontal com que a verdade sempre se nos mostra. Pode a virtude não estar na áurea mediania, como pretendeu Aristóteles (in médio estar virtus), porque, para Cristo, a virtude é extrema; todavia, não há negar que a verdade é o fulcro de duas oposições - in médio veritas!

A harmonia é o equilíbrio de contradições internas. Átomo= núcleo (+) x elétron (-). Molécula = átomo-metal (+) x átomo-metalóide (-), ou que suas vezes faça. Toda unidade é um produto de duas partes oponentes e complementares e nesse produto aparecem propriedades novas que inexistem nos elementos isolados. Aqui está o xeque-mate a David Hume e ao seu agnosticismo, visto como a análise leva ao não-ser, na decomposição de qualquer coisa, pela análise, perdem-se propriedades que só podem ser achadas no composto, e jamais, nunca, nos elementos isolados. Pela recíproca, toda síntese é potenciação que caminha para mais ser, com ganho de propriedades novas.

Também o pensamento é bipolar, análise-síntese, e ainda se desenvolve pelo princípio de contradição, donde vem que não podemos saber bem o que seja uma coisa, sem a relacionarmos com a sua contrária. O que é o bem? O que é a justiça? O que é o belo? Para sabermos isto, precisamos pensar no que seja o mal, no que vem a ser a injustiça, no que se cifra o feio. Sabemos o que é o branco, a brancura, a neve, a luz, por oposição ao preto, ao negrume, ao carvão, à treva. Isto é a dialética.

Estes dois métodos opostos se complementam na unidade do conhecimento: metafísica-dialética; análise-síntese; dedução-indução. A essência, a forma, a idealidade, o conceito de uma coisa dizem respeito a metafísica; a matéria, a conteúdo, a substância, a consistência, o movimento são pertinentes à dialética marxista. O metafísico diz: a essência é o ser; o dialético marxista responde: não, o ser é o movimento, visto como este é a substância, sub-estância, que sub-está a tudo. O elétron, o núcleo e os satélites do núcleo, o átomo existem graças ao movimento, seguindo-se disto que a matéria é toda movimento intimo ao qual deve o seu ser. E como tudo é feito de átomos, tudo é movimento, tudo devir, tudo vir-a-ser (Heráclito). E o elétron, este remoinho cartesiano, é partícula-matéria que se pode transformar em ondas de energia, do mesmo modo que estas quando frenadas. podem encurvar-se sobre si mesmas, tornando-se no vórtice eletrônico. A célula fotoelétrica transforma luz (ondas) em eletricidade (corrente de elétrons corpusculares). Matéria é energia e vice-versa, donde se poder falar do binômio energia-matéria, ou energia-substância (Einstein). Este binômio é a substancia do universo, sem o que nada existe.

Os metafísicos dão como primário, fundamental, essencial, o que é fixo, imutável, intemporal, inespacial, imaterial e incausal. Tudo o que é ideal, todos os conceitos, leis e princípios, todos os objetos matemáticos são desta natureza, isto é, fixos, imutáveis, intemporais, inespaciais, imateriais e incausais. Por causa desta natureza, para o metafísico, o espírito preexiste à matéria, sendo por toda parte, o modelador, o formador desta. O dialético marxista afirma o oposto: a matéria é a que forja tudo, com suas inexauríveis possibilidades de associações e arranjos. Basta as condições mais os elementos, e tudo se arranja por si mesmo, de modo que a forma aparece, depois, com um certo retardamento, como afirmam Marx, Engels, Lenine, Stalin, Mão-Tsé-Tung e outros. A forma, a essência, o conceito, o espírito são consequências, e não, causas. A vida é arranjo especial da matéria, e quando a vida se consciencializa no homem, é a matéria que tem de ser procurada como causadora de tudo.

A conclusão é que a matéria pensa no cérebro do homem, sente nas suas emoções e quer na sua vontade. Logo, não há liberdade, e sim, determinismo, e quando o homem decide "livremente" alguma coisa, está determinado pelas condições a o decidir, e anda, por isto, como um autômato a realizar o projeto que cuida seu, mas que não passa de imposições da matéria arranjada em singularíssimas condições no seu ser. Como uma pedra que corta o ar descrevendo uma parábola, assim o homem é impulsionado pela matéria à ação, donde vem que sua liberdade é comparável a de um planeta que não pode mudar sua órbita, nem fugir ao centro gravitacional ao qual se

acha preso. Como não há liberdade, não há culpa, e o criminoso precisa, ou ser eliminado, ou ser recondicionado após os choques elétricos descondicionadores, lavagem cerebral, etc. Não há pecado nem recompensa, nem outra vida, e a moral não vai além do direito positivo amparado pela força, pela polícia.

Do mesmo modo como o indivíduo não é livre, e sim, determinado, também não é livre a sociedade que, por isto mesmo, faz sua história como a tem que fazer. Pode-se prever a história, não, porém, projetá-la, porque ela é, determinística, e anda como a nau dos feáceos sem necessidade de leme e timoneiro. Foi baseado nisto que Marx e Engels previram que o destino histórico do capitalismo é tornar-se no comunismo, pela vitória do proletariado sobre a burguesia; por isto, não é preciso fazer nada. senão esperar; o que se pode fazer, além disto, é mostrar esta verdade em pregações, acelerando, com isto, o processo histórico infalível; não são necessárias pressões de fora, nenhuma. porque cada país fará sua revolução irreversível...

Irreversível, pensaram Marx e Engels: Mas a história demonstrou na Hungria e na Checoslováquia que é preciso reavaliar a doutrina de Marx, e empregar a força bruta, quando a história começa a caminhar por onde não deve. O determinismo histórico mostrou, na teoria, que o processo é fatal e irreversível; como é, então, que a velhaca da história quer corcovar e ser livre na Hungria e na Checoslováquia, traindo Marx e Engels? O remédio é pô-la de novo nos trilhos, e proibir a liberdade, porque... porque a liberdade não existe. E como a história velhaqueou naquelas duas nações da irmandade comunista já não há garantia nenhuma de que o resto do mundo venha a dar no comunismo, como previram os "infalíveis", Marx, Engels e Cia. Cumpre, pois, às nações comunistas tornarem-se superpotentes, e obrigar o resto do mundo, pela força, a chegar onde elas querem. A história se atrasa e o tempo urge; por isso, o que a história ameaça de não fazer por si mesma, terá de ser feito a ferro e a fogo...

Ora, os norte-americanos sabem, por dura experiência histórica, que se não intervierem agora: já, terão de enfrentar, no fim, uma guerra muitíssimo pior do que a sustentada contra a Alemanha de Hitler; por isso autorizaram a declaração do presidente Johnson: a invasão russa de outra nação será a guerra! Com esta dura advertência americana, a Rússia recuou do seu intento de invadir a Romênia, conforme tudo estava preparado.

Estes fatos, por demais recentes, provam que a história não é determinística, por ser viva, sendo livre e imprevisível tudo o que é vivo. Logo, ela, a história, precisa ser planejada, projetada, como acontece com a construção duma barragem, duma ponte ou duma casa.

Ora bem: se a própria história tem de ser planejada. e quando não, desenvolve-se pelo método maluco dos ensaios-e-erros, que se dirá das outras ciências que são sociais e históricas, como a sociologia, a economia e a política? Vai o economista ou o sociólogo e estuda o que aconteceu no passado, e estabelece suas leis. Tanto que tais "leis" são conhecidas, todos se apressam a evitá-las nos seus pontos negativos, e os fenômenos previstos não se dão. Que diabo de ciências são essas que não permitem previsões? Existem cadeias de premissas e consequências no mundo econômico e social, que são as mesmas dos silogismos, mas leis imutáveis e gerais não existem. São ciências, porque tem objetos perfeitamente definidos; e não são ciências porque não permitem previsões.

Desesperados com esta verdade, os norte-americanos já andam pensando em criar técnicos sociais, pondo de lado essa sociologia acadêmica que leva os sociólogos a andar fazendo belas e eruditas conferências... vazias! Já se fala na biônica para estudar a mecanodinâmica vital, a exemplo da cibernética que já estuda a neurofisiologia em paralelismo com os cérebros eletrônicos, com as programações

eletrônicas dos robôs e aparelhos teleguiados. O professor Ney Benedicto Bocuhy, nosso conterrâneo, está preparando uma obra que virá à luz com o nome de "Socioônica", porque ele também já se desesperou de que a sociologia seja uma ciência exata (com leis) que possa vir a prestar para alguma coisa prática. Ter-se-á de fazer o mesmo com a economia e com a política que não vão além de umas técnicas, de umas disciplinas do espírito, tal como ocorre com a filosofia.

Em economia política não se pode ir além daquilo a que se dá o nome conjunturas econômicas, base real das previsões, e tem-se, à larga, de guiar os fenômenos por meio da credence econômica das massas. Tanto que um fenômeno é previsto, os próprios previsionistas do governo trabalham para que se malogrem as previsões, criando, na opinião pública, um clima contrário a elas. Como se faz isto? Pois faz-se declarando que as previsões são outras, opostas às verdadeiramente previstas. Isto nos mostra que as declarações dos jornais, às vezes, devem ser entendidas pelo avesso, pois quando um ministro de Estado declara, enfaticamente, que determinado setor vai indo muito bem, é porque ele, nalguma coisa, vai mal, pela razão muito simples de que quando um órgão do nosso corpo goza perfeita saúde e não dói, não nos lembramos dele. (A. Sauvy). Deste modo a ciência econômica se torna numa ciência de probabilidades (!) que não pode relatar suas previsões danosas, porque isto precipitaria os acontecimentos, gerando o pânico econômico. Por isto, a opinião pública que pesa e faz a balança econômica se desequilibrar, precisa ser guiada para onde convém. Para tanto, constroem-se curvas e quadros estatísticos convincentes, donde a conclusão de que, "como a língua de Esopo, a estatística é a melhor e a pior coisa" (A. Sauvy). O resultado é que o homem comum, com estas luzes, fica desorientado, e tem-se de valer da sua intuição irracional, pois a verdade mesma lhe é oculta pelos técnicos. Os que se saem bem são aqueles que adivinham quando é que os técnicos dizem a verdade, e quando mentem. Acaso esta balbúrdia merece receber o nome de ciência?

Há pouco, a previsão dos técnicos ingleses e norte-americanos era a de que o franco iria desvalorizar-se, em virtude da venda do ouro em poder da França. O jeito era comprar marcos alemães que saíam, na certa, fortalecidos no confronto monetário internacional. Aquilo que todo mundo esperava, que estava previsto como necessidade econômica, saiu às avessas: De Gaulle, sozinho, teimoso, declarou que não desvalorizaria o franco, e passou a tomar todas as medidas para garantir sua declaração. O impacto psicológico atingiu o mundo inteiro, e os dólares que se haviam deslocado para a Alemanha, refluíram à França. Por que aconteceu isto? Pois porque a história é livre; porque a economia não é ciência, e até as previsões, dentro das conjunturas econômicas, falham. A vontade e a determinação de um único homem, alterou, por completo o desenrolar do fenômeno econômico muito bem previsto e objetivado em curvas e quadros estatísticos.

O Padre Antônio Vieira, interrogado pelo rei D. João IV sobre se devia ou não entregar Pernambuco aos holandeses, opinou pela entrega, e deu o porquê, em três razões inexoráveis, das quais referimos a primeira: porque, dizia o padre, se Portugal e a Espanha juntos não puderam vencer a Holanda, como é que Portugal sozinho, agora, poderá triunfar sobre a Holanda aliada à Espanha? Este argumento decisivo, fora os outros dois, recebeu do rei o nome de "Papel-forte". O rei, então, mandou entregar Pernambuco aos holandeses. E daí? Pois aconteceu que os pernambucanos se recusaram, simplesmente, a obedecer o rei e fizeram as guerrilhas que nos enchem hoje de orgulho cívico, não só pelo denodo e valor com que lutaram os portugueses de André Vidal de Negreiros, os índios de Felipe Camarão e os pretos de Henrique Dias, como, porque, este foi o primeiro vagido da consciência nacional. Os pernambucanos

venceram a luta, e os holandeses foram expulsos. Mais tarde o padre Vieira se desculpava dizendo que se guiara muito pelas luzes da razão. Foi isso: esquecer-se o padre de considerar o heroísmo dos pernambucanos. Onde, logo, está o cientificismo previsionista, a racionalidade da história? Semelhante ao que ocorre com a economia e com a história, acontece com a filosofia.

A filosofia não é ciência porque não pode definir (traçar "fines", limitar) o seu objeto que é o ser, visto que este é infinito. A sociologia, a economia e a política, conquanto possam definir seus objetos, não têm leis, no sentido de fixas, inexoráveis, intemporais e incausais. Face a esta impotência das ciências históricas, sociais, econômicas, políticas, etc, o filósofo poderá estabelecer este princípio: a vida é, por sua própria natureza, livre; e onde há liberdade não há previsão. A um determinado repto (Toynbee), inumeráveis são as respostas, por que cada indivíduo, se é superior, se é homem, responde de modo diferente; e as reações dos grupos sociais e da sociedade são as resultantes das reações individuais. Reagiram de modo diverso Cristo, Dimas e Gestas, porque eram três indivíduos diferentes submetidos a um mesmo estímulo doloroso que se repartia por três cruces iguais. Assim com os indivíduos, assim com as coletividades: um povo de gênios e de sábios reagirá de modo diverso de um, outro em que preponderam os Gestas.

Os metafísicos achavam que a história é escrita pelo dedo de Deus (leis), e por isto, infalível. Os marxistas, em seu idealismo materialista, também cuidaram que o determinismo da matéria se estende à vida, à consciência, à sociedade, pelo que a história se escreve por si mesma. Com isto, uns e outros abandonaram o projeto do amanhã histórico, e por isto entramos em confusão. O filósofo, como guardião do tempo, foi posto de lado, e agora sofremos as consequências deste descaso danoso.

A burguesia seria derrubada pela revolução proletária invencível, sentenciaram Marx e Engels. Se fosse verdade isto, as nações fortemente industrializadas como os Estados Unidos, a Inglaterra, a Alemanha, e França ter-se-iam de tornar comunistas. No entanto, pelo que a história tem demonstrado, a vitória comunista só se deu nos países sub-desenvolvidos, onde, como na Rússia, não havia industrialização maciça. Deste modo, a revolução russa foi uma como revolução francesa retardada, visto como o que caiu lá, não foi a burguesia inexistente, e sim, a aristocracia de sangue. Se Marx e Engels tivessem vivido na Roma dos césores, haviam de cuidar que os escravos brancos, dentre os quais se contavam intelectuais gregos, haviam de rebelar-se e subverter a ordem. Diga-o a Via-Ápia, do princípio ao fim ladeada de cruces, no que deu a revolta chefiada pelo escravo Espártaco. E a escravidão branca e negra acabaram, finalmente, mas isso, não por força da rebelião de escravos, e sim, pelo esforço ingente dos próprios homens livres. Paralelamente, a emancipação moderna da mulher não se deveu ao esforço coligado das mulheres, mas ao senso de justiça imperante nos próprios homens. E assim como desapareceu a escravidão de homens, e está em vias de desaparecer a servidão da mulher, também a injustiça social irá, como já está acontecendo, acobertar e proteger o proletariado. Mas, tornemos à unidade temática deste capítulo :

Como vimos, dialética e metafísica são os dois pensamentos, dialeticamente, opostos. E como toda unidade é uma harmonia de contrariedades íntimas, segue-se que estes dois contrários, dialética e metafísica, terão de resolver-se na síntese (harmonia) da filosofia futura, porque... in médio véritas. Nesta síntese consiste a "Terceira Jornada Filosófica" de que hemos já falado nestas páginas. E como toda filosofia tem consequências práticas, a metafísica possibilitou as formas sociais, éticas, econômicas, políticas (sob a rubrica de capitalismo) que conhecemos hoje. Pela recíproca, a dialética levada ao extremo por Marx e Engels, deu resultados práticos

também opostos. Todavia, como ambas doutrinas representam somente meias verdades contraditórias, na síntese de ambas é que estará a filosofia do porvir, com seus resultados práticos, também, diferentes.

O socialismo da esquerda representa uma exageração do lado dialético, porque parte da premissa de que a matéria é o ser; em contraposição, o socialismo da direita (nazi-fascismo) e as democracias fundam-se no exagero metafísico que afirma que o ser é; a essência. O ser não é uma, nem outra parte tomada, isoladamente, mas a síntese e unidade de ambas: o ser é feito de essência-substância. O socialismo futuro, o superliberalismo, como doutrina e como prática, não será nem o da direita nem o da esquerda hegeliana, nem o capitalismo da Revolução Industrial. Contudo, como a história não para a fim de esperar teorias, ela vai-se escrevendo pelo caótico método dos ensaios-e-erros, e com isto já temos um esboço desse socialismo do meio nas nações mais adiantadas. A União Soviética, com o seu revisionismo tal mal visto pela China vermelha, e os países capitalistas, com o seu reformismo, vão tendendo para esse socialismo, do meio. A democracia, dada a liberdade de pensamento e de expressão, é o melhor caminho para chegar-se a esse socialismo do meio que terá vigência no futuro.

A primeira jornada filosófica teve início na Grécia, e é a que afirmava que o ser é a essência que está na coisa observada. Esta essência é apreendida pela inteligência que organiza as impressões em conceitos, seguindo-se disto, que as essências, os conceitos, são as idéias que nos vêm das coisas. O movimento, por conseguinte, é no sentido da coisa para o sujeito. Por isto, este idealismo é chamado objetivo, uma vez que vêm do objeto (coisa) para o sujeito (eu).

Com Descartes, na Renascença, teve começo a segunda jornada filosófica, e o sentido mudou. A essência já não nos vem da coisa, porque esta só nos envia impressões, com as quais a inteligência elabora a idéia, o conceito, ta1 essência. A inteligência, portanto, antecede às impressões vindas das coisas. Mais tarde, seguindo esta linha, concluiria Kant que as essências das coisas não nos vem delas, mas, pelo contrário, nós é que pomos às coisas as suas essências. Como se vê, mudou o sentido, porque, se os realistas diziam que as coisas nos ofertam as suas essências, os idealistas subjetivos afirmavam que nós é que pomos às coisas as suas essências. Esquemmatizando, daria isto:

Realistas
sujeito <- objeto

Idealistas
sujeito -> objeto

Todavia, Kant partia do pré-sub-posto, não referido por ele, de que Deus criou o homem perfeito, com tudo o que nele ha. E assim como pulmões, estômago, rins e fígado são funcionais antes de funcionarem, também o cérebro, feito para pensar, era já, em si, completo e acabado. E o mesmo Criador que fez a natureza, foi o que criou o homem com seu cérebro perfeito. Logo, este já se encontrava, desde o início, armado de todos os recursos para ser consciente e saber. Por este motivo, o aparelho vivo de elaborai idéias, conceitos, essências, estava, de antemão, aqui dentro do crânio, e não que tais idéias, conceitos e essências pudessem vir de fora, das coisas.

Ora, a doutrina da evolução veio provar que o homem evoluiu de baixo, donde vem que tudo nele é histórico e teve história. Seu cérebro evoluiu, a partir da irritabilidade observável nos seres muito inferiores. Tudo, logo, apareceu aos embates

e lutas da vida, tudo nasceu das vicissitudes duramente impostas pelo contorno. As coisas nos dão as impressões, e a vida aprendeu a associá-las, a reuni-las em idéias ou essências. Os reflexos condicionados provam que seres até sem córtex (peixes, batráquios, répteis, aves) sabem associar estímulos diferentes, como se uns fossem causadores de outros. Se, após um ruído qualquer recebermos um forte jacto de luz nos olhos, depois de muitas repetições, as pupilas se fecham ao ouvir-se o ruído, mesmo que não haja luz. É uma "inferência fisiológica" (B. Russell) que conclui: o som é a causa da luz.

Como se vê, a vida não só é organização, como ainda se mostra, por toda parte, organizadora desde o início. Assim o olho nasceu por efeito dos estímulos luminosos, em células sensíveis à luz espalhadas pelo corpo dos animais inferiores, e que, posteriormente, foram se reunindo onde é hoje os olhos dos animais superiores. O mesmo ocorreu com os demais órgãos sensoriais ao longo de um tempo que dá vertigem pensar. Na cabeça dum recém-nascido contam-se as mesmas células nervosas existentes no crânio adulto; o que falta é a massa branca feita toda de fibras associativas que se desenvolvem pelas experiências todas, durante toda a vida. Meta-se o crânio dum criança num capacete rígido, para que não cresça, e a criança crescerá idiota, ainda que se destinada a ser um gênio. Distúrbios glandulares que provocam a calcificação prematura das suturas cranianas, dão causa a idiotices. Em contraposição, os crânios de Kant, de Goethe e de Gladstone tinham as suturas cranianas abertas após os cinquenta anos. O crânio de Kant, com a idade de oitenta e dois anos, tinha suas suturas ainda móveis, no passo que num microcéfalo elas se fundem já na puberdade. Prive-se a criança de todas as experiências possíveis, e ela também se idiotizara, como é o caso de certas meninas criadas na floresta, em plena convivência com os lobos, conforme, há tempos, noticiaram os jornais. Que quer isto dizer? Pois diz que o cérebro, pelo exercício, cresce ainda após os setenta anos de idade.

Consequentemente, as essências, os conceitos aparecem depois das experiências dos sentidos, tendo causa nestes. Ora, se as idéias são causadas, a matéria preexiste ao pensamento, ao espírito, ou, dito de outro modo, o espírito é um produto da matéria. Assim pensam os marxistas, e prevendo esta conclusão desconcertante, Kant declarou que a doutrina evolucionista "é uma perigosa aventura da razão.

Também Aristóteles refutou, em seus escritos, a idéia da evolução, porque, a ser verdade que a evolução aconteceu, o primeiro ato do Criador foi fazer o caos de que tudo surgiu. E como o caos é a negação mais completa e total de Deus (ordem, harmonia, sabedoria, beleza, etc), já não se podia mais saber como seria esse Deus. As dores e misérias do mundo (Schopenhauer), a vitória incondicional do mais forte e do mais astuto (Trasimaco, Nietzsche), levam a pensar num Deus semelhante ao Moloch amonita que se compraz na dor das suas criaturas, donde lhe fazerem, todos os povos antigos holocaustos humanos, para saciar-lhe as sanhas de sangue. A idéia da evolução leva à concepção de um Deus negativo, e isto foi o que farejou a intuição aguda do gênio Aristóteles. Por esta causa é que a doutrina científica da evolução deu xeque-mate tanto ao realismo grego, como ao idealismo subjetivo de todos os filósofos da segunda jornada filosófica, dando visos de verdade ao materialismo de Marx, Engels e Cia.

Colocado, como está, este enorme problema, é de admirar que ninguém tenha procurado resolvê-lo. Desde que a doutrina da evolução se impôs, até o presente, o que se tem feito é olvidá-lo, no mesmo tempo em que o problema mais e mais se acentua com o acervo de provas da evolução. Esta é a causa-mãe de todo o

confusionismo moderno que tenderá a aumentar até enquanto não vier à luz a sua solução. Este problema é o maior repto a que está submetida a nossa civilização ocidental, e como o prova Toynbee, quando um repto deixa de ser respondido, a civilização entra em colapso. Urge, pois, venha à luz a Terceira Jornada Filosófica, em estudo mais amplo que o destes escritos, e assim ficará feita a síntese de todo o conhecimento filosófico, isto é, a síntese de todas as verdades particulares, dialéticamente contraditórias, que os filósofos, um após outro, descobriram com suas visões perspécticas.

DETERMINISMO E LIBERDADE

A vida é, por sua própria natureza, livre; e onde há liberdade, não há determinismo. O mundo dos insetos, por exemplo, é um caos que deixa louco o classificador. O entomologista tem diante dos olhos, um quadro maravilhoso, em que a natureza, como um gênio musical, só pensa em variar infinitamente seu tema sinfônico. Outrora, no século XIX, os estudiosos cuidavam que a natureza é uma técnica; hoje, descoroçoados com a quase infinita variedade, chegaram a conclusão de que a natureza é uma artista que se acha inflamada do sagrado fogo criador. Isto mesmo é o que diz Fritz Kahn:

"Os homens do século passado consideravam a natureza uma técnica, o que ela não é absolutamente. Se havemos de fazer uma comparação, digamos: a natureza é uma artista. Não é um técnico que visa a uma finalidade, à construção de mecanismos tanto quanto possível eficientes; é uma artista que cria pelo mero prazer de criar: a arte pela arte. A natureza compõe como Mozart, porque nela há música"(Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 55-56) "Libertemo-nos dos conceitos errôneos no século XIX; dizia-se então que a natureza é metódica e trabalha com objetivos. Diante de toda descoberta de fenómeno natural, desistamos de lhe investigar o sentido; etc" (Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 41).

E comentando uma gravura do sue livro, referente ao mundo dos insetos, exclama Fritz Kahn: "Que desorganização inextricável! Eis exatamente o que essa ilustração visa a por diante dos olhos, em contraste deliberado com a sistematização dos compêndios e as vitrinas dos colecionadores: não há sistematização. O mundo dos insetos é a concretização da desorganização grandiosa, característica da natureza, o desprezo objetivado de todo o pedantismo do colecionador (Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 238).

O princípio lamarquiano de que os seres se modificam por necessidade de adaptação, conquanto seja verdadeiro em parte, já não resiste mais o acurado olhar do estudioso. Não, não é a necessidade o motor principal que forma os seres a se modificarem, e sim, é o amor que coexiste com a alegria, com o prazer. O amor, já o vimos nestas páginas, é Eros, o princípio de unificação dos elementos, ou da integração das unidades opostas e complementares; porém, ele não somente conecta oposições na unidade harmônica, como, antes de tudo, força a que as partes se diferenciem, tornando-se contraditórias, para, num segundo momento, integrá-las, na unidade. Diferenciação, num primeiro momento, e integração, depois, eis o que faz o amor. O amor, portanto, é exuberância de vida e de dinamismo que cria livremente, e varia o criado sem cessar; o amor é Eros, é harmonia dos contrários. é a beleza da proporção, é a alegria de ser, é o prazer de existir... e existir significa fazer (Ortega). O homem e os animais se encontram na situação perene de ter que fazer alguma coisa,

donde vem que os quefazeres formam e enchem a vida; vida é ação; vida é quefazer (Ortega). "Viver é prazer; por isso vivem as criaturas. Voar é prazer; por isso os seres voam. Não há outra razão para o vôo. A teoria de que os animais ou os homens voam, porque voar traz vantagem, e uma das costumadas explicações superficiais da natureza, excogitadas pela mentalidade mercantil dos homens do século XIX. Dédalo afivelou as asas, não porque não houvesse outro meio de transporte para a travessia do Helesponto, mas porque ele era um Inventor de coisas belas" e, conseqüentemente, inventou - além da Serra e do torno de oleiro - o vôo; como Leonardo da Vinci criou, além da "Madona dos Rochedos" e da Orelha de Dionísio, submarinos e aviões porque também era um "inventor de coisas belas" (Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 366-368).

Por que os filósofos se propõem à árdua tarefa de procurar a verdade? Será, acaso, por necessidade... de ganhar dinheiro? Não. que este caminho leva invariavelmente, à pobreza; pois, apesar disto, a vida, teimosamente. continua engendrando os filósofos. Acaso, para ganhar dinheiro, faziam Rafael e Ticiano suas telas? Por ventura, obedecia a inspiração econômica o esforço altamente profícuo do nosso grande escultor Aleijadinho? Até os insetos trabalham... "Os insetos, porém trabalham pelo prazer de trabalhar. "Laboriosidade de abelha" é o superlativo dum elogio. E a Bíblia reza: "Vai ver a formiga e aprende, ó preguiçoso" (Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 274).

O gosto da novidade impele a natureza às variações, às vezes, desnecessárias, e até, absurdas, como é o caso da aranha aquática que vive debaixo d'água, numa bolha de ar que levanta e arma sua teia, como se fora uma tenda de deserto. E ninguém será capaz, também. de explicar o absurdo de os testículos haverem descido para o escroto, ficando, assim, expostos ao frio, ao calor e às... pancadas. Aquele mesmo impulso que faz variar as modas femininas, é o que também propete a natureza a desprezar umas formas por outras. Assim, os grandes sáurios desapareceram porque caiu em desuso a moda dos couracudos répteis lerdos, o mesmo acontecendo com as pesadas armaduras de ferro medievais. "Os sáurios morreram como tudo morre. Não houve "helenos" depois de Alexandre, nem "italianos" depois de Ticiano; e, com o último alento de Rubens, expirou a pintura européia. A grandeza vem, a grandeza vai. Com os sáurios, encerrou-se uma grande época criadora da história da vida terrestre: o barroco da zoologia" (Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 361).

O que causa prazer é repetido, e o ato se fixa em hábito que são reflexos condicionados, e estes, com a repetição em várias existências do ser, começam a despontar sob a forma de instintos inatos. As codornizes que Moisés disse ter Deus mandado ao povo de Israel, em duas vezes, em tempos diferentes, ainda hoje descem na Península do Sinai. Acontece que os continentes eram, em priscas eras, ligados entre si, depois do que principiaram a afastar-se. "O futuro da África se lê em suas fendas como um destino nas linhas da palma da mão. "Em breve" a Somália tornar-se-á uma ilha que se dirigirá para leste, como fez Madagascar" (Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 229). A Groenlândia caminha anualmente cerca de 1 cm; a América afasta-se da Europa; a distancia entre Cherburgo e Nova York torna-se diariamente 1 mm maior etc" (Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 221).

Quando os cartógrafos modernos verificaram que suas medidas do Estreito de Gibraltar não coincidiam com as dos cartógrafos romanos, o primeiro pensamento foi o de que os romanos haviam errado. Mas a diferença aumentou ainda mais, e a única explicação é a de que o Estreito de Gibraltar está-se alargando. De igual modo se alarga o Mar Vermelho, e a Península do Sinai se afasta da África. Conseqüentemente, um braço de mar (Golfo de Suez) que existe entre a África e a Península do Sinai, tem-

se alargado progressivamente. Ora, as codornizes faziam aquele percurso em suas migrações da África para a Europa por esse caminho. Hoje esse braço de mar é tão largo, que as codornizes, tanto que atingem a terra firme, caem esfalfadas de cansaço, dando para pegá-las com as mãos. Mas, do outro lado da Península do Sinai, há outro braço de mar (Golfo de Aqabah) que liga a Península do Sinai ao resto da Arábia. Este braço de mar também alargou-se, e as codornizes, vindas da Arábia para a Península do Sinai, outra vez caem no deserto quase mortas de cansaço. Foi assim que o povo de Israel pode ter codornizes no deserto, por vontade de Deus. Só que essa vontade de Deus perdura até nossos dias, tal como ocorre com o maná que é colhido, ainda hoje, de um vegetal.

Como é, então, que as codornizes têm o instinto de emigrar para esse lado, vindo a perecer às mãos dos homens? Acaso o instinto não é sábio? Que diabo de sabedoria é essa que conduz à destruição, à morte?

O mesmo acontece com certas aves que emigram, anualmente, da Europa para a América do Sul. Ao passarem elas pelo paralelo dos Açores, começam a descrever círculos sobre o mar, a procura da submergida Atlântica. Não a encontrando, porém, reencetam sua longa viagem com destino a América. E como é que esse instinto se formou? Pois não pode ser de outro modo senão pela repetição do ato que gera o hábito que se fixa em instinto. É deste jeito que as tendências instintivas (boas ou más) que todos temos, se explicam pelas fixações de hábitos que cultivamos noutras existências corporais. Nosso atual "vício", por exemplo, de não poder largar do livro, é um "instinto" que se vem gravando de um passado longínquo. Deste modo, o homem, conquanto seja uma criatura pobríssima de "instintos naturais", possui boa soma destas "tendências inatas", como se foram instintos pessoais", adquiridos pela repetição em várias existências. Como estes "instintos pessoais", também os demais instintos não são dons gratuitos que se passam de pais a filhos por misteriosa via genética, mas conquistas individuais dos seres, que se gravam em seus psiquismos, aparecem em nova existência como uma sabedoria inata. Não há nada inato, em sentido absoluto; tudo o que existe, teve sua gênese no tempo, e tem sua história.

De maneira que o princípio genético que diz não serem transmissíveis os caracteres adquiridos, precisa ser reformulado. Não são transmissíveis os caracteres adquiridos, quando estes não interessam à vida da espécie. Inútil será cortar as caudas aos ratos em várias gerações, porque o não ter rabo, não interessa à espécie dos ratos. ;para atravessar a vôo o estreito mar que ligava o continente europeu à grande ilha hoje submersa (Atlântica), interessava, e muito à espécie das aves, e por isso se fixou em instinto cuja reminiscência ainda hoje se percebe. A definição que Hartmann deu para o instinto: "a ação oportuna, sem consciência da finalidade", ou, melhor ainda, a expressa neste paradoxo: inteligente ação irracional, explicam o que é o instinto, não, porém, como ele foi e é possível. Antigamente o instinto era tido como uma prova da sabedoria de Deus, infusa nas suas criaturas. Hoje, com a teoria científica da evolução, sabemos que tudo teve história, que tudo é histórico, não existindo nada que esteja fora do tempo. Deste modo, a inteligente ação que hoje é irracional, também teve sua fase de formação, e nela, o ser "pensou", se bem que pelo embrionário método dos ensaios-e-erros. Ensaando, selecionando os certos, repetindo-os, tornando-os habituais, fixando-os em automatismos inconscientes, eis por que caminhos andou o instinto no tempo da sua formação.

Sendo, pois, a vida, por sua própria natureza, livre, onde está o determinismo? Pois, apesar de tudo, há o determinismo formando a parelha dialética com a liberdade. Liberdade e determinismo formam um par de contrários. O ensaio-e-erro, notemos bem, é o pleno uso da liberdade com que um animal qualquer resolve seus problemas

inteiramente novos. Pela seleção, eliminam-se os erros, e incorporasse os acertos que, pela repetição, se fixam em hábito primeiro, e em instintos depois. O instinto, por conseguinte, é um determinismo nascido do exercício da liberdade, é um determinismo livremente escolhido pelo ser, como sendo a melhor solução para o problema que Lhe foi imposto pelo contorno. Quem usa o melhor, após havê-lo selecionado dos piores, fica "obrigado" ao seu exercício, mas esse "obrigado", esse determinismo, foi o ser mesmo que, usando sua liberdade, a si se impôs. A escolha da melhor solução, a eleição do melhor caminho, implica liberdade no começo da ação, e determinismo depois, quando o ser não mais irá executar o errado, visto que tem a experiência do certo. Deste modo, o instinto nasceu do ensaio-e-erro, e o que é hoje férreo determinismo, foi, outrora, liberdade plena de escolha de uma entre várias soluções.

Isto mesmo que ocorre com os instintos, acontece conosco, em nossa vida, em nossa conduta, em nossas ações. Nós somos livres só no começo duma ação virgem, isto é, de uma ação livre da cadeia dos antecedentes. A vida nos apresenta inúmeras possibilidades, e temos de escolher. Mas escolhida uma, ela dá começo a uma cadeia de antecedentes e consequentes que nos prende até o esgotamento do impulso inicial que nos imprimimos; eis, aí, outra vez, o determinismo. No mundo econômico, no social e na história acontece isto. Tomando-se por um caminho escolhido, forma-se a cadeia de antecedentes e consequentes, e, neste caso particular, os antecedentes são como causas, e os consequentes, como efeitos. A causa funciona como lei particular, restrita, e com validade limitada no tempo. É por isso que as desprestigiadas leis econômicas, sociais e históricas, são umas leis hoje, e deixam de o ser amanhã. São antecedentes na cadeia dos acontecimentos, e só aí tomam o aspecto de lei, e, por conseguinte, de determinismo.

O homem tem um passado de outras vidas que são os antecedentes ocasionadores da sua situação atual. Todavia, o homem não vive do passado e sim, do futuro. Todos os nossos atos visam uma situação futura. Nós vivemos a partir do futuro (Ortega). O futuro nos empolga, e o passado nos prende, nos agrilha, nos encarcera nas limitações. Por causa disto, nossa vida se desenvolve na resultante do passado que, deterministicamente, nos impõe isto, e da nossa vontade livre que, antevendo o futuro, quer aquilo.

Um exemplo histórico porá em evidência esta verdade, e ao mesmo tempo ficará demonstrado que a história pode errar, donde vem que ela não é escrita pelo dedo de Deus, como pensaram os idealistas, tampouco por leis fixas, como pretendem os marxistas.

O reformador protestante João Calvino construiu este raciocínio, e o pôs por base do seu sistema: Deus é onisciente, conhecendo, por isto, todo o passado e todo o futuro; logo, Deus sabe, de antemão, os que se hão de salvar, e os que se hão de perder. Consequentemente, diante da visão de Deus, todos os homens estão classificados em salvos e perdidos.

A primeira consequência disto é a de que a fraternidade humana é impossível, porque não se podem irmanar os salvos com os perdidos. A segunda consequência é de que a fraternidade humana não é necessária, uma vez que a salvação não depende do amor que tenham os homens, uns para com os outros, nem das obras, quer boas, quer más, que venham a praticar. A terceira consequência diz que Deus olha com simpatia para os seus eleitos, e com desdém para os condenados que são, desde sempre, os filhos da perdição. Essa simpatia de Deus para com os seus eleitos manifesta-se, já nesta vida, sob a forma de prosperidade.

E vai, Calvino, pega da Bíblia, e lê a comprovação de seus raciocínios: "O Senhor sustem os justos" (PS. 37, 17). "Nunca vi desamparado o justo, nem a sua

descendência a mendigar o pão" (PS. 37, 25). "Nos seus dias florescerá o justo" (PS. 72, 7). "O justo florescerá como a palmeira, crescerá como o cedro no Líbano" (PS. 92, 12). "O Senhor ama os justos" (PS. 146, 8). "O caminho do justo é todo plano" (Is. 26, 7). Tudo o que o justo fizer prosperará, e ele viverá em abundância. Jó era justo, e, por isso, rico e poderoso. Mas quando ficou miseravelmente pobre e leproso, e andava a coçar sua sarna com um caco, todos fugiram dele. e os três amigos que o vieram visitar um dia, fizeram-no com o único fito de o admoestar, pois se Deus o abandonara, certamente é porque ele, Jó, cessara de ser justo.

Eis, pois, como o ser justo se confunde com o ser rico e prestigioso. Pelos efeitos se pode conhecer a causa; ora, a riqueza, a prosperidade, o renome decorrem da causa de ser justo o homem que os possui; logo, estas coisas são sinais iniludíveis que garantem estar salvo tal homem. Por isto, "quem tem muito dinheiro (diz Vieira), por mais inepto que seja, tem talentos e préstimos para tudo; quem o não tem. por mais talentos que tenha, não presta para nada" (Vieira, Sermões, 9, 136). Pois claro! como pode ser um homem tão valioso, e ao mesmo tempo, pobre? Ser economista, pensa o povolêu, não se coaduna com ser pobre, porque é impossível que um homem vá estudar a ciência das riquezas, só para ajudar os outros. De igual modo o médico, assim também o advogado, e, ainda, o engenheiro, todos devem andar sempre de automóveis grandes, do ultimo tipo, e bem vestidos, com ares de quem pode, porque suas ciências, suas perícias profissionais, seus méritos se medem pelo que aparentam possuir. Embora penhorem os móveis, que não deixem de ir ao Municipal! Por causa desta grande valia das riquezas, os homens neste mundo se governam pelos três mais de Vieira: "Três mais há neste mundo, pelos quais suspiram, pelos quais anelam, pelos quais morrem, pelos quais se matam os homens: mais fazenda, mais honra, mais vida" (Vieira, Sermões, 17, 48).

Há, como se vê, perfeita concordância entre o nosso contorno social e as consequências tiradas de Calvino, pelo que a sociedade é calvinista por índole, por natureza, ou, de outro modo: a sociedade revelou-se a si mesma pela boca de Calvino. Somos, pois, calvinistas de vida, não importando em nada qual seja a nossa religião, a nossa fé, a nossa moral de fachada. Ainda que exaltemos a pobreza e o desprendimento, embora digamos da boca para fora que Deus está do lado dos pobres, nós queremos ser ricos, ainda que isto nos ponha contra Deus, porque, na verdade, cremos que, embora o rico pareça estar contra Deus, certamente, Deus está a seu favor, enfunando-lhe as velas da fortuna que sempre o empurram para o mais ter.

Por muito que se consolem os pobres com a idéia de que possuirão, finalmente, o céu, no fim, o céu será só dos ricos, pois se Deus deu a estes tudo na Terra, e aos pobres, nada, isso só pode ser, está claro, porque os ricos são os escolhidos, e os pobres, os condenados. Deste modo, a riqueza e o renome são, para os calvinistas, sinais de salvação; e como ninguém quer ser dado como perdido, todos se lançam à conquista do sinal, isto é, das riquezas, e isto, por quaisquer.

E a pobreza, como fica? Pois os pobres são gente do diabo, são os precitos, são os pré-condenados à perdição na onisciência infalível de Deus. Os pobres são gente que já, de antemão, pertence ao tihoso, aos quais inútil será ajudar. A fraternidade humana é impossível no calvinismo, porque os salvos, isto é, os ricos, não se podem misturar com os perdidos, ou seja, com os pobres. O que se pode fazer, e muito bem, é obrigar os perdidos a trabalharem para os salvos, para os justos, para os ricos, e talvez seja esta a única serventia dos pobres "o mundo, antes de se irem, de uma vez, para os infernos. E quando estiverem lá, nas trevas do orco, poderão os pobres consolar-se com haver ajudado os ricos na conquista do sinal da salvação. Eis a grande caridade praticada pelos salvos: dar aos perdidos a oportunidade honrosa de poderem ajudar na

conquista do sinal da salvação. Por muito que sofram, que penem, que suem, que sangrem neste mundo, devem considerar que essa infinita canseira, miséria e aflição são para a honra e glória dos eleitos, isto é, dos ricos! Deste modo para Calvino, é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que um pobre entrar no reino dos céus!

Ora bem: esta ideologia fez época, coincidindo com outra que foi a do liberalismo econômico das democracias. Coincidiu com a época do "laissez-faire" que significa: deixa fazer. Deixa o sujeito totalmente livre em suas atividades econômicas que ele, procurando satisfazer seu egoísmo, coopera para o engrandecimento, para a felicidade geral. Como consequência desta visão errônea, na Inglaterra, as fábricas se abarrotaram de crianças dos asilos de menores e de filhos de artesãos pobres, estes que agora ficavam cozinhando para os filhos e arrumando a casa. Pagando salários de fome, os burgueses jungiam as pobres crianças às máquinas inimigas, tornando-as doentes, sem tempo para se instruírem, e a promiscuidade engendrava a prostituição desenfreada das meninas e a revolta vulcânica dos rapazes. Mas tudo isto não tinha a menor importância, porque toda essa gente era pobre, e, por conseguinte, perdida para Deus, isto é, pertencente ao demônio. Podia-se fazer o que se quisesse com ela, porque não passava de lixo destinado aos infernos.

Foi o calvinismo que armou o braço dos norte-americanos contra os índios peles-vermelhas que foram simplesmente exterminados às duas margens do Mississipi. Por isso é que não há, nos E.U.A., o problema racial do índio, como o há o do negro. E os negros? Pois estes constituíam a raça inferior dos condenados, que Deus pôs no mundo, não para outro fim senão para o de servir aos brancos, aos puros, aos eleitos, aos ricos. Daí o separatismo racista, que ainda é o grande problema norte-americano moderno. Como se sabe, esta foi também a época das teses que se propunham demonstrar a superioridade da raça branca sobre as demais, tese aceita até por homens de Estado brasileiros (Vianna Moog). Nós concordávamos, então, com a nossa inferioridade face ao americano do norte. As grandes dificuldades orográficas, hidrográficas, pobreza do solo, monotonia do clima, o estarmos ainda no pré-capitalismo medieval (Vianna Moog), tudo foi desconsiderado, e não progredíamos, porque éramos inferiores. Deus velava pelos Estados Unidos e não, pelo Brasil, decerto porque éramos do diabo por causa da miscigenação racial, e a prova inconteste aí estava a nossa pobreza de nação subdesenvolvida. Compulse a história, quem o quiser, e verá que antes de Calvino, nunca houve discriminação racial, nem capitalismo.

O Brasil tinha ainda contra si o ser católico, isto é, o estar ainda na era pré-capitalista medieval que abominava o torpe lucro resultante da usura do dinheiro, que era condenado pela Igreja como igual ao pecado da fornicação.

Marx (diz Vianna Moog) achava que a história se escreve predominantemente, por motivos econômicos. "Não será antes o caso de afirmar que não são os fatores econômicos os que governam a história, senão os religiosos, uma vez que foi o protestantismo e sobretudo o calvinismo que, modificando os conceitos escolásticos sobre a propriedade, o dinheiro, o trabalho, a usura, possibilitaram o advento do capitalismo? (Vianna Moog, Bandeirantes e Pioneiros, 67). "Enquanto os protestantes, sobretudo os calvinistas, com a colaboração dos judeus expulsos da Península, na Inglaterra, na Alemanha, nos Países-Baixos, na Suíça e, em menor escala, na França e na Bélgica, vão estabelecer a lei da oferta e da procura, da livre concorrência, inventar a letra de câmbio, os títulos ao portador, reabilitar os juros, fundar as companhias por ações, enfim, plasmar as condições econômicas do mundo moderno, a alma católica de portugueses e espanhóis, preparada para o heroísmo e a

fé, vai debater-se entre a ambição de riqueza, cuja manipulação entregara anteriormente aos judeus para não por em risco a própria salvação, e o direito canônico, numa indecisão que devia durar quatro séculos e que só acabaria - se é que tenha de todo acabado - quando, pela internacionalização do capital, os povos protestantes, sob pressão, obrigassem Espanha e Portugal a aceitar as suas regras"(Vianna Moog, Bandeirantes e Pioneiros, 84-85).

Se são os motivos econômicos que escrevem a história, os homens ricos teriam estado à frente de todos os movimentos. "Pois bem: no século XVI, por muito dinheiro que tivesse um judeu, continuava sendo um infra-homem, e no tempo de César os "cavaleiros", que eram os mais ricos como classe, não ascendiam ao cume da sociedade.(Ortega y Gasset, A Rebelião das Massas, 316) "Se hoje os judeus possuem o dinheiro e são os donos do mundo, também o possuíam na Idade Média e eram o excremento da Europa" (Ortega y Gasset, A Rebelião das Massas, 315). Como é isto? Judeus antes e judeus agora; antes excremento da Europa e infra-homens, e agora super-homens e donos do mundo? Assim é, porque Calvino e não outro, partindo da onisciência de Deus como premissa, reabilitou o dinheiro, dando-lhe a ele o caráter místico de sinal da salvação. Por isto, para Calvino, a melhor maneira de agradar a Deus, era adquirir riquezas (Vianna Moog).

Eis, pois, que dum idéia saiu o mundo capitalista, e não, como querem Marx, Engels e Cia, que o mundo capitalista tenha resultado das modificações ocorridas no conteúdo do social, ou surgido em virtude das variações das contingências, de modo que a idéia capitalista tenha aparecido depois, como consequência, e ainda com certo retardamento.

Para Calvino, a usura era preceito, e o dinheiro a juros extorsivos, prova de inteligência, de sabedoria inspirada por Deus. Aqui está como Deus escreve a história com seu dedo divino, e tudo o que é de bom, era para os seus eleitos, para os seus justos, para os seus ricos, para os seus burgueses, e, em contrapartida, todo o de mal, para os precitos, para os pobres, para os proletários do demônio. Aqui está a verdadeira raiz do capitalismo na sua forma mais odiosa, e que, por isto mesmo, suscitou a réplica do comunismo marxista. Já que havia um Deus-Lei, sem entranhas, que fazia o diabo para os proletários, Marx arranhou uma lei-deusa, igualmente fria, inexorável, que havia de por a burguesia em ferros. Assim, um erro suscita o erro oposto, e a história se desenvolve pelo estúpido método dos ensaios-e-erros, que é o mesmo que tese e antítese de Hegel. Hegel dignificou apenas, e deu foros de razão, de ciência, a um termo que representa o movimento animal, em suas tentativas loucas, desassisadas, para solucionar um problema que Lhe é inteiramente novo. A história, assim, é racional, como queria Hegel, desde que se tenha em conta que este "racional" da história, se refere à razão embrionária do animal, quando ainda se engatinha no plano do pensamento.

Ora, hoje ninguém admitiria que a melhor maneira de agradar a Deus é adquirir riquezas; que o rico é já um eleito que recebeu o sinal da salvação; que os pobres são gente do diabo à qual se pode explorar, impunemente, por todos os modos. Se estas conclusões que moveram a história, estão erradas, segue-se esta consequência: a história esteve errada. E se é Deus o que escreve a história, Deus errou; e se Deus: não pode errar, então, Deus não é o que escreve a história.

A outra consequência é a de que o capitalismo odioso do tempo da Revolução Industrial, suscitou a réplica do comunismo também errado. Errado, por que? Pois porque, sendo o capitalismo a tese, o comunismo é a antítese; ora, a unidade harmônica, o equilíbrio, a ordem, a verdade, não está, nunca, na tese, nem na antítese, mas na síntese - "in medio veritas".

A primeira consequência que tiramos foi a de que a história tem errado, por desenvolver-se pelo caótico método dos ensaios-e-erros, que Hegel resolveu dignificar com o nome de tese-antítese-síntese. Faz-se, primeiro, uma coisa; depois, como ela não dá certo, vai-se fazer exatamente o oposto que também falha. Depois, num terceiro momento, resolve-se a seguir pela linha de equilíbrio entre as duas contradições tese e antítese, isto é, pela linha da harmonia de opostos, que é a síntese. Se a história se faz, assim, por tentativas e falências, por ensaios-e-erros, segue-se que ela não é escrita por nenhum dedo de Deus, por nenhuma força imponderável, por nenhuma Lei inexorável e eterna. Não há nenhuma Razão absoluta ditando a história, como pensara Hegel, mas é a própria razão do homem, evolutiva, histórica, que escreve a história, e, por isso, aparece esta com tanto mais erros, quanto mais for atrasado o homem-massa. Inútil será o trabalho dos gênios, quando eles se acham muito avançados no tempo; às vezes nem lhes dão oportunidade de transmitirem suas mensagens.

Apertemos o cerco, agora, em torno da questão: quando uma premissa leva ao absurdo, é que ela é falsa, e, sofisticado, o raciocínio que decorre dela. Pois foi o próprio desenvolvimento histórico que se incumbiu de demonstrar a falsidade do silogismo de Calvino. Logo, sua premissa é falsa, e, ou Deus não é absolutamente onisciente, ou não há homens criados para a perdição. Estas duas premissas do novo sistema de idéias são válidas, são certas, e poderíamos tomar por qualquer delas; mas, a que melhor se coaduna com a índole deste estudo é a primeira que afirma ser relativa, e não, absoluta, a onisciência divina. A verdade é que a história é viva, e feita por seres vivos, inteligentes e livres, porém, ainda falíveis. A história, como a economia e a política, desenvolve-se por meio de cadeias de antecedentes e consequentes, e um antecedente só é lei, em relação aos seus consequentes, do mesmo modo como, na premissa, estão implícitas as conclusões do silogismo. Uma lei que não é eterna, inexorável, universal, não é lei, é antecedente causal que tem validade de lei só hoje, e não, amanhã; que vale só para estas contingências, e não, para todas; que acontece aqui, na Terra, mas que não se tem garantia nenhuma de que acontece o mesmo em outro orbe habitado do universo.

As conclusões de Calvino redundaram no desastre social do capitalismo do século XIX, que foi a tese que obrigou a antítese do comunismo marxista. Onde, porém, a falha do raciocínio calvinista? A falha está na premissa menor que diz: Deus sabe todas as coisas futuras; daqui saiu a conclusão de que Deus sabe, de antemão, os que se hão de salvar e os que se hão de perder; logo, todos os homens, então, se classificam em salvos e perdidos. Ora bem: tanto os salvos como os perdidos não podem desapontar a Deus, deixando de chegar ao fim a que foram destinados; como estão inexoravelmente trilhados em seus fatalismos, nem têm culpa os maus, em ser maus, nem merecimento os bons, em ser bons. O que determina tudo é o puro capricho divino. Sendo que o salvo não se pode perder, nem o perdido, salvar-se, cada um poderá viver de qualquer jeito, com quaisquer obras, boas ou más, que o resultado será sempre o mesmo. Como as obras boas não concorrem para a salvação, não são necessárias as obras boas, e os calvinistas cruzam os braços quanto a esta parte.

Como as obras más não levam à perdição, não tem importância nenhuma acabar com os índios peles-vermelhas esquecidos por Deus, fazer o negro do demônio (porque pobre, porque inferior) trabalhar como um animal, jungir às máquinas da produção, crianças indefesas.

Estas são as consequências socialmente práticas da premissa; e quanto ao puritanismo calvinista, esse não encontra agasalho na premissa, sendo uma excrescência, fruto da fantasia, e não da lógica, de Calvino. Puritano ou não, quem se ha de salvar, salvar-se-á; quem não, perder-se-á, sem remédio. Ou então, encontra

agasalho sim, na premissa, e é isto: o puritanismo é um meio de não gastar o ganho, para aumentar os haveres, donde vem que ele, o puritanismo, não é virtude, e sim, vício; sob a capa do puritanismo se esconde a avareza mesquinha daquele que vive que nem um monge, para não gastar.

Ora, como já dissemos, quando as consequências levam ao absurdo, é que o raciocínio é sofisticado, e a premissa dele, falsa. O falso está em que Deus não destinou ninguém para a perdição, nem por sua vontade, nem por sua presciência. Suposto, porém, que há os que se perdem, Deus não sabe quais sejam eles, porque, tanto os que se salvam, como os que se perdem fazem-no, usando suas liberdades, e onde há liberdade, não há determinismo. Deus, por conseguinte, não sabe todas as coisas futuras, porque, no ponto em que ele concedeu a liberdade, nesse ponto cessou-lhe a presciência. Provemos isto:

A teoria científica da evolução demonstra que nosso universo veio do caos em que se revolviam priscas energias cósmicas. Da concentração dessas energias surgiu a matéria de que se constitui tudo o mais. No caos não há lei, visto que reina ali o inteiro acaso. Por acaso ali as coisas acontecem, e não que haja lei, que é o aspecto normal dos fenômenos. O caos é sem forma, amorfo, sem lei, nem ordem; o caos é o não-ser. "O sistema solar é belo, porque nele reina a harmonia. Sem harmonia, não existe sistema solar. Se o mundo não fosse o cosmos, nós não estaríamos aqui para o admirar; o caos não tem adoradores" (Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 54). Ora, a presciência de Deus co-é com a lei que rege os fenômenos; onde, pois, não há lei, não há presciência, nem mesmo para Deus. A onisciência de Deus sabe o que era antes, e o que será no fim, aquilo que agora é caos. Todavia, a zona de caos, o caos em si, é o lugar de que Deus, como forma, como lei, se ausentou. No caos, a liberdade é suma anarquia, porque nada, ali, antecipa ou planeja qual caminho a seguir. No caos tudo pode acontecer, em confusão medonha, sem pensamento sem harmonia, sem ordem, sem lei. Por isso tudo o que acontece no caos, por puro acaso, escapa à onisciência de Deus, o que equivale a dizer que Deus cessa de ser onisciente no caos...

Muito mais acima do caos primeiro, podemos verificar fenômeno semelhante. Uma partícula que se agite no seio de um gás (movimento browniano), por causa dos choques sucessivos e desordenados das moléculas do meio, tem sua trajetória imprevisível. Ali dentro do recipiente, reina, de certo modo, o caos, porque as moléculas se chocam umas contra outras sem a mínima ordem. Mas a soma dos choques e entrechoques vai resultar na pressão que o gás exerce sobre as paredes do recipiente. Esta pressão, agora, pode ser determinada e prevista pelas leis da física, pela pneumática. Assim, se pode verificar a pressão de um gás sobre as paredes de um recipiente, por uma tomada direta de medida, ou pela estatística quântica dos choques de todas as partículas do gás, e assim, que a estatística dos grandes números pode funcionar como uma lei geral que envolve o caos particular. Mas a trajetória que fará uma partícula em movimento browniano é imprevisível, mesmo para Deus, porque onde não há lei ai Deus se acha ausente; e onde Deus se ausenta, nesse ponto reina o caos. O caos é o extremo limite da liberdade, e onde há liberdade extrema, onde há autonomia absoluta das partes, não pode haver previsão nenhuma. Porque o caos é liberdade extrema, por isso, a presciência, a onisciência, aí, é nula. Consequentemente, Deus não sabe todas as coisas futuras, porque onde ele concedeu a liberdade, ali desapareceu o determinismo, e, com este, cessou a presciência.

Outro exemplo de imprevisão são os fenômenos da mutação biológica, pelos quais surgem espécies novas no cenário natural. Os fenômenos mutacionais podem ser provocados pelo bombardeio com raios X, por meio de substâncias químicas

minerais como certos metais e sais metálicos, por meio de variações bruscas de temperatura, e por meio de substâncias orgânicas como o alcatrão, e, sobretudo, a colquicina extraída do Narciso do outono (*colchicum autumnale*). Provocam-se as mutações, mas elas surgem às loucas, às tontas, ao acaso, sem lei. Então, fica fácil de se entender que os raios ultra-violetas e os raios cósmicos, mais ricos outrora que hoje, bombardeavam a Terra dia e noite, provocando as mais variadas mutações. Surgidos os seres novos, mutados, os que podiam adaptar-se à vida, sobreviviam; os que não, morriam, e foi assim que o cenário natural encheu-se, e continua ainda a encher-se de variedades de formas.

Em economia, como já vimos, não há leis imutáveis, eternas universais, e sim, somente, antecedentes que assumem o aspecto de leis, apenas por certo tempo, dentro da conjuntura econômica que é uma cadeia de antecedentes e consequentes. O mesmo acontece com os fenômenos políticos, sociais e históricos, donde se poder falar, aqui, também, de conjuntura ou de cadeias.

Como se vê, João Calvino andou longe da verdade quando inferiu que todos os homens que há e há de haver no mundo, ou são predestinados à salvação, ou são réprobos condenados à perdição eterna, e isto, só porque, sendo Deus onisciente, sabe, de antemão, quais os que se hão de salvar, e quais os que se hão de perder. Porque no ponto em que passou a haver liberdade, cessou, aí, de haver determinismo, seja o decorrente da onisciência de Deus, seja o que resulta da inexorabilidade das leis. As consequências disto, no plano moral, é de que, onde há liberdade, há responsabilidade, com o seu corolário recompensa e castigo. Deus não pode, por capricho, salvar a uns e meter a outros no inferno. É impossível que a felicidade de um homem dependa de algo que não esteja sujeito a ele próprio (H. Rohden).

Este absurdo do calvinismo inspirou todos os aspectos sociais, morais e econômicos do capitalismo, na sua forma extremada e danosa, com reflexo em todas as demais formas de conduta. Portanto, o calvinismo escreveu um capítulo da história ocidental, e demonstramos, agora, sem contradita, que esse capítulo está errado.

Ora bem: se é o dedo de Deus que escreve a história, segue-se que ou Deus errou, ou a história está certa do modo como foi escrita através do movimento calvinista. Se Deus não pode errar, e o calvinismo é um erro, segue-se que não foi Deus o que escreveu a história. Ou Deus erra, e errou escrevendo a história, ou não erra, e por isso não foi quem escreveu a história, manifestamente errada. Este é o dilema. Suposto, porém, que haja alguém tentado achar soída por uma ou por outra parte dele, apertamos o cerco com este outro: o capitalismo calvinista foi o repto, a tese, que suscitou a réplica, a antítese, do comunismo marxista. O resultado é que o dedo de Deus passou a escrever duas histórias antagônicas em dois lugares antípodos da Terra que são, grosso modo, Rússia e Estados Unidos. Em qual destes lugares o dedo divino escreve com acerto? em qual escreve errado? É totalmente inadmissível que a história seja escrita por Deus, pela Razão absoluta (Hegel), e saia errada, a menos que se queira, num ato de fanatismo irracional, dizer que os erros atribuídos a Deus são acertos. Não é possível que capitalismo e comunismo, tese e antítese, repto e réplica, estejam sendo experimentadas por Deus em dois lugares diferentes da Terra ao mesmo tempo. Admitir que é Deus quem faz estas experiências, é concluir pela sua ignorância que precisa, como faz o aprendiz, experimentar para saber.

Há várias geometrias, fora a euclidiana, e todas funcionais. Há tantas geometrias quantas são as possíveis concepções de espaço. Isto motivou a que d'Alembert viesse a falar do "escândalo da geometria" Ora, sendo a geometria uma ciência tão "científica", tão exata tão respeitável, tão referida por Kant, como pode, em vez de uma, haver várias? E se isto acontece com uma ciência, e tal ciência, que se não deve

esperar das "ciências" não científicas como a sociologia, a economia, a política, a história? Não sendo ciências, tais "ciências" não podem permitir previsões, e por isto, falham, nelas, todos os profetas.

Os povos socialistas, por exemplo, sem liberdade, fechados que se acham atrás de suas cortinas de ferro, cuidam que os países burgueses estão condenados, e que, mais dias menos dias, cairão, por si mesmos, de podre, pois Marx, Engels e Cia. previram, "cientificamente", este fim inexorável. Pouco a pouco, todavia, notícias desconcertantes vão atravessando as férreas fronteiras, visto que são possíveis, hoje, rádios-receptores populares do tamanho de caixas de fósforos. E por sobre tudo isto, há, ainda, as grandes façanhas espaciais dos norte-americanos, com pequeno adiantamento em relação às dos russos. E é então que todo o bom comunista, quer dizer, treinado no uso da ciência e da razão, há de perguntar-se: mas por que demônios a burguesia apodrecida se acha à frente dos soviéticos em matéria de aeronáutica e espaço? Para onde foi a profecia daquela famosa mulher americana que disse que os russos poriam os pés, primeiro, na Lua?

Estes argumentos decisivos põem por terra a possibilidade de se fazerem profecias, sobretudo, quando elas são minudentes e claras, porque, os fenômenos históricos são imprevisíveis. Deste modo, as profecias que se cumpriram foram arranjadas pelos que escreveram o passado, com o fito de provar, depois, que as profecias são possíveis. E as profecias futuras são cálculos de probabilidade, expostos em linguagem sibilina, misteriosa, vaga, simbólica, imprecisa, de modo a sempre dar certo, qualquer que seja o caminho que venha fazer a história. O cabalístico e escuro de todas as profecias têm por fim ocultar a ignorância dos profetas que outra coisa não fazem, senão dar palpites sobre o futuro. A profissão do profeta é oposta à do historiador (Ortega); todavia, porque a história futura é imprevisível, a profissão do profeta é um equívoco.

É claro que o conhecimento da natureza de um homem, o que ele já fez no seu passado, as idéias e os sentimentos que o empolgam, agora, no presente, suas aspirações futuras, sua educação, seu nível de instrução, sua situação financeira, seu contorno social, tudo pode servir como dados para um cálculo de probabilidades de como serão suas reações futuras a um dado estímulo. Mas, de modo absoluto, ninguém poderá prever nada, quanto ao que venha a fazer tal homem, nem como, nem quando o fará. E o como e o quando são decisivos, visto que temos de ajustar nossa conduta, nossas atividades em função do que vai suceder, principalmente se esse homem é importante para nós; ele pode ser o Presidente da República, e por esta razão causados preocupações suas dores de... barriga. Os profetas economistas prevêem uma crise para depois de cada grande guerra; mas como não sabem dizer quando será isso, não podemos nem ao menos nos defender dela, quanto mais usá-la em nosso proveito.

A verdade é que a onisciência divina deixa de o ser no ponto em que se concede a liberdade, e o erro danoso de Calvino foi o repto histórico que suscitou outro erro clamoroso, a réplica do comunismo marxista. E basta que o comunismo seja réplica a um erro para que essa réplica seja erro também, visto como o acerto nunca está na tese, nem na antítese, mas na síntese. E ambos, capitalismo e comunismo, verificando que estão errados, passaram a procurar o lugar comum, a zona de equilíbrio, a linha harmônica que passa por entre os dois pólos opostos tese e antítese. Essa linha equidistante dos dois extremos contrários, é alcançada pelo revisionismo, nos países comunistas, e pelo reformismo, nos países capitalistas. O socialismo do meio é para onde tendem os extremos contraditórios, donde poderemos estabelecer esta igualdade:

comunismo + revisionismo = capitalismo + reformismo

Não há, por conseguinte, dedo de Deus escrevendo a história, nem nela há lei imutável e eterna; o que há é a liberdade que é imposta à vida, pelo que o homem, queira ou não queira, goste ou não goste, é livre (Ortega); ele tem de escolher no princípio da ação, para ficar jungido à cadeia de antecedentes e consequentes que sua liberdade de escolha engendrou. O homem é compulsoriamente livre, até para querer ou aceitar, livremente, a condição de escravo. Um homem poderá privar-se da liberdade, praticar a pobreza e a obediência franciscana, e ir habitar uma cova num deserto; poderá ainda não querer escolher nada, como faz o budista, no seu anseio de não-ser, pensando, assim, fugir à cadeia dolorosa dos antecedentes e consequentes (reencarnações); o budista não quer, não deseja, para escapar ao moinho da dor; contudo é ele moído pelo tédio que é outra forma de dor. Contudo para tomar quaisquer decisões, para escolher quaisquer caminhos, usou a liberdade. Desse modo o homem é livre até para privar-se da liberdade, e quando cuida que já a não possui, descobre que pode usá-la de novo, saindo-se da privação que a si mesmo se impôs. Eis a nossa dura condição: somos livres, e, por isto, responsáveis; temos de construir nosso destino com nossas escolhas certas ou erradas; não há ninguém que pense por nós, que nos poupe o esforço da nossa própria reconstrução. Tudo o que há no mundo urbano, civil, econômico, político, moral, social, histórico, etc., tem de ser feito pelo trabalho do homem que e, até contra a sua vontade, livre.

Somos livres e prisioneiros ao mesmo tempo, porque, se nossa liberdade nos leva a escolher determinado caminho, desencadeada a ação primeira, começam as reações que são causas de outras reações, e assim, até que se tenha esgotado o impulso inicialmente livre, estaremos presos à cadeia dos antecedentes e consequentes. Deste modo se desenvolve o nosso destino individual e coletivo; deste jeito se escreve a história; por este meio se constrói a economia política.

Usando a liberdade, fazemos nossas experiências boas ou más, do que resultam nossas colheitas de alegrias ou dores; cada vez mais. porém, vamos errando e sofrendo menos, e acertando e gozando mais. Até que, com a sabedoria plena, estaremos outra vez dentro de um outro determinismo, um como determinismo superior, em que a liberdade, livremente, escolheu, e decidiu-se a só seguir pela senda do bem. Nesta fase de total retorno ao topos uranos (Platão), a sabedoria coexiste com a bondade nascida do amor.

Determinismo e liberdade coexistem, pois, lado a lado, como parênteses dialéticas que atuam dentro do processo evolutivo e criativo. Determinismo é fixismo, e diz respeito à lei, no passo que a liberdade é movimento transformativo-criativo, e corresponde à substância que enche o vazio da lei. Desta maneira, o próprio Deus possui, em si, liberdade e determinismo: Deus é determinismo como Forma, como Lei, e por esta parte é fixo, imutável, intemporal, inespacial e universal; Deus é liberdade como conteúdo, como energia-substância criada, infinita e eterna, como amor que é a força que tudo cria, num ímpeto ardente e sagrado de Artista. Todavia, diferente do que ocorre com a Natureza, do que se dá com o homem, tudo o que Deus cria, sai-lhe já, de antemão, ordenado pela Lei. A evolução, o nosso mundo circunjacente, o nosso contorno, já se vê, não é obra direta de Deus, onde as criaturas, usando a liberdade, quebram as cabeças, para achar o certo. E quem sabe como é o certo, fica, depois, condicionado a o executar, porque seria absurdo que, sabendo o certo, fosse usar a liberdade para fazer o errado. A fase das tentativas e falências, dos ensaios-e-erros, é a fase do aprendiz de qualquer coisa; tanto, porém, que o aprendiz se torna mestre, está condicionado ao que é certo, e não, mais, livre, para errar. O mestre, então, escolhe livremente o que vai criar, mas escolhido, segue o seu caminho, certo; não há liberdade na execução, visto estar esta condicionada pelo certo.

Portanto, a execução é puro determinismo. Livre no criar formas novas, e determinístico no executá-las. Assim, um gênio artístico está determinado pelo certo que há de executar, e, livre, na possibilidade criativa do novo, e, ainda, livre, para variar infinitamente o tema básico, como numa sinfonia. O que é, harmonicamente, certo numa sinfonia? acaso serão as primeiras notas da frase musical? acaso, o primeiro movimento? acaso serão as últimas notas do final? Pois todas as fases são certas, e todas, coerentes na formação do todo sinfônico. Assim, também, e que Deus cria sem erros, porque usa liberdade para criar o novo e para variar o tema sinfônico da Criação. A Natureza, em torno de nós, é aprendiz de criador, e por isso cria com erros que vai, depois, aos poucos, corrigindo, pela evolução; Deus é Criador Mestre que não tem de corrigir nada, porque, como mestre que é, tudo lhe sai perfeito. A obra de Deus-Mestre foi o topos uranos em que tudo é perfeito; a obra da Natureza-aprendiz, da Natureza evolutiva, é este mundo cheio de erros, de mal, de dor e de morte.

Por conseguinte, podemos dizer que, em Deus, o determinismo co-é com a Lei, enquanto que sua liberdade coexiste com o amor que, em frenesi, tudo cria, move e sustenta. E sendo Deus, a um tempo, Lei e Amor, nele há, antes que em todo criado, determinismo e liberdade; Deus é determinismo, como Lei, e libérrimo, como Poder criador, como criatividade.

CONTEÚDO E FORMA

Olhando o mundo em torno, verificamos que ele se compõe de coisas. Se estamos num jardim vemos arvores, flores, pássaros, gente. Observando uma palmeira, notamos que seu tronco é cilíndrico, e nos vem a idéia de cilindro. O seccionamento horizontal do tronco nos dá um círculo; se o seccionamento for oblíquo teremos uma elipse, tanto mais alongado será quanto for a obliquidade do corte. Que são cilindros, círculos, elipses? Acaso são coisas que podemos pegar nas mãos e examinar? Não, não são coisas. O tronco é uma coisa, porem as figuras geométricas que podemos tirar dele, não o são.

As figuras geométricas não são reais (res = coisa), porque não podemos observar a coisidade delas. São portanto, objetos ideais. Todos os objetos matemáticos, figuras geométricas, formulas, relações, conceitos, essências, leis, princípios matemáticos ou físicos são objetos ideais. Se tomarmos por exemplo, o principio das alavancas, sobre o qual repousa toda a mecânica moderna, todas as máquinas, notaremos que ele não teve causa. Que é que causa um principio, ou uma lei científica, as ilações e objetos matemáticos? Nada os causa. Eles são incausais. Todos eles estão idealmente implicados, de modo que de uns se pode deduzir outros; todavia uns não causam os outros. Os objetos ideais não causam e nem são causados; eles não são causais.

Como consequencia disso, de não serem causados, não tem origem no tempo e nem história. A descoberta de um principio ou lei, é histórica; no entanto a palavra descoberta, implica que tal principio ou lei já era antes de ser descoberto. Não podemos dizer que já existia porque existir significa estar no tempo; vem de ex-sistire e quer dizer, ser posto fora, no tempo; portanto o que não pode ser posto fora, não é temporal, não é existencial, não existe, mas é. Deste modo, nem Deus sob o aspecto da Lei, nem os objetos ideais, existem, porem são. Então, como consequencia de não

serem causados, os objetos ideais não tem origem, nem história, nem fim; não são temporais.

Os objetos ideais também não ocupam lugar no espaço, visto como não são coisas, não são materiais. Os objetos matemáticos, as essências, os conceitos, as formas, as leis e princípios científicos, as relações de coisas e de idéias, etc, não são corporais, não tem espaço, não são espaciais.

Também estes objetos ideais são fixos, imutáveis. Um círculo, um triângulo, o teorema de Pitágoras, o de Tales, o principio dialético da unidade de contrários não mudam. São quais são, sem causa e nem tempo. E ainda, são universais, uma vez que não se concebe haver algum lugar no universo em que eles não sejam do jeito que são, ou que não sejam validos.

Precisamos considerar também que os *objetos ideais* não possuem polaridade; não há anti-círculo, anti-triângulo. Se tudo que *existe* possui contrario e se os objetos ideais não tem contrario, então eles “*não existem*”. Não existem, mas “*são*”. O que “*é*”, não tem contrario, porque o seu contrario seria o “*não-é, o não-ser*”. Por isso é que Parmênides, à frente de todos os eleatas, construiu a base de todas as filosofias, partindo da premissa de que, “o ser, é”, e “o não ser, não é”. Por esta razão, os objetos ideais não tem polaridade como as coisas. O pensamento desenvolve-se dialeticamente, pelo principio de contradição, e por isso tem polaridade; mas isso acontece em virtude de ele, também, possuir conteúdo, como ainda iremos ver.

A natureza polarizada do conteúdo que enche a forma, implica na representação + e - da matemática discursiva (álgebra). Assim existe a escala de valores relativos que parte do zero, ficando os números positivos à direita e negativos à esquerda; no extremo da direita fica o infinito positivo, no passo que, no da esquerda, o infinito negativo. E daí? Daí vem que aplicados à realidade, os valores negativos são fracionários, e o menos infinito corresponde ao zero-ser, que é o mesmo que zero absoluto do ser ou, não-ser. Tenha-se em vista, por exemplo, que o zero grau da escala termométrica não significa ausência de calor; o grau decimo negativo da escala é menos calor que o zero grau dela; a menos 273,2 os movimentos moleculares cessam por ausência total de calor, e daí o chamar esse valor negativo de zero absoluto. Este exemplo serve para todos os demais casos de valores relativos, inclusive o da escala relativa do ser, em que o zero absoluto do ser corresponde ao infinito negativo, ou o não-ser; em oposição a isto, o infinito positivo corresponde ao Ser absoluto, ao Ser por excelência, à Deus.

Como temos visto, os objetos ideais possuem seis categorias; são incausais, intemporais, inespaciais, imutáveis (fixos, intransformáveis), universais e não polarizados. E todas estas considerações nos ocorreram, por encadeamento dialético, ao observarmos o tronco da palmeira do jardim.

Todavia, ao olharmos detidamente a palmeira, notamos que ela é feita de matéria. Matéria é uma palavra que teve a sua origem em madeira (Ortega), que significa, aquilo de que as coisas são feitas. É a consistência, a substancia, o conteúdo da forma. Como, segundo um dos princípios dialéticos, toda unidade agasalha um par de contrários em harmonia, a palmeira possui sua forma, seu conteúdo, sua essência, que é a pura idealidade, em oposição à sua matéria, ao seu conteúdo, que é pura substancialidade ou consistencialidade. A realidade, o ser da palmeira, por conseguinte, resulta desse binário de oponentes. Estas oposições que entendemos de pronto, são validas para todas as coisas, não só da palmeira acima, até o universo, como também da palmeira abaixo, até os átomos, prótons, elétrons.

Deste modo, se os objetos ideais não são causais, nem temporais, nem espaciais, nem mutáveis, móveis ou transformáveis, e são universais ou válidos para

qualquer parte do cosmo, e ainda não possuem polaridade, pela recíproca, pela contraditória, o conteúdo material das coisas é causal, temporal, espacial, mutável, individual e possui polaridade. É causal, porque a palmeira teve causa na semente que germinou e cresceu até a sua plenitude, como a vemos. Se teve causa ou principio, terá fim, com o que vem, estar no tempo, possui historia, existe. A palmeira ocupando lugar no espaço, é corporal, é espacial. Que se transforma, ninguém duvida, pois germinam, crescem, vivem e morrem. São individuais porque a mateira sempre se acha individualizada em alguma coisa, e não se pode garantir que haja palmeira na Lua, em Marte, em Venus, no Sol. E ainda, possui polaridade, uma vez que toda coisa possui contradições internas em harmonia.

Resumindo:

Categories

Objetos ideais

incausais
intemporais
inespaciais
imutáveis
universais
não polarizados

objetos reais

causais
temporais
espaciais
mutáveis
individuais
polarizados

Eis, pois, seis oposições entre forma e conteúdo. No entanto, não se pode afirmar, como fizeram os idealistas, tanto os objetos como os subjetivos, que o ser é a forma, a essência, o conceito, a idealidade da coisa; também não é verdadeiro que o ser seja o conteúdo, a matéria, como afirmam os marxistas. O ser é a unidade de contrários, em que se acham harmonizados conteúdo e forma.

Numa primeira síntese, por conseguinte, podemos reunir o idealismo ao realismo. Por isso quando o realista diz: “se eu me elimino, ficam as coisa”, podemos acrescentar: ficam, porem, não para mim, porque ao eliminar-me, as coisas não se dão para mim. Se me elimino, as coisas ficam eliminadas para mim. A isto, replicam os idealistas: “se elimino as coisas, fico eu” Isto seria verdade se o eu, o ego, fosse constituído de pura idealidade. Se elimino as coisas, entre elas está o meu corpo; e sem o meu corpo, sem o meu cérebro que pensa, como pode permanecer o eu? Não há o puro espirito, nem para Deus (actus purus sem matéria alguma-Aristóteles), porque se fosse isto possível, Deus e o espirito seriam princípios vazios, sem realidade ou objetividade. Esta é a razão por que, coerentemente, as aparições espirituais tem forma tridimensional, donde vem que constituem-se de matéria de tipo diferente da que conhecemos. O eu espiritual também é uma dualidade, de alma e perispirito (Kardec). O mundo espiritual se constitui de uma mateira de raio de curvatura diferente da nossa, e por isso não interfere com essa, podendo muitas de tais matérias ocuparem o mesmo lugar no espaço. Do mesmo modo como ondas hertzianas de comprimentos diferentes, não se interferem, materiais de raios de curvatura diferentes também não se interatuam, e são como se não existissem uma em relação a outra.

Ora, não podendo Deus ser principio vazio, pura idealidade, pura formalidade, porque, assim “é”, mas não existe, segue-se que a Sua mateira (energia-substância) é eterna, incriada, infinita, constituindo ela no conteúdo de Deus.

No entanto o nosso universo é curvo, limitado, finito; logo, deve haver mais universos para alem do nosso espaço infinito, e não o vemos, porque suas luzes não

podem sair dos limites de suas curvaturas. Um ser hipotético que habitasse o interior do átomo, estaria sujeito à curvatura deste, e concluiria que nada mais há além do átomo que habita. Assim, também a luz faz a curvatura do nosso universo, não podendo sair fora dele, o mesmo sucedendo com as luzes de outros universos possíveis; resultado: pensamos que nosso universo é único.

Todavia, por que intuímos a idéia da existência de outros universos para além do nosso? Simplesmente porque o nosso não esgota todas as possibilidades do dualismo conteúdo-forma. Por exemplo, em nosso universo não cabe a anti-matéria que os físicos descobriram ser possível, através da produção de anti-partículas atômicas. Pois bem: a plenitude divina impõe que todas as possibilidades sejam realizadas, e não é admissível que o homem tenha superado o Criador, com a produção da anti-matéria.

Também a coesita não havia sido achada em estado natural, até que o cientista americano L. Coes a produziu em laboratório. Submetendo o quartzo a pressões e temperaturas altíssimas, conseguiu um novo mineral a que deu o nome de coesita em sua homenagem. E foi achado o mineral nas crateras produzidas pelas quedas de aerólitos. Agora, onde quer que haja coesita, deve atribuir-se à queda de bólidos.

E os corpos transurânicos, acaso existem em estado natural... na Terra? Seria possível que tenha o homem superado Deus? Pois, para que não, preciso é que haja sido produzido esses materiais alhures, no universo. E a anti-matéria? A anti-matéria nos obriga a pensar num anti-universo que não pode estar junto do nosso, sem que tudo expluda.

A dialética, como se vê, procede por conexão de idéias, em que uma puxa pelas outras, num encadeamento necessário. Assim Platão, quando concebia o seu topos uranos, o lugar celeste das idéias arquetipos, fazia-o por necessidade dialética. A perfeição de Deus obrigava a existência de um lugar celeste em que tudo fosse perfeito, e, por isto, sem transformações. Este, o realismo das idéias; e idéia queria dizer, originariamente, imagens. As matérias, que dão consistência e objetividade a todas as formas do universo, em que se inclui o topos uranos, escalonam-se por raios de curvatura, e são infinitas, porque onde houver forma vazia, aí não há ser real.

Quando a intuição agudíssima e genial de Aristóteles enxergou que a matéria é infinita, eterna, incriada; que, por isso, Deus não criou a matéria, “não criou mas move o mundo”, teria de dar na conclusão de que a matéria é Deus. Negando, porém, esta consequência que se impunha, afirmou que Deus é forma vazia, ou essência pura (*actus purus*), isto é, sem matéria alguma. Com isso separou Deus da matéria num irremediável dualismo. E a matéria incriada, como pode coexistir com Deus, estar junto Dele, sendo-lhe estranha? Do que apareceu a matéria? Do movimento de que, visto ser inconcebível o movimento sem móvel?

O fato de a matéria ser incriada, implica em que ela é Deus; contudo, o não ser de Deus da matéria, cindiu a doutrina aristotélica numa infinidade de incoerências, levando Huberto Rohden a afirmar que “Aristóteles é, na história da filosofia ocidental, o rei dos acrobatas” (Huberto Rohden, *Filosofia Universal*, 1, 115). Face à isto, Santo Agostinho, primeiro e Santo Tomás, depois, concluíram que o movimento principiou do nada, donde afirmarem que Deus criou o mundo do nada. A matéria incriada, reduzida deste modo, ao movimento puro, ao movimento do nada, é nada, donde a realidade do mundo ter caído abaixo do ponto em que a colocara Platão. Se o mundo foi criado do nada, é nada, porque tudo o que existe é seu estado anterior modificado. Ora, remontando-se de forma em forma, de estado em estado, chegaremos ao nada que é o fundamento primeiro de tudo; logo, tudo é nada, tenha o aspecto que tiver. Contudo, estava certa a intuição aristotélica, e o que faltou a Aristóteles foi recursos intelectuais ou científicos modernos para demonstrar a sua verdade.

Correram-se os tempos, e a ciência vem e demonstra, inexoravelmente, que matéria é energia. Vencido este passo, fica-nos claro que o amor não pode ser senão energia. Então a substância incriada de Aristóteles, que enche e dá corpo ao Deus-forma, é a energia amor. Agora já não repugna a ninguém quando ouve dizer que “Deus é amor” (I Jo 4, 8), e que o amor, com ser Deus, é incriado, eterno e infinito; não repugna ouvir que “Deus é luz” (I Jo 1, 5), e, por isto, é luz-amor infinita e ingênita. Eis como a intuição filosófica, nascida em Aristóteles, tem sua cabal explicação na terceira jornada filosófica, e aquilo que a mente do grande gênio grego enxergou, plenamente concorda com os dados da ciência e com a verdade da fé.

Tomando, pois, o que disse São João por premissa maior do raciocínio, e o que demonstra a ciência hoje, por premissa menor, podemos construir este silogismo: Deus é luz; ora, a luz é energia; logo, Deus é energia. No entanto a mateira é um modo de ser da energia; por conseguinte, a mateira é um modo de ser de Deus, sendo coeterna a energia-substância, e incriada a mateira, como agudamente pensara Aristóteles.

“Deus é luz” e “Deus é amor”, conseqüentemente o amor é luz; e como a luz é energia, segue-se, necessariamente, que o amor também o é. De que, logo, Deus criou o mundo? Pois criou-o da sua substância.....criou-o de si.....criou-o, e o sustenta do seu amor.....Deus é energia sob forma ingênita, ou incriada, de luz. Diz Milton, no canto III do se “Paraíso Perdido”:

*“Salve. Ó luz primogênita do Empíreo,
Ou coeterno fulgor do eterno Nume!”*

Pois essa luz não é primogênita, senão ingênita, uma vez que ela é o próprio Deus. Daqui vem que todas as religiões jamais declararam, como o fizeram todos os filósofos até hoje, que Deus fosse pura essência, forma pura, e por isso, vazio de conteúdo. Pelo contrario, sempre confundiram Deus com a energia. Os primitivos enxergavam Deus nas forças naturais, nos relâmpagos, nos fogos provindos dos raios que caíam do céu e incendiavam o tronco seco; esse fogo foi levado para o interior das cavernas, com veneração, aquecendo o inverno e iluminando a noite; as bestas ferozes o temiam, e por isso os primitivos guardavam as bocas das cavernas com fogueiras, e deste modo, o deus-fogo, o deus-luz velava seu sono tranquilo.

Viam os homens a Deus no sol que tudo cria e movimenta, fazendo desabrochar a flor e sazonar os frutos, donde vem que um punhado de trigo é um punhado de luz, que ao corpo dá calor e vida. “O Deus Todo Poderoso apareceu-me a luz” (Gên. 48, 3), diz Jacó, e não diz que lhe houvesse aparecido Deus como essência pura, pura forma, principio e lei vazios de conteúdo. Do meio da sarça em chamas, mas que não se consumia, Deus, falando, deu a Moisés os dez preceitos, de que saíram, depois, todas as demais formas do direito positivo. Do fogo saiu a palavra, da energia-luz brotou o pensamento, em letras expresso. Eis, pois, que Moisés nos mostra um Deus vivente a falar do meio do fogo, um “Deus grande e terrível” (Deut 7, 21), que é “um fogo consumidor” (Deut. 4,24), e não um Deus essência pura, insensível, morto na sua eterna imobilidade, impassível, conforme o fixou Parmênides, como fica a borboleta fica espetada na prancheta do entomólogo. No primeiro dia da criação, disse eu, na inspiração de Moisés: “Haja luz”; e só no quarto dia é que foram formados o sol e as estrelas. Por conseguinte, o sol e as estrelas nasceram no quarto dia, da luz que fora criada no primeiro. Se fora Moisés materialista, houvera de ter dito que no começo era a mateira, e que do núcleo material do sol nascera a sua luz ao quarto dia. Se Moisés tivera dito isto, teria errado, porque a ciência demonstra hoje, que antes de existir a mateira, houve a energia. Que é que está primeiro? É o fogo ou a lenha? Digam

quantos forem que é a lenha, que para nós é o fogo, tendo em vista que a mesma lenha não é outra coisa, que o fogo e a luz solar, aprisionados. Esta é a causa por que um punhado de trigo é um punhado de luz, donde vem que todos os seres, não somente são lucigênicos, senão também, lucífagos (H. Rohden).

A intuição de Deus sempre esteve associada à substancialidade, à fonte inesgotável de bens, e por esta razão, diz Vieira que: “a etimologia deste nome Deus, deriva-se do verbo dar. Chama-se Deus, porque dá” (Vieira Sermões, 15, 371). E com o passar das idades, a intuição de Deus evoluiu de Deus-força, Deus-energia, Deus-luz, para o seu ponto final na suprema verdade, do Deus-amor. Eis, então, que Cristo nos apresenta a Deus como Pai solícito e amoroso, léguas mil distante do frio e inexorável Ser parmenídico, do etéreo Hélios grego, do imperial Amon-Ra egípcio. Se o ideal da filosofia consiste na retirada do pensador do convívio humano, para uma torre erguida na solidão de um deserto, Platão ousou propor que o filósofo fosse rei, que vivesse no meio dos homens a exemplo de Cristo, que não se retirou-se, e antes pelo contrario, imolou-se pela humanidade. Que distancia está o grande e frio Parmênides do cálido e amoroso Platão, que ousa propor a sublime utopia, de que os reis sejam filósofos, ou os filósofos reis!

Se, pois, numa primeira síntese, ficou jungido o realismo ao idealismo, numa segunda fica ligado o realismo-idealismo ao substancialismo, visto como não se pode separar a forma do conteúdo na realidade do ser, valendo isto também para Deus. O ser da palmeira que nos serve de exemplo, não é só sua forma, sua essência, seu conceito isolado do conteúdo. Uma palmeira ideal, como os táleres ideais de Kant, não existe. Iguamente, o conteúdo, a madeira da palmeira, sem a sua componente essência, não é palmeira; ou é uma coisa ou é caos. O ser, por conseguinte, é uma dualidade de contrários em harmonia. O um possui eternamente o dois.

O marxismo idealista finge que aceita esta verdade de que a madeira e a forma coexistem no ser, e que um não pode estar sem o outro. Entretanto, no mesmo ponto que reconhece isto, que declara isto, cai na incoerência de afirmar que o conteúdo é que determina a forma. Isto equivale a dizer que a forma e todo o formal são causados pelo conteúdo. No entanto, vimos, já, no exemplo da palmeira, que o formal, ou que todos os objetos ideais não tem causa, nem tempo, nem espacialidade, nem movimento transformativo, nem polaridade. Se a forma não pode ser causada, como dizer então: “é o conteúdo que muda primeiro, pela modificação das condições do meio circundante; a forma muda em seguida, de acordo com a mudança do conteúdo”. Segue-se disso que, longe de preexistir ao desenvolvimento, a forma o reflete, com certo retardamento: a forma se retarda em relação ao conteúdo (Politzer, Princípios Fundamentais da Filosofia, 112).

Fazer a forma decorrer do conteúdo é o passo que leva, depois, a fazer o espírito ou alma, que é um cosmo de essências, proceder da madeira. Todavia, toda esta incoerência dos marxistas se resolve ao terem de responder a esta pergunta: as leis, todas as leis, inclusive as da dialética, são de natureza formal, ou são de natureza consistencial? Se são de natureza formal, como dizer, então, que a forma resulta da madeira, e ainda com certo atraso? A ser verdade isto, segue-se que as leis também resultam da madeira, não disciplinam a esta, e antes, são disciplinadas por ela. O resultado desta afirmação é o de que os fenômenos se dão, por acaso, e depois, com certo retardamento, surgem as leis consequentes deste acontecer casual. Assim as leis não são causas e sim, efeitos de acasos. Mas, vejamos isto melhor:

A lei é o aspecto formal dos fenômenos, é a forma ou essência deles, e é por ela que eles tornam inteligíveis, compreensíveis. Mas a forma vem depois, com certo retardamento (marxista). Portanto, as leis e princípios formais resultam dos fenômenos,

sendo posteriores a eles. Logo, os fenômenos acontecem, sem lei, por acaso...., e depois é que aparecem as leis resultantes, disciplinadas por eles. Longe de as leis disciplinarem os fenômenos, pelo contrario, são disciplinadas por eles. Conseqüentemente, se existe alguma lei preexistente aos fenômenos, essa é a lei do acaso. No entanto, o acaso é a ausência de lei, e onde não há lei, reina o caos. Por conseguinte, o primeiro momento da lei é o caos. A lei nasce do caos, e causada por este, tem princípio, tem história no tempo e tem epílogo....que não pode se outro, senão, o caos de novo. O universo é uma ordem e harmonia que teve o seu berço no caos onde reina o inteiro acaso, e aí também, será sepultado. Se for esta a verdade, quem tem razão é Nietzsche com a sua teoria da eterna recorrência, do eterno retorno. Aceita aquela premissa marxista, são obrigatórias estas conseqüências implícitas nela.

Afirmar portanto, que a forma e o formal são posteriores aos conteúdos fenomenicos, é admitir necessariamente a doutrina nietzscheana do eterno retorno. Então, por que vivem os marxistas a falar de ciência, se esta não permite previsões nenhuma, visto como tanto podem os fenômenos ir por diante, como tornar atras no tempo? Em que tempo teve inicio a idéia de triângulo? Quando começaram a ter vigência de lei os teoremas de Pitágoras e de Tales? Em que época não havia ainda o principio das alavancas? Quando ainda não havia as leis da mecânica, da dinâmica e da gravitação? Teriam sido estes objetos ideais ou formais, inventados, ao invés de descobertos?

Face a estas evidencias, os marxistas não terão outra saída senão concordar que, de fato, os princípios e leis são causas, estão nas raízes dos fenômenos disciplinando-os; que os fenômenos, por toda a parte e sempre, estão sujeitos às leis e aos princípios. Esta é a razão por que eles, os marxistas, acreditam na ciência que, por suas leis, permite previsões. Se permitem previsões, segue-se que as leis e princípios estão antes dos fenômenos, preexistem-nos, e são, por isso, disciplinadores deles. Terão de concordar, portanto, que as leis são os aspectos formais dos fenômenos. Assentando isto, vem a conclusão de que as leis e princípios, as formas, as essências, os conceitos, enfim, que tudo o que é formal não teve começo, nem causa, nem tempo, nem historia. Deus ideou o universo e este modelou-se na sua substancia incriada, eterna e infinita. O pensamento de Deus esteve antes das coisas; agora surge o homem no cenário universal, e repensa aquele pensamento anterior que Deus pôs nas coisas. Nesta segunda fase, humana, o pensamento é posterior às coisas já feitas. Em relação a Deus, o pensamento seu é anterior às coisas criadas; em relação ao homem, o pensamento resulta da observação e intelecção das coisas. Mas, como o homem sabe que os pensamentos que as coisas lhe suscitam, são antes das coisas, porque, do contrario, elas não se poderiam plasmar, por isso, coerentemente, ele chama a estes pensamentos seus, repensados das coisas, descobertas.

Toda a briga de Aristóteles com Platão, e os dos nominalistas com os universalistas, resulta de não terem feito esta síntese. O pensamento precede as coisas, na mente de Deus, e tem razão os platônicos: as coisas precedem aos pensamentos, em relação aos homens, e aqui tem razão os aristotélicos. A idéia precede à obra, na cabeça do escultor; a obra precede a idéia, no espirito de quem a observa e colhe dela a mensagem do artista. Trata-se, como se vê, apenas de dois momentos opostos do mesmo fenômeno. Platão e Aristóteles vêem o mesmo, porem, de perspectivas opostas; e em vez de harmonizarem as duas visões na síntese, ficam a brigar entre si. Assim como o artista põe sua idéia na obra, e posteriormente nós apreendemos essa mesma idéia da obra, Deus põe seu pensamento na criação da qual nós apreendemos os mesmos pensamentos de Deus, que são primeiro, as imagens, depois os princípios, as leis, as essências, os conceitos, tudo enfim, o que é

formal, e que por isso mesmo, possui as seis categorias vistas atrás. É por esta razão que as categorias do formal também são os atributos do Ser (Deus) parmenídico, isto é, incausal, eterno(intemporal), fixo(imutável), inespacial, universal e não polarizada. Sobre, ainda, a Deus, ser uno e infinito, porque estas duas últimas propriedades dizem respeito não só a forma, mas também ao conteúdo. O infinito espaço puramente formal ou ideal é puro subjetivismo; para que o espaço infinito seja real, objetivo, preciso, é necessário que ele esteja cheio de conteúdo, cheio de infinita e incriada substância. Por isso, Deus é, e também existe; o aspecto formal de qualquer coisa, sozinho, separado do seu conteúdo, é, mas não existe; só o aspecto substancial, isolado da sua forma, existe, mas não é, porque assim, a substância se mostra como massa informe de caos.

Esta síntese que liga Platão a Aristóteles, deu xeque-mate ao materialismo marxista, visto como este teve que concordar em que o aspecto formal dos fenômenos, que são as leis, antecede-os; que o aspecto formal é fixo, porque as leis são constantes; que ele é incausal, porque as leis não são causadas; que não teve início no tempo, porque as leis são intemporais; que não ocupa lugar no espaço, porque as leis são inespaciais; que é universal, porque as leis são generalizações válidas para todos os universos possíveis.

Outra síntese, e é a mais importante, liga Platão a Darwin, porque Platão dizia que Deus criou o mundo celestial de coisas e seres perfeitos, a qual dava o nome de topos uranos. Em relação a este mundo feito por Deus, e por isso perfeito, o nosso é um mundo de sombras, de esquecimentos, de misérias, de dores. As almas caem para este nosso mundo (Platão), perdem a bela visão celestial, e esquecem o que lá sabiam. Por esta causa, a pedagogia platônica consiste em despertar lembranças esquecidas, e fala, pela boca de Sócrates, que a verdade está no homem, adormecida, e por esta razão Sócrates se dava a si o nome de parteiro intelectual, visto como ajudava os homens darem à luz as próprias idéias. Ora, este nosso mundo, conforme prova os fatos da evolução (Darwin), veio do caos. Pois é aí, então, que as almas caíram do topos uranos, no começo dos tempos, e, em caindo, se desintegraram. A evolução, por conseguinte, é a volta para Deus, dos que caíram do topos uranos. Pelas reencarnações sucessivas, diz Platão, o homem vai-se purificando e conquistando a sabedoria. Esta é a síntese que já fizemos na Terceira Jornada Filosófica, ainda em manuscrito. Tem, pois razão, Huberto Rohden ao afirmar que Platão é o filósofo do futuro.

Contudo, aqui, um novo problema se coloca: por que as almas caíram? Tentaremos esta resposta, ao correr da pena, em um capítulo posterior, depois de amadurecidos mais alguns conceitos necessários à compreensão do que virá. Como ainda resta o que dizer nesta parte, voltemos à palmeira do jardim. Ao observá-la vimos que ela se compõe de forma e conteúdo, e que o conteúdo é a sua materialidade, sua substancialidade. Mas, que é a matéria?

A ciência nos diz hoje, que matéria e energia são termos reversíveis, e as bombas atômicas tem provado que a matéria (massa) pode transformar-se em energia. E também demonstra, que em seus laboratórios, que o frenamento de uma onda curta, fá-la rodopiar sobre si mesma, transformando num elétron, que é a mais ínfima unidade de matéria. O elétron é matéria, porque possui na sua expressão vorticiosa, as três dimensões do espaço. Todavia, o elétron quando acelerado em seu movimento rotativo, abre-se, de novo, em ondas de energia. Portanto, podemos armar este silogismo: matéria é energia; ora, a matéria é espacial; logo, a energia é espacial. Quem põe em dúvida sobre que energia é espacial, quando observa as ondas

dinâmicas abrirem-se, como esferas, no espaço? Quem diz esfera, diz volume, diz três dimensões, fora a quarta que é o tempo, ou velocidade de expansão da esfera.

A compreensão disto nos leva a entender o conceito de coisa para além do tato, para além da vista física, nos domínios da visão intelectual, porque, embora não possamos pegar nas mãos a esfera ondulatória para examinar, somos forçados a classifica-la como coisa, uma vez que é feita de energia-substância. O que for pura idealidade, forma pura, não poderá jamais, nunca, tornar-se consistencialidade, substancialidade. Assim sendo, quando em quaisquer fases, algo pode apresentar-se como coisa, é que era coisa antes, porque tudo o que existe, é o seu aspecto anterior modificado. Se é consistencialidade agora, é que o era antes. Deus não tirou o universo objetivo, de si idealidade, e sim, de si substancialidade; o que for princípio e lei puros, não poderá tornar-se jamais, na energia que se transforma em mateira.

Então, como a energia pode tornar-se mateira e coisa, segue-se que também é coisa, se bem que não táctil, e nem sempre visual. Se fosse possível congelar um trem de ondas, ele se mostraria como uma coleção de esferas concêntricas, a partir do centro vibratório, onde a intensidade é máxima. Deste modo, a energia possui forma e conteúdo do mesmo modo que a mateira. Na mateira, a forma é estática, enquanto que na energia, as esferas se dilatam ou se contraem num dado ritmo, que é o tempo da onda. Como se vê, na energia houve o ganho de mais uma dimensão, o tempo, além das três anteriores, pertencentes ao espaço. E quanto mais for subindo na escala do ser, dimensões novas vão surgindo. A mateira é coisa estática; a energia, coisa que se move; os seres inferiores, coisas viventes; o homem, coisa que pensa, como disse Descartes, e sobretudo, coisa que sente, isto é, que possui sentimentos, dentre os quais, o mais sublime, que é o amor. E por toda a parte e sempre, as coisas são constituídas de forma e conteúdo, os quais, no homem, recebe o nome de alma e corpo. A alma, já se vê, é um universo de essências que abarca todas as formas ou essências que lhe estão abaixo, das quais se constitui. E quem tiver dificuldade de compreender como pode a alma comunicar-se com o corpo e vice-versa, que pegue um objeto qualquer na mão e veja se consegue isolar sua forma de seu conteúdo, para tello, separado. Ao executar esta dicotomia, destruirá no mesmo instante o objeto. Mas isto não é premissa que leva a negar a sobrevivência da alma, e sim concluir que a alma, após a morte física, continua possuidora de um corpo de mateira de raio de curvatura diferente da nossa, a que Allan Kardec deu o nome de perispírito.

Fica-nos evidente, agora, que a “coisa esfera-onda” é o espaço-tempo, porque no ponto em que ela se subordina às leis matemáticas da esfera, sujeita-se também, às leis do movimento cuja medida é o tempo.

A ciência nos demonstra que a mateira é constituída de energia; e a experiência diária nos diz que as energias movem os corpos no espaço. Assim, a energia além de constituir a mateira e os corpos, ainda os move no espaço. Partindo disto, e voltando nós a por os olhos na palmeira, verificamos que ela é viva, que possui vida, e nós perguntamos: o que é vida? Pois não nos cabe classificar a vida como idealidade; coisa que possa pegar na mão, também não é; “energia-coisa” é o que é, e classifica-se entre as demais energias-coisas. Deste modo, a vida, embora não o possamos comprovar ainda, possui todas as propriedades da energia, inclusive a de irradiar-se de um centro. E do mesmo modo como as energias constituem e movem a mateira densa, também a energia vital não só constitui os seres vivos, como também os transforma e os movimenta. Ora, os pensamentos e os sentimentos são o ponto alto da energia nervosa vital, sendo a força que move os seres que lhão chegado à fase consciencial.

A teoria do campo unificado de Einstein nos permitiu enxergar as energias e as matérias do universo sob a rubrica de energia-substância, pelo que acabou tendo razão Aristóteles, com a sua intuição de matéria incriada e infinita, conseqüentemente, constante. Ora, a vida e os sentimentos não podem classificar-se senão como formas de energia; logo, estão também sobre o denominador comum da energia-substância. Assim, todo o ser vivo é um transformador de energia de um tipo dinamicamente rico, para um pobre, porém, com ganho evolutivo. O que se perde em dinamismo ganha-se em evolução. A energia vital, depois nervosa e psíquica, perderam em riqueza dinâmica, o quanto ganharam em complexidade e evolução. Se a matéria e a energia do universo fossem constantes, a vida teria saído do nada; mas ela saiu das energias inferiores; logo, estas energias se gastaram ao dar-se na vida, no psiquismo e na consciência. Por conseguinte, as energias e a matéria do universo não são constantes sob estas formas evolutivamente baixas, porque se passaram, em parte, para as formas evolutivamente mais altas da vida e do psiquismo, e nesta passagem, perderam em dinamismo. Baseado nisto, podemos construir uma escala dinâmica que começa pelos raios cósmicos que, são os que tem os mais curtos comprimentos de onda, de altíssima frequência, que se nos afigura como que retificada. Entre esses dois extremos (raios cósmicos e o amor), todas as demais energias cósmicas se escalonam.

Se a evolução representa a transformação das energias ricas nas pobres, com ganho evolutivo, na fase inversa, na invólucro ou queda, as energias caíram de nível evolutivo e ganharam do ponto de vista dinâmico. Assim se compreende que a onda-amor de estrutura complexa, sinfônica, policrômica e polifásica, com a queda, decompôs-se em ondas mais agudas, simples, ricas e penetrantes, até atingir o monocromatismo monofásico dos raios cósmicos. Perdeu-se deste modo, em evolução, mas ganhou-se em dinamismo, e este ganho dinâmico achou-se enrijado na matéria densa do universo. Agora, na fase evolutiva, todo esse dinamismo se empobrece, as ondas de energia cada vez mais se alargam, suas frequências se tornam cada vez mais lentas, até que tudo, de novo, se torne o amor que era antes.

Einstein diz que a matéria é o lugar onde o campo é máximo; então, é próprio dizer, também, que o ser vivo é o lugar em que o campo vital é mais intenso. De acordo com esta intuição, tal como ocorre com a matéria inanimada, deve haver um campo vital envolvendo e penetrando o ser vivo; ou de outro modo, a energia-pensamento-sentimento deve formar um campo em cujo centro está o homem. Que os pensamentos se irradiam, como ondas, provam-nos as experiências parapsicológicas (telepatia), donde ter Serge Voronof, em seu livro "Do cretino ao gênio", defendido a tese de que o pensamento é material; material, entendamos, no sentido de energia-substância. E as ondas-pensamentos carregam emoções, são portadoras de sentimentos, donde o receptor telepático não só pensar em ressonância com o emissor, senão também, sentir o que ele está sentindo (telestesia), sendo possível, deste modo, fazer-se diagnósticos médicos à distancia, como o Dr. Osmard Andrade Faria e outros o fizeram. Eis, pois, a dupla propriedade do pensamento: ele se comporta como energias e ondas, e também como idealidade que já não é energia-substância, por estar fora das coordenadas causa-tempo-espaço-polaridade.

A visão do tronco da palmeira a que nos referimos, levou-nos à idéia de cilindro, de círculo, de elipse. Pois estas idéias em si, independentes de nós, anteriores a qualquer nós, e, com elas, todos os objetos matemáticos, todas as leis e princípios científicos, não tem causa, nem tempo, nem espacialidade, nem polaridade. Contudo, quando estas mesmas idéias são em nós, sob a forma de pensamento discursivo, de premissas e conseqüências, de cadeias de conceitos e de imagens, então, assumem o aspecto de pensamentos-ondas, e, como tal, possuem já substancialidade, e esta já

aparece com as características próprias de individualidade, de causa, de tempo, de espaço e de polaridade. Assim, a idéia em si (idealidade pura), quando se mostra sob o aspecto de idéia em nós (energia mental), quando toma corpo em nosso espírito, apresenta, já, o caráter de ser real, visto que possui forma e conteúdo, ainda no nível do puro psiquismo. E este é o primeiro passo pelo qual uma idéia sai de nós e toma forma no mundo material circundante, revestindo-se da substancialidade dele. Inversamente, é por este caminho que nossa mente apreende os conceitos tirados das imagens que o mundo à mão nos oferta a todo instante. Deste jeito, como se vê, para os próprios pensamentos, quando em nós, há conteúdo e forma, sendo a forma o que ele é em si, como idealidade pura que pode estar gravado no texto duma lei, numa fórmula, ou na memória mecânica ou magnética de um robô. Paralelamente, o conteúdo desses mesmos pensamentos é a substância nervosa vital que lhes enche os vazios formais, que lhes reveste os esqueletos, os esquemáticos das formas, de carne, de vida, de existencialidade. Deste modo, as imagens são, já, em nós, vida e dinamismo, diferente dos conceitos que são puras formas esquemáticas, transparentes e ocas, como que feitas de éter. Ainda em nós, as imagens são figuras vazadas em matéria mental espectral, coloridas, vivas, individuais e movediças, no passo que os conceitos se nos mostram como contornos universais, fixos, incolores, transparentes, vazios de conteúdo, meros limites riscados no éter.

Assim se compreende que o conceito, a essência, a forma, vazios de conteúdo substancial, são meros esquemas, órgãos da razão, como diz Ortega. A realidade é dinâmica, fugidia, e é preciso aprisioná-la em conceitos para que não nos escape. Uma fórmula algébrica é conceito puro, mas só se torna realidade quando as letras genéricas se particularizam nos valores numéricos, e ainda quando a meia generalidade destes se particulariza, se individua na estrutura da ponte ou do edifício. Um homem salga e seca ao sol carnes que armazena por tempo indeterminado no depósito ou na despensa; conseqüentemente, as carnes se enrijam, e ficam paradas em suas transformações. Contudo, para serem usadas, é preciso fazê-las retornar à vida, ao movimento, ao dinamismo transformativo, e para tanto basta adicionar-lhes água, cozê-las ao fogo e ingeri-las. Tal, os conceitos: alimentos racionais ressequidos ou congelados na imobilidade. Por isso é absurdo sustentar, como o fizeram os filósofos do passado, que o ser seja pura idealidade, isto é, alimentos mentais ressequidos ou congelados. A mariposa real e vivente é aquela que corta o espaço em seus vôos noturnos, em busca do néctar das flores, e jamais, nunca, aquele corpo seco espetado na prancheta do entomologista. O trabalho dos filósofos, por isto, se parece muito com os dos mumificadores, visto como uns e outros procuram imobilizar a vida, aqueles, em conceitos fixos, e estes, em corpos ressequidos.

Galileu pensou o movimento, e o congelou em leis e fórmulas rígidas. Mas, como o pensou? Pois ele viu em sua mente (mente concipio) um móvel deslocar-se no espaço, e assim, de olhos fechados, foi concebendo as leis do movimento. Todavia, é absurdo sustentar que o movimento tenha o seu ser nas leis paradas e fixas, porque, neste caso, a realidade do movimento consiste em não mover, como pensavam os eleatas, donde ter Zenão proposto o famoso problema de Aquiles e a tartaruga. Nas leis e princípios, o movimento é ideal; ele só é real em si mesmo, na natureza, quando, de fato, um móvel se movimenta, quando, segundo aquelas leis, fazemos que o movimento se efetive. Fundamentados nas leis do movimento (conceito), reimaginamos o móvel em deslocação no espaço, e fazemos que esta imagem se realize no mundo da matéria, executando aquilo que a mente viu. O movimento do móvel foi congelado nas leis por Galileu, e nós, em nossa vida, descongelamos de novo as leis no movimento real de nossos veículos de terra, mar e ar, e com isto, fazemos uma parte

da nossa vida, vivemos. Diógenes estava certo, quando se pôs a andar na frente de Zenão, para demonstrar, com gestos, a realidade do movimento, contra a imobilidade ideal dele, proposta no citado problema de Aquiles e a tartaruga. Enquanto Zenão se punha no plano da pura idealidade, Diógenes demonstrou com atos, que a vida que é aqui, onde se vive e se move, e não, lá onde vaziamente só se pensa.

O movimento real, observado na natureza, deu a Galileu as imagens mentais do mesmo movimento (imagética). Destas imagens Galileu induziu as leis (conceitos). Numa fase inversa, nós transformamos os conceitos em imagens de novo, e estas, na realidade efetiva do móvel real percorrendo o espaço objetivo. Por este motivo, a razão não é inimiga da vida, mas órgão e instrumento dela. Órgãos e instrumentos, por conseguinte, não são a realidade, o ser, como entendiam os filósofos antigos. Diante deste raciocínio claro, fica sem sentido o que escreveu Unamuno, citado por Julián Marías. Ei-lo: "Porque viver é uma coisa, e conhecer, outra; e como veremos, há entre elas, talvez uma oposição de tal ordem, que possamos dizer que todo o vital é anti-racional, não só irracional, e todo o racional, antivital. E esta é a base do sentimento trágico (pág. 38). "A rigor é a razão inimiga da vida. - Coisa terrível é a inteligência. Tende à morte, como à estabilidade a memória. O vivo, o que é absolutamente inestável, o absolutamente individual, é, a rigor, ininteligível. A lógica tende a reduzir tudo a identidades e a gêneros, a que não tenha cada representação mais que um só e mesmo conteúdo em qualquer lugar, tempo ou relação que nos ocorra. E nada há que seja o mesmo em dois momentos sucessivos do seu ser. Minha idéia de Deus é distinta a cada vez que o concebo. A identidade, que é a morte, é a aspiração do intelecto. A mente busca o morto, pois o vivo se lhe escapa; quer congelar a correnteza fugitiva, quer fixá-la. Para analisar um corpo é necessário debilitá-lo ou destruí-lo. Para compreender algo há que matá-lo, enrijá-lo na mente... Como, pois, vai abrir-se a razão à revelação da vida? É um trágico combate, o fundo da tragédia, o combate da vida com a razão. E a verdade? É vivida ou compreendida? (Ortega y Gasset, Meditações de Quixote, 288-289).

Esta última pergunta de Unamuno será facilmente respondida, ao respondermos a outras: Que é o alimento? é o que está no prato, pronto para ser ingerido ou é a carne seca armazenada, há anos, na despensa? Que são a ponte e o edifício? são eles próprios postos na paisagem, com suas moles enormes de ferro, cimento, areia e pedras? ou são seus desenhos com seus dados numéricos na planta do engenheiro? Que é o movimento? é ele, em si mesmo, executivamente acontecendo? ou é as fórmulas e leis que Galileu pôs no papel? Será preciso responder a estas perguntas, cujas respostas são evidentes por si mesmas? Pois, então, a resposta a Unamuno, não pode ser outra senão esta: a verdade é a vivida, e a compreendida, mero recurso para chegar-se a viver melhor a que já é vivida. A vida surgiu antes da razão humana, e subsistiu até hoje, sem pedir fosse compreendida. A razão humana existe por causa da vida, e não vice-versa. E assim como a vida criou os órgãos dos sentidos já nos seres inferiores, para eles poderem viver melhor, ela mesma, e nada mais que ela, criou no homem o órgão da razão e a mesma razão, para ele compreender e viver sua vida plena de rei dos animais. A girafa especializou-se em ter pescoço longo para alcançar as folhas altas das árvores; o cavalo e a corça desenvolveram pernas para correr; os carnívoros todos especializaram-se em ter garras com que prender, e dentes pontudos, cortantes e fortes com que dilacerar. De igual modo, uma espécie animal, a dos homídeos, especializou-se em ter cérebro extremamente complexo para pensar, para compreender, para potencializar a mesma vida. Afirmar que a razão é o ser, como o fizeram os filósofos, de Parmênides a Hegel, soa como se dissesse que o pescoço comprido é a girafa, que as pernas ágeis são a corça e o cavalo, que as garras e os

dentos são os carnívoros, que a bigorna e o malho são o ferreiro. Se a razão fosse inimiga da vida, como declarou Unamuno, simplesmente a vida não teria permitido fosse criada a razão. A mutação, que age a esmo, criou infinitas formas e peças anatômicas absurdas, isto é, contrárias às finalidades da vida, e por isto, foram todas impiedosamente eliminadas. Não há lei na mutação, porém, a há na seleção que só permite sobreviva o que for coerente com a vida, o que for lógico. E a mesma vida que eliminou sem comiseração todos os absurdos, foi a que fortaleceu a razão através dos tempos; por que? Pois, simplesmente por que o racional é vital, e o vital, racional, e tanto mais vital, tanto mais pleno de vida, quanto mais o que é o sobre-mundo, o mundo criado pela técnica, que também, como o primário, fica à mão.

Porque pode o homem entender a natureza, a vida primária, por isso criou o super-mundo que sobre-está ao primário. É deste jeito que se revela o homem como um criador miniatral, arremedando o Criador que fez o próprio homem capaz de tal. Do seu sobre-mundo técnico, tornado, agora, o seu mundo à mão, o homem reage, como já o fez com o mundo primário, e daquele tem imagens, e daquele tira conceitos novos, desconhecidos in natura; cria, portanto, o que será natural alhures, no universo, mas que na Terra não existe. O raio laser; os elementos químicos artificiais; a desintegração explosiva do átomo; as anti-partículas atômicas que fazem os espíritos demoníacos sonharem com a bomba de anti-matéria, e os filósofos pensarem que deve haver, alhures, no infindo espaço, um anti-universo em que se efetive esta possibilidade criativa de Deus, que até aos próprios homens já foi dado, em parte, realizar; as viagens espaciais, para não citar outros, são exemplos de quanto pode a inteligência, que a vida deu ao homem, para que este a compreendesse, pudesse guiar-se e ser mais pleno, mais feliz.

A maravilha deslumbrante não está tanto na natureza primária, bronca, selvática, e sim, na natureza secundária e artificial que o homem, filho excelente da primeira, criou com sua inteligência e com seu trabalho. Esta natureza secundária, artificial, toma o lugar da primária, para nós que nascemos hoje, pois o primeiro contato que temos com o mundo, é social, e tudo o que aprendemos, desde a infância, nos vem por via social. E refletindo em si esta natureza artificial e secundária, o homem cria conceitos novos, ciências, formas novas de arte, novas técnicas, estruturas novas do próprio social, e, por este caminho, reoperando sempre sobre si e sobre o mundo, chegará, por fim, ao grau de nune, e seu mundo de dores e de fadigas tornar-se-á no topos uranos que era antes, de onde tudo caiu.

Antes, no passado histórico, as civilizações podiam cair na barbárie, porque eram circunscritas a regiões; isto, hoje é impossível, porque a civilização se acha difundida por todo o planeta, e é inadmissível que toda a humanidade seja destruída juntamente com toda a cultura. Nisto reside o nosso fio de otimismo.

Um dia poderá o homem, já despojado da animalidade inferior, viver num novo jardim edênico, em que não haja longas estradas, como hoje, porque o trafego far-se-a pelo espaço, por meio de aviões, de foguetes discóides e de satélites. Nós mesmo temos uma idéia de como serão possíveis velocidades vertiginosas, sem se incandescerem os veículos espaciais (discóide) no atrito com o ar? As grandes florestas-jardins cobrirão a face da Terra. onde animais selecionados geneticamente, não farão agravos ao homem. Poderosas indústrias alimentícias levantar-se-ão para fazer a síntese dos elementos químicos, criando-se os compostos prôteicos, não precisando mais o homem viver a custa da destruição dos seres vivos que lhe estão abaixo. Isto não é apenas um sonho lindo, visto que já se produzem o açúcar e a manteiga do petróleo, assim como, também, a carne artificial, comestível, pelo tratamento dos carboidratos.

O socialismo do meio tei-se-a então. realizado, e, nele, de fato, os proletários serão os donos das fontes de produção, sem o clamoroso erro de Marx que consistiu em por essas fontes nas mãos do Estado, ocasionando, com isto, a máxima centralização do poder econômico, em vez de descentralizá-lo ao máximo, que é para onde tende o capitalismo atual, com a crescente democratização do capital, por meio das sociedades por ações, e da ainda irrealizável. participação dos trabalhadores nos lucros das empresas. Marx descobriu que a mais valia (lucro) ia para os bolsos dos donos das fontes da produção; e em vez de propor que os próprios operários, diretamente, fossem os donos da maquinaria (capital), pensou que, se a posse das fontes de produção se passasse para o Estado, com isto estaria tudo nas mãos dos próprios proletários, o que foi erro grave. Na Rússia, nunca os proletários, só em teoria "donos de tudo", foram consultados sobre se devia ou não fazer viagens à Lua..., do mesmo modo como, no Egito antigo, os faraós não foram consultar o povo sobre se era bom ou mau erigir pirâmides. Ir à Lua foi a meta atual na competição de russos e norte-americanos, que têm a necessidade de demonstrar ao mundo seus respectivos poderes técnicos, exatamente como os faraós se desculpavam dizendo que as pirâmides eram necessárias para impor medo e respeito aos adversários, ao mesmo tempo que eram uma mensagem destinada a alcançar o futuro longínquo... E a mensagem chegou até nós, e é esta: as pirâmide comeram as carnes dos escravos, e o Egito desapareceu”...

O Egito, e não a Grécia e Roma, podia ter sido o eixo da civilização ocidental, se Quéops tivesse mandado fazer uma placa de bronze, para cobrir sua campa, com o seguinte epitáfio:

*As cinzas jazem aqui
Do Faraó que, humano mais de todos,
Gastou sua fortuna e a verba da pirâmide
Na saúde, na educação e na instrução do povo.*

A parapsicologia terá levado o homem a tal grau de sensibilidade, que, sobre seus sentidos naturais, surgirão, em duplicata, sentidos novos, espirituais, pelo que a morte de um ente querido não o separará dos encarnados, e antes, até aquele poderá materializar-se, para que a convivência não seja interrompida. A fotografia e a cinefotografia com filmes infra-vermelhos e as gravações magnéticas das vozes do além, porão um ponto final à dúvida de sobre se a vida continua após a morte física. Instrumentos novos, musicais, que a técnica irá criar, tornarão possível aos gênios de todos os tempos trazerem suas novas sinfonias, e ao tempo em que executadas, aparecerão, como efeitos pictóricos, em telas coloridas e luminosas. As filosofias serão a filosofia, síntese suprema, completa e coerente de todas as verdades parciais que cada filósofo viu, ficando irmanados na unidade, Parmênides e Platão, Heráclito e Darwin, com as respectivas escolas dos três primeiros, desenvolvidos no tempo e no espaço. Os malvados, os destinos atroztes, estarão, para todo o sempre, afastados do nosso planeta, para outros, inferiores e poderemos nós viver felizes, em demanda do topos uranos perdido no prístino passado. Esta, a nossa fé; esta, a nossa esperança. E para podermos gozar tão grande dita, cumpre-nos desenvolver o amor, fonte inefável, perene, infinita de que tudo mana, e sem o qual nada subsiste.

A GRANDE SÍNTESE FILOSÓFICA

A vida não somente é organização, como ainda se mostra organizadora desde o início. Os reflexos condicionados que se podem formar em seres muito rudimentares, mostram como a vida organiza, já nos primeiros estágios. O livro de Wells e Huxley, "Como vivem e Sentem os Animais", da coleção "Ciências da Vida", é rico de fatos desta espécie, e relata as experiências feitas até com vermes da terra. Se, após um ruído dado, recebermos um forte jacto de luz nos olhos, as pupilas se contraem, por efeito da luz. Depois de muitas repetições, somente o som, sem luz, fará as pupilas se fecharem. Quer dizer que o som ficou associado à luz, como causador dela. Sendo o ruído a causa, e a luz, o efeito, as pupilas respondem ao ruído, com a mesma prontidão que ao estímulo da luz. Bertrand Russel chama a estas associações de "inferências fisiológicas". Quer dizer que a vida sabe tirar conclusões abaixo do nível do pensamento. Todavia, mesmo no nível da consciência, estas associações irracionais persistem nos chamados quiproquós, que significam tomar uma coisa por outra, ou a nuvem por Juno. Antes da morte de César, surgiu um cometa nos céus; por isto, a morte de César deveu-se às influências nefastas dum cometa. Os bons e os maus agouros, as superstições todas, são quiproquós, e é sabido que eles governaram a vida dos homens até o advento das ciências e ainda hoje há milhões que crêem nas influencias planetárias e na astrologia. Dois acontecimentos sucessivos no tempo, são associados, e o segundo passa a ser consequência do primeiro; depois disto, logo, por causa disto. Aquela inferência fisiológica de Russil, é o mesmo quiproquó que age no nível humano, contra o qual o homem deve estar avisado.

Por não ter tido este cuidado, Mesmer supôs que as curas que fazia pela imposição de suas mãos, era a consequência dos fluidos das estrelas, pelo que ele se fazia passar por condutor cósmico. Errou Paracelso quando substituiu tais fluídos cósmicos pelo magnetismo dum imã, e entusiasmado com as curas maravilhosas que obtinha, proclamou o imã "o monarca dos mistérios". Vem Charcot, e erra também, quando substituiu o imã de Paracelso por um eletroimã com o qual fazia convulsionar as suas histéricas. "O grande hipnotismo", como chamava Charcot, deu em nada, quando um seu discípulo, sem que Charcot o soubesse, esvaziou-lhe o ácido das pilhas, e, ao comando de Charcot, as histéricas se convulsionaram, sem que houvesse magnetismo no eletroimã, por não haver corrente elétrica na bobina dele. Foi então, que o abade Faria deu com a verdade, e é a de que o hipnotismo tem base na pura sugestão. Estes quiproquós, famosos na história do hipnotismo, têm vigência ainda hoje, quando um sujeito se vê curado de suas macacoas pela pura sugestão, mas atribui a cura a passes magnéticos, a mezinhas, a panacéias sem valor nenhum medicinal.

Quando um rato faz tentativas loucas, desassisadas, para sair duma ratoeira, está procurando resolver um problema pelo método racional mais antigo que há, chamado ensaio-e-erro. O que se verifica, no rato, é uma grande falta de memória, pois fica ele a repetir as experiências já feitas, e que mostraram não resolver o problema. E quando um gênio como Edison fica a experimentar materiais para filamento de suas lâmpadas elétricas, que faz, senão empregar o método dos ensaios-e-erros? A diferença é que Edison tem memória dos fracassos, e se estes são muitos, ele começa por catalogá-los em papel, para não os repetir. Que são as antigas injeções contra sífilis, que se nomeavam seiscentos e seis? e, depois, novecentos e catorze? Pois esses números são os das últimas experiências feitas por tentativas, em que se verificou sucesso. Como nasceu a química, senão pelo trabalho puramente empírico dos alquimistas meio bruxos, que misturavam poções e mais poções preparadas com os mais exóticos ingredientes (pó de dragão, pó de múmia, fezes, urina, etc.). com o

fim de descobrir a pedra filosofal, ou elixir da longa vida? De que partiu Faraday para descobrir a transformação do magnetismo em eletricidade, visto que transformar a eletricidade em magnetismo era, já, coisa conhecida? Mas, conhecida, como? Pois Galvani, vendo pernearem os cadáveres de umas rãs dependuradas numa grade metálica, concluiu pela teoria do magnetismo animal semelhante ao de Mesmer. Assim, o magnetismo animal deu causa à polémica entre Galvani e Volta, e este, com sua pilha de discos metálicos, de metais diferentes, fez circular a primeira corrente elétrica, dinâmica, pois, até então, só se conhecia a Eletricidade estática, produzida pelo atrito de um tecido de lã com o âmbar. Da pilha de Volta saiu o eletroímã de que partiu Faraday para as suas tentativas que resultaram na descoberta da corrente alternada, sobre que repousa todo o nosso mundo técnico-científico moderno. Uma lenda qualquer, um sonho vão, foi, não raras vezes, o ponto de partida para o ensaio-e-erro, e sonhando quimeras, e tentando às loucas, às tontas, o homem veio, aos poucos, saindo das trevas da ignorância, para as luzes da ciência e da razão. Num nível mais alto, como estamos demonstrando, o homem repetiu o que faz um animal qualquer, preso numa gaiola ou numa jaula. Não se vá, portanto, pensar que o homem se acha livre de ter de empregar o precário, mas fundamental, método dos ensaios-e-erros! Este é o método usual da história, e por isto ela se nos apresenta cheia de erros. Toda vez que o homem se depara com um problema inteiramente novo, não tem por onde não empregar o método dos ensaios-e-erros, próprio do animal inferior.

Contudo, um chimpanzé já apresenta um vislumbre de raciocínio. quando, após algumas tentativas frustradas, para alcançar umas bananas fora de sua jaula, pára, e reflete. E tendo dado com a solução, pega numa vara, e puxa, com ela, as bananas, para junto de si. E aconteceu que um chimpanzé de Coehler chegou a enfiar a ponta numa vara na extremidade oca de outra, e assim, "fabricou" uma vara suficientemente longa com que pode alcançar as bananas. O macaco refletiu primeiro, e agiu depois, mas este seu refletir é todo sensorial, visto que só se deu a vista da conjuntura jaula-banana-vara. Seu pensamento é todo sensorio-muscular. ainda sem reflexão subjetiva.

Ora bem: um homem quando reflete sobre dado problema da vida, vê, imaginativamente, os instrumentos que deve empregar, e vai fazendo um ensaio-e-erro subjetivo. Vai selecionando o que julga certo, e só vai experimentar, objetivamente, depois, quando tem por certa a solução. Se fracassa ainda, considera o fracasso obtido, e, a partir dele, toca a reimaginar tudo de novo. Quer dizer que a reflexão é um ensaio-e-erro-e-seleção subjetivo. Tudo isto se pode observar largamente numa criança humana.

O homem adulto possui enorme soma de conhecimentos que associa em suas reflexões, com o fim de resolver os seus problemas que, por isto, podem ser complexos. A reflexão vai-se tornando cada vez mais rápida, os raciocínios, cada vez mais velozes, até que o homem vê, claro, a solução dum problema, com a velocidade dum raio. A este raciocínio velocíssimo, que salta dos elementos do problema ao seu resultado, dá-se o nome de intuição. Por isso é que as intuições só se dão nas zonas de conhecimentos com os quais se acha o homem familiarizado. Se o setor que o homem ataca lhe é desconhecido, ele usa a reflexão; e se o problema a que se propõe, Lhe é inteiramente novo, terá que empregar o ensaio-e-erro-e-seleção.

Pelo visto, a intuição não é uma forma velocíssima de raciocinar, que só aparece quando se tenha superado toda a fase racional. Todas as fases coexistem, juntas, somente que o animal emprega mais o ensaio-e-erro, o homem comum, a razão, e o gênio, a intuição. O animal inferior se compara a uma folha virgem de papel, em que se haja feito uma dobra. Neste lugar o papel fica vincado. e quer dobrar- se sempre ali. No animal, esta linha de dobradura é o instinto, que, como já vimos nestes estudos, teve

sua gênese no ensaio-e-erro-e-seleção. Com o evoluir da fase instintiva para a racional, a folha-exemplo vai-se dobrando em vários lugares, amassando-se, sovando-se, até que ela pode dobrar-se de qualquer modo, e não mais, seguindo uma linha pré-determinada, como é o caso do instinto. Assim, se o instinto é linear, a razão, porque domina toda a superfície da folha-exemplo, é planimétrica. No planimétrico da razão, o homem pode escolher infinitas linhas para seguir, na solução do seu problema, mas nem sempre toma pelo caminho certo. Então ele reflete, isto é, imagina-se percorrendo uma linha, depois outra, depois outra, e só vai à prática objetiva, quando cuida ter achado a solução. No entanto, quando as experiências adquiridas se acumulam muito numa dada matéria, o homem já não reflete morosa e cansativamente, e antes, pelo contrário, salta, de pronto, à solução. O raciocínio não é mais um experimentar subjetivo, porem, se torna num saber unitário e global. O homem, neste caso, terá levantado uma linha perpendicular sobre a superfície da folha-exemplo, e, de cima, vê a superfície toda, inteira, e, nela, o caminho da solução do seu problema. Deste modo, nas zonas sovadíssimas dos nossos conhecimentos, não precisamos raciocinar, refletir, porque sabemos, de antemão. A este saber de pulo, de chofre, imediato, instantâneo, dá-se o nome de intuição.

Pelo que estamos vendo, a intuição não é coisa incompreensível, nem estupenda como se supõe, a primeira vista, uma vez que representa as operações mentais nas zonas do conhecido, ou seja, nas zonas espessas, avolumadas de experiências, ou ainda, nas zonas em que o conhecimento engrossado, tendo já para o volume; e não há homem que não tenha desenvolvido, pelo menos, uma destas. A intuição, deste modo, se mostra só na zona em que o conhecimento se há tornado volume, isto é, onde se tem engrossado e ganho uma terceira dimensão. A reflexão se reserva para a zona do desconhecido, porém, ao qual se pode chegar com os recursos próprios do raciocínio. O ensaio-e-erro se restringe à zona do absolutamente novo, do virgem, do inexplorado, o qual somente podemos dominar por tentativas. Edison teve de por de lado suas intuições geniais, e aplicar-se a resolver o seu problema dos filamentos das lâmpadas elétricas por ensaio-e-erro, no passo que o mais ignorante dos homens possui alguma zona de experiências tão válida, sovada, surrada, engrossada, avolumada que, nela, pode ter intuições. Assim a intuição é sabedoria; a razão é experimentação subjetiva; e o ensaio-e-erro é empirismo puro, desassistido de qualquer diretriz racional.

Como estamos vendo, se o instinto é linear e a razão, planimétrica, a intuição é volumétrica. O que se verificou, por conseguinte, foi uma potenciação da vida que, se no instinto é linear, na razão foi elevada à segunda potência (plano); por este caminho a intuição é a terceira dimensão ou volume, e a consciência do intuitivo se torna numa hiper-consciência. Ora, se o instinto linear é a fase do bruto, e a consciência planimétrica é própria do homem comum. conclui-se que a consciência volumétrica, a super consciência, é a fase dos super-homens ou seres angelicais, que habitam o lugar celeste de Platão, o topos uranos. Os gênios, quanto à inteligência, são intermediários, somente, entre os celículas e os homens medíocres, e já neles se manifesta urna fabulosa capacidade de saber sem raciocinar pelos métodos comuns. Os gênios terrículas ainda não são senhores da inteira consciência volumétrica, e apenas, tem levantado perpendiculares sobre o planimétrico da razão.

Agora repisemos tudo isto, com outras palavras e outras figuras, a fim de que se aclare bem o quadro, e a perspectiva se desanuvie.

A vida é problematidade, e, por isto todos os seres; tem que resolver problemas para sobreviver. Mas existem problemas básicos, constantes, permanentes, frente aos quais os seres sempre se viram postos. Então, a solução deles se fez por ensaio-e-

erro-seleção, e, a seguir, o certo foi repetido e fixado em hábitos primeiro, e em instintos depois. Não há outro jeito de explicar por que as codornizes querem atravessar o estreito de Suez e o de Aqabah, para caírem, no deserto da península do Sinai, quase mortas de cansaço, podendo-se pegá-las com as mãos, como o fizeram os Israelitas sob a chefia de Moisés. Outrora, as codornizes faziam o percurso sem fadigas, porque os continentes ainda não se tinham afastado. Depois, com o afastamento deles, os estreitos se alargaram, e agora aquele instinto migratório, antes sábio, se mostra hoje fatal para as codornizes, porque as fazem morrer às mãos dos homens. De maneira que o instinto é hábito inato, nasceu e desenvolveu-se pela repetição nas várias existências do ser. Instinto é todo o hábito que, de tão repetido, enraizou-se no espírito, acompanhando-o em todas as existências. O instinto é cego, quer dizer, não raciocina; porém, os hábitos, todos eles, também o são. Uma bailarina só o será, de fato, quando não mais pensa nos passos que há de dar. Assim será o motorista; assim o datilógrafo. E do mesmo modo como o homem pensa para formar os hábitos, também os animais “pensam” para formar os instintos; eles pensaram pelo embrionário método pré-racional dos ensaios-e-erros-e-seleção.

O homem, hoje nasce num lar, rodeado de seres humanos que lhe vão transmitindo todos os conhecimentos por esta via social. Então, ele se vê armado de todos os recursos para pensar, e até esta arte, a de pensar, lhe é ensinada, todavia, o primeiro primitivo teve que quebrar a cabeça, experimentar pelo ensaio-e-erro, para senhorear-se das primeiras luzes da razão, que o ajudariam a prosseguir, daí por diante. Suas conquistas, porém, já foram aproveitadas pelos seus pósteros, e já, com isto, começou o aprendizado por via social. O ensaio-e-erro sempre foi utilizado nas zonas do desconhecido, e aproveitados os acertos que eram incorporados à cultura do grupo. Foi assim que o homem cresceu em saber até o ponto em que se acha em nossos dias. No entanto, o animal não dispõe da via social, a não ser a muito rudimentar com que, pela imitação, certos animais ensinam os seus filhotes. Não dispondo os animais da via do social, só lhes resta os instintos que são precários, porém, fundamentais conquistas de ser, que se passam de umas existências a outras.

No caso do nosso hipotético primeiro primitivo, os ensaios-e-erros lhe proporcionaram as primeiras luzes, com as quais ele passou a contar para resolver problemas novos. Acertando com as novas soluções, mais estas experiências se incorporaram ao seu patrimônio intelectual. De conquista em conquista, ele foi saindo das trevas da ignorância para as luzes da razão. Tentando de mil modos, o primitivo descobriu a solução do seu problema, e todas as vezes que um problema semelhante lhe surgiu, o meio que o levou à solução dos anteriores, foi aplicado. Assim se foram sucedendo as experiências, e o nosso primitivo, enriquecendo-se com os resultados. Agir por tentativas, por conseguinte, é pensar rudimentarmente. Ora bem: quem raciocina, está experimentando subjetivamente, está medindo, comparando, conferindo o que desconhece, com as experiências felizes que traz guardadas na memória. Esta experimentação é interior, e, por isto, dizemos abstrata. O homem gasta tempo neste processo, puramente abstrato que, no animal seria concreto, uma vez que feito de movimentos corporais, e a vista de toda a conjuntura do problema. As vezes tem o homem de construir seus pensamentos por meio de esquemas, de gestos, de números, auxiliando, assim, o pensamento a formar-se. Raciocinar, conseqüentemente é empregar o método dos ensaios-e-erros abstratamente na consciência. Quanto mais atrasado for o homem, ou então, quanto mais desconhecido o assunto que ele estuda, mais dificuldade terá em pensar, e mais necessidade de concretizar, de objetivar seu pensamento. Este raciocínio tardinho, difícil, privado de referências materiais, que se verifica no homem intelectualmente inferior, vai-se tornando acelerado, rápido, no

homem desenvolvido de inteligência. O raciocínio vai-se tornando cada vez mais abstrato e veloz. Como todo ato, pela repetição, tende a estabilizar-se em automatismo, e sendo o raciocínio um ato da consciência, pela repetição, tende a fixar-se em hábito. O hábito de raciocinar se torna maquinal, automático no homem, e seu julgamento, seu juízo se torna mecânico. O homem, então, raciocina sem se aperceber de que o faz, por não lhe exigir esforço algum; a visão das coisas e do mundo se lhe torna cada vez mais clara, mais espontânea, mais rápida. É assim que a consciência planimétrica se há multiplicado pela linha do hábito, e com isto surge a consciência tridimensional ou volumétrica que em vez de usar o raciocínio, emprega a intuição. Quando, deste modo, o pensamento, pela sua abstratização, perde o contato com as formas concretas ou com as imagens que as representam, a velocidade do processo se torna como que infinita. O raciocínio que se faz por cadeias de idéias afins, torna-se, então, subitâneo, coriscóide.

A intuição, portanto, não tem suposição ou palpite, como muitos pensam, e é o caso de quando alguém se põe a ter intuições nas zonas que lhe são desconhecidas. As intuições de quem não possui sobra de conhecimentos de dada matéria, é puro palpite. Por causa disto a intuição é específica, donde vem que um gênio matemático não é gênio científico, nem filosófico, e vice-versa. Há também o caso de se querer vaticinar sobre acontecimentos futuros como os vitais, econômicos, históricos e sociais, fora de suas conjunturas imediatas; por causa de nestes fenômenos atuar a componente liberdade, por isto mesmo eles são imprevisíveis, e as intuições, nestes campos, se reduzem a puros palpites outra vez. Fora estes casos, a intuição é visão clara, abstrata, instantânea, exata, ainda antes das provas que, depois, se hão de procurar. Assim, o intuitivo se nos mostra perspicaz, agudo, penetrante, profundo, subitâneo e apresenta-se em saber sem ter, aparentemente aprendido, e, por isto, sabe o que ainda não é ensinado nas escolas, nem nos livros. A intuição, deste modo, é estado agudo de consciência, é inteligência potencializada, que não se vê no bronco, no tacanho, e sim. só no gênio, ou nos homens que dele se aproximam. Por causa desta fabulosa capacidade de visão, o intuitivo genial vai às generalizações, às sínteses cada vez maiores, chegando a ter certeza absoluta do que nem pode explicar, por carência de termos e de caminhos próprios. Sente-se ele num mundo de outra dimensão além do da consciência planimétrica, e aos somente racionais, não pode fazer-se entender; as suas razões não as alcança a mediocridade, e ele fica condenado a viver só no meio da multidão, isolado, nos seus vastíssimos domínios de pensamento.

A razão é reptante, visto que rastejam na planície em que as árvores e os montes encobrem as perspectivas. Do rojar de reptéis vem o correr dos quadrúpedes, e, finalmente o deslocar-se aos saltos, da corça; e aqui acaba o ciclo das pernas, para começar o das asas. O reptil cria asas, por evolução, conquanto o voar curto das pesadas aves terrestres; todavia, cresce a envergadura das asas, o corpo se afila e emagrece, o externo se estende para a frente, e sobre ele cresce a musculatura do vôo. O animal inferior reptante no pensamento muscular do ensaio-e-erro; corre. o sub-homem, na superfície, com a razão pre-lógica (quiproquós) de um misticismo inferior: salta, como cervo, o homem lógico; voa curto e rasteiro, o homem inteligente, com suas fortuitas e insipientes intuições; desfere, enfim, o vôo altaneiro, o gênio.

O gênio começa no plano racional suas experiências; é como o impulso inicial que a ave dá no chão, com os pés, para desferir o vôo. Mas, enquanto voa, lhe-é desnecessário o chão, e sua firmeza está na velocidade que torna o ar rígido, firme, sólido. Igualmente, o vôo intuitivo é tanto mais seguro, quanto mais for veloz. E como a velocidade, neste caso, guarda relação com a potência das asas, quanto mais forem

estas grandes e fortes, tanto mais se pode subir no rumo das rarefações estratosféricas, voando, seguro, por sobre os abismo vertiginosos. E quando ainda a sombra está nos vales, onde os homens dormem; quando embaixo, as sombras são ainda espessas, as águias já se banham na luz das alvoradas. Deste modo. os gênios, assim como as águias, há de ver primeiro o Sol; elas, o Sol dos dias, e eles, o das idades. São quais auroras de luz as madrugadas das idéias; e como a luz clareia, primeiro as nuvens, ilumina, primeiro as águias.

Mas vejamos isto mesmo anda, de outra perspectiva, a fim de estarmos preparados para a compreensão da grande síntese filosófica.

Suponhamos, diz Ortega, que alguém nos apresenta uma maçã, como apresentou Eva o pomo a Adão. Nós enxergamos somente meia maçã, isto é, a parte dela voltada para nós. Ainda que nosso apresentador rode a maçã na mão, continuamos sempre a enxergar somente a face dela voltada para nós. Nunca pensarmos, porem, que se trate só de meia maçã, porque à vemos inteira. Ora. se somente enxergamos meia maçã, como é que a supomos inteira! Porque enxergamos, com os olhos do rosto, a parte apresentada, e, com os olhos da imaginação, a parte oculta aos nossos olhos físicos. Por conseguinte, a maçã se nos mostra como duas partes: a presente que vemos, e a compresente, que imaginamos. Assim a imaginação e a vista trabalham juntas para nos dar a unidade da maçã. Depois que tivemos a impressão da parte apresentada, podemos fechar os olhos, e continuamos a enxergar a maçã completa na retina imaginativa. Isto quer dizer que tudo agora se nos torna compresente. Logo, imaginação é igual a compresença.

Nós estamos nesta sala, diz Ortega, e pode ser que de portas fechadas. Nossa atitude é tranquila, segura, sem sobressaltos, porque a sala que nos é presente, esta ligada à casa e tudo assentado sobre a terra, rodeado pela cidade, e esta, circundada pelo resto do mundo. Suponhamos, todavia. que, ao abrir a porta, damos para o vazio, em virtude de a casa ter sido içada nas alturas por alguma poderosa maquina voadora. Como é que iremos ficar sossegados, dai por diante, ocupados em nossos quefazeres! Mas se a casa está no chão, a sala nos é presente, e o resto, o além-sala, os arredores, a cidade, a região geográfica, etc, são compresentes, numa como que imaginação estática, parada, passiva. que não transcorre como correntes de imagens.

Estas experiências que todos podemos ter ou imaginar, levam-nos a concluir que não só enxergamos a face presente das coisas, senão, também, as compresentes. De igual modo vemos, não só os foras dos objetos, mas ainda, os dentro deles. Uma laranja é vista não só na sua parte presente, como na compresente, e ainda, por dentro; e ficaríamos muito surpreendidos com a impressão de logrados, se, ao descascá-la, déssemos com um dentro que não é de laranja. Um químico pega um pedaço de ferro na mão, e pela impressão do peso, sabe se aquela forma é oca ou maciça, enxerga a compresença cristalina das moléculas, a estrutura atômica, as velocidades que se condensaram na rigidez e na massa. Quanto mais experiências se tem das coisas, tanto mais completa será a visão delas, visão dada num lanço de olhos. A esta visão subitânea e total de todo o compresente, dá-se o nome de intuição que significa visão. Intuição portanto é visão do compresente: e visão do compresente é imaginação estática, parada, que mostra o todo num quadro e não, como ocorre com a imaginação dinâmica que se manifesta como corrente de imagens. Mas acima do nível das imagens, pode-se ter intuições intelectuais da mais alta abstração, e são as que se verificam no mundo dos conceitos entrelaçados para formar um todo. E não é preciso ser nenhum gigante do intelecto para ter Intuições de um e de outro tipo, visto que ambos são comuns a todos.

Conseqüentemente, a intuição não é alguma coisa extraordinária, formidável de que se deva fazer grande alarde, grande estardalhaço, visto como não passa de coisa corriqueira. comum a todo mundo, e esta é a razão por que o povo já criou e consagrou pelo uso a expressão que a representa muito bem, quando diz: esta na cara! Estar na cara significa ser evidente, claro. Intuitivo, axiomático Outra expressão popular, com força da primeira, é a que diz: já vi tudo, dito a alguém, quando apenas começa por explicar alguma coisa. Se ainda não foi explicado nada, como já viu tudo? Pois viu mesmo, num raio de intuição que, com seu lampejar, clareou inteiro o assunto.

Esta na cara, portanto, que no assunto ou matéria onde se acumularam as experiências de um indivíduo, é aí que ele terá suas intuições. Está na cara que um indivíduo só terá suas Intuições, na zona de conhecimentos avolumados, isto é, na zona de conhecimentos tornados volume, ou ainda. no lugar em que a consciência, em se tornando volumétrica, ganhou a terceira dimensão. A recíproca, também. está na cara: no ponto em que não há experiências acumuladas, não pode haver Intuições, e se, apesar disto, elas ocorrerem, não passarão de meros palpites. Conforme for a inteligência e a cultura intelectual de um homem em determinada especialidade, nesta ele terá suas intuições, e por isto, quando um gênio diz que já viu tudo, ou que certa evidência lhe está na cara, não significa que todos tenham visto tudo, ou que esteja na cara de todo mundo. Se fosse assim. ele não precisaria afanar-se em demonstrar o que, às vezes lhe é evidente e claro como a luz.

Darwin achava que o berço da humanidade está na África, e aí deviam ser procurados os restos humanos primogênitos. Não lhe deram ouvidos, e na África, finalmente, foram encontrados os restos mais antigos até hoje. Esta intuição de Darwin não devia ser menosprezada. porque ele era um cientista profundamente experiente. Quando Einstein trabalhava na sua teoria do campo unificado, foi interrogado pelos repórteres a respeito desses estudos, e, então, ele respondeu: "Sobre este ponto, venham ver-me daqui a mais vinte anos." "Um dos repórteres estranhou a resposta, e perguntou ao pai intelectual da bomba atômica se ele não tinha certeza sobre essa identidade das energias cósmicas, ao que Einstein replicou: "Certeza tenho, sim, mas não posso provar". Esta certeza, antes das provas, é a intuição, ponto de partida para a busca das provas. Sirva isto aos empiristas que crêem nas provas antes de nas idéias. Quem procura provar alguma coisa, tem, de antemão, alguma coisa que provar: o que dá força e animo na procura das provas são a certeza antecipada daquilo que se propõe provar; quem não se propõe nada, nada tem que provar. Supor é sub-por e significa colocar por baixo, como fundamento ou alicerce das provas que somente, e não pode ser de outro jeito, virão depois. É deste modo que Einstein tinha certeza sem ter prova. donde vem que as provas decorrem da certeza, e não, a certeza, das provas. De igual modo, Darwin "sabia", antes das provas, que os fósseis do primeiro homem tinham de ser procurados no berço da humanidade, na África, como de fato, se verificou. Estes dois fatos tirados dentre muitos, mostram como as ciências caminham: primeiro a hipótese; depois, sua demonstração. E esta hipótese não pode ser senão intuitiva. Os postulados todos, bases das geometrias, são intuições indemonstráveis, e que, no entanto, não deixam de ser cridos... de fé, e se não os cremos... de fé..., não teremos ciência.

Intuição, por conseguinte, é esta visão do presente que mostra o universo em cada coisa, e que a tudo unifica. e a tudo dá sentido. Se não fosse deste modo, quando nos ocupamos de dado assunto, estaríamos sempre sem saber nada, porque, ao avançar, perderíamos as visões anteriores, e o assunto careceria de unidade. E é, exatamente o que acontece, quando dada matéria nos é totalmente desconhecida. Até que nos familiarizemos com ela, precisamos ir procedendo por partes, e se nos

esquecemos da precedente, quer dizer, se perdemos a visão dela, temos de reve-la, de reestuda-la, sem o que não podemos progredir. Ao cabo, temos uma visão geral e unitária do todo, se bem que ainda sem pormenores. Tornamos a repassar tudo e por este modo, acabamos por nos senhorear da matéria, isto é, aprendemos. Agora, qualquer setor em que fixamos a atenção, suscita em nós, a Intuição do todo que ele faz parte, ou seja, o todo com o qual a Intuição faz sentido ou é coerente. Um competente mecânico de automóvel enxerga em cada peça o veículo inteiro: vê não somente a peça presente, como, compresente. É desta maneira que num nível mais profundo, cadeias inteiras de raciocínio se nos mostram na premissa, porque todas as conseqüências estão implicitadas nela. Mas, do mesmo modo como no caso da sala, as partes presentes dela não são objeto da imaginação ativa, também a compresença do todo em cada parte, não nos obriga a um contínuo e exaustível esforço de elaboração mental. Do modo espontâneo, natural, e até sem o querer, intuimos tudo, como quem se deleita em contemplar uma paisagem.

Consequentemente, a intuição, além de ser uma visão geral do todo, visto de qualquer parte, ou a partir de qualquer coisa, como não exige esforço de quem intui, é passiva. Assim, quando fixamos a atenção em dado assunto, as intuições vão coriscando na mente, e enxergamos como em noite escura e tempestuosa, os quadros sucessivos, a cada clarão de relâmpago. A hiperconsciência total seria a daquele em que o relâmpago se amiudaram tanto, que suas luzes se uniram num clarão contínuo. Tal as consciências dos anjos: consciência, pleniiluminiadas. Assim, a hiperconsciência corresponde à sabedoria plena, absoluta, de quem domina toda a terceira dimensão do volume, numa esfera integral do conhecimento. Eis, como, procedendo, dialéticamente, por conexão de idéias, pudemos conceber o que nos está acima, e para onde caminhamos. Mesmo presos aos limites do precário racional, pudemos intuir como será nosso futuro remoto; a consciência de um querubim. Se não tivéssemos já, em nós, em germe, aquilo que é um anjo, não poderíamos ter chegado até aqui, do mesmo modo como, é impossível fazer a um cego de nascença entender o que vem a ser luz. Seguindo por este caminho, passaremos a outras idéias, e de em passo, chegaremos à compreensão da idéia-mor que é a grande síntese das filosofias. Uma revolução dar-se-a, então, em nossa mente, e não estaremos mais em confusão.

Vimos já, em um dos capítulos anteriores, que tudo o que existe tem o seu contrário, em razão do que nosso pensamento se desenvolve pelo Princípio de contradição. Só podermos saber o que seja o bem, a justiça, o belo, etc, pela oposição e contraste com o mal, com a injustiça, com o feio. Por isto, toda idéia nunca vem só, senão acompanhada de sua contraditória; toda a idéia de coisa possui, logo, uma com-ideia, e todo o saber, um com-saber. Consequentemente, nunca sabemos uma coisa só, e todo conhecimento vem acompanhado de outros com os quais não tivemos contato direto ainda. O sabido suscita o consabido, e por este processo nossa intuição explode, em esfera, para o ignorado, e nossa mente cresce. Toda a idéia de coisa suscita sua contrária, e em vez de uma, passamos a ter duas idéias; estas se unem, pelo princípio dialético da harmonia de contrários, formando, deste modo, um todo que, por sua vez, suscita o outro lado, e assim por diante.

Como se vê, o saber se potencializa, quer dizer, eleva-se de potência, e esta potenciação nos dá a visão do universo como um todo, coerente nas suas partes, e instantâneo na sua visão total. A consciência do sábio se acha, assim, dominada pelo que chamamos mentalidade que é um estado de espírito; e assim com um sino guarda, em si, suas ondas sonoras em potencial, também o sábio está sempre pronto para se por a vibrar em pensamento, isto é, a pensar. A sabedoria é isto: um universo de conceitos colhidos dum universo de imagens suscitaria, no sábio, pelas experiências,

pelas vivências do universo objetivo. E do mesmo modo como podemos enxergar o universo refletido em cada coisa, basta uma premissa para tirarmos dela todas as suas conseqüências, no mesmo passo que a encaixamos no sistema maior em que ela, é coerente ou do qual ela faz parte. Portanto, nunca, ninguém consegue dizer-nos uma coisa só, porque ao dizê-la, disse implicitamente tudo o mais. Naturalmente nos referimos ao homem lógico que sempre diz, e não, de certo, à maioria dos ilógicos que afirmam aqui, e se contradizem ali.

Um paleontologista tem na mão uma coroa de dente de um animal fóssil. Pois sua visão compresente (intuição) enxerga, num piscar de olhos, o dente completo, a forma dele, o maxilar em que esteve encaixado os demais dentes, a arcada dentária, o maxilar oposto, o tipo de alimentação que tais dentes mastigavam, a forma da boca, a da cabeça, o resto do corpo do animal, a sua classificação no quadro paleontológico, e até seus pelos e as cores destes, pelo restabelecimento do ambiente em que o animal vivia. Assim foi reconstruído o mamute; e quando um espécime dele foi achado sob os gêlos da Sibéria, o mamute presente coincidiu com o mamute compresentado na intuição do paleontólogo.

Deste modo, a cada passo, a todo instante, temos esta visão geral das coisas e a do mundo compresentes, e por isto, estáticos, como num estado de consciência, e é o que se chama mentalidade. Assim, a mentalidade é o jeito com que se vê o mundo, e se confunde com a filosofia que se define como a visão geral do mundo. Uma filosofia vê o mundo duma perspectiva, outra, de outra, e só terá a visão mais completa aquela que se colocar em todos os pontos de vista, olhando o mundo de todos os mirantes. Cada filósofo reviu as filosofias anteriores, e fez a sua, aproveitando o que julgou certo, e eliminou o que teve por falho ou errado. Como todos os filósofos criticaram as idéias anteriores, apontando os erros, segue-se que a filosofia é, por sua natureza, crítica. Visto deste modo, a filosofia e o repositório dos erros (Ortega): contudo, como ela resume e aproveita o certo, é também, o tesouro dos acertos; (Ortega). A filosofia busca o nexos que une as coisas entre si, e as partes oponentes e complementares que formam cada coisa. Como o princípio de conexão dos elementos, seres e coisas foi chamado eros (amor) pelo grande Platão, e pelo mestre Hesíodo, por isso a filosofia é a ciência geral do amor" (Ortega).

Que é, então, a filosofia? Pois a filosofia é a mentalidade; é a visão geral do mundo; é perspectiva e hierarquia; é crítica; é repositório dos erros; é tesouro dos acertos; é a ciência geral do amor; é o amor da sabedoria; é revelação intuitiva da verdade que relampagueia na mente do pensador, incendiando-o de júbilo, de êxtase. Por causa disto, o primeiro nome dado à filosofia foi alétheia, que significa descobrimento, patentização, desnudamento, revelação (Ortega), equivalente a apocalipse, e que só mais tarde se mediocrizou no modesto termo filosofia. A descoberta de uma verdade fundamental em nada se parece com a fria e monótona pesquisa científica, e antes se inflama da mais alta e extática emoção que faz fremente todo o corpo e toda a alma. Diga-o Parmênides quando descobriu que o Ser é terrivelmente uno, ou Newton, quando lhe caiu a maçã e com ela, todo um mundo antigo.

Como se vê, a própria filosofia apresenta todos estes pontos de vista, todas estas perspectivas. Por conseguinte, a filosofia mais completa será a que considere o mundo sob este aspecto plurimodal. Todavia, tudo isto é história. tudo passado, e o filósofo que só obtiver isto não passaria de professor de filosofia. Para ser mais que professor, será necessário construir a síntese das filosofias, deixar para trás o puro sincretismo, e criar o sistema orgânico, completo, total que será A FILOSOFIA .

Toynbee pôs em circulação os termos repto e replica, que ele aplica à história. É como o estímulo e resposta da psicologia. Em vinte e quatro civilizações, Toynbee estudou como foram as respostas dadas, às vezes, a um mesmo repto. Deste modo, a história se desenvolve por este método do repto e da réplica. E quando uma civilização deixa sem resposta dado repto, este continua reptando, e ela entra em decadência. Verificamos que, com a filosofia, se dá o mesmo. Cada avanço do conhecimento, coloca problemas novos que os pósteros terão de resolver. Basta que um problema fique sem resposta, para que a filosofia entre em estagnação ou recesso.

Ora bem: os trabalhos iniciados por Darwin e continuados por todos os evolucionistas, colocaram o magno problema da origem caótica do universo, justificando, de modo cabal e irretorquível, o porque da existência da dor, do mal, da selvageria, da crueldade, da vitória incondicional da força e da astúcia em nosso mundo. Como se vêem, frente a isto, todas as filosofias de Parmênides a Kant, fora Platão? Pois se vêem, simplesmente. num beco sem saída, visto que todas elas são criacionistas como a Bíblia. Para todas elas. Deus criou o homem tal como ele é, perfeito em si mesmo, e não, perfectível. O universo foi, então, visto como que em planos paralelos e estanques. separados. e sem passagem de um a outro. Esta é a visão aristotélica do mundo, e esta filosofia suplantou a de Platão que enxergava o mundo como um leque, onde tudo se converge para um centro em que estaria Deus.

Com a publicação de "A Origem das Espécies", em 1859, Darwin assentou o maior e mais formidável repto filosófico de todos os tempos, obrigando uma reformulação total da filosofia. E como este trabalho ainda não foi feito, o mundo, se dividiu entre místicos, de uma parte, e de materialistas, da outra. Os místicos simplesmente negam as evidências da evolução, para não perder a fé. Outros, apresentam-se com um cisma na alma, visto como aceitam a evolução e a fé, fechando os olhos à verdade de que ambas se excluem como contrários em luta, até que se harmonizem na unidade, na síntese. Pois esta grande síntese não foi feita, e as que correm mundo, não resolveram a questão.

Uma delas está no Espiritismo, que põe lado a lado a evolução e a fé, sem estabelecer a ligação entre ambas, do que resultou um amontoado de incoerências. É que, em "O Livro dos Espíritos" (Kardec), há duas filosofias antagônicas, não harmonizadas na síntese, que são a de Platão e a do aristotélico Santo Agostinho. Assim, quando Kardec interroga qual é o mundo primordial, essencial, primeiro, fundamental, necessário, na ordem das coisas. é Platão-Espírito quem responde, e diz que esse é o mundo espírita (topos uranos), de tal sorte que "o mundo corporal poderia deixar de existir, ou nunca ter existido, sem que isso alterasse a essência do mundo espírita" (P. 86). Noutra parte, já é Santo Agostinho- Espírito quem responde, e acomoda sua filosofia da criação no nada, isto é, a partir do nada, dizendo: "no começo tudo era caos; os elementos estavam em confusão. Pouco a pouco cada coisa tomou o seu lugar. Apareceram então os seres vivos apropriados ao estado do globo" (R. 43). Diz Platão-Espírito que o mundo espírita (topos uranos) não só preexiste, sendo que sobrevive a tudo (R. 85). Logo, este é o mundo primordial. necessário, e o nosso mundo corporal, vindo do caos, é acidental e derivado do primeiro. Isto concorda com o Evangelho onde se lê que "NO PRINCÍPIO era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus" (Jo 1, 1). Mas se dissermos que "NO COMEÇO era o caos", então, neste caso, o nosso mundo corpóreo e o caos é que são necessários: o caos, porque é o berço inicial dos espíritos; o nosso mundo corpóreo, porque, estagiando nele, os espíritos fazem a sua evolução. No fim é que eles, purificados e sábios, passarão a integrar a coletividade do mundo espírita. Quer dizer que se o mundo espírita cessar de existir ou se nunca tivesse existido, isso não afetaria em nada a essência do nosso

mundo corporal, nem a existência do caos, estes sim, necessários, porque, sem eles, Deus estaria desprovido de recursos para criar e fazer evoluírem os espíritos. Como Deus cria. por este meio, ininterruptamente. espíritos "simples e ignorantes", segue-se que a dor é eterna tanto para os espíritos que fazem a evolução, como para os que chegaram a perfeição. porque esta se reduz ao amor. e tanto, que "fora da caridade não há salvação" (Kardec-Evangelho). Embaixo, nos estágios inferiores, os espíritos sofrem as dores nas carnes próprias; em cima, sofrem os "salvos" porque amam, porque têm compaixão, porque fizeram próprias as dores alheias, e, a exemplo de Cristo, são martirizados pelos e com os sofredores de baixo. E como a dor é eterna embaixo, fica, também, por isto, eterna. em cima, donde a consequência necessária de que no Espiritismo não há salvação. visto que esta é definida como a eliminação definitiva e total da dor. Destas duas contradições mores decorrem todas as demais que expusemos por miúdo, na "Terceira jornada Filosófica" em dois longos capítulos.

No entanto, esta síntese que fizemos, se acha em germe em Platão, e por este motivo concordamos com Huberto Rohden que afirma ser Platão o filósofo do futuro. Porque Platão. continuando o pensamento de Parmênides, afirma que o mundo real é o topos uranos, onde as almas perfeitas vivem felizes, sem dores nem mortes. Se tudo lá é perfeito, segue-se que, lá, não há evolução, porque só evolui o que é imperfeito. Acaso, então, nada lá se move? tudo é fixo? Mover-se não é idêntico a evoluir, porque o que se move, muda apenas de lugar, continuando a ser o mesmo, no passo que, o que evolui, muda de situação de inferior para o de superior. Ora, o perfeito não tem para onde subir, visto não haver o mais que perfeito.

Perfeito é tudo o quanto é funcional ou executivo, e isto, alcançado pelo caminho de mínimo esforço e do máximo rendimento. Alcançado o máximo de executividade, de funcionalidade. o que evoluía e se aperfeiçoava, pára de evoluir e de aperfeiçoar-se. A evolução, por isto é finita, e o término dela é a perfeição. Admitir uma evolução infinita, equivale a supor uma imperfeição eterna, porque aquilo que evolui é imperfeito. E se Deus não pode elaborar o perfeito, em que reside a sua perfeição? A evolução. portanto, é finita, e seu limite está na perfeição. O espermatozóide e o óvulo, faz milhões de anos. estão no que eram, sem evoluir; por que? Pois porque, perfeitos. O martelo e o machado, idem. Deste modo, uma pérola, uma flor, um diamante, um gênio e um anjo são perfeitos, cada qual no seu nível. Perfeitos são os átomos, as moléculas, o cosmo estelar, assim como tudo o que, rigidamente, se subordina a leis imutáveis. A evolução, já o dissemos, é a progressiva eliminação do caos pela ordem, pelo cosmo; e onde impera a ordem, o cosmo, aí reina a perfeição. Quando, deste modo, não houver mais nada caótico, tudo terá chegado à perfeição, e o processo evolutivo estará encerrado, para sempre. Vê, logo. que a evolução é finita, e tudo o que chegou à perfeição, pára de evoluir... porém, não, de mover-se. A idéia duma evolução ininterrupta, de um devir perpétuo, de um vir-a-ser contínuo, como pensara Heraclito. não encontra agasalho na perfeição de Deus. Para tudo ha um termo, em que o ser é, não somente quanto à forma, senão que também o ser é, quanto ao conteúdo, visto como, de outro modo, tudo não seria organização ou cosmo, e sim, caos. A queda é isto: amortização do formal; pela recíproca, a evolução é a formalização do amorfo.

Lá, no topos uranos, tudo é, deste modo, perfeito. Aquele mundo celestial de Platão, o mundo dos seres, imagens-coisas e de idéias arquétipos, preexiste e sobreviverá a este nosso mundo no qual as realidades se misturam às irrealidades ou as sombras. As coisas e os seres, em nosso mundo imperfeito, são copias grosseiras daquilo que está no topos uranos. Heráclito tem razão, no que diz respeito a este nosso mundo; não a tem, todavia, em relação ao topos uranos. Mas Platão tem razão inteira, e não somente em parte, porque sua verdade se refere ao lugar celeste; e

quanto a este nosso mundo, ele foi taxativo e declarou que é feito de realidades e de irrealidades juntamente. Se aquele mundo platônico é o primário e fundamental na ordem das coisas, segue-se, e não pode ser de outro modo, que o nosso mundo é secundário e derivado daquele; mas derivado como? Pois as almas caem daquele mundo pleniluminoso, real e verdadeiro, para este nosso, de sombras irreais, e nesta descida, esquecem o que lá sabiam. A pedagogia platônica, coerentemente, não é mais do que um recordar. Evoluir é refazer o que era antes, é recordar não só de memória, senão também, de todo o organismo, visto que este, por evolução, vai recordando, na forma o que dantes foi.

As almas caídas, para retornarem ao lugar celeste, tem de expurgar-se das imperfeições e ignorâncias, e isto não pode ser outra coisa, a não ser aperfeiçoamento, que é o mesmo que evolução. Ora, como a idéia de perfectibilidade está em Platão; e sendo perfectibilidade o mesmo que evolução, segue-se que a idéia de evolução se acha em Platão. Logo, ele admitia que os seres e as coisas se movem e se transformam, e isto é o devir heracliteano. A queda e a evolução, bem como o fixismo parmenídico e o vir-a-ser heracliteano, tudo se acha implícito em Platão.

Sendo que o nosso mundo se derivou do mundo celestial, por derrubamento ou queda de parte deste, até a que ponto foi esta descida? Platão não estava armado de conhecimentos científicos para o dizer, mas todos nós sabemos hoje, que a queda primeira foi até o Caos mais inteiro, porque é deste ponto de extremo desfazimento que tudo, agora, retorna para Deus, por evolução. Esta foi a grande derrocada, máxima e primeira no sistema; depois, por causa dela, a evolução passou a fazer-se por avanços e recuos, avanços sempre maiores que os recuos, representando cada retrocesso uma forma de queda menor. É assim que a queda de Adão subentendeu a anterior queda do arcanjo Lusbel que se transformou no dragão antigo, na serpente edênica. As reencarnações, conseqüentemente, são descendidas de planos mais felizes para este nosso mundo que é o reino das irrealidades, das sombras, do esquecimento, das ignorâncias, das aflições, das dores e da morte; são formas menores de queda, portanto.

Se Kant houvesse exposto sua filosofia para as almas do topos uranos, ela estaria cem por cento certa. As almas saídas perfeitas das mãos de Deus, têm, em si, como ciência infusa, todo o conhecimento necessário às funções que exercem. Cada uma é sábia, correspondendo sua sabedoria com sua posição hierárquica no sistema. Não precisam os espíritos celestes sair-se de si para saber a verdade, porque esta se acha gravada em suas mentes pelo Criador que fez o topos uranos e a elas que o habitam. Tanto faz dizerem que os conceitos procedem das imagens que o mundo à mão lhes oferta, como afirmarem que aplicam ao mundo circunjacente os conceitos que, de antemão, têm já formados em suas mentes. O idealismo subjetivo (Kant) e o idealismo objetivo (Platão) casam-se à maravilha no mundo celestial. Porém, parte dos celículas caíram, e, em caindo, se desintegraram até seus elementos substanciais últimos, no mais completo e arrematado Caos. A evolução, agora, é a retomada para Deus, e, nela tudo passou a ter princípio, tempo e história. Agora sim, nesta fase de refazimento, tem inteira razão Aristóteles ao sentenciar que nada existe na inteligência que não tenha passado pelos sentidos. Até a própria inteligência nasceu e formou-se pela complicação e pela potenciação da vida, e esta surgiu pelo arranjo complexo da matéria que foi recordando aquele estado orgânico que fora antes de cair. Para quem só enxerga esta fase evolutiva, sem sua correspondente fase inversa, não há, não pode haver outra saída, senão afirmar que a vida e a consciência são produzidas pela arqui-organização da matéria. Visto deste ponto de vista, entendemos que os materialistas tem razão ao afirmarem: o espírito é posterior à matéria e resulta da arqui-

organização desta. Visto da perspectiva de Platão, têm razão os que dizem: o espírito é anterior à matéria, e esta surgiu por causa da queda e da desintegração daquele. Os primeiros vêem o mundo em evolução, no passo que, os segundos, o enxergam em invólucro e queda rumo ao caos. Estão certos os aristotélicos ao afirmar que as coisas nos dão as suas essências, porque não pode ser de outro modo, neste nosso mundo, filho do caos, em que tudo teve começo e tem história. Se tudo vem subindo evolutivamente, pelo que a própria inteligência surgiu pouco a pouco e vem-se desenvolvendo, onde ir buscar as essências, senão nas coisas? Todavia, tem razão os idealistas subjetivos quando proclamam que nós é que pomos as coisas as suas essências, porque assim terá de ser para uma criatura que haja saído perfeita das mãos do Criador, que não é o caso do homem terreno, como cuidara Kant, porém é o caso dos céliculas vistos por Platão. Estas duas proposições contraditórias entre si, acham a síntese e unificação nas almas do topos uranos para as quais as essências, ao mesmo tempo em que estão nas coisas, também estão nelas próprias, como ciência infusa. Estão com a verdade os aristotélicos ao concluir que as idéias são posteriores às coisas, visto como as idéias nos vem delas. Igualmente estão certos os platônicos ao, defenderem a tese de que as idéias antecedem as coisas, porque Deus pensou as coisas antes que elas surgissem, e não há nada que se faça sem uma pré-ideação, sem um antecipado pensamento construtor; logo, na mente de Deus, as idéias precedem às coisas. Contudo, as idéias são posteriores às coisas na mente do homem. Porque este não tem onde ir buscar as idéias, a não ser nas coisas. Esteve certo Heráclito, quando viu no mundo um perpétuo vir-a-ser. em que cada coisa, ao mesmo tempo que é, deixa de ser, porque se está encaminhando para outra forma a qual também não persiste. O mundo é uma transição perpétua, um devir constante, um tornar-se contínuo. Contudo, também esteve certo Parmênides que partiu do pressuposto de que o ser é, e o que muda, o que é instável, não-é;. Platão, continuando este pensamento parmenídico, concluiu que o ser é, não somente quanto à essência, por sua natureza fixa, senão que também o ser é, quanto ao conteúdo, porque, no lugar celeste das idéias arquetipos, os conteúdos são constantes do mesmo modo que suas formas. Lá, no topos uranos, não há evolução, porque tudo é perfeito; se não há transformação evolutiva, os conteúdos das formas se acham. como elas, estabilizados na perfeição. Heráclito via este nosso mundo secundário e derivado, em processo transformativo evolutivo, no passo que Platão intui o mundo primário, fundamental, necessário, em que os seres e as coisas são fixos, porque perfeitos.

Está com a verdade Aristóteles, quando pressupõe que a matéria é incriada, eterna e infinita, porque ela se reduz à energia-substância (Einstein), e a mais alta forma de energia, acima da luz é

o amor, donde São João ter dito que Deus é amor, e que Deus é luz. Assim, a substância incriada, infinita e eterna é o amor. É correto, portanto, pensar que há o fixismo criacionista, se este se referir ao mundo celestial, ao topos uranos; todavia, em relação a este nosso mundo secundário, derivado e desnecessário, em processo evolutivo, em lugar do criacionismo fixista, o que há é o evolucionismo transformativo. Deste modo, o realismo-idealismo que enxergam o ser só na essência, se liga ao substancialismo que não admite possa haver ser só formal, nem algo só substancial, por que o ser é uma dualidade de contrários em harmonia, em que co-são forma e conteúdo.

Tem razão Hegel ao asseverar que a história é racional, porque assim é a história transcorrida sem erros no topos uranos, e tem razão Ortega quando retruca dizendo: como pode a história ser racional, se a própria razão é evolutiva e histórica? Se a própria razão do homem tem histórica, e é ela que desenvolve os eventos históricos

com todas as falhas que ela ainda possui, como pode a história ser racional, se tem, assim, para escreve-la uma razão que é histórica. que ainda hoje escreve a história por tentativas e falências, por ensaios-e-erros? Tem razão Schopenhauer quando vê, em nosso mundo, a maldade triunfar, quando enxerga que o forte e o astuto são os que vencem, pelo que o pombo é pasto do milhafre, e o cordeiro manso, pacífico e dócil. comida do chacal; que os homens se dividem em almas atormentadas e diabos atormentadores. Tem, sobretudo, razão, quando o pessimista conclui que as dores e misérias do mundo, inerentes à vida, não podem provir de outra fonte que não a de o mundo ter caído, e isto, diz o pensador, o reconcilia com o Velho Testamento, se bem que ali, a verdade única possível, apareça sob o véu da alegoria.

Está com a verdade Hegel, quando afirma que o real é o universal, donde infere que Deus é mais real e universal que o Estado, que este é mais que os indivíduos humanos. Daqui saiu o nazi-fascismo, e, por oposição, a esquerda hegeliana, o comunismo. Esta doutrina está correta, se aplicada ao topos uranos, porque, de fato, o governo lá é teocrático, e por isto emana do alto. Todavia está errada em relação a este nosso mundo, porque, sendo a evolução a eliminação progressiva do caos, a ordem se faz de baixo para cima. do menor para o maior, cio individual para o universal. e enquanto há cosmo c ordem nos átomos, nas moléculas, na vida biológica, há caos ainda nas formações que os sucedem, donde vem que o Estado é urna unidade em formação, um mal necessário, como diz Ortega, e, por isto mesmo caótico ainda. Como pode, então, tal Estado ser intermediário entre Deus e os homens? Hitler c Mussolini não tinham que prestar contas a ninguém de seus atos, exceto a Deus, porém, quem estaria investido de poder para verificar esta prestação de contas a Deus? Com isto, estes dois déspotas se fizeram a si mesmo o Estado, e podiam repetir Luiz XIV que dizia: o Estado sou eu. O Estado passou a ser, então, o que Hitler e Mussolini estavam pensando, em dado momento. E o mundo teve a experiência dolorosa do que vem a dar a doutrina hegeliana, se aplicada a este nosso mundo derrocado. Contudo, esta doutrina de Hegel está correra, se aplicada ao topos uranos, porque seriam absurdas, lá, as democracias em que os menos sábios opinam, pressionam e fazem leis. No entanto, a "ditadura" divina é tão suave, que permitiu aos menos sábios sonharem com um governo democrático em que a massa de anjos menores, menos sábia, saísse a resolver problemas fora de sua especialidade e competência. Numa comparação, as células do tecido epitelial resolveram que podiam ser neuronios corticais, e se puseram a dar ordens ao resto do organismo. Assim, no seio mesmo da congregação de anjos, apareceram os primeiros utopistas e demagogos os quais, pregando a subversão da ordem teocrática, se fizeram a si governo por eleição das massas. O resultado deste já caos moral primeiro, e mental depois, foi o caos social e, depois, o caos físico, ou seja, a desintegração de parte do sistema divino até o mais arrematado Caos. Assim, para quem, como nós, subimos a escala evolutiva, a ordem se faz de baixo para cima, do pequeno para o grande, do individual para o geral ou universal, e o governo tem de estar submetido à vontade das massas, simplesmente, porque aquele que, eleito, vai governar, é tão homem-massa quanto o resto das massas. Por causa disto, a democracia é uma arrematada loucura se aplicada ao topos uranos, porque permitiria aos inferiores e desqualificados se apoderarem do poder pelo emprego da demagogia. Teocracia, lá, no topos uranos, e democracia, aqui, em nosso mundo em parte derrocado, ambas estão certas e corretas, e seria catastrófico se fizesse a troca ou inversão.

Isto posto, qual seria o melhor regime político-econômico? Pois não há de ser outro senão o que corresponda à realidade do ser social. Uma teocracia, como a de Hitler, resolve-se na de um demonio que vive a falar em "divina providencia", para

sugestionar os papalvos, incutindo-lhes a infernal idéia de que as atrocidades e matanças de judeus obedecia a vontade de Deus. Num mundo de diabos, como o nosso, a centralização absoluta do poder nas mãos de um único homem, leva a isto, como, num mundo celestial, leva ao melhor bem possível, uma vez que as rédeas do governo se acham enfiadas nas mãos de um Serafim como é Cristo. Pudessem o nosso mundo ser governado por um Sócrates, seria até bom que o poder se concentrasse numa "ditadura" teocrática. Mas, acontece que Sócrates morreria, finalmente, e as rédeas do poder iriam para as mãos de algum demagogo diabólico. Fiquemos, então, com a nossa democracia que, embora não seja o melhor regime, tem isto de bom: não dá poder absoluto a ninguém, resultando em que o governante terá de prestar contas de seus atos, e se fizer abusos, poderá ser destituído do poder, confinado, preso e até morto.

Como estamos vendo, todos os filósofos tem razão e nenhum a tem; todos têm razão, porque vêem o mundo da sua perspectiva; nenhum a tem, porque cada um quer impor a sua perspectiva exclusivista, como seno a verdade inteira. A verdade completa estará somente com aquele que pode enxergar de todas as perspectivas, observar o mundo de todos os mirantes, englobando na unidade orgânica, e não na meramente eclética, todos os pontos de vista, pelo que a todos dá razão parcial, e a nenhum dá razão total. É necessário situar-se em todos os pontos de vista, para enxergar o mundo numa visão onicompresentativa ou intuitiva, reunindo, assim, todo o saber Filosófico num consaber que abarque tudo, como numa esfera. E isto é possível. Como já o vimos, uma vez que a intuição é já experiência de todos, quando se trata de globalizações menores. O que se pede, agora, é um esforço para enxergar tudo, em globo máximo, numa visão onicompresentativa. O ultra-macro-ciclo Involução-Evolução representa a grande síntese filosófica e só quem olha deste onimirante, desse mirante onimodal, tem a verdade completa. Esta é a grande síntese filosófica que se precisava fazer, sem o que, o mundo estará irremediavelmente perdido na sua imensa confusão.

Hoje, depois de duzentos anos de pesquisas científicas, está claramente solucionada a questão da origem do homem, fazendo dois milhões de anos que ele apareceu sobre a face da Terra. A revista britânica "Nature" o descreveu, a partir dos restos encontrados na África do Sul. Tinha 1.35 m. de estatura, menor, portanto, do que um pigmeu que habita a África Oriental. A este homúnculo delgado, de cérebro pequeno e de cor escura, deu-se o nome de "Homo Habilis". Provavelmente ele descende do "Proconsul" que viveu há quinze milhões de anos, cujos restos foram descobertos em Quênia, e é um antepassado comum ao homem e aos gorilas e chimpanzés modernos. Esse "Homo-Habilis", não obstante o seu cérebro reduzido, já possuía a capacidade de fazer instrumentos e de utilizá-los na caça aos outros animais e... ao próprio semelhante. Se nos ativermos à evolução do homem desde os seus primórdios, considerando-o sob o ponto de vista moral, fica tendo razão Buffon para quem o homem é "um macaco degenerado". Tem razão Buffon, porque nem o "Procônsul", nem os macacos modernos praticaram, jamais as perversidades próprias do "Homo-Sapiens". A criança humana em recapitulando a fase do gibão, é mais humana, mais moral que o homem adulto. Assentado isto, vale perguntar: por que o homem se degradou, moralmente, a partir do "procônsul"? Pois foi porque, sendo inteligente, descobriu que a natureza dá o prêmio da vitória e da vida ao mais forte e ao mais astuto, e, a partir dela, os homens primitivos criaram a religião natural em que pontificava um deus de força, um deus de astúcia, um deus famélico e sádico que se comprazia na dor e na destruição dos mais fracos, razão porque de quando em quando, era preciso fazer-lhe sacrifícios humanos.

Esta primitiva religião natural, absolutamente panteísta, para a qual tudo era deus, ou tudo se fazia por vontade de deus, teve uma vigência pré-histórica, perto da qual a histórica concepção oposta e metafísica de um Deus de bondade, é de ontem. O que são seis mil anos de historia perto de dois milhões de anos, que é de quando apareceu o "Homo-habilis"? Um milhão, novecentos e noventa e quatro mil anos são o tempo da vivência da religião natural que praticava toda a sorte de torpezas sexuais, da prostituição sagrada, inclusive os sádicos barbarismos da antropofagia. A hóstia humana chegou até a Abraão a quem Deus ordenara imolar seu único filho Isaque, mas quando o patriarca Abraão tinha o cutelo no ar, pronto para desferir o golpe, surge-lhe um anjo decretando que o filho fosse substituído pela ovelha que ali perto estava presa a uns galhos. Então, o animal passou, daí por diante, a substituir o homem como vítima dos sacrifícios, até que Cristo, se põe a si, de novo, como carne e sangue a serem devorados sob as espécies de pão e de vinho. Deste modo, a comunhão usada em nossos dias não passa da reminiscência idealizada do rude e selvagem ato antropofágico. Assim, o entendeu Montezuma: Quando Cortes falava a Montezuma do horror que representavam os sacrifícios e a devoração de hóstias humanas, "Montezuma deu-lhe a entender que achava menos horrível sacrificar seres humanos do que devorar a carne e o sangue do próprio Deus" (C. W. Ceram, Deuses, Túmulos e Sábios, 294).

A comunhão, de pão e de vinho de nossos dias, é a sublimação, a idealização de atos antropofágicos, criada pela necessidade de desviar o curso da historia mais ainda do que o fizera Abraão. Ora bem: um ser divino que voluntariamente, e por amor se dá em sacrifício, só pode proceder de um Deus de bondade. Com isto, a historia se desviou, e passou a ser inspirada pela concepção metafísica, supranatural, de um Deus oposto, polarmente, ao deus natureza, conseqüente da "filosofia natural" dos pré-homens macacoides, dos homens primitivos e de .. Herbert Spencer. Só que a Spencer faltou-lhe a coragem para tirar as conseqüências morais e teológicas que decorriam da sua "filosofia", ficando reservado este trabalho para Schopenhauer e para Nietzsche. Todavia, se há um Deus que se opõe, como antípoda, à natureza brutal, cega, amoral, de que saiu esta? Pois não pode ser de outro modo: só isto pode ter acontecido pela corrupção daquilo que Deus criou na suma perfeição. Logo, o mundo celeste ao qual Platão chamou de topos uranos, é concepção universal, estando na raiz de todas as grandes religiões e mitos da Terra.

Não obstante, o universalista Platão foi suplantado pelo individualista Aristóteles para quem o homem é criação à parte, já em si mesmo inteligente e perfeito. E isto foi possível ate enquanto a ciência inexorável não veio provar, em definitivo, que o homem procedeu debaixo, por evolução. Conseqüentemente, Darwin e Spencer deram xeque-mate a todas as filosofias, a todas as metafísicas, obrigando a volta a Platão, sem o que o mundo se subverterá, retornando no caos de onde, afanosamente, vem saindo. Spencer criou sua doutrina que se costuma chamar filosofia, segundo a qual se pode traçar a linha evolutiva da nebulosa primeva a Shakespeare. Isto, apresentado assim, de modo cru, é o mais arrematado materialismo. Bastaria a Spencer ter prosseguido pensando, e a dialética levar-lo-ia, inevitavelmente, à moral natural da força e da astúcia, e à teologia natural de um Deus que dá o prêmio da vitória e da vida aos fortes e aos astutos. Logo, esse deus se honra de ter por filhos os fortes e os astutos, e nega a paternidade aos fracos e aos estúpidos que, por isto mesmo, podem ser sacrificados em sua honra e gloria. Assim, a teologia e a moral que Spencer tiraria da sua filosofia natural é a mesma da do homem das cavernas. Ora, a civilização começou quando as mentes mais excelsas deram com estas dificuldades todas da filosofia, da moral e da teologia naturais, sendo compelidos, como quase sucedeu a Schopenhauer, a procurar

Deus fora da natureza, no polo oposto desta, do que resultaram a teologia, a moral e a filosofia sobrenatural. Esta é a razão por que "a inversão da Ética foi o ponto de partida decisivo da história do Ocidente" (Herbert Wendt, À Procura de Adão, 107). Ora bem, se por causa disto, se exclusivamente por causa disto, o mundo se civilizou, segue-se que, pela contraditória, sem isto o mundo se desciviliza, ou seja, retorna à barbárie, como de fato, está acontecendo cada dia mais, com encher-se o mundo de materialistas ou bárbaros do asfalto.

Uma vez que o materialismo não pode servir de base para as normas éticas, sem as quais não há, não pode haver civilização, segue-se que o mundo ira-se regredindo à barbárie, mesmo sem o concurso de uma grande guerra futura. Desde a "filosofia" de Spencer, a moral ficou sem sustentáculo, suspensa, misteriosamente no ar, e o mundo não caiu de rodo ainda, porque essa doutrina não atingiu a massa dos homens que continuam, obstinadamente, crendo no Deus metafísico de Cristo e no dos filósofos. E quando, para os materialistas cultos, a moral se mantém. ainda que sem base, isso se deve a inércia, ao condicionamento psicológico, ao misoneísmo, aos usos e costumes que produzem a coerção social. Mais, quando o materialismo, com todas as suas conseqüências, plasmar o caráter do indivíduo humano, desde o berço, então a civilização estará perdida, e o retorno à barbárie será inevitável. Os bárbaros do asfalto ir-se-ão aumentando cada dia mais: multiplicar-se-ão os casos de assaltos, de terrorismos, de violências, de bandidismos, até que cada cidadão terá de defender-se por si mesmo, porque a policia se mostrara impotente para o fazer, visto que também, barbarizada, estará mancomunada com o crime e cada vez mais disposta ao abuso do poder. Consequentemente, só a moral poderá salvar a civilização, e essa não poderá existir sem base na autoridade sobre-humana de um Deus que sobre-está à natureza brutal, cega e amoral. Por isto, esta consequencia se impõe, nestes nossos tormentosos dias de materialismo: Para que possa haver evolução, é de necessidade que tenha havido a invólucro ou queda; ou isto, ou não se poderá, jamais, solucionar o problema da dor e do mal no mundo. Sem um Deus moral que criou um mundo perfeito que, em parte, caiu no caos; sem este avesso da teologia amonita que tem por deus a Moloch, o mundo retornará à barbárie, a besta humana, já desenfreada, será ainda anulada pelas doutrinas de Trasímaco e Nietzsche. A grande síntese filosófica que se resume no ultra-macro-ciclo INVOLUÇÃO-EVOLUÇÃO, se tornou numa necessidade premente para o homem que chegou a ir à Lua. Esta prodigiosa conquista da técnica, pede, com urgência, uma outra ainda mais que prodigiosa conquista filosófica, que, alias, já está, em germe em Platão. Sem isto. o homem não irá a outros planetas, como planeja, porque, antes que o possa fazer, destruir-se-á, catastroficamente, pelas bombas atômicas, retornando, sem remédio, à barbárie.

Isto posto, isto assentado, podemos concluir que o mundo comunista sem Deus, ao menos para os mandatários, cairá por si mesmo, isto é: a "irmandade socialista" destruir-se-á, entre si, em obediência à única lógica que conhece que é a da força e a da astúcia. E o grande robô acéfalo, a terrível e cega máquina de moer, de tritular, já cometeu os primeiros erros, abrindo urna conjuntura de conseqüências perfeitamente previsíveis. O primeiro erro do idealismo materialista consistiu em não perceber que a natureza busca o individual e diferenciado, e não, o genérico e homogêneo, pelo que qualquer doutrina, quando aplicada à um povo, sofre distorções, variações, conforme a índole e a história desse povo. O uniforme e constante é sonho vão do idealismo tanto da direita, como da esquerda, porque a vida não nos apresenta o idêntico, mas, sempre o variado, o diferente até à oposição, para que esta se una com sua contraria e forme uma unidade de espécie superior. Exemplo: os andróginos humanos se diversificam em homem e mulher, para ambos se integrem numa unidade de espécie

mais alta - a família. A natureza não une iguais, porém, diferentes; ela cria especificamente, indivíduos diferenciados, unos e únicos, para integra-los, depois, em unidades superiores. Logo, o mundo socialista havia de contar com esta verdade que a natureza nos põe diante dos narizes. Mas não; o idealismo busca o idêntico, o homogêneo, o que se reduza a classes e a gêneros artificiais. E para conseguir que a natureza e a vida se amoldem aos esquemas bem ordenados postos no papel, emprega a força bruta; daí ter Brejnev criado a doutrina anti-vital da "liberdade limitada", isto é, liberdade para ser idêntico, e não para variar, como manda, como impõe a natureza. Esta doutrina, já em si contrária à vida, foi erro crasso, de que decorreu o segundo que foi a subjugação da Hungria e da Checoslováquia. Com isto, a Rússia provou ao mundo o que pretende fazer à China de futuro, a começar pela destruição das indústrias e dos arsenais atômicos chineses. Mas a ardilosa China, educada pela mesma cartilha da natureza que diz: sê forte e astuto, ou morrerás! Estará cada vez mais potente para revidar o golpe. Face a esta evidencia, Rússia faz, já o que manda a sua lógica da força, ou terá de faze-la mais tarde, com muito piores conseqüências. Assim, a liderança, a hegemonia do poder continuara, como está sendo, como da discórdia. E como não pode haver acertos entre egoístas, astutos e fortes, eles mesmos se liquidarão, mutuamente, como aconteceu com os demônios ao se fazerem nada no caos. Depois que tudo aconteceu, um mundo novo estará disposto a concordar que a força bruta não, integra, não constrói nada; o que tudo integra e tudo cria, é o oposto do egoísmo e da força; é o amor de cujo principio eros, já dizia Platão, está cheia toda a natureza, consistindo, isto, um dos aspectos da sua "teoria da participação"

POR QUE E COMO AS ALMAS CAÍRAM ?

Suposto, como diz Platão, que as almas caíram neste mundo de sombras, e, pelas reencarnações, vão-se purificando, ate retornarem ao lugar celeste, suposto que esta queda não foi ate a este nosso mundo, mas ate o caos, de onde agora tudo retorna a Deus, por evolução. Por que as almas caíram?

Antes de respondermos a esta pergunta, convém lembrar que evolução é a progressiva eliminação do caos pela integração; e que integração é unificação, é conexão, é união que recebeu, de Platão, o nome de Eros (amor). Por isso a evolução, como volta para Deus, representa progressiva dominação de Eros, do amor. Onde, pois, domina-se o amor, cessa o caos; pela recíproca, onde domina o anti-eros, o desamor, o egoísmo, a desconexão, nesse ponto surge o caos. Conseqüentemente, na fase inversa, involutiva, dominou o principio oposto ao de Eros, ao do amor; dominou o anti-eros, o anti-amor, a desconexão, a desunião, a desintegração. Por que, logo, as almas caíram? Pois não pode ser por outra causa, senão a de haverem invertido o impulso amoroso e altruístico, no seu oposto, no egoísmo desintegrativo.

Platão diz que as almas se purificam através das várias existências corporais, pela reencarnação. Se a purificação significa a volta para Deus, segue-se que a causa da queda foi o tornarem-se elas impuras. Então, a impureza de alma a que se refere Platão, é o desamor ou egoísmo, por isso que elas só podem retornar ao, lugar celeste, pela inversão do egoísmo no amor. Deste modo, a doutrina de Platão se conecta com a de Cristo. Para Platão, ser justo é ser sábio; mas o sábio é o que procura a conexão, o amor, donde Ortega ter dito que "a filosofia é a ciência geral do amor". Se sábio é o que busca Eros, a conexão, o amor, que tudo cria e ordena, sabedoria e amor são termos equivalentes. Conseqüentemente, Cristo falando só do amor, e Platão, da

sabedoria, ambos, por formas diferentes, falaram duma só e mesma coisa. A moral de Cristo e a de Platão são uma e a mesma, porque sabedoria é amor, e vice-versa. Portanto, adquirir sabedoria (que não é ciência) é o mesmo que desenvolver o amor, que granjear pureza de alma. Ora, se as almas eram puras antes e si tornaram impuras, depois, somos forçados a concluir que elas eram livres.

Agora nossa mente se vê compelida a especular sobre o que seja a liberdade e sobre sua recíproca, o determinismo. Como pode Deus fazer as almas livres, até para caírem e se reduzirem no caos, se ele próprio, Deus, é puro determinismo? Determinismo? mas como?

Pois sempre os filósofos consideraram à Deus como Princípio, como Lei, como fixo, como imutável e como imóvel. Então, o que é fixo, imutável e imóvel, o que é Princípio e Lei formais, é determinado, é determinismo; e ande há determinismo não há liberdade; logo, Deus não é livre. E como não sendo ele próprio livre, criou almas livres'!

Todo o erro dos filósofos consistiu em considerar a Deus como princípio vazio, como ato puro sem matéria alguma (Aristóteles). Porém, não sendo Deus princípio vazio, ele possui, como todas as coisas, forma e conteúdo. A forma é a essência, a idealidade, o princípio, a lei. O conteúdo é a matéria criada, e por isto, eterna, como pensara Aristóteles, e esta intuição aristotélica causou escândalo, visto como considerar a Deus matéria, seria rebaixá-lo, conspurcar-lhe a excelsitude. Contudo, hoje, a ciência nos mostra que a matéria é um modo de ser da energia, donde ter proposto Einstein para o binômio, matéria-energia, o termo energia-substância.

Mas vejamos como pode Deus ser também energia-substância: no exemplo da palmeira do jardim, visto num capítulo anterior, verificamos que ela se compõe de forma e conteúdo, e, como ela, todas as coisas. O conteúdo, agora, pode ser entendido como energia-substância. A matéria é entendida, hoje, como ondas de energia condensadas na rigidez e na massa. A substância primaria da palmeira, pois, como de tudo, é o movimento, a velocidade. Ao olharmos a palmeira, verificamos que ela, à primeira vista, se nos mostra como forma e conteúdo. O conteúdo é matéria, e a matéria é energia. No entanto, fora esta energia constitutiva da matéria do tronco da palmeira, há uma outra que a interpenetra, a move e a transforma, que é a vida. Diante deste fato novo. perguntamo-nos: que é a vida'!

A vida não é coisa, como o é o tronco da palmeira. Não é, também, idealidade, formalidade, essencialidade, porque teve causa; existe no tempo e possui corpo no espaço. O conceito de coisa que se pode apalpar e ter nas mãos, se muda, aqui, para o conceito de dinamismo. Neste sentido é que dizemos que a vida é espacial, porque temos de classificá-la como energia, e toda energia é espacial, seja quando se apresenta sob a forma de matéria (corpo), seja quando se apresenta sob a forma de impulso unidirecional (força), seja quando se nos mostra como impulsão bidirecional (onda).

A onda é uma esfera de dilatação no espaço. Um sino que vibre, comunica suas oscilações às moléculas de ar próximas, e estas se chocam contra outra,, e assim. de próximas em próximas, os impulsos sonoros se propagam como ondas esféricas. Como as ondas são esféricas, como são esferas que se abrem, a energia do impulso cada vez mais se dilui por uma superfície esférica progressivamente crescente. Como a superfície esférica é proporcional ao quadrado do raio, se a esfera cresce, sua superfície se distende proporcionalmente ao quadrado do raio. Avoluma-se a esfera ondulatória, e decai a intensidade da energia que vai dela; cresce a esfera na razão do quadrado do raio? Pois então, a energia decresce na razão desse aumento da esfera, o que significa que a intensidade da energia está na razão inversa do raio, ou da

distancia do centro de vibração. Assim, conquanto as energias não sejam coisas que se possam pegar na mão, são espaciais, estando sujeitas às leis matemática da superfície esférica. Deste modo, se classificarmos a vida como uma forma de energia, temos de dar-lhe o caráter de espacialidade, conquanto não seja coisa, não possua coisidade no sentido comum do termo.

E vimos que as coisas são temporais, que tem transcorrença no tempo, que têm historia. Neste caso, as ondas possuem, então, dois tempos: o primeiro é o tempo comum a todas as coisas, marcado pelo começo e pelo fim, pela existencialidade, pela historicidade do fenômeno ondulatório; o segundo tempo é o do ritmo, do vai-vem do impulso no espaço, da frequência, do comprimento da onda que a caracteriza e a individua. Entendido isto, fica axiomático que a vida, como energia que é, possui esta característica de bitemporalidade. Mas não nos alongaremos nisto, e o dito basta já para as conclusões que se vão tirar.

É notório que quanto maior for a velocidade, mais ínfimo é o ser; o elétron vibra velocissimamente, porque é quase um não-ser; oscila mais lentamente o átomo, e mais tardonha ainda é a molécula, o composto, o vírus, a célula viva. As reações, no âmbito da química mineral, chegam a ser explosivas, pela instantaneidade com que as órbitas eletrônicas se enlaçam em sincronismo de movimento; na química do carbono (orgânica) as reações vão-se tornando cada vez mais lentas. A energia nervosa percorre os nervos com velocidade muito lenta, é daí que uma equação que um cérebro eletrônico resolve em segundos, um cérebro de matemático levaria horas e até dias. É que a eletricidade é mais veloz que o pensamento.

Mais ser, por conseguinte, equivale a menos velocidade, no passo que, pela reciproca, menos ser, é mais velocidade. O não-ser, no caos, tem sua velocidade abeirando pelo infinito, com seu conseqüente tempo tornado quase zero. Em oposição a isto, a energia-substância do Ser por excelência (Deus), possui velocidade quase nula, próxima a zero, com seu tempo que se estende como eternidade.

A vida é energia de movimento lento, e mais lento ainda que ela, são as operações conscienciais, as energias psíquicas dos pensamento, das emoções e dos sentimentos. Acima do pensamento discursivo está a intuição, unitária, em que a verdade se nos mostra como volume. No entanto, a intuição não é fria, como a razão discursiva, e antes vem sempre acompanhada com um componente emocional. Ha êxtase como que místico na intuição, com o que cabeça e coração se enlaçam, se interatuam; a sabedoria, aqui se confunde com o amor, donde vem que o sábio, em êxtase, ama, e inflamado seu amor, sabe. Eis, de novo sabedoria e amor, Platão e Cristo confundindo-se na síntese suprema do ser. Tal, a energia-substância no nível divino - o amor; por isso Deus é forma e amor. Como forma, como essência, como lei, como principio, ele é determinístico; como energia-substância (amor), ele é livre, e tudo o que cria de si, do seu amor (energia-substância), fá-lo da forma mais perfeita como queria Platão, e a substancia do criado perfeito, assim como a força que o anima e o move, é o amor. Ou, de outro modo: o amor é a energia-substância corporificada nos seres angelicais, que ainda são animados pela vida-amor.

O amor é onda lenta que abarca na complexidade sinfônica do seu âmbito oscilações cada vez maiores, ate os mínimos comprimentos de ondas que vibram nos núcleos atômicos. O amor é um feixe de impulsos energéticos e, como tal, pode inverter-se no seu contrário, no egoísmo. O que pode inverter-se, já se vê, possui polaridade; fosse o amor principio vazio de conteúdo, uma lei formal, uma idealidade ou essência pura, não seria polarizado, não podendo inverter-se no egoísmo. Se, pode inverter-se, é polarizado; se possui polaridade, é classificável entre as demais energias-coisas. E que não cause isto espécie a ninguém, porque o conceito de coisa

que Aristóteles podia ver e apalpar, se há mudado extraordinariamente, depois dos últimos resultados da ciência. Neste sentido, escreve Bertrand Russell: "Agora, devido principalmente a dois físicos alemães, Heisenberg e Schrodinger, os últimos vestígios do velho átomo sólido se derreteram, e a matéria se tornou tão fantástica como qualquer coisa que se manifeste numa sessão espírita" (Pietro Ubaldi, O Sistema, 123). Face a isto, que é coisa? Pois coisa é tudo.....tudo aquilo que se constrói ou consiste de energia-substância.

O amor possui a sua "ratio", a sua forma, a sua essência que é eros, ou seja, o principio de integração, de conexão, de unificação. Deste modo, eros é o conceito que temos do amor; é ele como forma, como inteligência. Mas o amor-substância, o amor real, o amor mesmo, o amor-sentimento só o temos quando amamos, quando lhe sentimos a impulsão irresistível que nos arrasta. Esta experiência, cremos, todos já a tivemos, pelo que não precisamos insistir mais. O amor, em Platão, é idealidade, e por isto ele o chama de eros, ou principio ou lei de integração. Neste sentido é que a própria inteligência é "erótica" ou erosóide, visto que ela vem de "inter-legere" (ler entre), e busca achar, entre as coisas, o nexa (eros) que as prende em unidade. Já em Cristo, o amor, contudo, é vida, é ação, por representar o amor no seu aspecto substancial, vivencial, e não, no seu aspecto puramente ideal, formal, como no-lo apresenta Platão. A sabedoria, logo, é o amor visto como formalidade que é o eros platônico, enquanto, que a sabedoria é o amor formal, já o amor mesmo, o amor em si, o amor-energia, o amor sentido como força impulsionante, o amor que é mais "forte que a morte", no dizer de Salomão, esse é o amor como realidade, como vivencialidade, como vitalidade que executa o ato afetivo sem se preocupar com a sua inteligência. Pascal já dizia que "o coração tem razões que a razão não alcança"; não as alcança a razão planimétrica do inteiramente racional; porém, a hiper-razão tridimensional do intuitivo, harto, as enxerga no eros platônico, de que, conforme Platão, o mundo está cheio. Se, para o apenas racional, pode estar certo o dito de Pascal, para o sábio, as razões do coração são a formalidade do amor, são o eros, de sorte que esse princípio de integração ou eros, recebe o nome de eletromagnetismo quando atua entre os elementos subatômicos no interior dos átomos, afinidade entre eles, quando lhes permite construir as moléculas; esse princípio ou eros se nomeia coesão quando interliga as moléculas entre si para a formação dos corpos, e gravitação, quando une mundos entre si, estrelas e galáxias na unidade universo; esse mesmo princípio ou eros se chama simpatia no nível da vida, amor, no plano angelical, participando dele o homem, quando, irresistivelmente, o sente por algo, quando é forçado a viver em função de algum ente amado, de alguma coisa, de alguma idéia ou causa. Deste modo, o amor, na sua esfera maior, mais dilatada, menos curva, abarca todas as demais que lhe ficam abaixo, donde suas ondas se nos mostrarem como se foram momentos musicais duma sinfonia em que tocam, todos os instrumentos, desde os mais graves até os mais agudos. O que ama "pensa" com o coração, isto é, pensa com a razão volumétrica, além e acima da razão planimétrica, sendo esta a causa desta razão de superfície não poder alcançar as razões da profundidade do coração, no dizer de Pascal. Com isto fica explicado, também, por que motivo Platão dizia que o mundo está cheio de eros, participando ele, assim, do que há no topos uranos.

Sendo o amor-força pura substância, e por isto, polarizável, e dialético, pode inverter-se no seu contrário, no egoísmo, sendo livre para o fazer. Ele, o amor, é determinismo, como eros, como pura idealidade, como forma pura, como principio, e livre como substancialidade, como força, como energia. Se Deus fizera o amor-força determinístico, tudo o mais o seria também em decorrência dele, não podendo haver nada positivo e negativo, mais e menos, enfim, não existiria o movimento dialético para

coisa alguma. Não poderíamos conceber como tudo fosse igual-identico, sem polaridade, sem contrários, nem como pudesse haver unidades orgânicas de opostos. Não haveria a unidade na variedade, na diversidade; o universo não seria uni + verso, e a sociedade angelical seria um todo homogêneo, moluscóide, em que cada célula-anjo se cansaria de estar só consigo, porque buscar o convívio do próximo, era o mesmo que topar sempre consigo mesmo, espelhado num outro scr. E como o amor não une iguais, mas, diferentes, o universo seria uma massa difusa de identidades, uma monotonia cinzenta, maçante, tediosa. Nosso pensamento, como é dialético e caminha pelo principio da contradição, seria feito de afirmações isoladas, desconexas, suspensas, sem o apoio da negação cuja resistência nos permite avançar. Por isso, o amor, como tudo o que é substancial, é polarizado, e, conseqüentemente, livre.

Sendo o amor polarizável e livre, pode inverter-se. Foi assim que o amor dá, e o egoísmo toma. O amor força, o auto-sacrifício do amante em favor do amado; o egoísmo almeja a que o "amado" se sacrifique e se anule em benefício do amante. O amante, porque ama, sente que seu amado é tudo; o egoísta. Porque desama, sente a si como tudo, e deseja que o mais lhe grave em torno como seu. O amante busca a união para amar mais, para transfundir-se no amado, para ser, hipostaticamente, o amado. Contudo, o amante não se anula, nem se aniquila nessa hipostase, porque recebe, em contrapartida, o mesmo amor, por parte do amado. Porém, se o amante se torna egoísta, o amado se defende com a suspensão do amor, porque, do contrário, se aniquilaria, em proveito do "amante", visto como o egoísta quer que o amado se transfunda nele, viva nele e para ele. O amor é um impulso de ir para o amado, no passo que o egoísmo é um impulso que tende a arrastar tudo para o centro que só a si se ama. Por esta causa o amor integra. e o egoísmo, desintegra.

Deste modo, e por este caminho, se nos afigura que o super-Evangelho vivido no topos uranos se resume na máxima que diz: ama ao próximo mais do que a ti mesmo. Todo aquele que, como Cristo, sacrifica a sua vida por alguma coisa, ama a essa coisa mais do que a si. Assim se morre pelo amado que pode ser a colmeia, como faz a abelha, pela pátria, como faz o herói, e pela humanidade, como fez Cristo. Tendo Cristo vivido na Terra a máxima dos anjos, deixou, contudo, no Evangelho, o quase suportável que diz: ama ao próximo como a ti mesmo. No topos uranos se vive a máxima super-evangélica: ama ao próximo mais do que a ti mesmo. Desta se caiu para a evangélica: ama ao próximo como a ti mesmo. Caindo mais, tivemos esta: ama-te a ti mais do que ao próximo. A queda se completou com a máxima: ama-te só a ti, e usa o próximo em teu proveito. Desta queda no plano moral decorreram todas as demais e possíveis quedas, até o caos mais inteiro, de onde ressurgiu agora o universo, por evolução.

Por que, todas as almas caíram? Pois caíram por deixar de amar, por inverter-se nelas o amor em egoísmo. O pecado original, primário na ordem dos seres, é o egoísmo, e todos os demais pecados e males decorrem dele. Assim, como o amor é a premissa de todos os bens, o egoísmo o é de todos os males. Por deixar de amar as almas caíram, e, em caindo se desintegraram, que a isto conduz o egoísmo.

No primeiro ato da queda, esfriou-se a vida-amor de que estavam animados os anjos. Esta fase é como a dum pêndulo oscilante que, estando num extremo do ciclo, tende para o seu oposto; e na ida para o extremo contrário, passando necessariamente, pelo ponto de repouso. Este ponto de repouso do impulso amoroso é o que se chama esfriamento do amor. A hiper-consciência intuitiva e unitária do saber infuso angelical, toda incendiada da emoção amorosa, tanto que se esfriou o amor, viu-se reduzida à consciência planimétrica e fria do pensamento discursivo; e daqui caiu para a consciência animal que é pura linha de determinismo instintivo. De queda em

queda as ondas lentas e longas se decompueram nas suas componentes mais curtas e mais agudas, até o não-ser, em pleno caos, ande o acaso, entronizado como anti-Deus, domina. A grande orquestra sinfônica do amor que tocava "O G1ória da Criação", viu silenciarem um a um seus instrumentos, dos graves para os agudos, até que sobreram os ultra-sons das partículas subatômicas que se emudeceram, por fim, na matéria toda potência e nada ato, no seio do medonho caos. Entrou em repouso o pêndulo da vida!... parou de pulsar o coração do ser!... anularam-se todos os impulsos, e aí quedou-se a matéria informe por tempo imensurável.

O primeiro ato da queda foi o esfriamento do amor; o segundo foi o da inversão da vida-amor em morte-egoísmo. Numa terceira fase, a morte-egoísmo foi prevalecendo sobre a vida-amor na mesma substância de que as almas eram construídas. Os órgãos e as células do corpo angelical começaram a responder, em sintonia, aos pensamentos e aos sentimentos egoísticos de que estava animado o anjo. Trocado no seio do organismo angelical, o amor pelo egoísmo, principiou o processo desconectivo, e as células e os órgãos começaram a guerrear entre si, e, por um processo semelhante ao do câncer, o organismo todo principiou a desfazer-se. Com a transformação do amor em egoísmo, a vida se transmudou em morte.

Por isto, a luta, na queda, teve três fases: a primeira, no plano social, as hostes rebeladas tiveram de sustentar uma guerra contra a parte não caída; na segunda fase, já no orco, brigavam entre si os rebeldes pela hegemonia do poder; na terceira fase, mais interna ainda, deu-se a guerra celular no seio do próprio organismo de cada rebelde (o câncer). O pensamento de guerra, inflamado do sentimento do egoísmo-ódio, acabou por alastrar-se por entre os órgãos e células, por entre as moléculas e átomos, e ainda por entre os elementos formadores destes, até que tudo se reduziu à mais completa ruína do não-ser, na bojo do horroroso caos.

Que uma idéia fixa na mente produz resposta orgânica, é fato científico demonstrável nos fenômenos hipnológicos. Assim, por via psíquica, se podem produzir curas... e doenças orgânicas. Oitenta por cento das moléstias tem origem psíquicas (Karl Weismann), e por isso podem ser tratadas pela hipnose. Por esta causa Miguel Couto declarou que "não há doenças, há doentes". Ora, se a precária mente humana pode tanto, qual seria o poder da mente de um arcanjo como Lusbel? Pois de quanto mais alto caíram os espíritos rebeldes, mais fundo desceram rumo ao caos medonho. Aquele que era mais alto no sistema hierárquico, ao cair, ficou reduzido ao mais profundo menos, à mais profunda negação do ser, isto é, ao não-ser.

Deste modo se pode construir uma escala do ser que vai do elétron a Deus, em que o mais geral é o mais ser, o menos geral. menos ser. Teria razão, logo, Hegel, ao dizer que o real é o geral? que tanto mais geral, mais real, e tanto menos geral, menos real? O Estado é mais real que a sociedade, e esta, mais que os indivíduos? Sim! Então, sendo o Estado mais real que os indivíduos, estará certo o socialismo da direita, como o nazi-fascismo? Está e não está. Se aplicada esta doutrina ao topos uranos de Platão, está certa, porque. o chefe de Estado, então, será um Serafim que se esbraseia do amor divino. Relativamente ao nosso mundo, porém, que evolui de baixo, esta doutrina está errada, porque. estando o Estado ainda em formação, ele é ainda, em parte, caos. A construção evolutiva se faz de baixo para cima, donde vem que os indivíduos são mais perfeitos que o Estado; já o dissemos: evolução é a eliminação progressiva do caos. Na subida evolutiva, formou-se, primeiro, o cosmo do átomo, e este esteve rodeado pelo caos; depois os átomos se combinaram no cosmo das moléculas, e estas permaneceram ainda em pleno caos; com o passar do tempo telúrico, vieram as moléculas complexas dos compostos do carbono, as células isoladas, as colônias celulares, a divisão, do trabalho entre elas, e, com isto, surgiram

os primitivos seres superiores. Sempre, como se vê, o cosmo organizando-se no seio do caos. Deste modo, o Estado, como unidade complexa superior, ainda é caótico; ele é um cosmo em formação; é mais ser, é mais real que os indivíduos, como queria Hegel, mas um ser ainda em formação, e nunca um nexos que pudesse unir o homem a Deus. Há mais Deus na ordem atômica, molecular, celular orgânica, no cosmo individual humano, na família, que na desordem estatal. O Estado é mais ser (Hegel), mas este ser maior ainda está em formação. Por causa disto, se aplicada ao nosso mundo a verdade hegeliana vigente no topos uranos de Platão, em vez de descer dos céus um querubim para reger o Estado, o mais certo é que pode subir dos infernos um comparsa de Satã para se colocar como mediador entre Deus e os homens. A doutrina de Hegel é correta para o Estado perfeito (topos uranos). não, porém, para o Estado caótico, que se está ainda formando em nosso mundo. O Estado, em nosso mundo, não vai ainda, além de um mal necessário (Ortega). Ora, se o governo não pode vir de Deus, através do Estado-caos, só pode subir da ordem individual humana, sendo esta a causa ontológica de as democracias serem, ainda, em nosso mundo, o melhor regime. É certo que não há democracia no topos uranos, e que lá o poder emana do alto; mas aquela ditadura dá tanta liberdade individual, respeita tanto a soberania dos indivíduos, que foi possível até a rebelião dos espíritos, a queda das almas, e a formação do caos. Está, pois, e não está certo Hegel, dependendo o estar ou o não estar certo, do ponto de vista de onde se observa o fato social que ele expõe.

E o socialismo da esquerda (bolchevismo), acaso não é ordem estatal vinda de baixo para cima? da matéria para o Estado! Sim, é, pelo menos em teoria. Logo, está certo?! Também não. Porque esta forma de subida permite o assenso dos piores que se valem à larga, da força e da astúcia. O Estado comunista, sem Deus que é, é uma ampliação da animalidade inferior, sem liberdade, onde impera a força, onde domina a astúcia. Na subida evolutiva o Estado se constrói pelos indivíduos, e estes só podem trabalhar nesta construção, se forem livres, se tiverem livre iniciativa. Por isso é que as democracias, apesar de seus erros, são o melhor caminho para a consecução da ordem estatal. O Estado se firma pela harmonização das classes, e não, pela luta delas; forma-se pelo amor, que conecta, e não, pelo ódio que separa as partes em rivais irreconciliáveis.

O amor, por conseguinte, é o agente unitivo, a conexão que tudo interliga e ordena, no passo que o egoísmo odioso, sendo o oposto do amor, a tudo derroca, a tudo leva ao caos. Por ter-se invertido o amor em egoísmo, as almas caíram, e, em caindo, se desintegraram, visto que todas as unidades menores que a constituíam, ficaram animadas desse princípio de inconexão, deste egoísmo, separatista e aniquilador. Consequentemente não há possível volta ao lugar celeste a não ser pelo amor. Dí-lo Cristo, dí-lo todas religiões. Fora do amor não há salvação, considerada esta como a reentrada da alma no topos uranos. Somos todos dragões, somos anjos pelo avesso, e somente subiremos ao grau de numes, pela desinversão do dragão que somos, no anjo que seremos. E esta desviragem só se faz pelo esforço próprio e pela dor, e para isto deu Cristo o exemplo vivo, mostrando ele, na sua carne própria, como se faz a caminhada de volta, o retorno dos filhos pródigos. Em nenhum lugar dos Evangelhos há a esperança de sermos felizes nesse mundo, enquanto ele for habitado por homens dragontinos. Por esta causa, move-nos a riso o paraíso comunista fundado na animalidade, na força bruta das armas bélicas, e na astúcia que quer dizer mentira, ludíbrio, engano, camuflagem, despistamento, engodo. Move-nos a riso um agente da "divina providência" como Hitler, saído das cavernas infernais da nossa Terra, para, em nome de Deus, pregar o ódio, talar a terra, assolá-la pelo fogo e assolá-la do sangue dos mais fracos.

Um principio valido no céu, se aplicado no inferno terrestre, falha, do mesmo modo que os princípios válidos nas trevas do orco, não funcionam no lugar celeste. Ambos são verdadeiros, quando considerados sob as coordenadas do tempo e do lugar. A conclusão disto é que todas as doutrinas filosóficas são verdadeiras, uma vez que cada pensador viu ou intuiu o mundo sob dada perspectiva, isto e, observou-o de um lugar e num dado tempo. Conseqüentemente, uma filosofia será tanto mais verdadeira, quanto mais for sintética, e só terá a visão da verdade aquele que puder observar o mundo de todos os lugares e em todos os tempos.

Não resta, pois, outro caminho à filosofia, senão enxergar, como viu Platão, o mundo celeste feito por Deus, habitado por filhos seus, saídos do seu amor ; ver, depois, a queda danosa de parte destes filhos ate o caos mais inteiro, de onde, agora, tudo retorna a Deus por evolução.

Este problema colocado por Platão, que agora se resolve, não é novo, e antes, esta na raiz de todos os mitos e religiões da Terra. Abordou-o também, em forma poética. o portentoso gênio de Milton, no seu "Paraíso Perdido". Tratou-o Pietro Ubaldi em seus dois livros: "Deus e Universo" e "O Sistema", porem, recaiu na surrada tese de que a queda resultou da desobediência, e não, como ora propomos, do esfriamento e inversão do amor. Com isto, Pietro Ubaldi tomou o galho pelo tronco, visto como a desobediência é própria de quem já não ama, e impor a obediência pela força, faz dos filhos escravos. E nossa experiência histórica já nos tem demonstrado que nenhum governo se manteve, quando se sustentou só da força das baionetas. Napoleão dominou a Europa, porém, não a governou um só dia por causa da verdade que lhe gritara Talleyrand: "Com as baionetas, Sire, pode-se fazer tudo, menos uma coisa: sentar-se sobre elas" O governo, como diz Ortega, tem um problema de nádegas, de assento, de trono, de cadeira e de cátedra, e não, de baionetas. Assim, Deus permitiu a rebelião e a queda dos rebeldes, porque Talleyrand tem razão. Sem a adesão íntima, nascida do amor. Deus preferiu a morte dos filhos rebelados no caos, do que a vida deles toda feita de escravidão, de medo e de ódio. Por causa disto, a submissão não condiz com a liberdade, mas, com o amor, sim, condiz, porque o que ama quer, livremente, obedecer. Uma obediência prazerosa, desejada, procurada, amada, não é submissão, é liberdade, uma vez que o homem é livre, ainda quando quer obedecer.

Ora, isto posto, isto assentado, que é que diz Pietro Ubaldi? Pois declara que o ato da queda resultou dum ato de desobediência. Deus, segundo Ubaldi, é um "Eu Sou" maior que fez os filhos como "eu só menores, tanto como Deus, egocentricos; e acrescenta: "Eis a tentação, o impulso que devia trai-los: uma exageração do eu. Isto foi chamado orgulho. Era a natureza do seu mesmo "eu" que os havia de trair"(Pietro Ubaldi, O Sistema, 123). Com isto, Ubaldi não desculpou Deus pela queda. visto como pôs nos filhos aquela natureza "que os havia de trair e para que não fossem traídos, "então, impunham-se dois imperativos categóricos: 1-" a presença de uma lei emanada de Deus, reguladora da ordem; 2- absoluta obediência a essa lei por parte da criatura"(Pietro Ubaldi, O Sistema, 116). Por que, logo, falar em obediência, embaixo, e em lei, em cima, quando o problema se referia ao amor? Acaso, então, Deus não transfundiu a sua substância-amor nos: filhos, pelo que estes não somente eram erogênicos, senão, também erofagos? Então não é o amor que lhes formava a substância, e ainda o que os movimentava e os nutria! A desobediência, pois, é efeito, e não a causa, por isso que onde falta o amor, ai não pode haver obediência livremente desejada.

Ubaldi descreve a natureza do homem, aplicando-a aos celículas, como se estes foram homens. O homem deseja avançar mais, enriquecer-se de novas conquistas, porque, em si, traz a potencialidade que se encaminha a transformar-se em ato. É a

potência e ato de Aristóteles. Todavia, se Deus pôs nas criaturas angelicais potência tendente tornar-se em ato, segue-se que elas possuíam impulso evolutivo, donde vem que não eram perfeitas. Perfeição significa puro ato (actus purus) que Aristóteles atribuía só a Deus, mas que também está no martelo que não pode ir a mais do que é, porque perfeito; que também está no espermatozoide e no óvulo os quais, faz bilhões de anos, são do jeito que são. Um átomo não pode ir a mais que átomo, nem a molécula a mais que molécula. O único impulso que vai além do átomo, é aquele que o força a "querer" unir-se a outro para a formação duma unidade maior - a molécula. Assim, os celiculas, se eram perfeitos, tinham em si esgotada a potência transformativa, evolutiva, e se lhes restava, como no caso dos átomos, desejar a união com os outros irmãos (eis o amor), para, com eles, formar a unidade maior do social. Frente a isto, como vem dizer Ubaldi que "permanecia sempre diante dos olhos das criaturas essa zona inexplorada, na qual, na verdade, não se devia entrar, mas que apresentava uma incógnita tentadora porque escapava ao seu domínio não se sabendo o que pudesse conter"? (Pietro Ubaldi, O Sistema, 119) Que importa houvesse essa zona do desconhecido, se o ser se achava pleno em si mesmo, satisfeito com o que era, porque perfeito? Como dizer Ubaldi: "Podia representar uma zona de domínio ainda maior e uma vantagem a conquistar"?(Pietro Ubaldi, O Sistema, 119). Mas, isto é próprio do homem, ou de anjo? E acrescenta: "Esse impulso de auto-crescimento (evolução?), que impelia a explorar o desconhecido para ampliar o próprio domínio, derivava da própria natureza do ser, criado à semelhança de Deus, como individuação egocêntrica, e portanto tendente ao expansionismo" (Pietro Ubaldi, O Sistema, 119-120). Essa é uma descrição perfeita do homem evolutivo, e não, nunca, a descrição dum ser perfeito que seja todo ato e nada potência. Toda esta estória sabe à desobediência de Adão, só que Pietro Ubaldi pôs, na árvore da ciência do bem e do mal, em vez de frutos, "uma zona de domínio ainda maior e uma vantagem a conquistar". O anjo, como se vê, é um perfeito Adão.

E quando Ubaldi se refere ao amor, sempre tem em vista o amor da criatura para com o Criador, em sagrada retribuição do amor que tem Deus pelas criaturas. Isto seria a fruição amorosa de que fala Santo Tomás. No entanto, o amor fraterno, que cada criatura devia ter para com o seu irmão com o qual devia unir-se, para a formação da unidade maior do social, em que ficou? O mundo está cheio daqueles que declaram "amar a Deus sobre todas as coisas"; há, até, os que se retiram do convívio humano para melhor poder realizar esta ilusória união com Deus. Isolados, como podem cumprir o segundo novo mandamento de Cristo, que é amar ao próximo como a si mesmo? O amor que constrói a unidade do social, não é o que se tem para com Deus, e sim, o que se tem pelo próximo. E São João chega até mesmo a afirmar que este amor do próximo é o passo necessário para chegar a gente ao amor de Deus, e por isso sentencia: "Se algum disser pois, eu amo a Deus, e aborrecer a seu irmão, é um mentiroso. Porque aquele que não ama a seu irmão a quem vê, como pode amar a Deus a quem não vê?" (I Jo 4, 20).

E São João está certo, porque ninguém pode amar a Deus diretamente, pelo simples fato de ninguém poder saber quem é Deus. Para se saber o que é uma coisa, preciso se faz defini-la; e definir significa traçar "fines" (limites) à coisa, ou seja limitá-la dentro de um todo maior. E como traçar limites ao infinito? "Um Deus definido é um "não-Deus" (H. Rohden). Por causa disto, Deus não pode ser definido ou conceituado; de Deus só se pode ter urna intuição, não, porém, um conceito. Um Deus definido, deixa de o ser, e a nossa triste condição de racionais é ter de pensar por conceitos. Logo, ninguém pode pensar Deus, e sim, apenas, ter-lhe intuição. Mas a intuição não é pensamento, e sim uma como que atmosfera mental. um como que espaço ideal,

dentro do qual as coisas se delineiam em conceitos. E como pode alguém amar a essa Realidade suma que não pode abarcar, conter ou compreender? Por isto é que nosso amor se volta para as partes individuadas dessa Realidade, donde vem que só podemos amar a Deus por partes, a começar pelo que nos está próximo, que são nossos irmãos, o próximo a quem vemos, no dizer do Apóstolo S. João.

E do mesmo modo como não podemos amar a Deus, a não ser por partes, também não o podemos odiar ou combater senão por partes; e as partes são os próximos como já o vimos. Consequentemente, os anjos não poderiam ter-se rebelado diretamente contra Deus. e sim, contra os que, no topos uranos, representavam os máximos detentores do poder. Assim, a rebelião se nos afigura como uma revolta de espíritos entre si, pela hegemonia do poder, levados, que foram, pela impulsão do egoísmo. A queda que se seguiu, resultou, muito naturalmente, de que o egoísmo desconecta, desune, desliga, desintegra. Partindo desta verdade declarada por S. João, não amar ao nosso próximo é não amar a Deus; pela recíproca, quem ama a seu próximo, ipso facto, ama a Deus. O segundo mandamento de Cristo, portanto, o do amor do próximo, é passo necessário para chegar-se ao primeiro mandamento, que é o do amor a Deus.

Mas, que disse Cristo a este respeito? Declarou que esses dois mandamentos resumiam toda a Lei e todos os Profetas. Pois claro: para o que ama, não é necessário Lei que lhe recomende não matar, não furtar, não adulterar, assim como todos os demais preceitos do Decálogo. Não é, pois, como escreveu Ubaldi. que houvesse Lei em cima e obediência embaixo. O que havia, de começo, era o amor que tanto estava em cima como embaixo, e a Lei só apareceu, muito mais tarde, para coibir os abusos dos que já não amavam. e, por isto, caíram, ou para cabrestear os que, evoluindo de baixo, ainda não chegaram a desenvolver em si o amor. Sem o amor, ainda que com Lei, houve e há quedas; com o amor, ainda que sem Lei, não se cai. Por este motivo, onde houver o amor, cessa a Lei, como aguda e doutamente o declarou S. Paulo. Assentado isto, podemos concluir que o amor para com o próximo é a pedra-de-toque com que se há de provar o amor que se diz ter para com Deus. Eis por que S. João sentença que se alguém disser amar a Deus, mas aborrecer a seu irmão, esse é um mentiroso! Este é o espírito do Evangelho, e por faltar o amor, originou-se a queda. Ainda, como o entende Pietro Ubaldi?

Diz Ubaldi que "os seres foram criados do tipo "eu sou" menores, mas do mesmo modelo de Deus" (Pietro Ubaldi, O Sistema, 121). Com estes elementos podemos armar este silogismo: Os seres criados eram egocêntricos por ser "do mesmo modelo de Deus"; ora, esses "eu sou" menores possuíam natureza expansionista; logo, Deus também a possui. E para onde há de expandir-se Deus, se ele é infinito? Sendo Deus infinito, não tem para onde crescer, pelo que não tem natureza expansionista; por conseguinte, como pode transfundir nos filhos uma natureza que não pode ser a sua? E se tiver, Deus, natureza expansionista, como não tem para onde se expandir, sente-se oprimido e confinado tal como o homem, fechado nas suas limitações.

Em vez de no amor, diz Ubaldi: "No espírito de disciplina, na consciência da Lei, na obediência a Deus, o ser devia achar a força para resistir ao impulso expansionista do próprio eu" (Pietro Ubaldi, O Sistema, 121). Como se vê, o que havia era a Lei em cima e a obediência embaixo, para contrabalançarem o impulso expansionista que o anjo possuía em sua natureza posta nele por Deus, e tirada de não se sabe de quê, visto como Deus não pode ser expansionista, porque, como já vimos, sendo infinito, não tem para onde se expandir.

E não tem desculpa Ubaldi em percorrer estes descaminhos, porque fora advertido numa frase lapidar que lhe coriscou do Alto, quando ainda escrevia sua obra

anterior "Deus e Universo". Diz, lá, a Voz do Alto: "A equação parecerá insolúvel, enquanto não soubermos dar à incógnita x, chave do sistema, o seu justo valor. E este valor é representado pela palavra amor" (Pietro Ubaldi, Deus e Universo, 284). Chamejando como um bólido, caiu-lhe dos céus esta pedra angular para ele a colocar no alicerce do edifício. Não sabendo, porém, o que fazer com ela, meteu-a, Ubaldi, em qualquer lugar da parede, tirando todo o sentido da sua construção, como se fora peça posta fora do lugar, ou que não pertence à obra. Ora, se o valor da incógnita x. "chave do sistema", é representada pela palavra amor, como é que Ubaldi, em vez de escrever $x = \text{amor}$, pôs: $x = \text{Lei} + \text{obediência}$? Por causa disto, nós não nos sentimos obrigado a nos filiar a Ubaldi, e antes, como disse Aristóteles de Platão, também, por nossa vez, declaramos: *Amicus Petrus, sed magis amica veritas*.

Também tratou do tema da queda Schopenhauer ao escrever: "Se a nossa existência não tem por fim imediato a dor, pode-se dizer-se que não tem razão alguma de ser no mundo. Porque é absurdo admitir que a dor sem fim que nasce da miséria inerente à vida e enche o mundo, seja apenas um puro acidente, e não o próprio fim. Cada desgraça particular parece, é certo, uma exceção, mas a desgraça geral é a regra" (Schopenhauer, Dores do Mundo, 5). Por causa disto "O mundo é o inferno, e os homens dividem-se em almas atormentadas e em diabos atormentados" (Schopenhauer, Dores do Mundo, 10). Daí a conclusão de que "as dores e as misérias são, pelo contrário, outras tantas provas em apoio, quando consideramos o mundo como a obra da nossa própria culpa, e portanto como uma coisa que não podia ser melhor. Ao passo que na primeira hipótese (a de que foi Deus que fez este mundo), a miséria do mundo se torna uma acusação amarga contra o criador e dá margem aos sarcasmos, no segundo caso aparece como uma acusação contra o nosso ser e a nossa vontade, bem própria para nos humilhar" (...) "De um modo geral não há nada mais certo: é a pesada culpa do mundo que causa os grandes e inúmeros sofrimentos a que somos votados; e entendemos esta relação no sentido metafísico e não no físico e empírico. Assim a história do pecado original reconcilia-me com o antigo testamento; é mesmo a meus olhos a única verdade metafísica do livro, embora aí se apresente sob o véu da alegoria. Porque a nossa existência assemelha-se perfeitamente à consequência de uma falta e de um desejo culpado..." (Schopenhauer, Dores do Mundo, 11-12)

Deste modo, nenhum problema será resolvido, nenhum, se for desprezado este dado metafísico (a queda) fundamentalmente importante. Tente, quem o quiser, e verá, por fim, que nenhuma solução se lhe antolhará, fora esta que propomos. E a queda não podia ter-se dado, a não ser pelo esfriamento, e inversão do amor. Consequentemente, ninguém retornará ao lugar celeste, se não desenvolver em si o amor.

A queda, deste modo, teve início no plano moral com a inversão do amor em egoísmo. A máxima superevangélica que diz: uma ao próximo mais do que a ti mesmo, cedeu o lugar à máxima evangélica que manda amar ao próximo como a ti mesmo. A primeira máxima tinha apoio na metafísica do diferente, do desigual quanto à capacidade e aptidão executivas. Cada anjo era uma espécie conforme o intuira São Tomás. Deus criara seres unos e únicos que tinham a principal função de explicitar, cada um, uma faceta da divindade que só ele poderia expressar. Então cada um vivia a partir do outro que era o objeto amado, e o amante, como um planeta, girava em torno do seu sol-de-amor - o amado. Com a queda para a máxima democrática ou evangélica, surgiu no mental a correspondente metafísica da igualdade; não igualdade quanto ao amor, mas igualdade quanto à função, e cada um se julgou apto a desempenhar quaisquer atividades. Quer dizer que a queda foi primeiro moral, e

depois, mental ou metafísica, e, finalmente, física. Quando da vigência da máxima superevangélica, o espírito angelical vivia na hiperconsciência volumétrica e unitária pelo que amar e saber eram uma e mesma coisa. Depois, com a queda para a máxima evangélica, deu-se também a descida para a consciência planimétrica e fragmentária, que gira em círculos fechados, como quem, perdido, vaga nas matas, nos desertos e nas regiões geladas próximas dos pólos. E como o homem comum, cada anjo buscava achar a sua verdade, isto é, a que atendesse e justificasse os seus interesses pessoais egoístas; assim como o homem, cada anjo principiou a exercitar-se na difícil e penosa arte dos sofismas. Mas a queda não parou aí; descendo mais, mudou-se a máxima democrática para esta outra da natureza bruta: ama-te só a ti, e usa o próximo em seu exclusivo benefício. Agora o mental ou metafísico teve de arranjar "razões para este comportamento, e lá no empíreo, antes que na Grécia, surgiram os primeiros sofistas a declarar que cada anjo é a medida de todas as coisas. Antes que surgisse na economia política o termo egoísta "laissez-faire" deixa fazer -, os primeiros utopistas já passaram a pregar que o anjo devia ser deixado livre para fazer o que quisesse, que a liberdade é o arbítrio individual, e que cada um buscando o seu benefício próprio, promovia o bem geral. Assim a queda se urdiu do moral para o mental, e deste, para o físico.

Ponhamos tudo isto agora num diálogo que supomos ter acontecido no empíreo, no prístino passado. Imaginemos que um grande chefe, outrora todo luz, e que, por isto, Lusbel se nomeava, levantou-se no meio de um conchavo de líderes, e, sofista, começou assim o seu discurso:

- Dominações, Poderes, Principados, Arcanjos e Anjos. E bem que nos houvesse Deus criado em planos menores do que os portentosos Tronos, que os Querubins, e, sobre todos, os supraluminosos Serafins? Por que se mostram eles poderosos, envoltos em suas irisadas luzes, de tal modo que quase não podemos divisar-lhes as figuras? Um Deus de justiça, se e que existe Deus, devia-nos ter criado a todos nós iguais, com igualdade de saber, em igualdade de luz. No entanto, o que vemos, são esses orgulhosos Serafins a ostentarem seus poderes, tendo sido muito acima de nós outros colocados. Eu proclamo que só pode haver felicidade se todos formos iguais, donde vem que a nós nos cumpre lutar por conquistar os mais subidos tronos. Deus, se é que existe, é um centro de poder, um foco limitado, e não, um contínuo infinito de luz incriada, como até há pouco a intuição nos fazia ver. E contra um foco, é fazer nascer e crescer um foco oposto, e o poder irá para o que se mostrar mais forte. Mais poderosa que a intuição é a razão que raciocina, pondo em dúvida os dados imediatos da fé, e em vez de pobres crendeiões, sejamos mais que lincas, mais que ainda ases do pensamento!

E irradiando Lucifer faiscações medonhas, da cabeça em brasa viva, como quando vento forte assopra um tição, continuou:

- Atentai: como pode haver fraternidade se nos vemos rebaixados aos pés daqueles que ora empunham os cedros, e administram, solidários, o poder absoluto? Que é que lhes sustentam os tronos, senão o consenso, o uso, os costumes? Por que a verdade há de ser só a que a eles lhes convém? Eia! ó heróis valentes! Façamos a nossa verdade! sejamos livres do jugo! Da ovina sujeição nos apartemos, e, ao contrário de vivermos a partir do nosso próximo, vivamos a partir somente de nós mesmos! eles, os Serafins, como ditadores, criaram a máxima que a eles lhes convém, que diz: ama ao próximo mais do que a ti mesmo. Com aceitarmos esta pseudo-verdade como axioma verdadeiro da moral, inadvertidamente, aí de nós, não discutimos as consequências que dela decorriam. Contudo, agora que se nos aclarou a razão, podemos enxergar que, aquele enunciado primário da moral, é um dado que

serve aos interesses dos mais fortes, porque, se descuramos de nós mesmos, em proveito alheio, e claro que esse alheio cresce, e nós, diminuiremos. Possivelmente Deus, se é que existe, criou-nos a todos iguais aos Serafins, mas porque principiamos a viver aquela máxima absurda da moral, nosso poder se foi apoucando, no passo que crescia o deles, de sorte que, agora, eles são grandes, e nós, pequenos. Se a vivência daquela máxima nos diminuiu, nos abateu, podemos nós crescer de novo, se ela for mudada. Ha, aí, quem nos aclare, que outra máxima seguir?

Neste ponto Belzebú que, atento, seguia a dissertação do augusto chefe, declarou:

- Eu proporia fosse mudada, aquela, para esta outra máxima: ama ao próximo como a ti mesmo.

- Boa proposição é essa, ó Belzebú, tornou. Lusbel, se estivéssemos num regime de igualdade. Talvez, no começo dos tempos de que, por desgraça nossa, perdemos a memória, quando, suponho, todos éramos iguais, talvez, então, essa máxima fosse justa, porque nos garantiria o equilíbrio. Amar ao próximo como a nós, é aceitar a igualdade dele para conosco, de nós para com ele. Mas essa equilibrada e justa máxima, se aplicada hoje, não mudaria em nada a nossa condição. Ficaríamos sempre tal qual somos, isto é, nós por baixo, e eles por cima.

Levantou-se, então, Moloch, trovejando sua voz potente e cava. Esta ígnea Potestade trazia no semblante o cenho carregado, como o do lutador feroz que, na arena, encara o seu contrário. Levantando a voz, assim se declarou:

- Eu acho que a máxima deveria ser mudada para esta outra: ama-te a ti mais do que a teu próximo. Porque se o nosso amor por nós for maior do que o dedicado ao nosso próximo, estaremos garantidos contra a diminuição, e tudo o que fizermos, será em nosso único proveito; com isso cresceremos.

Disse, e sentou-se, ao tempo em que se levantava na assembléia Belial. Este Arcanjo trazia sempre na feição um ar de riso irônico, que se gravara, aí, das disputas sofistas em que ele se empenhava, arrasando, inevitavelmente, o contendor. Era mestre consumado que fazia empalidecer quem com ele ousava defrontar-se. Tinha sempre certa a vitória, e sorria sempre, sorria da miséria e confusão em que poria o seu contrário. Pondo-se em pé, principiou a falar:

- Íncrito chefe, outrora todo luz, e agora, em parte, em brasa viva transformado! Meus pares. Suponhamos, como afirmam os nossos contrários, que Deus existe, e que é justo: neste caso ter-nos-á criado a todos nós iguais, no grau mediano das Virtudes, e que, por vivermos a máxima corrente aqui no empíreo, fomos diminuídos, e com este apoucamento, perdemos a memória dos remotos tempos, de quando todos éramos iguais, e pertencíamos a um Coro único que é o das Virtudes. Suposto que há Deus, e que é justo, esta consequência necessária se impõe: fez-nos ele a todos nós iguais. Assentado isto, isto colocado, por que os detentores do poder se subiram aos graus de Tronos, de Querubins e de Serafins, enquanto que nós outros fomos rebaixados aos graus menores de Principados, de Arcanjos e de Anjos? Digo-vos, ó companheiros de infortúnio!, que é por que, desde os começos, aqueles que, hoje usurpam o poder mais alto, nos insuflaram a máxima que nos arruinou. mandando-nos devotar amor aos outros, mais do que a nós próprios; contudo, eles, sorratamente, tiveram o cuidado de por em prática a máxima contrária que diz: ama-te só a ti, e usa teu próximo em teu único proveito! Com isto, eles cresceram e nós, diminuímos. Segue-se, logo, como deduzo da existência e da justiça de Deus, que eles não eram Serafins desde o princípio, senão que eles se subiram a esse grau, a custa da nossa degradação inevitável. Por conseguinte, a nós nos cumpre vivermos a máxima deles, dos Serafins, e o processo do nosso apoucamento ter-se-á de inverter, e nós cresceremos, e eles

descerão. Sejam hipócritas como eles que pregam uma coisa e vivem outra, e este disfarce de palavras por-nos-á a coberto de alguma possível imatura reação. Que a guerra aberta seja a seu tempo, pelo que, no presente, os propósitos de vingança nos cumpre acobertar. Por isto, proponho que a máxima vivida de agora em diante seja a que declaro, isto é, a que nos manda amarmos a nós mesmos, não só mais do que ao nosso próximo, senão, que devemos usar ainda o nosso próximo em nosso exclusivo benefício. E fortes desta maneira, façamos, por fim a guerra aos do poder, derrubemo-lhes os tronos, erigindo outros para nós em seus lugares; sejamos chefes. Mas, alentai: primeiro fuja para longe, e, num recesso bem seguro, urdamos como há de ser a guerra. Façamos armas que possam destroçar nosso inimigo, já com raios, já com luz vermelha em feixes concentrada, já com projéteis desintegradores; e quando o clangor de nossos clarins e cavos bronzes se ouvir no inteiro empíreo, que logo após também se ouça o medonho sibilar de nossas poderosas armas. E se outro tanto de males assolar os nossos briosos e valentes batalhões, acobertados, protegidos estejamos por nossas cidadelas móveis, e assim, pouco a pouco, mas chegando sempre para perto, acabemos por desalojar nossos contrários, ocupemo-lhes os postos, assentando bem no alto o nosso válido estandarte que simboliza a troca do amor suicida pelo próximo, pelo amor que a nós mesmos havemos de nutrir. Eia! companheiros! Se Deus nos deu a liberdade, certamente não foi para que, de livre escolha, sejamos nós escravos.

Tendo dito isto, sentou-se, enquanto estrugia o aplauso longo, grande, na assembléia. Outro Principado, Asmodeu, que ali bem perto estava, erguendo a voz, ponderou os perigos em que essa temerosa empresa podia redundar. Disse:

- Tenho considerado o quanto neste conchavo já se concertou; e não posso deixar de reputar que a empresa é perigosa; os azares da guerra são imprevisíveis, e tanto que as partes ambas que vão a pelejar, têm por certa sempre a vitória, e, contudo, uma das duas será, na certa, derrotada. Isto assentado, quem nos garante que a vitória será nossa? E se vencidos formos? Acaso nosso inimigo não nos porá em ferros? Seria a essência nossa passível de aniquilamento? De morte? Onde achar a experiência que nos guie o pensamento? Se a nada reduzida for a essência nossa, o que julgo mais provável, então, já a guerra nos alenta, porque, se a perdermos, seremos nada, o que reputo melhor mil vezes do que a humilhante sujeição. Neste caso procuramos um suicídio levado a efeito, não por nossas próprias mãos, mas pelas mãos alheias! Terão de nos matar bem mortos, e todos saberão que a morte eterna existe a par da eterna vida! Que os mais fracos morrem, e que os mais fortes viverão!... Em dizendo isto, dou por refutado Belial que tirou a consequência da igualdade e da fraternidade dos Anjos, da existência e justiça de Deus. Belial não definiu o que vem a ser justiça, e a isto chego agora: a justiça é o direito do mais forte. Logo, ser justo é ser forte, com que justiça e força se existe em Deus, se é que existe, é a força suprema, causa primeira de todas as coisas, e, por isto, se honra de ter por filhos os fortes e os astutos, e nega a paternidade aos fracos e aos estúpidos. Ser eleito e dileto filho de Deus, por conseguinte, é ser forte. E por que, ai de nós, nos tornamos fracos... por viver a máxima suicida que nos manda amar ao próximo mais do que a nós mesmos, por isto caímos no desagrado de Deus, e só, de novo, podemos ter-lhe a graça, se, de fracos, nos tornarmos fortes. Poder é ser: não poder é não-ser. Porque nos enfraquecemos em poder, por isso nos achamos, hoje apoucados em ser. Ou retomamos o poder e ser antigos, ou reduzirmos-emos, pouco a pouco, a nada. Eia, pois, ó companheiros! Poder ou morte!

Em dizendo isto, Asmodeu brandiu no ar a destra de que se soltaram afogueados raios. Depois, mais calmo, prosseguiu:

- Consequentemente, Deus, se é que existe, é Deus de força que premia os fortes, e esta é a causa diz nos acharmos degradados em grau menor de Anjos, no passo que outros se subiram ao grau de Serafins, Querubins e Tronos. Ora, aqueles que, como nós, foram criados no grau mediano de Virtude ou Potestade, e agora se acham reduzidos a simples Anjos, até onde descerão? Se a morte nos virá, então, a longo prazo, acho que nos convém o suicídio agora, se perdida for a nossa guerra. Mas, consideremos: se formos imortais, apesar de derrotados, quem de nós agüentaria a imortalidade em eterna danação, em perdição, em dor eterna?

A estas palavras, Moloch, franzindo a catadura, pôs em pé, e falou desta maneira:

- A guerra nos convém; seja porque seremos vitoriosos, seja porque reduzidos seremos nós a nada; o que é impossível é a vida em sujeição, em cativeiro, vendo os altos Numes em seus luminosos tronos colocados, e nos, iguais a eles, presumo, outrora, achamo-nos hoje apoucados, por desgraça dessa política do amor, que nos manda amar ao próximo mais do que a nós mesmos. Já não temos mais memória da nossa criação; mas a julgar que Deus é justo e bom, temos de supor que sua justiça nos fez a nós iguais aos Serafins. Ou, de outro modo: talvez tenhamos todos sido criados no grau de Virtudes ou de Dominações; os que trataram do interesse próprio se subiram a Serafins, e nós, curando de amar ao próximo mais do que a nós mesmos, descemos ao grau menor de Anjos. E se, como diz aí o Asmodeu, a justiça é o direito do mais forte, sejamos fortes, e, na guerra, o Deus da força estará do nosso lado. Cumpre-nos, pois, mudar a política, e fazer a guerra, tão logo, estejamos preparados.

Dito isto, sentou-se Moloch, ao tempo em que Belial, de novo se levanta.

- Augusto chefe; meus pares. Ouvi quanto neste plenário já se disse. Para a guerra ser ganha, preciso é fazermos dela a propaganda; se todos os Anjos decidirem a derrubada do poder, ele cairá, ou não mais será possível exercer o mando. Todos os poderosos não de saber que sem o consenso das massas, é impossível governar. Logo, basta a pregação da nova ideologia, e se, com ela, tivermos arrastado conosco a maioria, o poder cairá até sem luta. No último caso, porém, a guerra! E se a perdermos, seremos, por certo, destruídos, porque nossos tiranos não nos dão de querer vivos; morreremos. Metidos em prisões escuras, cortada a luz de que vivemos, extinguiremos, pouco a pouco, e nossa essência reduzir-se-á a nada. Mas não sejamos pessimistas! a vitória será nossa, e faremos a eles o que eles nos fazer pretendem. Aniquilados os nossos inimigos, reinaremos em eterna segurança. Em vez de sobre o amor, sobre o egoísmo erijamos nossa ordem. E cada um buscando o bem próprio, o bem geral obteremos.

Findo o congresso, os perversos Anjos se afastaram, a fim de preparar a guerra. A queda, assim, ocorrida primeiro no plano moral, continuou-se pelo plano mental ou metafísico, e, finalmente, físico. E tempo largo gastaram nesta preparação. Até que, enfim, depois de preparados, soaram-se os agudos clarins e as fulvas trompas, cavas, lúgubres, anunciando o momento da peleja. As cidadelas móveis, aos milhares, armadas de dardos positronicos, desintegradores, de setas rubras, luminosas, de projetores energéticos, vieram rodando, devagar, até o sítio do ataque. E ao comando de Lusbel ou Lúcifer que se chamou mais tarde Satanás, todos estiveram prontos, e, à voz de "fogo!", dispararam-se as horrendas armas, enchendo-se de silvos, de trovões, de raios, de foga e fumo o inteiro empíreo. Por longo tempo durou o medonho sibilar das poderosas armas. Os projeteis, e dardos positronicos, e cargas magnéticas lançados, a um tempo, contra a cúpula da luz, quem o previra?, ricocheteando, devolvidos foram com força redobrada, de sorte que, em caindo sobre os amotinados Anjos, os talhava, os desfazia, os abolava. No ponto em que, por ricochete, raios, e

dardos, e luz vermelha eram devolvidos, causando dano infindo nos Anjos revoltados, os elementos naturais, até ali calmos, sublevaram-se também, com fúria igual, e furacão medonho rodando em remoinho, levava de roldão as hostes aguerridas, girando pelo espaço em perdição inteira Anjos e armas. E todas as coisas que tais Anjos produziram, por criação de suas mentes poderosas, como dotadas de consciência própria, harto, entenderam que deviam seguir na ruína os seus progenitores. E assim o arqui-vortilhão danoso fazia gemer em tremores convulsos todas as esferas, menos o mais alto e trino Coro em que reinavam Serafins, Querubins e Tronos. E quanto mais concentrado e mais potente o turbilhão girava, tudo moendo em suas dinâmicas espiras, mais se ia parecendo ele a dragão formidoloso que corcoveava, gemia ou urrava, procurando achar no empíreo solo algum abrigo. E o solo celestial, até este dia firme, fendeu-se, abrindo fossa abismal em que o serpentino turbilhão meteu-se como parafuso. Varando o solo do celeste mundo, o parafuso vorticoso viu-se livre no espaço universal que, deste dia em diante, passou a ser a vasta, redonda e escura prisão de Satanás. Este começou por reorganizar o seu império, logo abaixo do empíreo mundo, tendo por base, em vez do amor, o egoísmo; em lugar da justiça, a força. E caindo, caindo sempre pelos degraus da involução, os demônios todos foram-se desintegrando pouco a pouco, transformando-se nas puras energias que se fecharam, em círculos, para o centro, principiando a formação do Colosso Primitivo, a gigantesca esfera de que nosso universo se plasmou, Fechou-se, em seguida, no empíreo solo, a horrorosa boca por sobre os conjurados Anjos; e, nesse lugar, por ordem superior, foi colocado um padrão, um diamantino e grande monumento em que se lê, em letras de ouro:

***Jaz, aqui, Satã, para toda o sempre,
Se tanto durar a rebeldia sua.
Criado foi ele pelo Eterno Pai,
Da sempiterna Subsrância-Amor!
Mas, como descreveu-se, ele próprio,
Por arbítrio seu, eis sua sentença:
Terá de recriar-se, por si mesmo,
Em não previsto tempo; ou isto, ou,
Reduzir-se-á, para sempre, a nada.
Nem ele, pois, nem os sequazes seus
Retornarão à Celestina Pátria,
Enquanto não se desvirarem todos
De dragões, transformando-se, de novo,
Nas formas belas que possuíam antes.
Mas há essa esperança aos esforçados,
Aos valentes que se negar quiserem
Altos Numes de esferas mais sublimes,
Inflamados do sacrossanto Amor,
Varando as trevas do Orco levarão
Socorros mil a quem quiser salvar-se,
A quem, de dragão, desejar negar-se,
Reconquistando o perdido Amor.***

Deste modo presumimos que foi a queda dos celiculas no medonho Caos, de que, depois, paulatinamente, veio surgindo o nosso universo, por evolução.

CRISTO E A COBRA

"E, como Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do homem seja levantado." (João, 3, 14).

Está em Números capítulo 21, versículo 9, a passagem que o povo israelita, no deserto, clamava contra Moisés e contra Deus, chamando ao maná, "pão vil". Como castigo, sobrevierem-lhes umas serpentes ardente, as quais, em picando, matavam. Vem o povo, então, a Moisés, e vai este a Deus; e o remédio proposto foi fazer-lhe uma serpente de metal e po-la sobre uma haste, para que todo o mordido que a olhasse, só desta visão, ficasse curado.

Muitas dificuldades se nos antolham neste passo: a primeira é que o mesmo Deus proíbe a feitura de imagens (Êxodo, 20, 4 a 6). No entanto, agora Ele próprio manda fazer esta serpente metálica? A segunda dificuldade é que a serpente simboliza o mal, que não o bem; e como pode a vista do mal ser causa de cura? Sendo a serpente o símbolo do mal, como pode espelhar a Cristo, símbolo do bem? A terceira dificuldade esta em que o mesmo Cristo é quem afirma que precisa ser arvorado, tal como a serpente de Moisés, para remédio do gênero humano picado pela serpente do mal, e comido pelo demônio da dor, da miséria, da aflição e da morte. Quarta proposição: por que estava perdido o gênero humano, carecendo de salvação de Cristo? Acaso não é a humanidade, obra direta de Deus, e por isto, perfeita, não precisando de redenção nenhuma?

Bastam estas, não se precisando mais ir por diante: quaisquer outras proposições que se venham formular, decorrerão de uma só dessas quatro, que é a quarta, em que se pergunta: por que está perdido o gênero humano, se ele é obra de Deus? Como é que se perdeu?

A dar credito às Escrituras, as causas são três: curiosidade, tentação e desobediência; as causas se radiam na curiosidade primeiro; na tentação da serpente, depois; e finalmente, na desobediência.

Tomemos nota, por conseguinte, para nosso governo, primeiro: o homem é por sua própria natureza, um animal curioso; esta curiosidade ou admiração é "filha da ignorância, e mãe da ciência" (Vieira), visto como ela nos move à experiência, que dá o saber; segundo: não devemos confiar em qualquer um, tendo-o por autoridade. porquanto poderá ser alguma serpente a nos suggestionar.

Vejamos, por enquanto. somente, o que nos pode ensinar a serpente que apareceu, ali, no jardim edênico, a qual, diz o texto, era a "mais astuta de todas as alimárias do campo que o Senhor Deus tinha feito". Surge, aqui, então, outra dificuldade: porque fazendo Deus a serpente astuta e tentadora, criou a causa mesma do mal. Por agora, só queremos esta ponta da meada, visto como, ao puxá-la, cuidamos desmanchar todo esse emaranhado... que cada vez mais se complica, com o correr dos séculos. Que serpente é essa?

Pois essa serpente é a antiga, como a chama São João, no seu Apocalipse. Diz ele, lá, no capítulo 12, versículo de 7 a 9: E houve batalha no céu: Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão, e batalhava o dragão e os seus anjos contra as hostes de Miguel; mas não prevaleceram aqueles, nem mais o seu lugar se achou nos céus. E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada Diabo e Satanas, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele". Logo, a serpente paradisíaca era aquele antigo anjo-dragão, chefe de outros anjos, os quais, numa luta desigual, foram vencidos e despenhados do empíreo para a Terra, pelos anjos chefiados por Miguel. E há a passagem de Isaías admoestando um

rei, pelo que o compara com Satanás: Como caíste do céu, ó Lúcifer, tu que ao ponto do dia parecias tão brilhante? Que dizias no teu coração: Subirei ao céu, e exaltarei o meu trono acima dos astros de Deus, assenrar-me-ei no monte do testamento, aos lados do Aquilão. Subirei acima da altura das nuvens, serei semelhante ao Altíssimo. E contudo serás precipitado no profundo do lago" (Isaías 14, 12 a 15). E o mesmo Cristo declara: "Eu via Satanás, como um raio, cair do céu" (Luc. 10, 18). Ora, "eu via" é passado imperfeito, porque a grande batalha ainda não terminou, e tanto que os Apóstolos, agora, expulsavam demônios, fazendo-os despenhar para as cavernas do interior da Terra. Conquanto estes demônios não estivessem nos céus. e sim, na Terra, o relato de sua expulsão pelos Apóstolos, suscitava em Cristo a lembrança do espetáculo que assistira outrora, no prístino passado. Os quadros eram paralelos: lá, no remotíssimo passado, Miguel chefiava anjos na guerra contra os dragões; aqui, no presente, Cristo chefiava Apóstolos na luta contra os demônios. Esta batalha de titãs, nos céus, é relatada por todas mitologias, e é deste jeito que as religiões todas explicam a existência do mal e da dor em nosso mundo. E a obra mais extraordinária e bela, e profunda, neste sentido, é o "Paraíso Perdido" de Milton.

Então, não há dúvida, Satanás ou Lucifer que era todo luz, estava, no princípio, nos céus, ombreando-se com Miguel. E Lúcifer, invertendo-se dentro do sistema divino, entrou em choque com a parcialidade de Miguel que se conservou às direitas. E o ambiente celestial em volta do Dragão e seus anjos, com ser reflexo das consciências, modificou-se, alterou-se, corrompeu-se por tal forma, que, como expressamente diz o texto, "nem mais o seu lugar se achou nos céus". As consciências é que formam seu ambiente próprio; modificadas aquelas, altera-se este; as vacas transformariam, num dia, uma habitação humana em cocheira; pela recíproca, uma família humana forçada a residir num estábulo, transformá-lo-ia em habitação humana. Por isto, aquele lugar que não se achou mais nos céus, é o caos, de onde tudo retorna agora a Deus, por evolução. Contudo aquela antiga serpente não está de todo desfeita, restando parte dela com grande função no mundo.

O serviço que ela presta, junto dos homens, é o de reptá-los, para que eles repliquem com um sim, ou não. Sem este repto, sem este estímulo, os homens não se decidiram por uma parte ou por outra, não tomariam uma atitude decisiva de subir para Deus, ou de desandar para o Diabo (caos), de onde, afanosamente, vem subindo. Por causa disto, tanto que o homem se viu criado sobre a Terra, aquela antiga serpente passou a tentá-lo, com o propósito certo de o fazer cair, para que seu reino do mal e da dor subsista. Traído pela cobra, o homem se viu picado dela sempre, como aqueles israelitas do deserto. O remédio é enfrentar a serpente numa luta mortal, pelo que precisamos exaltá-la numa haste, visto como ninguém poderá corrigir um erro, sem conhecê-lo de perto. A serpente, pois, símbolo do mal, não era para ser adorada, como um deus, como faziam os atlantes, na sua ofidiolatria; era para ser olhada, como diz o texto, isto é, observada e estudada nos seus pormenores. Esta é a forma hebréia de dizer com o maior dos gregos: conhece-te a si mesmo. E disto resultou a cura, porque conhecido o mal, poder-se-ia aplicar o corretivo. Acaso não é com o mesmo veneno ofídico que se fabrica o seu antídoto?

Então, olhando nós a cobra, que é o símbolo do mal, podemos enxergar o seu reverso que é Cristo, ou símbolo do bem. Já o vimos, nestes estudos, que nunca ninguém pode saber uma coisa só, porque tudo o que nos for apresentado à vista, ou presente, possui um com-presente, toda idéia, urna com-ideia, todo saber um com-saber. A idéia do mal suscita em nós a idéia ao bem, e é por meio deste movimento dialético do próprio pensamento, que aprendemos. Olhar a cobra é enxergar o negativo, onde tudo se vê ao contrário; a forma se nos diz reentrância, é para

entendermos saliência; se é ressaltado o que nos diz, depressão, devemos entender. De igual modo, com o negativo fotográfico que deve ser interpretado às avessas, e onde aparece luz, é que há sombra; onde nos parece direito, é para considerarmos esquerdo. Se a serpente é o símbolo do mal, olhando-a, na haste, enxergaremos o seu reverso em positivo que é Cristo na cruz; pela recíproca, se olharmos Cristo no madeiro, é a cobra que vemos hasteada no deserto. A víbora dos nossos instintos e paixões malsãs está viva, e solta, e livre, e fere, e pica, e mata como pecado que e? Metamo-la, logo, numa haste, e já é Cristo em nós e conosco crucificado e morto para o mundo, mas vencedor e vivo para o céu. O anjo egoísta e mau, no céu, virou dragão e serpente, caindo, por isso, em nosso mundo invertido e errado. Pois meta-se ele, a si mesmo, depressa, como dragão, num pau, e já é Cristo crucificado e morto no mundo e para o mundo, mas ressuscitado e redivivo no reino de Deus; morra para o mundo, desinverta-se de mau, desvire-se de cobra, desfaça-se de dragão, e já é Cristo crucificado, vencido e morto no reino vil da matéria onde a besta impera, para ser salvo, e vitorioso, e redivivo no reino do espírito. Por tudo isto, assim como Moisés levantou a serpente na haste, para que todos enxergassem o mal, Cristo havia-se de suspender no madeiro, para que todos conhecessem o remédio. A víbora, na haste, o mesmo mal crucificado e morto; e o mal empalado e morto é a negação de si mesmo, é a sua inversão em positivo, em bem, em Cristo. E Cristo mostra como isto se há de fazer, deixando-se a si mesmo crucificar, para modelo e para exemplo do mundo. Por esta causa, ele disse aos que o quisessem seguir, que tomassem sobre seus ombros as suas cruzes, e o seguissem. Vai, então, Cristo, na frente, com a sua cruz, e vamos nós, mais atrás, com as nossas; e acontece que Cristo é pregado na sua, e nós, nas nossas. Cristo, logo, não é substituto, e sim, modelo e exemplo do que nos cumpre executar em nós mesmos. Cristo não se propôs a carregar as cruzes nossas, nem ser crucificado em nossos lugares. Ele declarou com seu exemplo vivo, que o caminho da desinversão do dragão em anjo, é o do auto-sacrifício e o da dor. Não há subterfúgio possível, nem atalho: o que for dragantino terá que ser erguido como a serpente de Moisés numa haste, para que, em morrendo no que é, se mostre no seu contrário.

Respondendo, agora, por ordem, aquelas quatro proposições, temos: o mesmo Deus que proíbe a confecção de imagens, manda Moisés fabricar a serpente metálica, para mostrar, primeiro, que quem faz a lei, pode desfazê-la, se lhe apraz; segundo: a serpente era para ser olhada, observada, conhecida, e não, para ser adorada como um deus. Do primeiro caso tiramos uma consequência, e do segundo, outra. A primeira consequência é que o legislador não pode ser o próprio homem, em primeira instância, porque tendo ele esta autonomia, fica como Deus que faz e desfaz leis. Logo, ser autônomo e legislador de si mesmo, é como não ter lei, como Deus. Deus não se subordina a lei nenhuma, porque, sendo autônomo, absoluto, é a Lei. Em dizendo o absolutista Luiz XIV, "o Estado sou eu", parodiou a Deus que diz: Eu sou a Lei! E sendo Deus a Lei, é como quiser ser, e do modo como o quiser esse será o certo, o verdadeiro. Sem termo de comparação, Deus fica perfeito, e sendo único, é imutável, porque, se mudar, tudo muda com ele, ficando como se não mudara nunca. Acaso, sente o homem os movimentos da Terra? Por muito tempo, não se cuidou que o Sol dava voltas à Terra, em vez de esta girar ao redor do Sol? Pois tudo foi, então, porque não se tinha achado uma referência (inversão coperniana), que só em função dela concebemos. A que, pois, se há de referir o Absoluto? Sem termo de referência, ele será como o quiser; por isto, quem é a Lei, não obedece a leis. Por este motivo, não tem sentido quando alguém nos diz: minha moral é a minha consciência!... sigo a minha consciência! A este podemos, então, perguntar: e a sua consciência segue a

quê? Eis, pois, que ser autônomo e legislador de si mesmo, é como não ter lei; porque Deus é a Lei, por isto, não tem leis a que obedecer.

Isto posto, isto assentado, perguntamos: em que autoridade extra-humana se fundamenta a ética materialista do comunismo que acha que morreu acabou? Assim como Deus revogou, neste caso particular, a proibição da feitura de imagens, também o comunista pode revogar a sua ética, sempre que lhe convenha. visto ter sido ele mesmo o que a fez, e se não ele, outros como ele. Que sanção moral pode haver para o comunista que viole a ética em segredo? Logo, a ética bolchevista e as leis civis dos homens sem Deus, não passam de fachada, para enganar os parvos que são a maioria, e isto, com o fim de levá-los, em rebanho, para onde interessar aos donos do poder.

A segunda consequência (do segundo caso) e que, pela visão da cobra na haste, se tem a exata consciência do mal, e deste se pode induzir a consciência do bem, pelo avesso. Como já hemos dito nestas páginas, o pensamento humano desenvolve-se pelo princípio de contradição: para conhecermos, realmente, o que seja uma coisa, temos de estudar a sua recíproca, a sua adversativa. Qualquer conceito que seja um absoluto, não sabemos o que significa. Por isto é que não podemos saber, exatamente, em que consiste o Espaço, o Tempo e o Ser, porque estas intuições transcendem das nossas limitações; e se nos aventuramos a elas, caímos nas antinomias de Kant. A nossa inteligência está jungida à relação de oposições, e anda, e progride, pelo considerar conceitos contraditórios. Aplicando isto, temos:

Aquela consciência do bem, avesso da do mal, é Cristo que tinha o poder para tornar sem efeito o mesmo Decálogo, não por revogação dos preceitos, mas, por superação deles, pois quem, como Cristo, pauta seus atos pelo amor, para esse, desnecessários se tornam os preceitos da Lei, como já o disse São Paulo. Quem se crucifica a si mesmo em mal, como serpente, a exemplo de Cristo na cruz, aí morre, aí se desinverte de dragão, aí se nega como demônio e como matéria, ressuscitando, a seguir, na ressurreição de Cristo que todo é espírito. O reino de Cristo não é deste mundo, disse-o ele mesmo (Jo. 18, 36), do que S. João conclui: "todo o mundo está posto no maligno" (I Jo. 5, 19). Ressuscitar, portanto, em Cristo e com Cristo, é perder-se para o mundo e para o Diabo. Diz-se que não se pode ter idéia de como seria o céu, aqui na Terra, e sim só se pode saber o que seja o inferno; porque inferno temo-lo ao nosso redor, no passo que o céu nunca ninguém viu. Errou quem isto disse, porque o céu não é mais do que o inferno pelo avesso. Tire-se um retrato do mundo com todas as suas dores, angústias, aflições, fadigas, de desesperos, desumanidades, doenças, misérias, explorações e ignorâncias; faça-se uma pintura de tudo o que sangra, sua, chora e sofre neste bem arrematado vale de lágrimas, onde os demônios se comprazem em revolver com forcados as almas penadas dos vivos e dos mortos. Projete-se esse quadro formidando numa tela das dimensões da abobada celeste, e esse inferno dantesco que vemos é o negativo do céu. Basta copiar o negativo, basta meter massa nessa forma ciclópica, e tirar depois o que há no céu em estatuária e fotografia positiva. Movimente-se tudo isso, como em cinema, e eis aí está o topos uranos de Platão, perfeitamente concebível, mesmo para nós humanos!

Por aqui se vê que a segunda proposição em que se pergunta: se a serpente é a figura do mal, e não, a do bem, como podia simbolizar a Cristo? A solução dela foi fácil, desde que se teve em vista, que o mal é o próprio bem posto em negativo, donde vem que a consciência do mal é o primeiro passo necessário para sua desinver-se em bem. Porque não pode corrigir-se quem se tem a si por certo. "Quem ama defeitos, cuidando que são perfeições, perfeições ama, e não defeitos" (Vieira, Sermões, 3, 378). A segunda etapa ou passo deste processo desinverso, como já o vimos, é o

hasteamento de nós mesmos, como mal, num pau, com o que parodiamos a Cristo em sua cruz. E Cristo, quanto a este ponto, não deixa nenhuma esperança para os otimistas; depois de o Mestre declarar ser o Caminho, a Verdade e a Vida (Jo. 14, 6), acrescenta: aquele que quiser vir após mim, que se negue a si mesmo, tome sua cruz e siga-me (Mat. 16, 24 - Marc. 8, 34 - Luc. 9, 23). E noutro lugar: quem não toma sua cruz e não me segue, não é digno de mim (Mat. 10, 38). Ora, negar-se a si mesmo é nada menos que deixar de ser o que se é; tomar a cruz própria, é iniciar o trabalho desinversório de dragão em anjo; seguir a Cristo é ir com ele para o Gólgota, a fim de ser também pregado num madeiro. E não há, caminho de volta ao Pai, senão este; não há atalhos possíveis, nem lugar para os otimismo de Leibnitz no Evangelho, visto que todo ele sabe a Schopenhauer...

E vem, agora, a terceira proposição na qual se inquire: por que é Cristo o remédio do gênero humano? Cristo, na cruz, é remédio, porque a imitação sua, havemos de nos hastear a nós mesmos, como cobras, porquanto, é só pelo esforço próprio e pelo sofrimento que se dá a nossa desinversão. A serpente do pecado que esta em nós e conosco, terá de ser arvorada numa haste, não só para que a conheçamos, senão, também, para que, em se negando a si mesma, morra. Sem nosso auto-sacrifício não haverá remissão, donde vem que Cristo não é nosso substituto, como pensam muitos, porque, modelo e exemplo do que nos cumpre executar.

Finalmente, na quarta proposição, se pergunta? por que está perdido o gênero humano? A resposta é que aqueles anjos se fizeram a si mesmos dragões, e como tais, e por isso, foram lançados na Terra. Por esta causa, a Terra é o reino dos dragões, e não, o de Cristo (Jo. 18, 36). E depois da vinda de Cristo, nós nos desfizemos, em parte, de dragões, pelo que somos metade anjos e metade bestas. O homem é anjo do cinto acima e o mais é cobra, porque lhe finda o corpo em escamosa cauda de bestiais instintos. Somos esfinge que representa o dualismo dragão-anjo. O dualismo bem e mal está presente no universo derrocado, está em nossa natureza, e tudo por culpa daquela antiga serpente que antes era luz, e se nomeava Lusbel.

De maneira que a última parte da quarta proposição em que se afirma ser o homem obra direta de Deus, nós a impugnamos, porque temos, para nós, que o homem não é obra direta de Deus, mas, indireta, visto como Deus, pela evolução, está forcejando para virar a serpente no seu avesso, e por esta causa, ainda somos em parte dragões, embora tenhamos já cabeça e peito de anjos. As dores do mundo provêm de que a cobra está padecendo a tortura da vara, a fim de desvirar-se no seu reverso que é o direito do anjo. O homem é um esquizóide, uma criatura contraditória, quer uma coisa e faz outra, porque traz em si esta dupla natureza de animal e de anjo. O homem pensa de conformidade com os ideais superiores, e por esta parte é anjo; porém, age de acordo com os seus sentimentos baixos, e por esta parte é besta. A archi-milenária luta do Bem e do Mal, do Espírito e da Matéria, do Ideal e da Prática, do Pensamento e da Ação, do Anjo e da Besta, encontra eco no recôndito da consciência, e, não raro, explode como na fala de São Paulo que si se chamava miserável, porque como dizia "não faço o bem que quero, mas o mal que não quero, esse eu faço" (Rom. 7,19). Também, de Seneca, é voz corrente que, de par com o grande pensador que foi, se encontrava um grande corrupto. E conquanto possa ser verdade que ele é vítima de uma injúria histórica, que "faz dele o modelo de todas as baixezas", no dizer de G. D. Leoni, também pode ser verdadeira a opinião corrente, a este respeito, porquanto o pensamento que corre com a pena, não tem paralelo com as ações que fazem a vida. Por causa disto Salomão deixou, ao morrer, a par de seus "Provérbios" profundos, como coisa em que pensava, um harém de mil mulheres como atestado de sua subservência à política. Até um templo a Astarte edificou este rei na

montanha do Escândalo, como prova do divórcio entre o que se pensa e o que se faz. Por este motivo, quando à João Batista perguntaram quem era, declarou-se ele, como sendo a voz que clama no deserto. Perguntaram-lhe quem era, diz Vieira, e ele mostrou o seu ofício, porque o homem não é o que nem o que diz, nem o que escreve; senão o que faz. "O melhor conceito que pregador leva ao pupito qual cuidais é? pergunta Vieira, e responde: "É o conceito que de sua vida têm os ouvintes".(Vieira, Sermões, 1, 54)

O homem pensa com o que tem, em si, de anjo, mas age com o que tem de animal. Daí o divórcio entre o ideal e a prática, tornando o homem incoerentemente dividido numa criatura paradoxal, esquizóide, contraditória. Por causa deste dualismo é que São Paulo se considerava miserável, e a causa de Goethe ter exclamado: "Ah! Moram duas almas no meu peito!" "Bernard Shaw (escreve Fritz Kahn) dedicou a sua vida ao ideal de redimir a sociedade humana das suas fraquezas sociais e morais. Ele próprio não só era interesseiro, mas pouco se lhe dava mostrar que o era. Acumulou uma grande fortuna de que, outra vez, o esquizóide, não soube fazer uso; vivia frugalmente como um monge. Nem mesmo os seus subalternos fiéis e dedicados aproveitaram o que quer que fosse dessa riqueza. Shaw pagava-lhes, pelo contrário, "salários de fome", contra os quais reclamava nas suas obras. "Ele era o último homem a quem poderia ocorrer a idéia de aumentar ordenados - diz uma sua biógrafa - Ocupava-se demais de escrever sobre economia". "Os ideais dos homens estão, em primeiro lugar, no papel" (Bernard Shaw)".(Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 496). Mais isto: "Shaw lembra muito Schopenhauer de quem tinha quer o senso crítico acerado e a elegância de expressão, quer a extravagância e o egoísmo mesquinho. O filósofo do pessimismo dormia, com o revólver carregado na mesa de cabeceira. Pregava nos seus escritos a futilidade dos bens materiais; era, no entanto, impiedoso na cobrança de alugueis; e, no aposento onde escreveu de maneira incomparável sobre triunfar das paixões, atirou uma inquilina escada abaixo, de maneira tão desastrada, que teve de lhe pagar uma indenização" (Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 496-498).

Com isto, damos por provada a nossa tese de que o homem é anjo só do cinto acima, porque o resto é a cobra ainda não virada no avesso pela vara. A parte superior em muitos já desvirou, faltando ainda, todavia, a cauda serpiforme dos instintos baixos.

Por esta razão, quando um homem sofre, não se pode dizer, com muita segurança, como faz a maioria dos espíritas, que expia culpas do passado. Ainda que um espírito não tenha culpas nenhuma próximas por saldar, é-lhe imposta a reencarnação, porque esta é a vara aplicada por Deus no processo desinversório. O homem sofre por ser demônio em parte ainda, e por estar infernado aqui na Terra, e não, nem sempre, porque fez o mal, e agora tem de expiar culpas do passado. O estado de consciência, o nível espiritual, a densidade específica do psiquismo é que determinam ao espírito o ambiente que lhe é apropriado viver, com ou sem corpo de matéria densa, podendo ser esse um céu, ou um inferno qual o de Dante. Não esquecer que, na queda, no mesmo passo em que os demônios se inferiorizavam e se degradavam até o não-ser, os infernos que lhes eram correspondentes, se acentuavam até o Caos mais extremo, de onde, agora, tudo vem subindo por evolução, e retornando para Deus. Consequentemente, o inferno limite é o Caos mais inteiro, e Satanás, na sua plenitude, se confunde com o não-ser, com o nada formal.

Com ou sem culpas próximas, o espírito cairá para o seu lugar, reencarnando-se aí, automaticamente, em obediência ao princípio natural das densidades. "Rio-me (dizia Nietzsche) dos coxos e aleijados que só por isso são virtuosos". Não importa, para a culpa, que o espírito esteja impedido de praticar obras más; o que importa é que

é mau, e só nisto reside toda a culpa, não só a sua, própria, como a de todo o sistema do dragão, A dor nos azorraga, então, não tanto para nos fazer expiar pecados que são as más obras, senão para corrigir a causa destas que reside em sermos dragontinos. Por isto, a vara vem sobre as nossas costas, ou vamos nós de costas sobre ela, não para cobrar dívidas, mas para desvirar o dragão que somos, no anjo que seremos.

Esta é a razão por que Deus não se importa em fazer a quem padece saber a causa por que sofre; não é preciso fazer a ninguém lembrar o passado de outras vidas, para que a justiça de Deus se efetive, visto como ele não aplica a vara para cobrar dívidas próximas que podem existir ou não. Se fosse assim, Deus praticaria o contra senso de cobrar a conta, sem, primeiro, notificar ao devedor de sua existência. Se nós, sendo injustos, não fazemos isso, como fá-lo-ia Deus que é justo? É que ele nos aplica a vara ou nos põe nela, como a serpente de Moisés na haste, para que, pela dor, sejamos a negação do que somos, e a afirmação do que seremos; para que nos neguemos, a nós mesmos como dragões, e nos afirmemos como executores do Evangelho de Cristo.

Contra os que nos objetam dizendo não haver efeito sem causa, e pelo que a dor só pode provir de um erro cometido, e não, somente, de sermos inferiores; ainda que maus, dizem, se não violarmos a lei, não podemos sofrer penas. E se isto é assim, argumentem, na imperfeita lei dos homens, quanto mais não o será o em face da justíssima lei de Deus?

A estes, respondemos que não negamos a existência duma causa da dor; o que só afirmamos é que ela pode ser remota. Se não fosse assim, teríamos esta sem-razão: sendo Deus mais justo que os homens, faz o que estes não fazem, isto é, pune o culpado sem dar-lhe ciência da causa por que é punido. A pedagogia recomenda castigar o aprendiz, seja criança ou animal, somente se o puder fazer imediatamente após o erro cometido, para que as inibições se instalem. Se uma criança ou um cão são surrados, sem saber por que apanham, não aprendem. Ora, Deus faz isto: castiga sem declarar ao culpado os motivos do castigo. Logo, para estar certa a doutrina que ora refutamos, a justiça e a pedagogia divina são inferiores às dos homens. Mas é certo que a justiça e a pedagogia de Deus superam às dos homens; conseqüentemente, está errado dizer que todo o sofrimento provém de culpas próximas cometidas. A ser verdade isto, vale perguntar: qual o erro de Cristo? Qual o de Sócrates? quais os dos Apóstolos de Cristo, todos martirizados e mortos, exceto João Evangelista? Quando um nosso vizinho esfaqueou um leitoa, no Natal, para assá-la ao forno, que erro ou pecado terá cometido ela para sofrer tamanha violência e dor? Acresça-se ainda que, não sendo o nosso vizinho perito na arte de sangrar, começou a furar aqui e a espetar ali, e o pobre animal, gritando sempre, pôs em polvorosa toda a vizinhança. É ou não é que o desgraçado bicho sofreu aquelas dores medonhas, só por estar num mundo de demônios?

Cristo não tinha culpas nenhuma por saldar, nem Sócrates, como as não tinha o maior dos nascidos, e se as tivesse, não seria o maior; no entanto os três sofreram os martírios desta vida, acabando um na cruz, outro com a taça de cicuta e outro com a cabeça num prato apresentado aos convivas de um nojento festim. Não importa se é Cristo ou Gestas; se estão no mundo, haverá cruces para ambos; Gestas morre pelas culpas próprias, e Cristo, pelas do Sistema-Dragão e para exemplo... E assim aconteceu para que todos, desenganados, compreendam ser impossível escapar à cirurgia com dor da desviragem da besta em anjo.

Estes nossos enunciados estão, também, de acordo com a doutrina de Cristo, pois é ele o que pregava dizendo: Se alguém olhar para uma mulher com olhar de adultério, já adulterou com ela (Mat. 5, 28). De acordo com Cristo, por conseguinte, a

culpa começa na intenção e não no ato. A culpa está na capacidade de execução, na potencialidade; não precisava o ato consumado para culpa: bastava que o ato fosse potencial. Para quem pensa, e tem ímpetos de matar, é réu de morte; quem planeja roubar, é réu de furto; quem disser a seu irmão: raca (termo injurioso siríaco), é réu de juízo (Mat. 5, 22). E por que? Porque só a intenção ou potência do ato é já indício seguro de que se trata de um dragão que precisa ser virado no avesso. Então vara vem, não porque se praticou o mal, mas, porque se é capaz de o fazer; não porque se cometeu o pecado, porém, porque se é inferior. Basta ser dragontino para se sofrer, e a vida é tanto mais aflitiva e cheia de perigos, danos, martírios e mortes, quanto mais se está embaixo na escala do ser. Esta é a causa porque aquele nosso vizinho sacrificou a leitoa, no Natal, para "glorificar" a Cristo ! com dores medonhas para ela. Toda a culpa da leitoa consistiu em ser inferior e fraca, num mundo de demônios.

O Dr. Ormard Andrade Fana fala de um cientista que fez a ablação da parte do córtex de um macaco, na região que correspondia ao movimento do braço direito. Como era de esperar-se, o macaco ficou paralítico do braço direito, passando a pegar os alimentos com a esquerda. Vai, o maluco do cientista, e corta o braço esquerdo do desgraçado bicho. Passado algum tempo, o macaco principiou a pegar, outra vez, os alimentos com a direita, outrora paralítica. Com isto se provou que o cérebro é plástico, e por isto fez a transposição da rede nervosa do centro cerebral intacto para o braço bom. Agora se compreende por que Ernest Coe, tendo toda a metade esquerda do seu córtex extirpada numa operação cirúrgica, pode continuar a viver normalmente como dantes. Estaria, logo, errada a doutrina frenológica de Gall? A falha e erro não está nela, e sim naqueles que exigiram da doutrina mais do que ela poderia dar. Um centro nervoso pode ser destruído, sem que isto, normalmente, afete a conduta, não porque esteja errada a frenologia, e sim, porque o cérebro é plástico, vivo, móvel, versátil, e por isto faz acomodações e transferências, pondo a trabalhar setores menos sobrecarregados, ou anteriormente ociosos. Isto nos coloca em guarda contra a possível instalação de viciações tais como a pederastia e o sodomismo. Agora se sabe: o ou a sodomista, estimulando a zona erógena residual, o anus, provoca a transposição dos centros nervosos para essa parte. Assim, se a causa primeira da sodomia está em que o anus é órgão sexual residual, visto como ele serve, sexualmente, todos os vertebrados dos peixes até às aves, a causa segunda reside nesta transposição do centro nervosos, do órgão normal para o anus.

Muito bonito! belíssima e utilitária experiência para o homem é aquela do amalucado cientista. Todavia, este é o ponto: que tal, se fossemos nós aquele macaco? Quer dizer que o homem, porque é mais forte, pode fazer o que bem entender, com os animais? Logo, se aparecesse, algum dia, alguma nave espacial, seres mais inteligentes que os terrícolas, poderiam eles, pela mesma razão, fazer o que quisessem conosco?

Parece que até estamos a ouvir a tola objeção dos que afirmam: se houver alhures, no universo, algum ser mais inteligente que o homem terreno, esse, por certo, estará mais próximo de Deus, sendo, por isto, bom. Ora bem: deste mesmo modo raciocinam os animais inferiores, se tivessem cabeça. A ovelha, o cabrito, o porco e o boi, então, haviam de concluir que, sendo o homem mais inteligente que eles, por isso mesmo há de estar mais perto de Deus; portanto, os animais só podem esperar do homem benefícios, e jamais, nunca, o mal. Este raciocínio é perfeitamente lógico, porém, a premissa sobre que ele se assenta, é estúpida, própria dos brutos. E por que? Pois porque a inteligência, a só inteligência, não é índice de aproximação de Deus. A prova disto está em que a portentosa inteligência de Lúcifer, não o impediu de cair nas trevas do orca mais profundo. Portanto, se alguma forma cósmica de vida se

mostrar fabulosamente superior ao homem terreno, poderá ela viver de comer gente, e do mesmo modo como os homens vão às caçadas em Mato Grosso, ela viria caçar-nos, aqui na Terra. Ou então, assim como há cento e vinte anos, as nações "civilizadas" e "religiosas" iam capturar negros livres na Africa, para reduzi-los à servidão, tais cosmonautas poderiam vir apresar-nos para os serviços de suas indústrias maravilhosas. Seu progresso técnico-científico é suficiente para operar nas fibras associativas do nosso cérebro (lavagem cerebral, lobotomia com raios laser, tratamento elétrico, magnético e hipnótico), criando em nós a disposição para sermos escravos submissos e dóceis. Em relação a essa espécie cósmica superior, os hominídeos terrestres seriam como macacos e cobaias, contra os quais se poderia praticar toda sorte de experiências científicas, "in vivo", como faziam os alemães de Hitler contra os judeus. Tais cosmonautas poderiam fazer o que fizeram os asseclas de Hitler: arrancar, por força, as criancinhas judias dos braços maternos, malhar com elas no chão, e, ato contínuo, jogar os pequenos cadáveres no caminhão, ali próximo, pronto para os conduzir aos fornos crematórios. Eis, ai está, o absurdo que consiste em acreditar que a inteligência sozinha, desacompanhada do amor, é indício de aproximação de Deus. Mais uma vez, a serpente astuta sugeriu ao homem que comesse da árvore da ciência para tornar-se como Deus. Sim, como deus...; deus como Hitler, o demonázio adorado por um povo inteiro, reconhecidamente, um dos mais inteligentes da Terra.

Que é, então, da garantia de que os seres de outros planetas, que nos visitam, são bondosos, quando só poderíamos ter a prova de que nos são superiores em inteligência? A inteligência sozinha, desacompanhada do amor, é terrível e por isso, um homem tanto mais será perigoso, quanto mais for inteligente, egoísta e mau. E o mundo está cheio deles....

Um exemplo vivo, histórico, de tais demônios, temos em Fernão Cortes. Quando ele, foragido de Cuba, aportou no México, possuía apenas quatrocentos homens dentre os quais dezesseis cavaleiros. E, em seu propósito de conquista, deparou com uma cidade que só de casas contava sessenta e cinco mil... Mas toda a glória de Cortês se deveu ao erro de Montezuma que raciocinou tão nobremente como o faria um asno: homens que surgiram do mar, em navios, não se sabe de onde; que montam desconhecidos animais formando unidade dupla semelhante a centauros; que possuem poderosas armas, pequenas e grandes, as quais, em trovejando, emitem línguas de fogo e raios mortíferos, são superiores a nós em técnica e inteligência. São deuses, ou filhos dos deuses, dos quais só podemos esperar o melhor. Estão mais próximos de Deus que nós; logo, são bondosos... Pensando assim, reuniu Montezuma os seus nobres para o carregarem numa liteira, e transportarem os presentes dignos de um faraó. O séquito real parou à distância, e Montezuma veio, a pé, ao encontro de Cortês que também descera de seu cavalo. Cumprimentaram-se, cordialmente, desejando-se, mutuamente, paz... e amizade...

Como pode Cortês por as mãos nas riquezas iguais as de um grande faraó, dominar um império cuja capital de altas torres possuía, só de casas, sessenta e cinco mil? Pois Cortês usou, a par do seu valor militar incontestável, a política que quer dizer mentira, hipocrisia, falsidade, astúcia. Percebendo Cortês que Montezuma era pessoa sagrada para o povo asteca, apoderou-se dele por ardis, enganos e mentiras diplomáticas; feito Montezuma refém, começou a praticar atrocidades contra os nobres, e por fim, teve de sustentar uma guerra desigual de que ninguém saiu sem ferimentos. O povo rebelou-se até o último homem, Montezuma foi substituído no poder pelo irmão, e tentando ainda falar ao povo, foi apedrejado. Perdido, assim, o valor de refém, Cortês o assassinou sem a mínima comiseração.

As tropas de Cortês, a esse tempo, estavam engrossadas pela adesão da armada que fôra enviada no seu encalço pelo governador de Cuba; com tais homens, Cortes abriu caminho para o mar, pois sabiam ele e os seus que, se caíssem prisioneiros, iriam servir de vitimas nos sacrifícios e festins antropofágicos, no grande templo do império. Em meio a sua perdição irremediável, teve ainda, Cortês, a audácia e tino para apoderar-se do comandante das tropas astecas, matá-lo, em seguida, e agitar a bandeira asteca por sobre o mar de guerreiros que, vendo seu estandarte em mãos inimigas, fugiram em ruínosa debandada, pois tal façanha, pensavam, só um deus poderá praticar. Assim, "no momento em que Fernando Cortes agitou a bandeira estava perdido o México, extinto o império do último Montezuma" (C.W. Ceram, Deuses, Túmulos e Sábios, 294). A isto escreve o pensador Spengler: "Este é o único exemplo de uma civilização que teve morte violenta. Não definiu, não foi sufocada ou detida em sua marcha de progresso: foi assassinada em plena floração do seu desenvolvimento, destruída como um girassol cuja flor é cortada por um homem que passa!"

Eis, pois, que Montezuma cometeu o erro que devemos evitar: ele considerou os espanhóis como seres moralmente superiores, mais próximos de Deus, portanto, porque eram detentores de mais alto nível intelectual e técnico. Cometerá o lamentável engano de Montezuma quem julgar superior a nós um habitante de outro planeta, só porque sua ciência, sua técnica, sua inteligência o trouxeram até nós através dos espaços siderais.

Não tenhamos dúvida: se os norte-americanos e os russos chegarem a ir a outros planetas, sem a menor cerimonia tomarão posse deles pela força das armas, se isto puderem, isto é, se os habitantes de tais orbes planetários forem fracos, ainda que sábios e justos, ou tolos como Montezuma, ainda que fortes. Por que? Pois porque, ora essa!, o nível de inteligência, de técnica, de ciência, não faz o homem melhor, mais humano, e sim, apenas, um animal mais apto.

Frente a esta evidência mil vezes comprovada, o conceito de civilização deverá mudar-se, de futuro, para o de humanização do animal que somos, e isto só será possível pelo amor, e não, nunca, como até agora foi, e tanto que foram tidos por civilizados verdadeiros bárbaros, monstros dragontinos como Cortês, Pizarro, Hitler, Lenin, Stalin. Deste modo a nossa História da Civilização devera chamar-se, daqui a mil anos, História da Selvageria do Homem, Ela não relata a grandeza do homem, senão, a sua miséria e baixeza. Por isto é que ela se ocupa da exaltação de reis, de tiranos, de conquistadores. Não faz nunca referência à bondade e ao amor, e sim, sempre, a astúcia e à força. Grande é o que vence, e só por isto tem razão; o fraco não tem razão, é esquecido, e seu lugar na história é o silêncio.

E contra quem nos queira apresentar a objeção de que mil anos é muito pouco tempo para que se mude o rumo da história, respondemos que a evolução cada vez mais terá caráter explosivo; seu desenvolvimento que se fazia em progressão aritmética, ir-se-á transformando numa progressão geométrica, até que, de certo ponto em diante, a mesma razão da progressão tornar-se-á progressiva. Ir-se-a, cada vez mais, tornando imperioso o componente moral; ou isto, ou tudo retornará ao caos de onde tudo vem subindo. Mas quando nos referimos a moralidade, temos em vista o amor, que não as pretensas éticas forjadas por autoridades falíveis (Estado, Sociedade) que, sendo perfeitamente objetivas e compreensíveis, por isso mesmo não possuem os caracteres de místico, de divino, de inacessível, de hipnótico, únicos capazes de arrastar as massas. Não há moral objetiva, e a de Confúcio não encontra comprovação na história, visto como todos os que quiseram por ordem no Estado jamais se ocuparam de por, primeiro, ordem em suas próprias condutas. "Façam o que

eu mando, não façam o que eu faço!" Esta é a regra histórica seguida pelos reformadores, e nisto se resume a tal de moral objetiva; e mais: nenhuma de tais ordens estatais prevaleceram. Ora se a história fornece comprovação oposta ou contaria à idéia de Confúcio sua pretensa moral objetiva carece de fundamento histórico; e como não se fundamenta na metafísica, fica suspensa no ar como a zoadada de um gongo.

É, pois, no amor, e não na inteligência, nem no progresso técnico-científico, que se deve procurar o sinal de aproximação de Deus. Por isto, se supostos habitantes doutros orbes planetários quiserem entrar em contato conosco, o meio que hão de empregar terá de ser o do amar. É preciso que, olhando-os, nós, nos rostos, vislumbremos algo de divino nos semblantes.

Ora bem: o amor é essencialmente ação; não há amor sem obras; por isto é que toda mãe estará insone, solícita e ativa, se sofre num leito, o seu filhinho tenro. E onde é que estão os noticiários dos jornais que apregoam: "Tripulantes de um disco voador, socorreram as crianças biafrancesas que estavam morrendo de fome. Parte do alimento distribuído foi enviado aos Estados Unidos para exame de laboratório, e constatou-se tratar de proteína sintética". Ou então esta notícia: "Disco voador desceu na África, e deixou uma caixa de medicamentos num posto de assistência. Alguns destes remédios curam a lepra e o câncer". Ou ainda esta outra: "Um disco voador que sobrevoava Nova Iorque, lançou, com paraquedas, uma placa de uma liga metálica desconhecida na Terra, em que se lê: "Homens da Terra, irmãos nossos em Deus, pelo amor! nós vos queremos a paz e o bem. Concedei-nos um canal da vossa televisão para um contato mais prolongado. Assinado: Carídias - o neruniano"

Onde é que estão tais notícias? Tantos anos faz que se fala em discos voadores, e até agora não se estabeleceu nenhum contato? E aqueles sonhadores que dizem, na televisão, ter viajado, em naves espaciais, para outros planetas, por que não trouxeram uma lembrança do que lá acharam? do que lá observaram? Acaso foram impedidos e por que? de documentar o que viram, com fotografias e com cine-filmes coloridos? Que querem os habitantes de outros planetas conosco e com a nossa Terra? O céu, por meio deles, ameaça-nos? ou nos abençoa?

Os céus se povoam de veículos espaciais, aviões, foguetes e satélites, e todos eles nos anunciam uma sentença de flagelação e de morte. Nossa imaginação antecipa o perigo, e nós pré-sofremos o martírio. Aflições, neuroses, desesperações, suicídios são as consequências deste apocalíptico pré-sofrer. Deste modo, o mundo se nos afigura como uma grande cruz em que se acha pregado o gênero humano, para que se dê a inversão da humanidade de dragões em anjos. Deus terá de empregar este método drástico, porquanto os homens desertaram de Cristo. desertaram do amor que é ação viva, e que por isto tudo constrói, tudo unifica, tudo sustenta. Fala-se muito de Cristo, porém, não se vive o Evangelho-Amor, e por isso todo esse falar não passa de zoadada de um campanudo e grande sino.

Por esfriar-se e por inverter-se o amor em egoísmo, os celículas caíram do topus uranos, e só pela desinversão do egoísmo em amor, se dá a redenção. Cristo deu o exemplo vivo em toda a sua existência terrenal, e depois demonstrou o que acontece se não nos esforçarmos por desinverter o egoísmo em amor. Para isto se deixou crucificar, demonstrando que a cruz é a vara da desinversão, o último recurso, a última ratio, de Deus para os recalcitrantes, dentre os quais se contam todos aqueles que vivem a falar de Cristo, pretendendo, desta forma, alcançar o céu por atalho. Jesus permitiu fosse demonstrado em sua pessoa, como é feita a desinversão, para que entendamos o que acontecerá, na certa, conosco, se pegarmos por esta via, em vez da do amor que é suave e doce. O mundo não quis pegar o fardo leve (O meu fardo é leve

- Jesus) de Cristo, que é o do amor, preferindo carregar o fardo pesado da dor. Pois bem: seja, então, diz Deus, e assim como Moisés arvorou, num pau, a serpente, no deserto, importa que todo o gênero humano seja crucificado, a exemplo de Cristo, para que se desinverta de dragão, reconquiste o perdido amor, e retorne àquele lugar celeste, àquele paraíso perdido, o topos uranos.

Cumpra, pois, ao homem, mudar-se do que é, reconquistando o perdido amor. Ele é livre para andar por diante, ou para tornar atrás; para fazer do inferno terrestre um paraíso, como sonhou Jesus, ou para transformar o céu num inferno, como fez Lusbel. O mundo é o reflexo das consciências, e, por isto, no ponto em que os anjos se fizeram dragões, seu lugar não mais se achou no céu, como dissera São João. Logo, se os dragões se desinverterem, retornando à forma de anjos, reconquistando o perdido amor, a Terra, de inferno que é, tornar-se-á em paraíso. Desenvolvido o amor, a besta estará transformada em anjo, mas, porque ama, não fugirá da Terra, ainda que o possa fazer, visto como aqui estarão ainda aqueles que, por amor. Lhe cumpre salvar. O trabalho salvacionista de Cristo, assim, ir-se-á multiplicando na proporção em que os dragões se fizerem anjos, em que os salvos se fizerem salvadores menores; poucos no começo, muitos depois, e quase todos no fim. Então a Terra será transformada, e o inferno dos anjos em exílio não se achará mais aqui, do mesmo modo como o lugar dos dragões não mais se achou no céu.

Não há fuga possível; ali que se salvou, cumpre engrossar consigo a legião dos salvadores menores. Não adianta pretender desertar do mundo, da vida prática, pelo misticismo vazio, ingênuo, auto-hipnótico, sonhador de utopias. O lugar do trabalho é aqui, tanto para os que padecem a tortura da vara na desviragem, como para as que já se desinverteram de dragões. Buscar o repouso na morte é sonho vão, porque no além, como aqui, o processo doloroso e o trabalho continuam, tanto para os salvos, quanto para os que ainda estão por se salvar. Mas um dia terá fim, com a reentrada dos redimidos no topos uranos. Todavia, para abreviar esse tempo, cumpre a todos o esforço salvacionista que não é como pensam muitos, andar com a Bíblia debaixo do braço e convencer aos cristãos duma seita a se passarem para outra, sem mudança nenhuma substancial, pelo que o egoísta continua egoísta, e o dragão, dragão. O tempo da evangelização já passou para quem já é cristão. A fase agora é da vivência do Evangelho, donde vem que salvar é conviver e, no convívio amparar e dar o exemplo do amor cristão, assim no lar; como na sociedade. Se tiver alguém que ser governador ou presidente de Estado, que o seja, então, mas, com a nítida consciência de que, quem muito recebeu, muito terá que prestar contas.

Esta doutrina poderá ser tachada de pessimista, e o é, de fato; porem, trata-se do pessimismo evangélico, construtivo e esperançoso, léguas mil distante do budismo e dos demais pessimistas niilistas, quer antigos, quer modernos. Não está abolida a alegria de viver, nascida da conduta moralmente inocente. Cristo mesmo deu o exemplo disto, indo pessoalmente, a um casamento. Mas que ninguém tenha ilusões : salvar-se a si primeiro, e depois, aos outros, para escapar a dor, é uma realização alongo prazo; por isto, cuidar que salvo não sofrerá mais, é uma utopia nascida do egoísmo de quem pensa de si para consigo mesmo: uma vez salvo, irei habitar o céu, e integrar o grêmio de eleitos, esquecendo-me eu, por inteiro, de que há dor no mundo, e de que, neste, possuo entes amados por salvar-se; avenha-se cada um, com a sua dor. Isto é utopia, porque no céu não entram egoístas..... Ser bem aventurado e pertencer ao céu, não é viver da contemplação metafísica da verdade, ou seja, ver a Deus pelo pensamento puro, vivendo no eterno pensar, como cuidaram Aristóteles e Santo Tomás. É possuir o gozo interior de quem ama, e tem a consciência tranquila, não importa se no céu de Deus, ou no inferno terrenal. Os eleitos, no céu, muito antes de

viverem da contemplação metafísica da verdade, vivem da fruição amorosa. E sendo Deus inacessível para a razão, porque, sendo esta finita, não pode abarcar e conter o infinito, é, no entanto, acessível pelo amor, e deste modo também Deus está no homem. O Deus que aparece no fim duma cadeia de raciocínio, não é o Deus das religiões, para ser, portanto, somente meio-Deus. Ora, se a filosofia tem por fim buscar a verdade, seu guia não pode ser somente a pura racionalidade pura e isenta do sentimento, desacompanhada do amor. Assim o entendia Platão para o qual o mundo está cheio de eros, e assim, também, o entendemos nós. Coerente com este pensamento, Platão não via na filosofia o desprendimento da vida, a fuga para o cimo duma torre erguida num deserto. Pelo contrário, propunha para o filósofo o convívio em sociedade em todos os níveis até o pináculo do poder, de modo que os reis fossem filósofos, ou os filósofos, reis. Foi, logo, grave erro de todos os filósofos, exceto Platão, considerarem a Deus somente como essência pura, vazia de conteúdo, quando ele é, também, amor substancial. De igual modo, foi erro classificar o homem como ser racional somente, quando ele é, antes de tudo, afetivo, volitivo, sentimental. E sua capacidade de querer, e de sentir, seja amor, seja ódio, está na mesma proporção, ou cresce com a mesma potencialidade com que ele, pela razão, se distancia dos outros animais. Consequentemente, a filosofia que descure da parte afetiva do homem e de Deus, que menospreze o sentimento, que olvide o amor, é só meia filosofia, ou filosofia só de meia verdade, e deste pecado padeceram todos os filósofos exceto Platão.

Em perfeita concordância com tudo isso, quando um homem não mais tiver culpas próprias por saldar, ainda sofrerá o martírio nas pessoas amadas, pelo que terá uma adaga atravessando o próprio coração, como o ferro que apunhalava o coração da Mãe do Nazareno, no momento em que ela o pranteava ao pé da Cruz. Então, este enunciado se infere da Lei do Amor: Enquanto houver um só que seja gemido de dor no Universo, não haverá um só que seja anjo plenamente feliz. Por causa desta Lei, houve um Golgota na Terra, e, nele, a maior de todas as cruzes - a Cruz do Redentor. Por tudo isto, assim como Moisés ergueu a serpente no deserto, assim importou que um Serafim descesse do topos uranos à Terra para ser levantado numa Cruz.

Faz oito anos já que este capítulo está pronto, indo ele, ora para uma obra, ora para outra, ora como diálogo, ora como monólogo, sem que pudesse ser editado. No entanto, ele representou sempre a nossa mais profunda convicção teórica. Até que, morrendo um de nossos filhos, com a idade florescente de vinte e dois anos, num desastre de automóvel, pudemos comprovar, na prática, o quanto pode uma idéia. Com a alma arrasada, e tendo de estar à cabeceira do agonizante por trinta e seis horas seguidas, apenas gemíamos de dor, mas sem um lamento sequer, sem uma frase de protesto, visto como aquilo a que estávamos sendo submetido, era a realidade viva de quantos, como nós, precisam ser desvirados de dragões. E aquela dor é nada perto das que ainda virão para o nosso imorredouro espírito, porquanto conhecemos quanto ainda nos falta caminhar na estrada da volta para Deus. Tomara possa este escrito dar conformação a todos os que forem golpeados rudemente em suas almas; oxalá não fiquem eles mais a interrogar: Por que, Senhor? mas, por que?

SER E AMOR

A filosofia, tal como a conhecemos, teve origem na Grécia. Fala-se em filosofia antes dos gregos, e pode-se dizer que ela sempre existiu, se considerarmos que a

própria inteligência é filosófica por natureza. No entanto, todos os filósofos que antecederam os helênicos, pode ser que tivessem filosofado para chegar as suas verdades; porém, o certo é que não apresentaram seus desenvolvimentos dialéticos, e, em vez disto, dogmatizaram, isto é, expuseram seus resultados em frases decisivas, não como uma busca da verdade, mas como a verdade mesma. E por que assim? Pois porque os homens se guiam por ciências, e não, por razões; a filosofia, então, tem de apresentar-se galvanizada, pela religião. Entre razão e fé, o crente opta pela fé, pela religião, contra a filosofia. Entretanto, a religião tem de declarar alguma coisa; e esse algo que a religião apresenta, possui um suporte filosófico, donde vem que o criador duma religião filosofou para chegar às suas formulas finais apresentadas como revelação, como fé.

Por isso é que se pode, pelo método dedutivo, restaurar o fio d'água filosófico que deságua na máxima religiosa. Por este motivo, o começo duma religião está na sua filosofia, e o fim da filosofia dá na religião. Não é de admirar que Platão não quisesse, jamais, separar a filosofia da religião. Não obstante, seu sistema não vingou no seio das massas, porque ele cometeu o erro de apresentar sua religião sob a forma de filosofia, em vez de apresentar sua filosofia sob as vestes da religião. Como os crentes que formam as massas, optam contra a filosofia pela religião; como a religião de Platão se acha oculta em sua filosofia, em vez de se ocultar esta naquela, por isso sua religião perdeu na competição com as demais.

Em matéria de fé não se pode ser modesto. Um hipnotizador não pode falar com hesitação, e no seu vocabulário não há lugar para a palavra: talvez!... É sim, ou não, peremptórios, categóricos, dogmáticos. E toda a sua pessoa deve irradiar confiança; deve ele evitar a arrogância que irrita, mas sua modéstia precisa deixar transparecer firmeza inabalável. Os pensadores crêem porque raciocinam; crêem porque, em lucubrando, forjaram para si crenças. A massa inculta apenas crê... naquilo que lhe foi afirmado por aquele ou aqueles que se impuseram à sua confiança.

Deste modo, sabiamente, procederam os fundadores das grandes religiões. Ora, os gregos, modestamente, se davam como amigos da sabedoria, no passo que os pré-helênicos se confessavam "sofos" ou sábios que falavam em nome de Deus, e suas verdades não tinham em vista formar metafísicos ou dialéticos discutidores, e sim, crentes que nunca perguntam: por que? E quando os gregos descobriram esta nova forma de pesquisar a verdade, valendo-se, exclusivamente, do guia da razão, ficaram muito admirados de que, antes deles, os homens pudessem viver sem perguntar.- Os hebreus, por exemplo, só possuíam a Lei de Deus e os Profetas, e tudo o que desejassem saber tinha que estar nesse Código, para eles, divino. E fundado noutro Código, também "divino", o califa Omar fez incendiar a biblioteca de Alexandria, porque, como dizia, se esses escritos gregos forem úteis, já se acham no Alcorão, e por isso são desnecessários e devem perecer; se, todavia, eles não se encontram no sagrado Livro de Maomé, são perniciosos, e devem ser destruídos. Ora, se o que era ensinado aos hebreus e aos muçulmanos, vinha de Deus, não admitia dúvidas, nem discussões. É neste sentido que entendemos não ter havido filosofia antes dos helenos.

Uma coisa é aceitar uma verdade de fé, sem discutir, por sugestão; outra é exigir as provas e o desenvolvimento racionais. Newton poderia ter sentenciado que a luz branca, solar, possui sete cores. A aceitação desta verdade seria pura fé e confiança na autoridade de Newton. No entanto, como Newton era um cientista, fez suas experiências e declarou, não só os resultados, senão, também, o seu método... para ser repetido e comprovado por quem quer que seja e quantas vezes se quiser. Já Moisés, por exemplo, como filho adotivo da princesa irmã do faraó, pode estudar nas

melhores escolas e haurir, no seu espírito incontestavelmente brilhante e genial, toda a cultura do seu tempo. Mas, para conduzir seu povo ignorante e escravo, não lhe sobrava outro recurso senão o de falar em nome de Deus. Assim, por exemplo, um preceito científico de higiene que ele tinha aprendido com os seus mestres do Nilo, não podia sair da sua boca senão como ordenação divina, e é esta: Juntamente com tuas armas, levarás, no cinto, uma pá ou pauzinho com os quais cavarás no chão um buraco, num lugar fora do arraial; e tendo-o feito, depositarás aí tuas exonerações intestinais, depois do que cobrirás teus excrementos com terra. Isto, porque o Senhor Deus anda por estes sítios, a defender-te de teus inimigos, e não suceda que depare com alguma fealdade, e te desampare para que morras. (Deut. 23, 12 a 14). Ora, isto que qualquer criança de escola sabe Por que deve ser feito, como medida estritamente higiênica, tinha de ser um ato de fé para os israelitas.

Já os gregos, exigiam desenvolvimentos lógicos, racionais, e os atos da vida tinham que ter apoio na razão. Por isso, quando Paulo lhes falou, no Areópago, alguns filósofos epicureus e estóicos se perguntavam entre si: "Que quer dizer este paroleiro?" (Atos 17, 18). Dentre todos os deuses gregos, já descritos havia um altar dedicado "Ao Deus Desconhecido"; pois é sobre esse Deus que vos venho falar, disse Paulo. E discorreu o Apóstolo sobre todas as coisas de fé, até que chegou à ressurreição. Ai os gregos não suportaram mais, e enquanto escarneciam uns, outros disseram: "Acerca disso ouvir-te-emos de novo" (Atos 17, 32). Eis, ai está o choque de dois modos de ser: o ser de fé e o ser de razão.

Contudo, a humanidade, como as crianças, ainda tem mais propensão para crer, do que para lucubrar. Esta é a causa por que a religião de Platão, puramente racional, que considerava a dialética como exercício ascético, como misticismo, jamais conseguiu mover as massas. Hitler nunca se ocupava de provar nada, nem Cristo, nem Moisés, no entanto os três fizeram legiões de epígonos. Neste ponto, nada valeu o método sintético ou indutivo platônico que consistia em principiar todos os seus diálogos por conversações caseiras, falando, de começo, de coisas mezinhas que todos conhecem, para, aos poucos ir convergindo o assunto para a dialética. A palestra, iniciada no particular e corriqueiro, ia-se convergindo para um centro em que se achava Deus, ou seja, a Forma do Bem. E chegado a este ponto alto, os diálogos se interrompiam, de modo que, em Platão, não existe uma teologia, nem tentativas de provar a existência de Deus, visto como este, transcendendo do círculo fechado da razão, não pode ser abarcado por esta. Antes de Kant, Platão já sabia que, com a razão, não se pode abordar o problema do Ser por excelência, e todos os que tentaram aplicar a razão para além de seus limites, caíram nas antinomias de Kant. Por isto, Platão nunca parte da idéia de Deus, do Bem, das Formas para deduzir suas verdades, executando trabalho semelhante ao dos absolutistas alemães Fichte, Schelling e Hegel. Pelo contrario, achava um olho d'agua, percorria o seu curso liquido até dar com o confluente maior, acompanhava-o até o ribeiro que se tomava rio em caudal; mas chegando este ao mar, interrompia sua viagem, por saber que sua casquinha-de-noz da razão não é embarcação apropriada a enfrentar os abismos oceânicos do Ser, de Deus. Assim, Platão põe ou sugere Deus, mas não o explica, nem procura provar sua existência. Contudo, é esta intuição que o alenta, e ele mesmo é quem afirmava que "a intuição esclarece e sustenta a dialética em todos os seus níveis" (Victor Goldschmidt, A Religião de Platão, 48).

Percorrer todos os caminhos de Platão para induzir-lhe a religião, é trabalho exaustivo e paciente magistralmente executado por Victor Goldschmidt. Agora, partir de onde chegou Platão, para uma volta sobre os seus rastros, já é coisa mais fácil. Como Platão não penetrou no Oceano do Ser, de Deus, e só o contemplou das praias,

podemos nós começar por esta sua contemplação. Para Platão, o Ser se mostra num tríplice aspecto de Bem, de Verdade e de Beleza. Quer dizer que não há verdade que não seja bela e boa, nem beleza que não seja boa e verdadeira, nem bem que não seja beleza e verdade. Ora, o Bem, a moral, a Verdade, intelectual, e o Belo, estesia. Deste modo, o superhomem platônico teria de possuir a sensibilidade do artista, a inteligência do gênio e a bondade do santo. Assim, a finalidade do homem deve se refletir em si, da melhor maneira possível, o Modelo excelso, Deus, que é "a medida de todas as coisas"

Em as "Leis", Platão deixa expresso que o egoísmo é "o maior dos defeitos". Ora, o oposto do egoísmo é o amor; logo, pela recíproca, o amor é a maior das perfeições. Mas, amor a quem? a Deus? ao próximo? Pois a maior das perfeições se resume no amor a Deus. Se não houver este amor a Deus, a teoria das Formas não passa de intelectualidade vazia, pura idealidade, desinteressada, fria, distante, não mais que mera teoria. Por outro Lado, sem a realidade objetiva e a revelação do Ser, de Deus, o impulso de Eros, do amor, careceria de objeto verdadeiro, e, desencaminhado, iria voltar-se a outros objetos (glória, honra, riqueza, etc) menos dignos. Mas... e o amor do próximo ?

Pois este amor, segundo Platão, se não se derivar do amor a Deus, é já Eros desencaminhado do seu objeto, porque, primeiro, o próximo não é a excelência a quem devemos votar amor, e, segundo, o amor entre as almas não existia, de começo, ao tempo de sua formação. Segundo Platão, Deus criou as almas pelas mãos do Demiurgo, uma espécie de divindade derivada, criador do homem. Este Demiurgo plasmou as almas por uma forma única, a cratera (nome de um vaso antigo); foram criadas pluralidades de almas iguais que se desconheciam mutuamente; e se eram idênticas, oriundas da mesma cratera, não havia por que se buscarem amorosamente, visto como o amor não une iguais, mas, diferentes. Olhar o irmão era, então, como mirar-se no espelho, e estar com o próximo era como estar só consigo em solidão. Por este motivo, o objeto do amor não podia, de começo, ser o próximo. Os seres criados pelo Demiurgo não tinham por onde não buscar o diferente de si, e maior que si, o Ser por excelência que resplandecia nas Formas arquétipos todas hierarquizadas, convergindo para o tope da pirâmide em cujo vértice se punha a FORMA das Formas, a FORMA do Bem ou "medida de todas as coisas", só em função da qual as coisas recebem ser e valor.

O Demiurgo, à semelhança de um estatuário, foi metendo substância na cratera, e as almas iam saindo todas iguais entre si, e já postas a contemplar a resplandecente perfeição das Formas divinas, e sobre todas as Formas, a FORMA do Bem, unicamente a qual deviam admirar; e como o amor nasce da admiração, só a essas Formas e a essa FORMA suprema do Bem principiaram a amar. E depois?

Após criadas as almas; depois de haverem contemplado, embevecidas, extasiadas, arrebatadas, todas as Formas, e, sobretudo, a FORMA do Bem, essa pluralidade de almas iguais foi repartida pelos Astros; cada grupo foi posto num dado Astro ou corpo celeste. Umas no Sol, outras em Júpiter, outras em Saturno, em Marte, em Vênus, etc. Cada Astro conferiu qualidades peculiares as suas almas, e assim teve início a diferenciação. Posteriormente, as almas, habitantes dos Astros, caíram para a Terra, no mundo do não-ser, no reino do acaso e da ilusão, e, esquecendo-se das Formas do lugar resplandecente, do topos uranos, involuíram no rumo da ignorância, do egoísmo e da maldade. Não foi uma queda culposa para as almas, mas necessária, forçosa, para que se desse a diferenciação, para que se efetivasse a individualização. Por conseguinte, "a idéia da queda, conforme à tradição, não, encontra eco em nenhum texto de Platão.(Victor Goldschmidt, A Religião de Platão, 90)

Uma vez caída a alma e entregue ao esquecimento, é trabalhada pela Necessidade cega, pelo torvelinho do devir, pelas causas fortuitas, ocasionais, e com isto, ora sobe, ora desce, conforme tenha ganho em inteligência ou em estupidez. A estupidificação pode chegar a situar a alma num corpo de animal (metempsicose), de sorte que Platão aos apresenta esses estágios de estupidez como uma teoria de evolução às avessas, ou seja, uma involução que leva a alma até os peixes. E mais não desce Platão, porque, no seu tempo, não se sabia, como hoje, que a evolução teve seu início no caos das nebulosas, no mais extremo não-ser. É deste modo que a alma de um tirano, em se fazendo lobo dos homens, na existência terrenal, se vê compelida a reencarnar-se num corpo de lobo (licantropia), e aí tem o que buscou por sua própria vontade e para sua desgraça. Todavia, as almas que, apesar das confusões impostas pela Necessidade cega, pelo devir, mantiverem firme seu norte que é a FORMA do Bem, essas, pela dialética, ir-se-ão intelectualizando, até que não serão mais submetidas as reencarnações.

Depois de três existências corporais dedicadas ao cultivo da dialética, tornam-se boas, sábias e belas. Após a morte, vêem-se (como sói acontecer a todas as almas) nuas na presença dos juizes que as contemplam embevecidos, felizes, e as encaminham para seus Astros de origem, ou para a ilha dos bem-aventurados.

Quanto ao amor do próximo, esse não é primordial em Platão, como o é para Cristo. "O problema da ajuda mútua material é de ordem política, não moral. A única ajuda verdadeira esta na exortação e no ensino".(Victor Goldshmidt, A Religião de Platão, 121). A simpatia ou amor que os homens nutrem uns pelos outros, é derivado do amor que têm por um objeto comum que é o Criador. "Segundo Santo Agostinho, a admiração que os espectadores experimentam em relação a um ator estabelece, entre eles, uma simpatia recíproca" (Victor Goldshmidt, A Religião de Platão, 129). Essa é a causa que deve determinar o amor do próximo: o amor de todos por um objeto comum - Deus.

No entanto, as Formas, uma vez que são objetivas, visto que são postas fora, como objetos, frente às almas saídas da cratera do Demiurgo, possuem substancia, que do contrário seriam pura idealidade subjetiva. E como só entre afins é possível a compreensão, essas Formas eram da mesma natureza das almas. De igual natureza eram as Formas dos Astros, já existentes, em que as almas iriam habitar. Ora, o conceito dos Astros forma o Universo, e este Universo formal possuía substancia que ainda não era a matéria; tal substancia era como a das almas e a das Formas, feita de uma como matéria espectral. Depois é que esta matéria espectral se vestiu da matéria densa, bruta, que, para Platão, é puro não-ser. Esta matéria densa, bruta, não foi criada por Deus, mas achada (!) por ele que a modelou em corpos celestes, e, com isto, ficou ordenada segundo leis. Então, primitivamente, os Astros eram da mesma substância das almas que habitavam nestes; depois é que estes Astros morais (de alma) ou espirituais, passaram a coabitar com a matéria, modelando-a segundo suas Formas, se bem que a matéria não tenha condições de refletir, inteiramente, sua Forma astral espectral. Eis a participação platônica pela qual a matéria, puro não-ser, participa de algo do Ser, isto é, das Formas. Deste modo, a matéria incriada de Aristóteles é eco de Platão, visto como Aristóteles foi discípulo de Platão.

Então, nesses Astros as almas puderam também ter corpos de matéria, num como que início de queda. Posteriormente, as almas caíram para o nosso mundo terrestre, reencarnando-se em corpos humanos, no mais absoluto esquecimento, na mais completa ignorância; do que viram no topos uranos, no lugar resplandecente. E neste nosso mundo cumpre-lhes recordar, pela dialética, a vida transcorrida no Astro de origem, e, depois, àquelas Formas que lhes foi dado contemplar quando da sua

formação. E este recordar só pode ser pela dialética; por isso que a religião (de religar) é evolução, é volta ao lugar resplendente, e o método ascético ou místico desse regresso é a dialética. Daí que "a filosofia é essencialmente submissão libertadora a uma realidade e a uma vontade do alto".(Victor Goldshmidt, A Religião de Platão, 30)

A FORMA do Bem e a Forma por excelência que ultrapassa todas as outras que dela se derivam e dela dependem; aquela FORMA é o vértice da pirâmide, a FORMA do SER em si, e não, como as outras, derivadas por relacionamento. Esta FORMA do Bem, como é em si, e não, em nós, escapa a toda a tentativa de definição; é uma FORMA para "além da essência", que transcende ao nosso intelecto, da qual só podemos ter uma intuição, e só pode ser vislumbrada por metáforas. Como temos, para nós, que o bem se confunde com Eros ou Amor, vamos transcrever um trecho de Goldschmidt, no qual os parênteses são nossos. O que Goldschmidt pôs entre aspas, ao citar Platão, nós trocaremos esses entre aspas por grifos: "O Bem é o liame que impede as coisas de se perderem no fluxo universal. (o que impede que as coisas se percam é a integração ou Eros que significa Amor), "é o Atlas poderoso e imortal que sustém todas as coisas" (o que sustem todas as coisas é Eros, como agente, que é, de integração); "como o seu nome indica, ele dispõe todas as coisas para o melhor (o que dispõe todas as coisas para o melhor é Eros que, integrando as partes, forma o todo sintético, estável, quanto possa ser, ou seja, o melhor); "o Bem, isto é, o obrigatório, liga e contém tudo (pois, ou Eros liga e contém tudo, obrigatoriamente, na unidade, ou tudo se desfaz ao caos onde nada é, enquanto Eros ou a integração estiver ausente). "Se as Formas são ser, o Bem é a parte mais luminosa do ser (esta parte mais luminosa do ser é Eros, pelo qual o ser é ser e, sem o qual o ser se torna no não-ser ou caos;) etc." (Victor Goldshmidt, A Religião de Platão, 44). Fale, ainda Goldschmidt: "Da mesma maneira, na ordem do conhecimento que é paralela a ordem da realidade; conhecer o Bem (ou Eros) é conhecer a essência inteira, com todas as suas partes, mas é igualmente ultrapassar as Formas para aprender o principio an-hipotético e suficiente, é abandonar as medidas relativas, para compreender este absoluto que é o justa medida, ou ainda a exatidão em si".(Victor Goldshmidt, A Religião de Platão, 45)

Se é que podemos identificar o Bem com o Amor, Platão e Cristo se dão as mãos, e fica justificada a razão por que "com a palavra filosofia Platão significava uma cultura ativa, uma sabedoria associada com as atividades práticas da vida; não pretende formar metafísicos de gabinete, sem o traquejo do mundo" (Will Durant, História da Filosofia, 53-54). Para Platão, a ação é uma forma enfraquecida de contemplação"(Arnold J. Toynbee, Um Estudo de História, IV, 1003). Como consequência disto, Platão imagina um mundo espiritual de pensamentos-formas vestidos de substancia etérea, espectral, como aquilo que, em nosso espírito, representa os conceitos que fazemos das coisas. É um mundo onde as idéias (imagens) são vivas, nítidas, luminosas, atuantes, inconcebivelmente mais reais do que o mundo sensível, material, que nos circunda. Aquelas realidades-ideais são tanto mais puras, quanto mais nos acercamos da FORMA do Bem, do Ser por excelência, e tanto mais ínfimas, ilusórias, irrealis, quanto mais nos apartamos dele, no rumo do não-ser. Assim se intui um Universo real e espiritual, imaterial e verdadeiro, em que seres espirituais se movem ao impulso de Eros, do Amor, coordenando-se, por isto, em unidades sociais perfeitas, e não como as nossas. É fundado nisto "que Sócrates afirma sua esperança de ir para junto de "deuses bons" e de "companheiros".(Victor Goldshmidt, A Religião de Platão, 131)

Os arquétipos eternos são como que formas, matrizes ou leis das coisas, e por eles e que estas se plasmam na matéria, pelo que esta se ordena do caos, do não-ser; eles, por isso, antecipam e sobrevivem a todas as coisas, sendo sempre estas

dependentes daqueles. Deste modo, a natureza não age tão ao azar, tão às cegas, fazendo só experiências loucas; há um objetivo remoto a atingir, um fim distante a colimar, que é chegar à perfeição do arquétipo a que imita, em que ideal e real são um e o mesmo.

Na idéia está o campo de possibilidades; no mundo sensível, o das realizações concretas. E as idéias abstratas, carentes de matéria, superam as concreções que a natureza cria segundo aquelas mesmas idéias abstratas que a mente enxergou nas leis e nos princípios. Um exemplo disto, temos nas cadeias do carbono formadas até de trinta ou mais átomos, cada um dos quais prendendo a si outros átomos de hidrogênio e oxigênio. São verdadeiros "padrões de tapeçaria" os compostos orgânicos, como os chama Fritz Kahn. As possibilidades de se formarem compostos orgânicos já foram calculados, e deram um número que ultrapassa, de muito, o da quantidade de elétrons, de todo o Universo. Quer dizer que esses "padrões" ainda não concretizados, existem já como idéia, como lei do fenômeno, como possibilidade de tornar-se concretizações um dia. Toda essa indústria do plástico, da fórmica, do vidro elástico e inquebrável de nossos dias, mais não é do que a atualização daquela idéia, daquela lei, daquela possibilidade que existia antes de existirem as coisas feitas; antes, pois, que se as fizessem, já se sabia, alhures, poder fazê-las, porque no lugar celeste das idéias, no topos uranos, estava garantida a sua existência como realidade.

Toda a luta travada na Terra, do vegetal ao homem, é por causa da auto-manutenção e sobrevivência. Uma forma de vida devora a outra, e daí surgir essa guerra que não conhece trégua. O homem precisa de hidratos de carbono instáveis, isto é, os que contêm oxigênio, porque o calor de nosso corpo é insuficiente para decompor, por exemplo, o petróleo, como fazem as máquinas mecânicas. Mas pode suceder de descobrir-se, um dia, o meio de oxigenar (queimar imperfeitamente) a molécula de petróleo, quebrando-lhe a cadeia, do modo como nosso organismo decompõe e quebra o amido, tornando-o assimilável. Daí por diante, então, o petróleo servir-nos-ia de alimento. E isto não é sonho ou quimera, uma vez que já se fez a manteiga do petróleo artificial, perfeitamente comestível, conquanto sem sabor. Eis, então, que a ciência chama descoberta ao que achou, porque, de fato, a realidade estava apenas encoberta, implícita na idéia, e se explicitou. Neste sentido amplo, as próprias invenções são descobertas, visto como é absolutamente impossível tirar-se algo do nada, seja esse um nada substancial, seja um nada essencial, isto é, para além da garantia da idéia.

Aqui está, em traços rápidos e gerais, a idéia do Ser de Platão, e como ele entende a queda das almas, sem culpabilidade para elas.

Todavia, apesar de todo o carinho, respeito e admiração que sempre tivemos pelo insigne Mestre grego, por esse fulgurante Espírito que tem alumiado, com seu gênio, tantos séculos da humanidade; não obstante toda a humildade de quem sempre quis ser seu discípulo, queremos consignar, aqui, o ponto em que, com profundo pesar, discordamos do excelso Pensador.

Em "A República", diz Platão que, "sendo Deus essencialmente bom, não é a causa de tudo, como geralmente se diz". "Assim, pois, a primeira lei sobre os deuses bem como a primeira estabelecida, ordenará que se reconheça, nos discursos públicos e nas composições poéticas, que Deus não é o autor de todas as coisas, senão só do bem" (Platão, A República, 90-92). Bom:

Se as almas saem perfeitas da cratera do Demiurgo, todas idênticas entre si, como bonecos prensados numa fábrica, acaso não deveriam permanecer assim, para todo o sempre, de acordo com o gesto e desejo do seu Criador que é só o Bem? Esta identidade, esta desindividuação, é um bem ou um mal? Digamos que esta identidade

ou desindividuação é apenas um bem menor do que o último estado que é o da diferenciação. Então, este bem maior, a diferenciação, acaso procede de Deus? Não. Não procede imediatamente de Deus, e sim, da queda compulsória que pôs as almas à mercê da Necessidade cega, do Esquecimento, da Ilusão, do Acaso, do Não-ser, do Mal. Assim como os bonecos prensados na fábrica, passam, depois, pela oficina de pintura, de vestimenta, de perucas, e uns saem pretos, outros brancos, uns machos e outros fêmeas, de igual modo, a Necessidade cega individua as almas, e nesta individuação permanecem, mesmo após voltarem a seus Astros de origem, aos quais foram confiadas. Logo, ao voltar ao lugar celeste, as almas não se desindividuem, nem se dissolvem na homogeneidade do indiferenciado, nem se abismam no seio do Ser, como ocorre no nirvana budista. As almas, vencido o ciclo dos renascimentos, jamais retornam ao não-ser, na massa homogênea das identidades.

Assentado isto, podemos perguntar: qual é o estado mais perfeito, de maior bem: é o de antes da queda, de quando todas as almas eram idênticas entre si, ou o de depois da volta ao lugar resplandecente, quando todas as almas retornam diferenciadas, individuadas ao infinito? Se o primitivo estado o de maior bem, de máxima perfeição, as almas hão de retornar a ele; e se hão de sair da, e retornar à identidade, então, a queda e a volta seriam um "muito-barulho-paranada", como disse, Schopenhauer, do nosso mundo, e tanto que Deus compeliu as almas a caírem, e a retornarem, sem proveito nenhum, nem para si, nem para as almas. Neste caso, o sumo Bem, a máxima Perfeição, terá cometido um absurdo...

Mas não. As almas, ao sair, se acham no estado de indiferenciação, de identidade; e, ao retornar, se mostram individuadas, diferenciadas, e neste estado permanecem. Portanto, este último estado é o de maior perfeição, de máximo bem. E sendo Deus, o sumo Bem, e só o Bem, ele próprio não poderá executar esta maior perfeição e bondade que é a do último estado das almas? Deus, o Bem, e só o Bem, para alcançar este fim maior, teve de agir pelos caminhos do Mal (!), ou seja, compelir as almas e caírem neste nosso mundo de esquecimento e sombras, de desorientação e dores? Se o último estado, o de diferenciação, é o mais perfeito e o de maior bem, que propiciou a sua efetivação, a não ser a Necessidade cega, o Acaso, o Não-Ser da matéria? Quê? não podendo (?) Deus fazer almas individuadas, diferenciadas, que isto é fazê-las melhor do que as do primeiro estado, entregou (!) esta tarefa à Necessidade cega, ao Caos, ao Acaso, ao Esquecimento, à Ignorância, a Miséria, a Desorientação, a Dor?

Se Deus só pode o bem, e fez, pelo seu Demiurgo, almas idênticas entre si, esta identidade de todas deve ser o maior bem. Por que, logo, as forçou a cair? Se o primeiro estado é o de sumo bem, então, se conclui, por correto raciocínio, que o segundo estado terá que ser o de bem menor; e, pois, por que não permitiu Deus às almas permanecer neste primeiro estado, ou então, voltar a ele, depois do "muito-barulho-para-nada"? No entanto, se o último estado de almas individuadas, diferenciadas, especializadas, é o de maior bem, de maior perfeição, e tanto que Deus o ratifica e o mantém, por que não executou ele próprio isto, e antes, pelo contrario, forçou a consecução deste fim por meio da queda que implicou no esquecimento, na ignorância, no acaso e na dor? Por ventura ou por desventura, tem a Necessidade cega mais poder (!) que o próprio Todo-poderoso (!!), visto que foi esta, e não, Deus, que produziu as individuações? E se Deus é a causa só do bem, que não de todas as coisas, forçando a queda, não ocasionou todo o mal que decorreu dela? Eis que Platão também não conseguiu desculpar Deus pela ignorância, estupidez, tresvario, miséria e dores do mundo!...

Diz Goldschmidt, de Platão, que "toda a existência das almas humanas vai desenrolar-se no Universo, que se estende do céu estrelado ate as profundezas dos mares. "Primitivamente alojada num astro, a alma caiu num corpo mortal. "Segundo imite ou negligencie "os pensamentos do Todo e suas revoluções circulares, viva bem ou mal, retornara à sua morada celeste ou, condenada a reencarnar-se, devera, segundo seu grau de maldade, animar um corpo de mulher, de pássaro, de quadrúpede, de reptil ou de peixe, "e é assim que, outrora e ainda agora, todos os seres viventes transmutam-se uns nos outros, subindo ou descendo, conforme percam ou ganhem em inteligência ou em estupidez" (Victor Goldshimidt, A Religião de Platão, 71). No entanto, na pagina 69 da obra citada, está: "No outro extremo da escala, há as plantas e os animais. Seus corpos, perecíveis, são animados por uma alma mortal. Ora, suposto que, por viver mal, por não imitar e, antes, por negligenciar "os pensamentos do Todo", a alma humana se vê compelida a habitar um corpo de mulher, de quadrúpede, de ave, de réptil, de batráquio, de peixe, vale perguntar: tais animais, resultantes de metamorfoses degradantes, isto é, de almas caídas em seus níveis, também possuem almas mortais, como ocorre, normalmente, com todos os outros animais e com as plantas? Porque se todos os seres inferiores têm almas mortais, a alma caída e obrigada a habitar seus corpos, torna-se, também, mortal, e já não se pode dizer que a alma do homem é imortal, embora de origem supra-terrestre, visito que cai nesses níveis baixos. Todavia, se alguns animais são animados por almas imortais, por abrigar almas humanas em metamorfose degradante, então será preciso fazer uma classificação de, por exemplo, peixes de almas mortais, e peixes de almas imortais; e do mesmo modo que os peixes, todos os outros animais, inclusive as mulheres. Seria possível haver duas classes de mulheres? as de almas mortais, e as de almas imortais? No céu de Platão não entram mulheres, porque elas, segundo ele, são seres inferiores, e descer ao seu nível é degradar-se; mas possuem todas? algumas? almas imortais? E há mais este reparo: se é só pela dialética que se recorda a Forma do Bem; se só por ela se sobe de nível, haveria, por acaso, uma dialética de peixes? outra de répteis? outro de aves? outra de quadrúpedes? outra de mulheres? Como se salvaria, então, quem, caído, se tornou mulher, visto que esta é avessa a dialética, não havendo uma só que seja "filósofa" no mundo? Professoras de filosofia pode haver muitas, que para tanto basta ter memória e decorar o que ha nos compêndios; mas ser "filosofas" é mais... não têm no alcance.

No entanto, sem nos sair de Platão, vamos inverter esta sua doutrina, e tudo se nos mostrara certo, pelo direito. Façamos, em relação a Platão, o que Kant chamou de a sua inversão copernicana. Porque Copérnico partiu da premissa de que, fazendo-se a Terra centro do sistema solar, nada se resolvia; então é inverter, e por o Sol como centro, e tudo dará certo. E Kant raciocina assim, na sua inversão copernicana: uma vez que as coisas não nos podem enviar as suas essências, então é declarar que nós é que pomos às coisas as suas essências. De igual modo, invertendo o pensamento platônico, podemos dizer: uma vez que nosso mundo à mão, em parte mau, feio e caótico, não pode, em primeira instância, provir de Deus, só pode ter-se originado de uma queda de algo autônomo que, por isto, pode escolher este caminho, portanto, com culpabilidade para si. A culpa existe, porque existe o mal; esta culpa, ou é do criado, ou é do Criador. Platão não conseguiu desculpar Deus, porque inocentou as almas dizendo que a queda não foi culposa para elas; logo, o culpado é Deus. E é aqui que fazemos nossa inversão platônica, à semelhança da de Copérnico e da de Kant. Digamos assim:

O último estado, o das almas diferenciadas, individuadas, é que é o mais perfeito, e de maior bem; se assim não fosse, Deus não imporia a queda, conforme o pensar de

Platão. Ora, esta maior perfeição, este maior bem foi executado pela Necessidade cega; e o que pôde esta, apesar da sua cegueira, mais poderia Deus com sua mais excelsa perfeição e sabedoria. Por conseguinte, Deus criou as almas individualizadas, diferenciadas, especializadas ao infinito, de sorte que cada uma delas tinha por missão expressar uma faceta do divino, que só ela como única em si, poderia executar.

Obediente ao modo de expor platônico, podemos argumentar: sendo Deus a FORMA das Formas, a FORMA do Bem, princípio "an-hipotético" transcendente a quaisquer hipóteses, e, sob todos os aspectos, trans-racional;. sendo essa FORMA do Bem o vértice da pirâmide da hierarquia de todas as demais Formas que daquela se derivam, como as consequências de uma premissa; sendo que a imensidade das formas menores, na base da pirâmide, a começar pelas dos elétrons, daí partículas vorticosas do núcleo atômico, das moléculas, das células, dos seres todos, se escalonam, hierarquicamente, até aquele vértice supremo que é a FORMA do Bem; sendo assim, salta, de imediato, esta consequência: a UNIDADE de Deus se manifestou na pluralidade do Universo que, em si, também é uno e multifário. E repetindo este esquema divino, todas as coisas, sem nenhuma exceção, são unas e multifidas. Não há coisa alguma que não seja uma unidade composta de unidades menores, e que, ao mesmo tempo, não entre na hierarquia de unidades maiores. É assim que a palavra uni + verso vale tanto para o elétron, como para o Cosmo Total; tanto para este, como para Deus que, em si, unifica toda a hierarquia das Formas. Um tal esquema manifesto na pluralidade, onde nunca encontramos o igual, o idêntico, resolve toda a incoerência do universo, assim expressa pelo padre Antonio Vieira: "o mesmo mundo está fundado em uma concórdia discorde, e não há coisa nele que não tenha o seu contrário"

Sendo, como é, tudo feito por este modo, não há por que Deus tenha criado pluralidades de almas iguais, idênticas entre si, se não há nada igual no Universo, nem dois universos idênticos. É fácil aceitar um esquema unitário para todas as almas, e, até, que Deus as tenha feito a todas iguais, num primeiro momento. Mas afirmar que não foi Deus que produziu, ele próprio, num segundo momento, as diferenciações, isso é inaceitável, e mais nos choca ainda, quando Platão nos afirma que a diferenciação das almas foi executada pela Necessidade cega, pelo Esquecimento danoso, pelo Acaso louco, pelo Devir desordenado, pelo Caos confuso. Para nós, a cratera do Demiurgo, sem perder sua unidade formal, foi, já, em si, variando a cada alma saída dela, e, em nenhum tempo saíram duas só que fossem almas iguais. Assim, como da FORMA única do Bem saiu toda a hierarquia das Formas, até as minúsculas formas dos elétrons, de igual modo, a cratera do Demiurgo é, em si, a Forma única de que se derivaram todas as almas individualizadas e únicas em si. A cratera se nos afigura, então, como uma Forma móvel, elástica, que se mudava nos pormenores, a cada impacto do barro (substancia) com que o Oleiro divino modelava alma por alma. O demiurgico e almo Portento fecundou os espíritos celestes na cratera, como se fora esta um útero.

Esta é a nossa visão situada, ao mesmo tempo, nos dois mirantes representados por Platão e por Aristóteles. De uma FORMA única, geral, universal, saíram as Formas que constituem a pirâmide platônica de valores, e dessas saíram, também, as formas particulares e individuais. Da universal saiu o individual; o universalismo platônico e o individualismo aristotélico são dois mirantes da Realidade, porque, se Antístenes disse a Platão que via o cavalo, mas não, a cavalidade, é certo que no pior sendeiro, como o Rocinante (que fora rocim antes) de Don Quixote, se pode perceber a forma cavalariça. Se todos os equinos copiam uma forma hípica, essa forma deve existir, em si, alhures, não sendo só uma idéia que abstraímos, que somente está na nossa inteligência, e

não, também, nas coisas. A forma individual se desorientaria se não houvesse um modelo a que seguir, e o homem abstrai esse modelo universal (o conceito) das coisas, porém, não o cria, nem o inventa; ele existe de fato. Esse modelo ou esquema é o esqueleto ósseo que se vem explicitando dos peixes acima até o homem, consistindo ele na prova anatômica da evolução. Por isso, o modelo perfeito e acabado não está no peixe, e sim, acima do homem, no anjo que involuiu ou caiu até o Caos. A idéia que a Natureza explicita, não esta na mente do homem, enquanto este não a descobre; logo, está na Mente de Deus, sob a forma de Idéia arquétipo, como quer Platão.

Mas assim o dizemos, para estar aderente ao pensar de Platão. No entanto, em nossa intuição, não há cratera nenhuma, e antes, o Deus-Pai deu-se, como Substância, numa esfera total, dinâmica, vortícosa, que abarca todo o Universo-Filho, considerado este como o topos uranos que rodeia e envolve o universo físico por todos os lados. Nosso universo material é como um núcleo denso daquele outro inconcebivelmente mais amplo. Tanto que Deus se doou naquele ingente globo, cindiu-se este em todas as contradições possíveis existentes nas partes oponentes e complementares. E com este microencurvamento; micro sim, porque de curvatura mínima, e de raio extremo; com este micro-encurvamento ocorrido no seio da divina Substância, tudo o mais se viu formado, ate as partículas subatômicas duma matéria espectral que tem raio de curvatura maior que o da nossa. No seio dessa imensidade, as almas, então, se viram criadas, como simples unidades ocupadas em preencher, consigo, sua exata posição e função na hierarquia dos seres e das coisas. Eis, portanto, o fim do homem, em todos os planos aos quais lhe for dado habitar.

A Substância infinita Luz-Amor finitizou-se neste Universo total, à semelhança de um remoinho que vemos individualizar-se no seio da massa aérea; do continuo surge o descontínuo; como tal, a Transcendência divina inacessível se mostrou imanente neste Universo; Eros e Amor constituíram, desde sempre, a dualidade de que todos os seres e coisas são feitos, isto é, essência e substancia.

A queda foi uma descida nesta hierarquia, foi um encurvamento ainda maior da energia-substância, foi uma precipitação no rumo da anulação do ser no não-ser, e, paralelamente a este desfazimento do ser, sua substância degradou-se também, ganhando sua plenitude de egoísmo no extremado Caos. Nosso mundo de dores, de aflições, de fadigas, de acaso e de loucura, é uma bolsa de matéria caótica no seio de Deus. O tumoroso caos lateja, com dores também para Deus, enquanto que a Vida-Amor que se flui dele, busca curar, pensar o abscesso, não pelo alijamento da matéria decomposta que não terá para onde ir, mas: pela reorganização do tecido gangrenoso na ordem que era antes. A cura completa do universo terá vez um dia; é impossível a septicemia, porque tudo o que for necrosado estará circunscrito por uma zona exterior de vigilância, por uma zona de resistência, pela ordem maior que o rodeia. Os seres demoníacos vão para o centro dos orbes planetários, sendo-lhes vedado sair fora, e, por isto, é-lhes impossível articular-se para uma ação geral subversiva.

O amor é o passaporte para a sabedoria, para a liberdade, para o céu estrelado, para as sidéreas amplidões, para as moradas felizes, no passo que o egoísmo, por toda parte, leva a segregação, a ignorância, a pobreza, as trevas, à demência, a estupidez, as prisões, às dores, a desintegração, ao medonho aniquilamento do ser. Desde sempre, fora do amor não ha salvação (Cristo); e como o Amor é o sumo Bem, fora do bem não ha tornada ao lugar resplandecente (Platão).

Deus criou as almas da sua Substância, visto como não podia ele, como faz o homem, lançar mão de um material exterior a si....., de fora de si..., porque, sendo Deus infinito, não possui limites alem dos quais estariam os exteriores, os foras... Nada pode haver para alem de Deus, e tudo o que existe, ele abarca na sua unidade... E Deus é o

sumo Bem; e o Bem é Eros ou Amor. "Deus é amor" (I João 4, 7). E "Deus é luz" (I João 1, 5). Ora, a luz é energia ou substância (energia-substância; Einstein); conseqüentemente, o Amor também é Energia-Substância. E desta Substância-Luz-Amor Deus criou as almas; e criou-as diferenciadas, perfeitas, únicas em si mesmas, mas incompletas, pelo que elas buscavam, em amorosa fusão completar-se, como a tese e a antítese na síntese da unidade maior do social. Esta fluência amorosa era de Deus para as almas, destas para ele, e delas entre si.

Mas o amor é livre, e nasce da oposição de contrários, de perfeições oponentes, e nutre-se do convívio, da vista, da presença do amado e do amante, em recíproca contemplação. Em relação a criatura que não a Deus, o amor não cria o seu objeto, como diz Platão, porém, nasce e nutre-se da presença e da vista do amado e do amante, que reciprocamente, se trocam de posição. Contudo, quando o Amante é Deus, e o amado, a criatura, então o Amante cria o objeto do seu amor, e não pode ser de outro modo. Se Deus é o sumo Bem, e o Bem é o Amor, então, Deus ama suas criaturas, seus filhos; portanto, criou-os para ser o objeto do seu amor. Conquanto o amor seja substantivo, e não, verbo, é duplamente transitivo pelo que exige sujeito e objeto. O amor é bitransitivo, porque transita do amante para o amado, e do amado para o amante, em dois sentidos, em bitransitividade. "Meu amor é meu peso: por ele vou a toda parte que vou" (Santo Agostinho). Podíamos dizer, com Ortega, "podíamos dizer que o amor não é um disparo, mas uma emanção continuada, uma irradiação psíquica que do amante vai ao amado".(Ortega y Gasset, Estudos sobre o Amor, 74)

Não obstante, o amor, como é livre (onde já se o viu escravo ou forçado?), e de natureza energética, possui polaridade, podendo inverter-se no seu oposto, no egoísmo. O egoísmo é o amor intransitivo; fica só no sujeito; não busca a vista e a contemplação do amado, e, antes, perde-se na auto-contemplação, na contemplação de si amante por si mesmo. O egoísta é egolatra, narcizóide, e busca que tudo lhe grave em tomo como seu, para engrandecê-lo, para torná-lo o tudo ou o centro de tudo; o egoísmo é o sistema do eu, oposto, polarmente, ao altruísmo de alter (outro) e ismo (sistema), ou seja, o sistema do outro, o sistema do amado. Por isso, cessado o amor, cessa a integração, e se ele chega a tornar-se egoísmo, as unidades que antes o amor prendia e segurava, esboroam-se no caos. O amor prende e segura seres diferenciados, que não idênticos, porque os iguais se repelem; porém, seres diferenciados, mas não integrados, entram em caos.

Portanto, foi por esfriar-se o amor, e por inverter-se ele em egoísmo, que a queda se urdiu; logo, com culpabilidade para as almas, e não, como quer Platão.

A queda, assim, se deu primeiro no plano moral, do sentimento, por esfriar-se e inverter-se o amor, e, depois, no plano metafísico ou mental, porque os já caídos no primeiro plano, precisavam racionalizar sua conduta, como fazemos nós que não vivemos segundo razões, mas forjamos razões para justificar o nosso viver. Nossos sentimentos nos arrastam à conduta, e depois justificamos, racionalizamos nosso agir, para apaziguar nossa consciência. Já com o legendário Adão foi assim: pedido contas de seus atos, ele justificou-se dizendo que a culpada era a mulher; interrogada esta, desculpou-se que fora iludida pela serpente. E mais adiante não foi Deus, porque a serpente havia de ter também suas razões. Nenhum criminoso se sente culpado, visto como a culpa sempre é dos outros; e quando não há quem culpar, culpa-se a sociedade injusta que faz o homem mau, uma vez que, segundo Rousseau, o homem nasce bom... no que ele tem razão, se bem que esta razão não seja sua, mas de Darwin; é que a criança humana recapitula a fase do gibão; todavia, prosseguindo a crescer física e mentalmente, passa a recapitular a fase do pré-homem macacóide sanguinário e antropófago. Pois o bandido que se compraz no crime, é um sujeito que,

moralmente, parou ou esta nesta fase, ou regrediu a ela, e não, como quer Rousseau, que a sociedade o tenha feito mau; a ser verdade isto, não haveria homens bons no mundo. Ou então se culpa a sorte, o destino que teria dado Deus, pelo que a culpa recai, de novo, sobre o Criador. No fim do interrogatório. Deus acaba sendo o culpado, e por isto foi que, à serpente, ele nada perguntou.

E porque vivemos de sentimentos, e não, de razões, a religião tem de apelar para os sentimentos, ainda que, racionalmente, ela não se justifique. Aqui está a causa, como já hemos dito, por que a religião racional de Platão não teve nenhuma aceitação no mundo. Até sua concepção da queda das almas foi repudiada, como ora o fazemos, por deixar implícito que o culpado pelas dores e males do mundo é o próprio Criador.

De nada vale afirmar mil vezes que Deus é o sumo Bem, se criou ele legiões de almas idênticas entre si, para as arrojarem ao esquecimento do bem, à ignorância da verdade, ao vale de sombras e dores, delegando poderes (ah estapafúrdio!) à Necessidade cega, ao Azar, ao Acaso, para as diferenciar. Não podendo Deus fazer almas perfeitas, diferenciadas e integradas pelo amor, fé idênticas, aos milhões, para que a Necessidade cega, arbitrária, irresponsável, imprevisível, surpreendente, realizasse o milagre que estava além do seu alcance e poder...que absurdo!

A queda se deu de plano em plano, do moral para o físico, e a Energia-Substância-Amor que dava realidade objetiva ou corpo as almas, se foi degradando nas outras energias que se acham aquém do campo unificado de Einstein, e, por fim, penetrando nesse campo, condensou-se na rigidez, na massa, na matéria. Não é que Deus encontrou a matéria, estranha a si, como querem Platão e Aristóteles.....como se pudesse haver alguma coisa ultra-Deus, fora dele, não procedente dele de algum modo. A matéria absolutamente informe no mais arrematado Caos, não possui essência alguma, pelo que é ininteligível; mas possui substância; o não-ser do caos não significa substância! Duas coisas há, pelo menos, que não podem ser dominadas com a razão: uma é Deus, e a outra, o Caos; uma por excesso de razão, e a outra por carência total dela. Deus, porque excede à razão, não pode ser abarcado, delimitado por esta; o Caos, porque não possui essência, não pode ser entendido pela razão, visto como esta só trabalha com essências ou conceitos. De Deus, do Caos, e de tudo o mais que for extremo, só podemos ter intenções.

Conquanto, a substância, no Caos, não tenha essência, é imperecível pelo princípio, agora já científico, da conservação da substância. Não se pode, pois, desconsiderar a substância sem essência (Caos) só porque ela é não-ser, não-essência, não-forma. Se ela fosse nada absoluto, sob qualquer ponto de vista, nada se formaria dela, visto que do nada não sai nada; e se do nada pudesse surgir algo (o que é impossível até para Deus), esse algo seria nada para todo o sempre, uma vez que qualquer coisa é o seu estado anterior modificado. Grave erro foi, portanto, de todos os filósofos, o desprezar a matéria, só porque ela, sem essência, é não-ser. Deste modo, de fato, a matéria é incriada e indestrutível, pois procede, longinquamente, da Substância-Luz-Amor divina que, na descensão, involuiu nas energias cada vez mais dinamicamente potentes, até que se encurvou na rigidez, na massa, na matéria densa.

Com esta inversão da culpa, com base no próprio Platão, conseguimos o que ele não pode realizar. Diz Victor Goldschmidt: "Não que Platão tenha conseguido, tenha podido conseguir captar o universo num sistema exaustivo. Ao contrário, se existe algo que os filósofos contemporâneos parecem ter provado é que nenhum esforço de sistematização poderia dominar a incoerência e a descontinuidade do universo.(Victor Goldshimidt, A Religião de Platão, 137). Isto não é exato, pois o sistema INVOLUÇÃO-EVOLUÇÃO que, em síntese, expomos, sistematiza e coordena tudo na unidade, dominando toda a natural incoerência, fazendo contínuo o descontínuo do universo.

Esta descontinuidade e discrepância somente seria insolúvel, se houvesse, o que é absurdo, várias origens para as coisas, o que vale a dizer, procedentes de vários deuses autônomos, todos operando num mesmo espaço-tempo universal.

Assentado que Deus é Amor, que Deus é Luz, vem, juntamente, que Deus é a suma Sabedoria ou Hiper-razão intuitiva, que tudo vê num lança de olhos, como num todo, Ele não raciocina, discursivamente, como nós, para saber; para ele não há premissas nem consequências, estando na sua Mente supracósmica tudo explicitado desde sempre. E se tal é Deus, ao criar seus filhos, fê-los a todos inteligentes tanto quanto criaturas podem ser. Mais ainda que Suprarrazão, e, ao mesmo tempo, Amor infinito, é o Ser de que nasceram os filhos racionais, mais que gênios, e amorosos tanto, como só deuses podiam ser. Com o esfriamento e inversão do amor, caiu também o poder da razão, e juntamente com o egoísmo começou a estupidez. O que antes era ser, se foi encaminhando para o não-ser, numa proporção em que quanta mais crescia a estupidez, mais se minguava a essência e se degradava a substância de que era feito. O egoísmo pleno coexiste com o não-ser total, em que os elementos isolados, no mais extremo Caos, não "sabem" como reunir-se, como integrar-se nas mais rudimentares unidades. Não é que caiu o ser, e se manteve a substância tal qual era; com a descida do ser, degradou-se a substância, até que quando o ser se fez nulo, a substância dele se tornou Caos.

Nós somos um eu que pensa; porém, quando pensamos, as coisas são o objeto do nosso pensar. No entanto, juntamente com as coisas está o nosso corpo com todas as partes dele. Pensamos nesta mão que escreve, neste traço que move, nestes pés que se cruzam sob a mesa. Pensamos na nossa cabeça, em nosso cérebro que está dentro dela, nas células nervosas que, neste momento, estão ativas, produzindo pensamentos. E quando nos perguntamos: onde está o eu? vem-nos a pronta resposta: está no todo que somos. Essência imponderável, inespacial e intemporal somos nós, inseparável do "corpo-coisa" que nossa alma vitaliza e movimenta. Ainda que mortos, nossa alma se reveste dum corpo de matéria espectral (duplo, perispírito), e uma alma essencialmente pura, pura forma, sem substância alguma, não passa de pura idealidade, pura abstração sem nenhuma realidade objetiva. Como tudo, somos também essência e substância, forma e conteúdo. Descartes estava certo ao dizer: "eu sou uma coisa que pensa", ou "uma coisa pensante", visto que sem a coisa-cérebro, a coisa-substância, a alma, como pura idealidade formal, não poderia nem ser em si, quanto mais manifestar-se em pensamentos. E assim como o homem, todas as coisas são uma dualidade em que se acham jungidos forma e conteúdo.

Por isso, porque "eu sou uma coisa que pensa"; porque temos, em nós, entrelaçados, a coisa e o pensamento, por isso somos uma dualidade indissolúvel, e pelo lado do pensamento somos razão, e pelo lado da coisa-corpo somos sensibilidade, emoção e sentimento. E como acostumamos primeiro sentir e desejar, para depois forjar razões que justifiquem aquele sentir e desejar, por isso, o que há de mais verdadeiro em nós são os sentimentos. O pensamento busca a verdade; porém, desejamos que esteja esta onde a põem os sentimentos. Daí que, atrás de qualquer massa de argumentos, sentimos estar presente uma intuição, e todo o arrazoado traz, latente (latendo - latindo - dando latidos - latejando como um abscesso ou coração), um sentimento. O pensamento acompanha os latidos da intuição que lhe apontam o rumo. Esta é a causa por que ao "penso, logo existo" de Descartes, o naturalista Gassendi replicou: "O pensamento é mentiroso; só os sentimentos não mentem

Nossa inteligência apreende a forma, o conceito, porque somente entre afins é possível comunicação. Já nossa inteligência não apreende a substância que, no entanto, impressiona os nossos sentidos. Deste modo, nosso contato com as coisas é

duplo, porque nós e as coisas somos duplos como conceito e substancia. O duo que somos se aplica à dualidade das coisas, de modo que os afins se entendem, e ao mesmo tempo em que, pelo físico, recebemos as impressões, pelo psíquico, aprendemos as imagens que se organizam, generalizam e abstratizam em conceitos. Tudo funciona em sincronismo: em nós, o sujeito-alma e o objeto-corpo são a primeira realidade indissolúvel inalienável, inquestionável, que tem, em si, aquilo mesmo que, depois, encontramos nas coisas, sem exceção, todas constituídas de forma e conteúdo. Se houvesse um abismo intransponível entre as essências das coisas e a nossa inteligência, esse mesmo abismo estaria, também, entre nosso espírito e nosso corpo, entre nosso pensamento e nosso cérebro; e existiria nas próprias coisas o abismo entre sua forma e seu conteúdo. Pois que apareça então o mais que gênio capaz de nos mostrar uma essência ou uma forma separada do seu respectivo conteúdo numa

coisa qualquer. Separar a forma externa é fácil; o difícil é que esta forma exterior agasalha uma hierarquia de formas interiores que vão desde as moléculas até os elétrons e átomos. E a tal super-gênio de nos apresentar, de um lado, o universo de formas hierarquizadas no topo das coisas, e de outra parte, a substancia pura, sem essência alguma. Eis, aqui está, um outro impossível a ser juntado ao da quadratura do círculo e ao do moto-contínuo. As coisas nos dão sim senhor Kant, as suas essências, porque nosso espírito, nossa consciência, é da mesma natureza dessas essências, e mais: ele é, em si mesmo, formado dessas essências, de modo que tudo aquilo que encontramos fora de nós, paralelamente, se acha em nós. O nosso microcosmo individual, o universo que somos, é uma réplica miniatural do Macrocosmo, e é por isto, e só por isto, que ambos mais ou menos se entendem. Desde os elétrons, dos prótons, dos átomos, das moléculas formadoras das células, incluindo estas, tudo possui essência casada a substância; e quando a substância se organiza, as essências correspondentes se escalonam num cosmo, num universo que se chama eu individual. Nossa alma se compõe de todas as "almas" menores que integram nosso ser.

Não há coisa alguma que esteja fora, que também não se ache nessa maravilhosa síntese... o homem. Por esta causa, aquilo que supera o homem, que está para além dele, que se acha fora, mas não, nele, isso é-lhe inconcebível. A começar pelos estados ultra-rationais, a partir do gênio, já a mediocridade não entende. Enfim, o gênio ainda é homem, e esse deveria ser o limite a ser extrapolado para Deus; no entanto, quando os filósofos, exceto Platão, afirmaram que Deus é a Razão Absoluta, nada mais fizeram do que atribuir a Deus essa excelência somente sua. Com isto, cometeram o erro grosseiro de absolutizar a razão humana em Deus, ignorando que ela é relativa, que opera por relações, que busca o desconhecido. A razão que raciocina discursivamente, dialeticamente, que parte do sabido para o ignorado, não pode ser absolutizada no divino, simplesmente porque, para Deus não há o desconhecido, o ignorado, e só por isto, ele não pode ser inteligente ou racional do tipo humano. Move-nos a riso, hoje, saber que Aristóteles e Santo Tomás cuidavam que vive Deus ocupado em eterno pensar... como se fora um velho racionalista, um filósofo, isto é, um ignorante que ama e busca a verdade!

E porque não podemos saber o que nos transcende à razão, Deus se transforma na grande incógnita jamais decifrável para nós, humanos, que dele somente podemos ter intenções. Nisto estiveram certos Platão e Kant. Provar a existência de Deus é impossível, porque pedir provas é pedir razões. E como podem as razões transcender de seu círculo fechado, com que está cingido o pensamento? Olhando em torno, ao longo, ao largo, vemos tudo belo e bom; mas este olhar distante que tudo enxerga em

termos de grandeza, logo se transmuda em seu oposto, se, atentos, fixamos o pormenor. Enquanto que no todo reina a paz e a ordem, no particular reino da vida impera o caos, a feiúra, a guerra que mil ódios acende. A excelsa criação, a vida, se mostra pejada da ruinosa morte, e, para sobreviver, o forte e o astuto ferem de morte o que se desarma por ser justo e bom. Por aí, já se vê que contra uma prova se ergue outra, e com igual justeza de razão Deus pode ser o Bem por excelência, como também pode ser o supino Mal.

Todavia, quem, ignorante, cuida que, para crer, precisa de provas, esse que nos diga logo que forma tem o espaço de que nasceram as geometrias todas? Acaso é ele plano, como cuidara Euclides? e curvo, então? mas que curvatura é essa? seria, acaso, o espaço lentiforme, parabólico, hiperbólico? Lobachevski, Gauss, Riemann, Bolyai criaram, cada um o seu espaço próprio, e de cada um surgiu diferente geometria. Ora pois: se não se pode provar o espaço, porventura não é ciência, então, a geometria que se apoia nele?

Se passarmos, no entanto, do espaço ao tempo, outras que tais dificuldades se nos surgem. É fácil conceber o tempo mediano que vemos fluir com o movimento das coisas. Mas como serão os tempos extremos? Se a velocidade se fizer infinita, é certo que seu tempo fica zero; e tempo nulo é não-tempo; pois como associar o não-tempo da velocidade extrema à eternidade que é, também, não-tempo? Porque se a velocidade se aquieta no repouso, no não-movimento, diz-nos a formula matemática ($e = v.t$) que o tempo se alonga para o infinito; e tempo infinito é a eternidade. E como conceber um tempo sem movimento?

Diga-nos agora, alguém, o que é a matéria? É energia condensada? E que vem a ser essa condensação, e que é a energia? Pouco há, dissemos que o movimento infinito leva a um tempo nulo, porque quanto mais cresce a velocidade, mais se encurta o tempo; no entanto, a velocidade eletrônica nas órbitas atômicas, está longe ainda de ser infinita e já cria a rigidez da matéria; e a massa desta resulta de velocidades maiores ainda encontráveis no núcleo atômico. Desta forma, a quase que infinita, faz o elétron encher consigo a sua trajetória, e a esta ilusão de repouso chamamos matéria. E é então que olhamos para um rochedo que faz milhões de anos que ali está parado, e esta vista suscita em nós a idéia de eternidade, ou seja, de tempo infinito; mas vem o físico-nuclear e nos diz que aquele estar parado, num como que infinito tempo, resulta de velocidades quase infinitas dos elétrons em suas órbitas atômicas. Quer dizer que o quase não tempo dos elétrons cria o tempo como que infinito da rocha? Então, a eternidade é o tempo infinito, resultante da ausência total de movimento? E pode haver tempo sem o movimento? pode haver música sem tocar? Por isso é que Santo Agostinho já dizia: "Se não me perguntam o que é o tempo, eu sei o que é o tempo, mas se me perguntarem o que é o tempo, eu não sei o que é o tempo".

Se, pois, ninguém sabe nada a respeito dos fundamentos das coisas que nos são inquestionáveis, e isso, porque esses fundamentos transcendem da razão, com que petulância se pede prova de Deus, se tal prova implicaria em fazer trabalhar a razão, para além de seus limites? Que provas se quer de Deus, se vivemos crendo, de fé, sem provas, no que é o espaço, o tempo, a energia e a matéria? Porque provar uma coisa é assentá-la sobre um fundamento ou premissa; todavia, como não há fundamento nenhum (exceto Deus) que não se apoie em outro, nossa razão vai remontando os fundamentos ate o ponto em que ela própria se perde, por ultrapassar os seus limites.

A razão e a ciência não nos podem dar a sabedoria, e para conhecermos o além-racional, o trans-raciocínio, preciso é desenvolvermos um dragão novo - a hiperrazão. Assim, é preciso levantar-se o homem numa perpendicular sobre o planimétrico da

razão, e olhando, deste modo, do alto, de cima, enxergar o todo numa visão de profundidade, que não mais é ciência, e sim, sabedoria. Como, depois, achatar o volume no plano, de modo a que o racional puro possa entender? Platão e Kant estão certos: não se pode chegar a Deus pela razão, porque muito abaixo dele, já ela se perde nas antinomias.....

As idéias primeiras e últimas das ciências mais exatas, situam-se para além da concepção racional. As ciências exatas, como as matemáticas, fundamentam-se em postulados indemonstráveis, e a aceitação deles é um ato de fé; logo, até as matemáticas se fundamentam na fé. E das ciências menos exatas como a física, a química e a biologia, não lhes conhecemos as idéias últimas que são: o que é a matéria? o que é a energia? o que é a vida? E quando chegamos à consciência, vê-se a razão na contingência de examinar-se a si própria. E como pode o homem saber aquilo que o envolve, que o contém, ou em que está, ou que é? Só podemos saber aquilo que nos está fora, e para conhecer-nos seria necessário pôr-nos fora de nós, como quando, por exemplo, estudamos o nosso corpo nos outros, como se ele fosse coisa exterior, e não nos dissesse respeito. Mas, e a razão? como considerá-la "coisa exterior"? Só quem se acha num plano mais alto pode atuar ou operar sobre o inferior. Para encurvar a linha, é preciso o plano; para encurvar a superfície, só se poderá fazê-lo no espaço; para entender o movimento do espaço, é necessário o tempo; só dominaria o tempo, uma dimensão que lhe seja superior, e essa é a consciência. Agora é o fim do racional, e para entendê-lo a ele, e as coisas trans-rationais, somos compelidos a nos situar na hiper-razão, e operar por intenções.

Não obstante, se a genialidade se revela como um estado hiper-consciencial, em que se concebe por relâmpagos e clarões, plenos de júbilos, de êxtases, não há por que não extrapolar este máximo limite, o gênio, para Deus, embora com a ressalva de que Deus é ainda infinitamente mais que isto.

No entanto, do mesmo modo que o homem, pela razão, supera a todos os demais seres que lhe estão abaixo, também, com potência igual, pode ele sentir e amar. Daí ser preciso afirmar, como o fizeram as religiões, que é Deus também infinito Amor. Deste modo, sendo Deus a Sabedoria suma, ao mesmo tempo que infinito Amor, filosofia e religião se irmanam na contemplação e no sentimento de um só e mesmo Objeto, o Ser por excelência, Deus, como o queria o divino Platão....., só por isto divino, como sempre o chamaram, e não por outra causa. "Platão vê no "Eros" um ímpeto que leva a entrelaçar as coisas entre si; é - diz - uma força unitiva, a paixão da síntese. Por isso, em sua opinião, a filosofia, que busca o sentido das coisas, conduzida por "Eros". A meditação é exercício erótico. O conceito, rito amoroso"(Ortega y Gasset, Meditações de Quixote, 98). É por isso que "Dante acreditava que o Amor move o sol e as outras estrelas"(Ortega y Gasset, Estudo sobre o Amor, 69). Diz Eckhart: "O verdadeiro ter Deus está no ânimo, não em pensar em Deus uniforme e continuamente. O homem não deve ter só um Deus pensado, pois quando o pensamento cessa, cessaria também esse Deus"(Ortega y Gasset, Estudo sobre o Amor, 116). Nisto, Platão esteve absolutamente certo, uma vez que, sendo EROS a FORMA das Formas, a FORMA do Bem, a Substância desta FORMA suma é o AMOR de que decorre a LUZ que, na descensão involutiva, transformou em todas as demais energias-matérias redutíveis a um denominador comum - a energia-substância.

A fórmula forma + conteúdo = ser não padece nenhuma exceção, desde nós mesmos, e das coisas que nos rodeiam, até Deus que tem por Forma a Sabedoria suma, e por Conteúdo a Substância-Luz-Amor. E seguindo este esquema divino, tudo foi criado, e fora deste nada se forma. E assim também foram criados os filhos, na máxima perfeição que em criaturas é possível. Não obstante, os filhos eram livres pela

substancia, e esta, suscetível de polarização; e como onde há liberdade não há determinismo, os filhos, em parte, inverteram o impulso amoroso no egoístico, e, ao se degradarem como substancia, se desfizeram, também como forma, como essência, até o mais arrematado Caos ou não-ser.

Na fase inversa, evolutiva, a substancia homogênea, confusa e informe do Caos, principiou a diferenciar-se em elementos oponentes e complementares que, por isto mesmo, já se buscaram, reciprocamente, já se integraram, formando unidades maiores. Essência e substância, forma e conteúdo se deram um ao outro na subida, de modo que espírito e matéria, jamais estiveram separados, visto como não há ser real sem substancia, nem substancia alguma que, por si só, seja ser. Lá no topo supremo, no vértice da Pirâmide platônica das Formas, está a FORMA das Formas, a FORMA do Bem, e esta FORMA é Eros, no passo que o Bem substancial é o Amor. Eros é a Essência, e o Amor, a Substância desta Essência, e, de Deus abaixo, tudo o. que é ser se mostra duplicado nos aspectos conteúdo e forma.

Deste modo, toda unidade (monos) é dual; não há o monismo puro, um princípio único de que tudo nasce, visto como este Princípio (Deus) se mostra bifrontado em Sabedoria e Amor, e assim como esta origem primeira, todas as coisas são dualísticas. A forma não se transmuta em conteúdo, nem este, naquela. O que é princípio e lei, o que é espírito e pensamento puros, pura idealidade, essência pura não pode transformar-se na sua substância com a qual coexiste desde sempre. A matéria se reduz a energia e vice-versa, e, por isso, ambas podem ser postas sobre um denominador comum - a energia-substância; todavia, a forma, a lei, a essência, o espírito puro (alma) não se reduz nem a energia, nem a matéria; ela é a outra metade integrante da realidade do ser. O monismo é bivalente; juntamente com o uni está o pluri, o reverso e oposto da unidade, donde vem que a palavra universo é de composição dúplice, de expressão bifrontal como a deidade Jano que possuía duas caras, assim para Deus, assim para todas as coisas. O um possui, internamente, o dois; não há trilogia nas coisas, em primeira instancia. Deus não é Trino, e sim, Uno e Dual; a trindade mística Pai, Filho e Espírito Santo não tem sustentação ontológica, porque, do Pai, nasce a Criatura, o Universo-Filho ou Esfera de Luz, e o Espírito Santo fica fora do binômio sem ascendente ou descendente, não se sabendo o que venha a ser, se Pai, ou se Filho. É impossível que este terceiro elemento extra-binomial (ente, pessoa da trindade) não proceda de um dos termos precedentes. O idealismo, desta maneira, acha sua complementação no substancialismo, a idealidade, na coisidade. Este é o caráter do ser real: uma essência revestida de substância, ambas irreduzíveis entre si. A filosofia que enfatizar somente um destes aspectos, é sabedoria por metade, meia verdade, filosofia de meia.

A queda das almas, a queda dos seres que eram, implicou numa queda do conteúdo, na degradação da substancia; e quando o ser se tornou no não-ser, sua substância se desfez no Caos. Depois, esta mesma substância começou por ganhar essências e ser, no mesmo passo que principiou a evoluir no rumo do ainda longínquo amor. Sempre Eros integrando, e o amor consubstanciando, e até que nasce o elétron, depois o próton, já o átomo, logo a molécula, mais tarde a célula viva; irritabilidade, sensação, emoção, sentimento e amor, conectados, respectivamente, com tropismo, instinto, pré-razão, raciocínio e intuição. A fase da hiperconsciência intuitiva, volumétrica e unitária, coincide com a do amor pleno, e quem chegou a tanto, evoluindo, não se achará mais neste nosso baixo e escuro mundo, a menos que o deseje, para salvar os seus amados.

No alto e embaixo, o mesmo princípio, a mesma lei, a mesma verdade. Sabedoria e Amor formam a Unidade de Deus; essência e substancia entram na constituição de

todas as coisas; razão e sentimento integram a individualidade do homem. Mas, quando o homem se torna gênio, sua inteligência se inflama do sentimento, e sua paixão se ilumina da razão, de modo que os altivos pensamentos produzem êxtases, e os reptos suscitam lucubrações profundas...; e todo o ser se sublima na unidade em que não mais se distingue o sentimento da razão, visto que ambos são um na totalidade do supranormal, do supraracional, do intuitivo.

O gênio é específico, e se encaminha para ser único, em si mesmo, que é o fim de todas as almas. Os testes psicológicos de aplicação coletiva, prestam-se para descobrir o que ha de geral e comum a todos, servindo muito bem para a massa dos inautênticos, dos ainda não diferenciados. Para o gênio, precisaria testes individuais, um para cada caso. É assim que o teste para o gênio está em sua obra, e só nela, em que ele trabalha em estado de alta tensão emocional. Daí, que nenhum teste psicológico dos conhecidos, pode revelar antecipadamente, se um homem é gênio ou não. Os gênios da humanidade se revelaram tais sem testes nenhuns, e os supostos gênios que os testes mostraram como tais, não produzem nada. Falta-lhes o sacro fogo que os ilumine, e os testes, além de aplicados por medíocres, ignorantes do que venha a ser o gênio, são inoperantes quanto ao fundamental que é acender na alma dos examinandos o sagrado fogo. E sem este fogo místico, religioso, religativo com o Alto, não há os relâmpagos e os clarões da divina tempestade. Os supostos gênios revelados pelos testes são mais ou menos assemelhados aos computadores que sabem só o que neles se gravou, o que aprenderam, porém, não criam nada de assombrosamente profundo e original. Ora, um mero repetidor de coisas conhecidas, por fabuloso que seja, está longe de ser verdadeiro gênio. As graves meditações deste não são frias, como as operações de um computador; ele trabalhar num tormento que é sofrimento e gozo, e a tempestade criadora faz voar-lhe a pena, move-lhe o pincel, imprime-lhe força ao escopro, freneticamente, vai-lhe pintalgando o pentagrama musical. E assim nascem as obras de arte e as do pensamento. A filosofia era antes alethéa que quer dizer descobrimento, revelação, desnudamento, rapto, divino, apocalipse. Só mais tarde é que este súbito clarão consciencial, pleno de sentimento, de emoção, de êxtase, de gozo, se banalizou no modesto, nada poético, mas prático, termo filosofia. O Moisés, de Miguel Angelo, é tão vigoroso e de semblante ameaçador, que Freud, apesar de frio pesquisador científico, ao contemplá-lo, teve calafrios e ímpetos de fugir. Só uma paixão dalma, misto de alegria e de dor, de razão e sentimento conjugados, poderia produzir obra tal. É deste modo que, no termo da jornada evolutiva, a razão e o amor se fundem na hiperconsciência, assim para o gênio, como assim sempre foi para Deus. "Deus, que é a eterna Razão (o Lógos), é também o Amor infinito - e o homem que atingiu o ápice da racionalidade culminou no vértice do amor. "O amor é a mais alta racionalidade..."(Huberto Rohden, Filosofia Universal, 2, 177), e é por isto que Platão o põe no pináculo das Formas, a FORMA das Formas, a FORMA do Bem, e São Paulo o coloca como fundamento do ser, ao declarar:

"Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine.

"Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé ao ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei.

"E ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres, e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará" (I Cor. 13, 1 a 3).

FILOSOFIA E MORAL MATERIALISTAS PROÊMIO

A obra esta no seu fim, e, nela, mostramos qual o único caminho para o pensamento. Desde que a doutrina da evolução se impôs, graças ao impulso inicialmente dado por Darwin, as filosofias todas foram postas em xeque, e o único caminho possível é o da síntese, e isto foi o que fizemos, de corrida, ao correr da pena.

Esta velha e, contudo, nova idéia, é velha, porque Platão pertence ao passado; e nova, porque Platão é o Filósofo do futuro, como agudamente o enxergou Huberto Rohden. A verdade é eterna, e, por isto, Platão que tinha razão no passado, te-la-á pelos tempos futuros.

A mocidade, hoje, perdeu a confiança nas gerações que a antecederam e por isso quebra a cabeça por achar caminhos novos. Debate-se ela entre o materialismo que a teoria da evolução engendrou, e a religião que, simplesmente, fechando os olhos para não enxergar, põe de lado as questões de ciência (evolução), como se isto fosse possível. Ora, o materialismo, fundado na negação, que tem por corolário a moral da força e da astúcia, é totalmente impotente para alicerçar a ética, os costumes, a sociedade. Por este motivo, a sociedade se acha a pique de desintegrar-se, conforme se pode verificar por dois barômetros: a juventude e a mulher.

A juventude, como não sabe para onde seguir, aplica o antigo método animal dos ensaios-e-erros, a fim de encontrar, por tentativas e falências, o caminho que a conduza ao porvir. Ela é franca e hostilmente contra a velha geração que chama de "quadrada" ou de "antiga". Todavia, como essa mocidade não está criando nada de substancial, como será o amanhã, quando ela estiver na direção da história? Não adianta debater-se: o caminho é este, e não há outro.

No entanto, os materialistas cuidam seja possível a construção de um mundo feliz, fundado na matéria. Por este motivo, resolvemos escrever este capítulo, e, nele, apresentar uma crítica ao Dr. Ormard Andrade Faria, autor de dois livros: "Hipnose Médica e Odontológica" e "Hipnose e Letargia". O médico aqui citado defende estas teses:

- a) O homem é o que criou Deus;
- b) Nada há ou existe além da matéria;
- c) A alma é função do organismo.

Gostaríamos que o doutor nos desse a honra de sair a campo para declarar que não disse, nem de modo implícito, as conclusões que vamos tirar da sua premissa. Voltaríamos, então, à carga, para exigir-lhe, em nome dos que tem cabeça de pensar, que explique por que devemos ser humildes, tolerantes, pacíficos e perdoadores de ofensas? Por que sermos honestos, caridosos e verdadeiros? Por que devemos ter espírito de sacrifício e de renúncia, sendo altruísta, em vez de egoísta? Por que não devemos afrouxar as rédeas à besta, à parte vil do nosso ser que, conforme o afirma Goethe. "sempre vem contrastar do espírito os arrojos"? Por que nos manter nos limites

da monogamia, como o impõe a lei, e o exige a sociedade? Por que fazer isto, se a monogamia é contra a natureza do homem egresso da animalidade, e que, por este motivo, traz muito ainda em si de macho como os demais machos que não se contentam com uma fêmea só? Acaso não é verdade que a mulher produz apenas um óvulo por mês, e não são duzentos e vinte cinco milhões o número de espermatozoides numa só função do órgão masculino? Que nos quer dizer, com isto, a "sábria" natureza, senão que, num casal humano normal, há sempre muito homem para muito pouca mulher?

E porque sobra homem, e falta mulher, por isso, a fêmea é muito mais valiosa e prezada do que o macho, podendo este ser desperdiçado, enquanto aquela é protegida e resguardada com carinho. Por esta causa, como já o notara Schopenhauer, a natureza cerca a mulher de defesas, pelo que ela é mais resistente, já na infância, já na velhice, donde vem que morrem mais meninos que meninas, e há mais viúvas que viúvos! O desperdício do elemento masculino, na natureza, já do pólen, já dos espermatozoides, já de seus portadores é fato científico comezinho, porque a natureza sabe bastar um só macho para muitas fêmeas. Por esta causa, o macho é feito para os trabalhos perigosos, para o desgaste irreparável, para a luta de morte, para a guerra, e deve ser posto de lado ou sacrificado, tão logo fique fraco ou velho. Acaso não é assim que acontece na natureza, posta, pelos materialistas, como base da moral? E se não é esta a base, qual é ela, então?

A fêmea fica tanto mais valiosa e importante do que o macho, quando consideramos que todos os homens do mundo, menos um, poderiam ser mortos, e esse único, por meio da inseminação artificial, numa semana, fecundaria todas as mulheres da Terra! Já se fossem mortas todas as mulheres, menos uma, o mundo cairia na barbárie em dez anos, e depois de oitenta, restara no globo, uma família apenas.

As grandes batalhas campais, de que nos da conta a história, são mostradas, ao vivo, nas telas do cinema, quando poderosos exércitos mutuamente se defrontam. Primeiro, de um lado, em visão panorâmica, soldados sem conta, já de carros, já a cavalo, já a pé, metidos atrás de pesados escudos, aguardam a hora do combate. Do outro lado, outro tanto se ostenta. Os estandartes tremulam de ambos os lados; o silêncio é pesado, sufocante. Até que, enfim, soam as fulvas trompas guerreiras, e da outra parte se ouve, também, em rebate, o clangor dos agudos clarins e cavos bronzes. E a tropelia infernal de carros, de patas de cavalos, de gritos de homens, de metais sonoros, tudo denuncia o choque iminente. E chocam-se as hostes inimigas, carros tombam, cavalos relinham e caem, e os homens enlouquecidos se transpassam com flechas, com chuços, com dardos, com espadas. Finda a peleja, o campo está juncado de cadáveres e de destroços. Os homens morreram., deixando atrás de si um outro igual exército de mulheres. Todavia, os poucos homens que sobraram, foram sempre os garanhões, e a vida jamais parou.

A carência de homens válidos para a guerra, levou a Licurgo a declarar aos nobres de Esparta a necessidade eugênica que consistia em eles levarem suas esposas aos heróis egressos das batalhas, a fim de tirar, com elas, a raça deles, como fazemos com as cavalos, com os porcos e com os bois. Mas, num mundo, como o de nossos dias, sem as guerras frequentes de outros tempos para dizimar os homens, sobram homens, e faltam mulheres, pelo que estas, procuradas, se fazem difíceis, e passam a vender-se caro..., e quem quiser saber o quanto lhe custa uma mulher, que se case com uma dessas muitas bonecas ocas que atulham os salões da "society". Na balança da oferta e da procura, levam a melhor as mulheres, e, sobre suas vantagens naturais (mais resistentes às doenças, mais necessárias à vida), forçam os homens a

fazer leis que as favoreçam. O funcionário público aposenta-se com trinta e cinco anos de idade; a mulher funcionária, com trinta. A mulher pode requerer, em juízo, uma pensão do marido que a abandona, ainda que este não tenha onde cair morto; contudo, por muito bem empregada que esteja a mulher, e por mais polpudo que lhe seja o ordenado, não fica obrigada a pagar uma pensão para o marido a quem ela abandona. Os benefícios do INPS se estendem, do trabalhador contribuinte, para toda a sua família, inclusive sua mulher. Todavia, quando a mulher é empregada e contribuinte, o marido fica por fora quanto a quaisquer benefícios provindos do INPS. Para colher suas vantagens, as mulheres têm, sempre, na ponta da língua, "que todos somos iguais perante a lei"; mas fecham os olhos para não enxergar a evidencia, quando o homem lhes mostra que a balança da justiça é desigual, pendendo no sentido de as favorecer. Observando, pois, a natureza à qual pertence o gênero humano, chegamos a esta conclusão:

a) A poliandria é anti-natural, visto ser impossível à mulher conceber de mais de um homem por ano, como o declara Schopenhauer.

b) O homem é, por sua natureza, polígamo, como todos os demais machos que podem fecundar muitas fêmeas.

c) É natural a seleção de machos pela luta individual, na natureza bruta, e, no mundo humano, pela luta econômica e pela guerra.

d) A paz, por conseguinte, se torna um absurdo, uma vez que a natureza previu a guerra, criando meio a meio homens e mulheres. Neste sentido, Napoleão e Hitler foram benfeitores da humanidade, por descarregar as tensões genésicas que assoberbam todos os homens. Precisaria, logo, houvesse mais e mais guerras, para restabelecer o áureo equilíbrio de mil mulheres para cada homem, como o executou em sua vida Salomão, forçado pelas contingências políticas do seu tempo. Se houvesse este exagero, far-se-ia, naturalmente, a seleção das melhores para a reprodução. Que sentido têm os concursos de beleza, se há carência de mulheres? Acaso as feias não se arranjam?

Por que praticar, então, a monogamia, se "morreu acabou"? sem recompensa ou castigo nenhuns para quem viveu bem ou mal? Para que sofrer as torturas da carne, contrariando a natureza, se a matéria é tudo, e Deus não passa de pura criação da fantasia humana? Acrescente-se ainda que nos ônibus, nos bondes, nos salões e saraus estão a mostra as lindas pernas e os colos perfumados, para o fim exclusivo de uma provocação constante. A mulher explora o sexo, mostrando as pernas nas mini-saias, nunca se esquecendo de, sentada, cruzá-las, para exibi-las ainda melhor; entumece os seios, às vezes, minúsculos e nada promissores, com os recheios de borracha fofa dos porta-seios. E os homens dão com as vistas nessas coisas, ficam excitados, mas não podem... por as mãos nelas, no que resulta nas masturbações, nas inversões sexuais e nas neuroses. E os que se invertem, passivamente, passam a fazer concorrência às mulheres, criando, em contrapartida, a inversão ativa do terceiro sexo. Como se foram vitrinas e cartazes de propaganda, cada linda expõe e oferta os seus dotes como sendo os melhores. E tudo isto dá nos nervos dos que se impõem a castidade ou a temperança monogâmica, fazendo-os sofrer tragédias e tormentos interiores quais os de Santo Antônio.

Diga-nos, agora, o doutor, que para tanto é médico: tudo isto faz bem a saúde do homem? E, pois, se não faz bem, e faz mal, por que, logo, devemos ser recatados, temperantes, monogâmicos de fato, em vez de só de aparência, como quase todos? Mas a monogamia não é exigência da lei e da sociedade cristã? E não é contra a natureza do homem? De onde, logo, a sociedade e a lei foram

desencavar tudo isso, senão no Evangelho de Cristo? E como pode estar o doutor com 'Cristo, pela monogamia e pela castidade, em oposição frontal ao materialismo e consequente materialidade que defende?

O materialista não pode falar da moral de Cristo, de base metafísica, porque sua premissa ateísta leva à moral natural -de Trasímaco, de Machiavelli e de Nietzsche, que é a da força, da astúcia, da guerra e da poligamia. A moral tirada da natureza, da matéria e da negação de Deus, só pode ser a moral do Diabo, oposta, polarmente, à de Cristo que todo é espírito, e por isso prega o amor, a justiça, a bondade, a paz e a monogamia. Por isto não podemos conter o riso, quando por exemplo, algum pascácio nos fala da "moral pura do comunismo" !, ou do "paraíso bolchevista"!... "Risum teneatis?".....

Prove-nos, agora, o doutor, que a monogamia, tão sacrificial como a inteira castidade, é corolário natural da sua premissa, e prometemos dar-lhe a mão à palmatória! Mas se nos não puder terá de concordar que nossos arrazoados são consequências necessárias da sua doutrina. E do mesmo modo como examinamos o problema da monogamia, podemos estudar as outras coisas da moral cristã, e o faremos, por miúdo, se preciso, para demonstrar que elas não acham base na natureza exterior, nem na do homem, nem nas obras do médico. E mais: provaremos, se preciso, que a civilização só foi possível, quando surgiram os códigos de ética metafísicos, para domesticar a besta que está em nós.

A FALA DE PELÓRIO

Tanto que o Dr. Ornard publicou seus dois livros, não tardou que lhe surgisse um discípulo, também médico, que exercia suas atividades em um hospital que funciona num edifício de muitos andares. Esse médico é o Dr. Bolván Durakov. Entusiasmado com a doutrina de seu mestre Dr. Ornard, o Dr. Bolván também escreveu um livro com o título: "A Deidade Matéria". Não só este livro, como também os dois do Dr. Andrade Faria, foram, avidamente, devorados por um tal Flamínio Pelório que, mais tarde, acometido de doença grave, veio a hospitalizar-se no nosocômio em que trabalhava o médico-discípulo, Dr. Bolvan. O enfermo, deitado de costas, em sua cama, raciocinava por este modo, com o olhar perdido no vazio:

- O doutor me disse, através de seu livro, que não há outra vida, além desta, com as consequentes penas e recompensas futuras; logo, para que hei de insistir em viver, se a vida me é sumamente aborrecida e cheia de sofrimentos? E mesmo que venha a sarar desta enfermidade, acaso posso escapar da pobreza, da miséria, em que sempre vivi? É verdade que tenho mulher e filhos; mas esta preocupação que me rala, só existe porque respiro! Tanto que tenha os olhos vidrados, adeus preocupações! adeus sofrimentos! adeus vida amaldiçoada que me impuseram, pois não pedi para viver!...

Assim está pensando o doente, quando entra o médico no quarto, a fim de vê-lo; examina-o aqui e ali, e depois pergunta:

- Corno vai, Pelório?

- Xii!... doutor,...; ando ruim! Até lhe queria pedir que me desse um chazinho da meia-noite!...

- Que é isso, homem? A eutanásia é proibida por lei..., e, além disso, tenho minha ética profissional que a proíbe também!

- Ora essa, doutor! Que diabo é isso de lei e de ética? Que nada! tudo isso é léria! A coisa fica só entre nós dois!... E depois que o senhor e eu tivermos morrido, quem é que vai saber dessa violação da lei e da ética? Morreu acabou, como o senhor o diz acertadamente, e por isso, a lei e a ética são só para inglês ver!

- E como é que você sabe ser essa a minha convicção? Perguntou o doutor, admirado da argúcia do enfermo.

- É que li o seu livro "A Deidade Matéria", e também os dois do seu mestre Dr. Osmard Andrade Faria, "Hipnose Médica e Odontológica" e "Hipnose e Letargia". Nestes três livros, o senhor e ele provam, primeiro, que Deus é pura criação da estupidez humana; segundo, que nada existe, além da inexaurível matéria; e terceiro, que a alma é função do organismo.

- Está bem, meu velho, essa é a verdade mesmo. Porém, quanto a mata-lo, não está em mim o fazer... Minha missão é curar, que não tirar a vida.

- Mas o senhor vai tirar-me a vida, retrucou Flamínio Pelório!

- Como? se me recuso a isso?

- É que vou suicidar-me...; estou firme neste propósito!

- Bem... mas... então, isso é por sua conta, não me cabendo culpa nenhuma!

- Não é assim, doutor! O senhor vai matar-me pelas minhas próprias mãos, porque aceitei sua doutrina como sendo a verdade inexorável, e agora reconheço que viver, ou pobre, ou doente, é uma besteira!... De modo que o senhor tem por missão curar com o escalpelo, e matar com a pena. Como médico, o senhor cura alguns, e como escritor, mata a muitos, como me vai matar a mim, irremediavelmente, visto que não me poderá, jamais, desviar da doutrina que aceitei por verdadeira, a qual se tornou, agora, para mim, numa fé! Com ter feito de mim um biófobo, o senhor vai matar-me, e isso, pelas minhas próprias mãos!

E arfando o peito, um pouco, de cansado, prosseguiu:

- Eu, doutor, se tivesse saúde, venderia caro minha vida, porque iria ser um guerrilheiro comunista, um sabotador, e faria ver a esses ricos que vivem em ócio, o quanto lhes custa escorchar os desgraçados como eu. Poria bombas-relógios em suas casas e indústrias, fazendo voar tudo pelos ares... Mas como não valho nada, tenho de destruir-me sem proveito nenhum para ninguém, exceto o exemplo que deixo para ser imitado pelos pobres e doentes que chegarem a ler sua obra, e as duas outras do seu mestre Osmard!...

E interceptando o Dr. Bolván que estava vai não vai para falar, continuou Pelório:

- Schopenhauer, contrapondo-se a Leibniz, demonstrou ser o nosso "o pior dos mundos possíveis" Todavia, como escreveu Ernesto Haeckel, "nem Schopenhauer nem o mais notável dos pessimistas modernos, Eduardo von Hartmann, tiraram as consequências práticas desta doutrina, as quais consequências seriam negar a "vontade de viver" e por um termo aos sofrimentos pelo suicídio"(Ernesto Haeckel, As Maravilhas da Vida, 114). E continua Haeckel: "Se, pois, o infeliz nascido do ovo fecundado não encontra no decurso da existência a felicidade a que podia aspirar; se a vida, ao contrário, só lhe traz miséria, doença e sofrimento, é absolutamente incontestável e fora de dúvida que ele tem direito a por-lhe fim pela morte voluntária, pelo suicídio"(Ernesto Haeckel, As Maravilhas da Vida, 115).

- O senhor, depois do que escreveu, não pode fugir à conclusão de Haeckel de que "a morte voluntária, que põe fim aos sofrimentos, é um ato de libertação"(ernesto Haeckel, As Maravilhas da Vida, 115). Donde vem que "todo o homem que possui verdadeiramente o amor do próximo, deve prestar a quem sofre sem esperança, a possibilidade de se libertar pelo suicídio"(Ernesto Haeckel, As Maravilhas da Vida, 116). Matamos os animais domésticos, nossos amigos, quando sofrem de mal incurável.

Do mesmo modo - diz Haeckel temos o direito, e até, se quiserem, o dever de por termo aos sofrimentos dos nossos semelhantes atingidos de doenças cruéis e sem esperança de cura, quando eles nos pedem que os libertemos do mal"(Ernesto Haeckel, As Maravilhas da Vida, 118). Haeckel é pela pura e simples eliminação espartana dos imprestáveis, quando acrescenta: "Quantos sofrimentos e despesas podiam ser evitados se nos decidíssemos a aliviar do fardo da vida os incuráveis"(Ernesto Haeckel, As Maravilhas da Vida, 120-121).

- Como vê, doutor, asselei com doutrina autorizada as consequências inevitáveis que se inferem da sua filosofia. Logo, se o senhor quiser ser um homem bom, humanitário, compreensivo, sobretudo lógico, tire-me a vida!

- Mas, homem de Deus! o suicídio é uma covardia!... E sua mulher? e seus filhos?

Esta descabida e inesperada interpelação do médico fez Pelório arregalar os olhos, desconfiado; porém, cobrando ânimo da surpresa, retrucou:

- O senhor me fala de Deus? Se houvesse Deus, sua obra e suas criaturas teriam um sentido... um telefinalismo' Ora, se tudo fica pó e nada, como o senhor mo afirmou, este é o fim extremo e o começo de todas as coisas! Se houver, então, Deus, tenho de supor-lo um louco que brinca de fazer e desfazer seres e mundos!... Comigo Deus não brinca, porque, em lhe descobrindo o plano de aniquilar-me, antecipo-me, e o decepiono. Se todos fossem como eu, Deus deixaria de zombar dos homens, com faze-los sonhar estrelas e padecer infernos!... Se, como o estou demonstrando, posso burlar o plano divino, com fazer-me cinza e nada, antes que ele o decrete, não posso ser homem de Deus, como o senhor me chamou, mais por retórica do que por fé.

E arquejando, continuou Flamínio:

- Quanto à minha mulher, digo-lhe que, além de velha e feia, sempre foi mandona. Vendo suas companheiras montarem em seus maridos, sempre quis fazer o mesmo comigo, resultando nossa vida doméstica num atrito contínuo. Esta atitude de minha mulher me forçou a pensar, maduramente, sobre o assunto, e a observar, atentamente, o meu contorno social, depois do que, cheguei à seguinte conclusão: a mulher possui já suas vantagens naturais que são receber do homem guia e defesa; mas para garantir-se melhor, procura jungir o homem, escravizá-lo, obrigando-o a fazer leis que a favoreçam, tornando o casamento o pior dos negócios para ele, e o melhor deles, para ela. Todo o rapaz sabe que precisa valorizar-se pelo estudo ou pelo trabalho, para impor-se no mundo de todos, no passo que a moça procura, desde logo, adquirir dotes aparentes de beleza, e um verniz superficial de cultura, porque, no fundo, o seu problema real se resume em caçar o seu homem categorizado, para estar sempre garantida. A mulher quer direitos para si, e que fiquem os deveres para o homem; por isso, em vez de datilografia, ela aprende, mediocrementemente, piano. E, por demais conhecida a inabilidade mecânica da mulher para resolver pequeninos problemas domésticos, tais como: arranjar o trinco da porta, consertar a torneira, arrumar a tomada de luz, ou o cordão do ferro elétrico. Isso é serviço de homem, dizem elas; e qual é o serviço delas? Criar filhos? E, pois, onde estão os filhos?

- Como lhe ia dizendo, doutor, em vez de adquirir valores reais, aplica-se a mulher à exploração do sexo, porque, de fato, está mais do que provado ser este o caminho de mínimo esforço e de máximo rendimento. E assim como o homem do primitivo e bravo oeste americano só se considerava seguro com um revólver na cinta, também toda a mulher possui o seu "revólver", e ainda que reze para nunca precisar usá-lo, ele está ali, à mão, e, em último recurso, fome ela não passa. Já o homem não dispõe do "revólver", e se não se esforçar, passa fome mesmo. E do modo como o

homem do oeste vivia a lubrificar a sua arma, e a treinar-se no uso dela, para estar em forma, também a mulher nunca perde de vista os institutos de beleza e o espelho.

O médico, bem que tinha outros quefazeres, porém, nunca tivera pela frente homem tão interessante, culto e original. Tudo o que Pelório lhe falava, era inédito para ele, e por isto ficou atento a o escutar. E finda uma pausa, continuou o doente:

- Numa casa da classe média, há um casal de irmãos; desde cedo o rapaz sabe que precisa valorizar-se pelo estudo de verdade, pelo aprendizado real que lhe garanta o sucesso nos concursos que há de fazer. Já a moça faz um curso para ter diploma, um pouco na cola e o resto na decoração. Mas do espelho ela não se afasta, porque este íntimo amigo seu lhe mostra como melhorar os dotes físicos de beleza. Por fim, a moça começa a namorar um sujeito credenciado por seu bom emprego, ou pela fortuna. Práticas e interesseiras como são as mulheres, o amor vem em segundo plano, no que, alias, elas têm razão, porque, como o recomenda Schopenhauer, todo o casamento deve ser feito por interesse, tendo em vista que a natureza quer alcançar o seu objetivo que é a produção do filho, pouco se incomodando, depois, com os pais. Então, bem que faz a mulher em burlar a natureza, mandando o amor às urtigas, e casando-se por interesse.

- Casada com tal sujeito, prosseguiu Pelório, a moça passa a ter casa própria, carro, empregadas domésticas, e, por cima, um polpudo seguro de vida que o marido lhe faz. Que fez a moça para ter tudo isso? Ora, pois, aplicou o "revólver", isto é, cedeu um pouco para alvoroçar, negou-se, depois, para exacerbar, impôs condições, comandou o namoro e a noivado, explorou a paixão do rapaz, e, por fim, casou-se. E o Irmão, que possui, senão o que fez, ou o que ainda está fazendo, graças ao seu exclusivo esforço próprio, dedicação e valor pessoal? E depois que se fizer na vida, não lhe faltará, por sua vez, uma pesada carga para carregar. O homem, além de celeiro da mulher, é-lhe ainda burro de carga.

- Conta-se, doutor, que certo pai sempre se alegrava muito nas festas que fazia por ocasião das bodas das filhas. Porém, certo dia, casou-se um filho, e o velho ficou muito triste num canto. Perguntado sobre a causa de estar macambúzio, quando sempre se mostrava tão feliz no casamento das filhas, respondeu: - é que, doutras vezes, eu pus as cangalhas nos burros alheios; e agora aconteceu-me que puseram a cangalha no meu burro!

E depois de franzir o rosto num riso muito sem graça, continuou Flamínio:

- A natureza cria meio a meio machos e fêmeas, para os machos se eliminarem nas lutas, selecionando-se, por este modo, os mais bem dotados e fortes, para reprodutores. Esta prodigalidade natural, para o lado masculino, manifesta-se como um desperdício já de machos, já de espermatozóides, estes, na quantidade fabulosa de duzentos e vinte cinco milhões, a cada função normal do órgão masculino. Em oposição, para o lado feminino, a natureza mostra-se muito avara, dando, à mulher, apenas um óvulo por mês. Por causa disto, existe uma pressão genesíaca para o lado do homem, e uma frigidez e indiferença por parte da maioria das mulheres. Se tomarmos a mulher normal por unidade de potência sexual, a potencialidade do homem normal, grosso modo, será igual a trinta unidades. Nesta desigualdade de um para trinta, a mulher contribui com sua unidade no congresso sexual, e fica saciada, satisfeita, enquanto que o homem concorre com uma unidade somente, sobrando-lhe vinte e nove para o pressionar, para o exacerbar. Resultado: o homem fica rodeando a mulher, e esta a negar-se, a impor condições, a montar-lhe a cavalo. A mulher reclama igualdade de direito com o homem, perante a lei civil, mas não há igualdade, como se vê, no que concerne à lei natural. Este é o motivo por que Schopenhauer, em "As Dores do Mundo", declarou que a prevaricação do homem é um pecado contra a

sociedade ou contra o direito positivo, mas não, contra a natureza; todavia, a prevaricação da mulher, além de ser um crime contra a sociedade, ainda o é contra a natureza. Por que? Pois, porque se um homem possuir cem mulheres, diz o pensador, terá cem filhos num ano, no passo que se uma mulher tiver cem homens, terá apenas um filho no mesmo tempo. Segue-se, logo, que o homem é, sexualmente, polígamo, como o cão, o porco e o boi. Ora, ninguém imaginaria arranjar, para cinquenta vacas, - cinquenta touros. A mulher que se enfurece contra o seu marido por causa de algum pulo dele, e, às vezes, chega a ameaçá-lo de pagar-lhe na mesma moeda, não repara que tem, em sua granja, trinta galinhas e um só galo...

E prosseguiu Pelório, após uma pausa:

- Num mundo sem as guerras de antigamente, para dizimar em alta escala os homens, ha sobra de homens, e escassez de mulheres. Numericamente, há mais mulheres que homens; mas do ponto de vista estritamente genético, ainda há homens em demasia. Resultado: a mulher, disputada como é, se faz difícil, arisca, e o homem, para tê-la, precisa conformar-se em servir-lhe de cavalo.

- O homem, doutor, no altar, promete amar e proteger a esposa, e esta, em troca, promete-lhe obediência; depois, na vida cotidiana, o homem tem de amar, proteger e obedecer a esposa. É evitar que a mulher fique embelezada, amuada; acontecer isto, é ficar o homem sem mulher... Um contrato executado, assim, de modo unilateral, tem que provocar reações da parte lesada, pelo que, o homem, às vezes, troca a esposa cara e escravocrata, por uma companheira mais submissa e menos dispendiosa. Até já andei, doutor, a escrever um livro com o título "A Cidade dos Solteiros", cuja leitura, já se vê, não se recomendaria às mulheres. Depois, concluindo que esses homens modernos, frouxos, acarneirados, chinelos, que desonram a virilidade, não mereciam nenhum esforço meu, rasguei o manuscrito, e o lancei ao fogo. Repare, doutor, no seu contorno social, e verificará os inúmeros casos de maridos-chinelos. Nos Estados Unidos há trinta milhões deles, e suas esposas se reúnem em sociedade para estudar como melhor convém fazer para torná-los ainda mais carneiros. O Dr. Phone E. Hudkins, num trabalho de duzentas páginas, em que recompila escritos de psicólogos, advogados, antropólogos, sociólogos e outros peritos, declara serem as mulheres americanas culpadas por todos os males daquela sociedade. Esquizofrenia, paranóia, alcoolismo, câncer, artrites, esterilidade e outras doenças são, segundo esses peritos, o resultado do matriarcado. Lá, o aborto já ficou autorizado, e até já se fala de capar os homens, isto é, de esterilizá-los, provisoriamente, dos dezesseis anos até o matrimônio. E os que não se quiserem casar, de certo, ficarão capães para sempre... É a socióloga canadense Ellen Verwey que propôs isso às autoridades. O matriarcado acabará por dominar, as mulheres serão presidentes da república, senadoras e deputadas, e então, a castração será definitiva, e só uns poucos ganhões serão utilizados para a inseminação artificial..., de modo a garantir uma raça humana eugênicamente mais apurada, como já o recomendava Licurgo aos nobres de Esparta...

- Quando acontece, doutor, de uma mulher possuir um emprego, seu ordenado ela chama de "o meu dinheiro...", e serve, por isso, para comprar uma porção de bobagens, enquanto que o dinheiro do marido é para atender a todas as necessidades da casa. E se o marido reclama contra o gasto supérfluo em coisas inúteis, recebe, pronta, a resposta: "você não tem que achar ruim, que isto comprei com o meu dinheiro" E se ela toma a seu encargo pagar a geladeira, a televisão e o jogo de sofá, depois alardeia: " Isto comprei com o meu dinheiro; e isto, também e isto, idem". Mas o que se come, o que se bebe não se conta, porque a tudo as águas levam. E quando as

despesas fúteis começam a sobrecarregar, em demasia, o pobre do marido, e ele protesta, vem logo a resposta: - "se não podia sustentar mulher, por que casou?"

- O encilhamento, doutor, já começa no noivado, quando o rapaz tem de arranjar tudo, desde a casa e os móveis, até a empregada doméstica que irá cuidar da limpeza e cozinhar, ficando para a mulher. a incumbência de quê? Criar filhos, que seria o natural, não é, pois as mulheres modernas não vão além de dois.... e olha lá!....O resto do tempo é para irem aos salões de beleza, e depois, aos saraus, aos bate-papos nulos, chochos, vazios, do que elas chamam "society". E para isto é necessário renovar sempre o guarda-roupa, porque, senão..., as amigas reparam. Ora bem, se o moço tem de arranjar tudo, até uma ou mais empregadas para cuidar da casa e cozinhar, não vejo por que não parar neste ponto..., de modo que se a empregada se torne de cama e de mesa, podendo até, com o tempo, transformar-se em companheira que será pouco exigente, e até com certos direitos legais, após cinco anos de mancebia. Foi pensando nisto que nasceu-me a utopia da "Cidade dos Solteiros" que obrigaria, na certa, as mulheres a moderar seu mandonismo. Na Suécia, onde os homens se transformaram, de todo, em cavalos, fundou-se até a "Associação pela defesa dos Direitos Masculinos". Eia! suecos! Fundem, aí, a Cidade dos Solteiros, e tudo estará resolvido! Contra um abuso, outro abuso! São Paulo disse que o homem é a cabeça do casal, assim como Cristo é a da Igreja. E o padre lê este trecho para os nubentes, por ocasião do sacramento do matrimônio. E já que as mulheres suecas repudiam este ponto, é repudiá-las a elas, e fundar a Cidade dos Solteiros, e, com isto, elas cessarão de ser cabeças, cessarão de mandar! O mundo, a passos largos, caminha para o matriarcado; e antes que se alastre o fogo que devora a Suécia, cumpre-nos, aqui, tocar o fogo de encontro. Contra o chinelismo, só vejo esta solução: a Cidade dos Solteiros.

E após meditar um tanto, prosseguiu o doente:

- Se a mulher não crê no sacramento do matrimônio, e tanto que transfere para o marido a promessa que fez de obediência, por que não o crê? Pois não crê por ser materializada tanto quanto os homens, donde vem que o casamento perdeu sua expressão sagrada ou mística. A cerimonia do religioso é vazia, totalmente, de conteúdo moral, e serve só de pretexto para a exibição dos caros e belos vestidos brancos, representativos da "pureza", e oportunidade de festas na "society".

- A mulher bela e inteligente, doutor, não fica rica só se não quiser. Basta cuidar da beleza física, ler bastante sobre coisas gerais, estudar o manual da grande hipocrisia de Dale Carnegie que tem o título de "Como Fazer Amigos e Influenciar Pessoas", e, depois, procurar um homem rico. Fingir que o ama, falar das coisas de que ele gosta, para o que é preciso estudar um pouco do assunto. Ouvi-lo com atenção, elogiá-lo sempre, e dizer-lhe que se sente segura e amparada sob sua proteção. Qualquer otário se julga inteligente, esforçado e empreendedor, Está ainda para nascer o homem que se considere burro. Dar, então, a riqueza, mesmo a herdada, como sinal inequívoco de inteligência, e argumentar: o fim de todo o esforço, seja físico, seja intelectual, é a conquista de riqueza; quem estuda para ter carta de doutor, fá-lo para ganhar dinheiro.' Ora, quem o pode ter, prova, com isso, possuir capacidade. Quem poderia duvidar da inteligência de um homem que cada vez mais se enriquece, vencendo a concorrência de milhões que permanecem na pobreza? Este argumento, para os ricos, é decisivo, e, por isso, toda mulher pode usá-lo sem susto. E se o sujeito, de pobre, conseguiu fazer-se rico, pode chamá-lo de gênio, que ele aceitara a idéia com indisfarçável satisfação. Ainda mais que os homens, quando apaixonados, se tornam, além de asnos, cegos. Então, após o casamento feito no regime da comunhão de bens, e depois de fazer a viagem de núpcias, é começar por negar-se, é estar

sempre indisposta para o marido, e só ceder em troca do encilhamento dele. Finalmente, é só montá-lo. E se tudo isto acontecer numa nação em que haja o divórcio, é declarar que enjoou do mando, que o não tolera mais, forçando-o a divorciar-se. Divorciada e dona da metade dos bens do ex-marido, e partir em busca de outro parvo. Para este serviço, pode a mulher até contratar os préstimos de assessores experientes, economistas, advogados e detetives particulares. Será que já fazem assim algumas artistas de cinema, e por isso as vemos casadas com milionários feios, e, logo depois, divorciadas deles? Pode haver, doutor, outra forma de prostituição mais refinada, mais inteligente, e, sobretudo, mais rendosa? Trouxas, contudo, nunca faltam.

- Diga-me, agora, doutor: difíceis como são as mulheres para quem é pobre, e tendo eu de aturar em casa a minha virago que me quer montar; e tendo ainda de padecer a tortura da carne que consiste em ver, das mulheres, os belos seios e as pernas provocantes, sem os poder... tocar; para que hei de desejar viver? Agora não...; mas quando eu estava bem de saúde, sempre almejei ganhar dinheiro fácil, como ai, o senhor, para dá-lo àquelas belezas dos apartamentos só de um quarto...; mas quê?! essas juritizinhas são, aí, pro peito do doutor... bem que o sei!... Já que não posso ter nada na vida, então me mato, que em morrer, faço melhor negócio!...

- Além disso, prosseguiu Pelório, meus filhos só existem para mim, porque estou vivo; morto, tudo morre comigo!... E que me chamem de covarde, pouco me importa isso! O senhor já viu algum defunto protestar contra injúrias? Depois que o senhor me abriu os olhos, provando-me que a vida se acaba no pó da sepultura, pretender convencer-me, agora, de que devo viver, sendo pobre e doente, é cometer um absurdo!

E fixando, duramente, o médico, com ar de repreensão, acrescentou Flamínio:

- O senhor precisa ser mais coerente, e praticar o que prega! Se a morte é o fim, alcançá-lo depressa é melhor do que viver sofrendo! Por isso lhe pedi me matasse, sem nem pensar que o senhor me vinha com essa bobagem de ética e de lei! A consequência natural, espontânea, da sua doutrina é de que os médicos não precisavam existir, porque eles prolongam a vida, e viver é um absurdo, visto como até os mais felizes sofrem. Os ricos compram o alívio para as dores físicas; não, porém, para as morais... O senhor já não tem lido que artistas famosos, escritores e multimilionários celebres costumam suicidar-se? Pois se até estes fazem isso, como o não fazerem os que, como eu, sobre ser pobres, sofrem? Se todo homem nasce chorando; se a maioria vive amuando, como burros, acorrentados às carroças dos poderosos; se todos morremos gemendo, não sei para que possa servir a vida! Só mesmo para quem é rico e poderoso ela se justifica, e para eles é até de utilidade que eu tenha religião, pois enquanto vivo de esperanças e busco o céu, eles tomam conta da Terra... No fim, todos morremos e damos em nada..., como o senhor o diz, mas quem creu ficou logrado! Ora, se todos os desgraçados, como eu, que lhe dão o sustento, se suicidassem, o senhor já imaginou o seu apuro, e também o dos ricos? Todos teriam de trabalhar a terra, de enxadas nas mãos, sendo-lhes, também, melhor morrerem!... E que beleza, para os animais, se todos os homens morressem! Ficaria a Terra inteirinha só para eles... que ignoram que a vida é um absurdo, e só por isso vivem e querem viver!...

Eis, doutor, a descoberto, o fundamento econômico sobre que se assenta a sua ética profissional, que o proíbe de praticar a eutanásia! Fazer isto, seria cometer a loucura de ceifar a lavoura verde ainda em flor!... Prolongar a agonia do rico e condenado a morte, com balão de oxigênio e o1eo canforado, é um jeito certo, seguro,

de fazer a roça produzir! Fosse o doente pobre, e eu queria ver se o deixaram ou não morrer em paz!

O médico-discípulo estava boquiaberto. - Que sujeito autêntico, inteligente e original - pensava ele, de si para consigo. Seria uma perda irremediável deixá-lo morrer. E Pelório, coordenando novas idéias, continuou:

- Resumindo e enfeixando sua doutrina numa frase, temos: o fim supremo da sabedoria é o nada! Tudo nasce, cresce, desenvolve-se, evoluindo até o homem; e chegando este à plenitude do saber, descobre a absurdidade da vida, e suicida-se, e assim que, pelo eterno retorno, as civilizações saem da barbárie, e para ela voltam de novo. Saem dela, vencendo, a custo, a ignorância que as religiões tentam manter, e retornam a ela pela libertação intelectual, pela cultura, ceticismo e suicídio. Nietzsche tinha razão; o que existe mesmo é a eterna recorrência, o eterno retorno. Chegando a vida ao pináculo da razão, contempla-se a si mesma, e, descobrindo quão absurda é, suicida-se. Mas os que, como o senhor e eu, não descoberto esta verdade profunda, não devem suicidar-se, pura e simplesmente, dando suas vidas de barato. Pelo contrário, devem, como o ensina Epicuro, gozar a vida, dar largas à besta, fazer o diabo, até que a polícia, vendo-se às tontas, resolva liquidá-los, como fez ao Lampião e ao Cara-de-Cavalo. Enfrentar o "Esquadrão da Morte" é a melhor coisa que um sábio pode fazer!... Quando toda a sociedade se converter ao materialismo, e tiver fé verdadeira que morreu acabou, então toda ela se subverterá, e uma guerra de extermínio porá termo a tudo, para tudo recomeçar de novo. É assim, doutor, que as civilizações, por mais de uma vez, têm caído na barbárie, como o notaram Spengler e Lessing, para de lá ressurgirem de novo, como Sísifo a rolar sua pedra morro acima, para vê-la despenhar-se no abismo, outra vez! E depois de um suspiro, rematou Pelório:

- Não é, como o senhor vê, um suicídio simples, porque cada um que se resolve a morrer, busca que outros o matem, como fazem os admiráveis "gangsters" das grandes cidades, e os guerrilheiros rebelados contra uma velha ordem bolorenta. É preciso derribar o velho e caduco, para erigir em seu lugar o novo, o qual, por sua vez, será desalojado por outra ordem, não melhor, mas diferente. Aqui estão, doutor, as consequências nietzscheanas que tiro da sua doutrina que prega não haver Deus, nem sobrevivência da alma, nem prêmios e castigos póstumos!

Depois de uma pausa, continuou Pelório:

- Um exemplo histórico e recente do que lhe falo, temos no revel Fidel Castro que se rebelou em Cuba contra o governo de Fulgêncio Batista. Derrubado este, Fidel assenhoreou-se do poder, fazendo-se cercar de outros iguais a si. E como as massas humanas são constituídas de carneiros e de lobos (homo Homini lupus), sendo lobos todos os que têm capacidade de reação e de luta, e, carneiros, os pacíficos de gênio e os acovardados que se conformam com qualquer vida, mesmo a de escravos, Fidel mandou fuzilar todos os que fossem lobos do meio do rebanho cubano, de sorte que ele, sendo lobo também, assessorado por outros lobos, administra, agora, absoluto, a tirania, em nome dos mesmos carneiros. Tal, também, doutor, se faz na atual Rússia bolchevista e na China vermelha, onde os governos são donos de tudo, e o povo, de nada. E assim como no Egito da idade de ouro, o povo miseravelmente escravo fez pirâmides(!), que não são mais que túmulos (!!), para guardar as múmias ressequidas dos faraós, também o escravizado povo russo de hoje, moureja nos campos, nas indústrias e nas minas, para que seu governo possa brincar com Tio Sam de soltar foguetes e de empinar satélites.

E, com sarcasmo, prosseguiu o doente:

- Rio-me, por isso, quando algum carneiro bobo me pergunta, numa candura que faz dó: se na Rússia, na China e em Cuba as coisas são tão ruins, por que o povo, então, não se rebela? É só rindo mesmo, doutor, só rindo...; pois quem já ouviu falar de alguma amotinação de carneiros? Os que podiam revoltar já o fizeram e foram todos mortos... E de quando em quando, se fazem 1a novos expurgos, por ser preciso liquidar com os novos lobos que vão surgindo no meio da carneirada! Deste modo, a eterna vigilância é o preço do poder, e na Rússia, e em Cuba, e na China vermelha, todos tremem, desde o primeiro lobo, até o último cordeiro! Fidel Castro e os mandatários da Rússia e da China são todos suicidas, porque, um dia, cairão nas dentuças de outros lobos que, metidos em peles de ovelhas, astuta e sorratamente, se acercarão do poder. Mas todos os que mandam, enquanto vivem, vivem!... o senhor me entende!?

- Quem, pois, está em cima, continuou Pelório, come, e quem está bem embaixo passa fome; e isso e em Cuba, na China, na Rússia e etc.... Por isso Cristo disse: "os pobres tê-lo-eis sempre convosco... ao que acrescento: e os poderosos, também, sobre vós, para vos escorchar!... Quem tem razão é o arguto Trasímaco que dizia a Sócrates: "Minha doutrina é que a justiça é simplesmente o interesse do mais forte". E prossegue: "E não é fato que em toda a cidade, a força superior reside nos governantes? Ainda mais. Cada governo tem leis adequadas a seus interesses: democráticas, nas de mocracias; despóticas nas aristocracias, e assim por diante. Ora, quando assim procedem, não declararam os governos que o que é do seu interesse próprio é justo para com os súditos? E não punem a quem dessas normas se desvia como réu de ilegalidade e injustiça? Portanto, meu caro (Sócrates), o que digo é que, em todas as cidades, a mesma coisa, que é o interesse do governo estabelecido, é justa. E a força superior, ao que presuma, se encontra ao lado do governo. Onde se conclui, por correto raciocínio que a mesma coisa, isto é, o interesse do mais forte, é por toda parte justo"(Platão, A República, 28-29). E assim, doutor, o forte se mantém no poder enquanto pode, e, em caindo, exclama: "Acta est fabula"!

E com percuciente olhar fitando o médico, argumentou Pelório;

- A dor é um fato universal e generalizado, não só no nível humano, mas em todos os outros níveis da vida. Schopenhauer estava certo: só a dor é constante, e a felicidade, transitória. Por isso o filósofo acha que o sofrimento e a dor são positivos, e a felicidade, negativa. Textualmente, aqui, do meu caderno de notas: "Se a nossa existência não tem por fim imediato a dor, pode dizer-se que não tem razão alguma de ser no mundo. Porque é absurdo admitir que a dor sem fim que nasce da miséria inerente à vida e enche o mundo, seja apenas um puro acidente, e não o próprio fim. Cada desgraça particular parece, é certo, uma exceção, mas a desgraça geral é a regra"(Artur Schopenhauer, Dores do Mundo, 5). O bem-estar e a felicidade são portanto negativos, só a dor é positiva"(Schopenhauer, Dores do Mundo, 6). A existência, logo, "possui o caráter de uma grande mistificação, para não dizer de um logro..."(Schopenhauer, Dores do Mundo, 9). Por esta causa, "o mundo é o inferno, e os homens dividem-se em almas atormentadas e em diabos atormentadores"(Schopenhauer, Dores do Mundo, 10). Deste modo "todo o homem (...) acabara por chegar a conclusão de que este mundo dos homens é o reino do acaso e do erro, que o dominam e o governam a seu modo sem piedade alguma, auxiliados pela loucura e pela maldade, que não cessam de brandir o chicote"(Schopenhauer, Dores do Mundo, 16). E conclui Schopenhauer: "Se um Deus fez este mundo, eu não gostaria de ser esse Deus: a miséria do mundo esfacelar-me-ia o coração"(Artur Schopenhauer, Dores do Mundo, 28). E remata: "Imaginando-se um demônio criador, ter-se-ia portanto o direito de lhe gritar mostrando-lhe a sua obra:

"Como ousaste interromper o repouso sagrado do nada, para fazer surgir uma tal massa de desgraças e de angústias?"(Schopenhauer, *Dores do Mundo*, 28) Assim também terá falado Adão na inspiração de Milton:

***"Deus criador, pedi-te porventura
Que do meu barro me fizesses homem?
Pedi-te que das trevas me tirasses,
Ou me pusesses em jardim tão belo?
Como não concorreu minha vontade
De modo algum para a existência minha,
De mais razão, de mais justiça fora
Que em meu antigo pó me convertesses."***

(Milton, *Paraíso Perdido*, Canto X)

E continuou o enfermo, após pausa meditativa:

- O corolário final destas verdades não pode ser outro que não o suicídio. Contudo, não devo matar-me pelas minhas próprias mãos, mas, pelo contrário, devo fazer estragos com elas, tornando-me, por minha vez, num "diabo atormentador", forçando, deste modo, a que outros demônios me matem... Por este motivo, o suicídio fino, sábio, heróico é aquele do "gangster", do sabotador e do guerrilheiro que se dispõem a viver em estado de guerra, como o pregara Zaratustra. Este, doutor, o suicídio de que lhe falo, nobre, alto e complexo. Sendo a dor e a desgraça positivas, sábio é o homem que as busca no seu grau máximo que é aquele que culmina com a morte. Tolo é todo aquele que busca a felicidade e o gozo, pois são negativos, e não passam de engodos com que a vida ilude o homem para que, em vivendo, seja atormentado de contínuo. O senhor, em se recusando a me matar, está procedendo como um "diabo atormentador", pois sabe que com a morte eu seria feliz..., visto como na morte não há dor.

E passando as mãos pelos cabelos grisalhos e crescidos, concluiu Pelório :

- Contudo, não podendo eu participar deste nobre suicídio do "gangster" e do guerrilheiro indômito, terei de praticar o suicídio desprezioso e simples dos inválidos. Tendo eu, pois, descoberto esta suma verdade neste leito de hospital, completo agora o meu ciclo, desaparecendo para sempre!....

- Eu, doutor, em lendo seu livro, e também os dois do Dr. Osmard Andrade Faria, confesso que tive uma reação mística, cuidando que o senhor e ele não passam de uns lunáticos, e que imortalidade e céu deveriam, de fato, existir, para se corrigirem, lá, os males e erros deste mundo. É que eu tinha em mente o padre Vieira que começa assim um sermão: "O Batista em prisões! Logo há de haver outro juízo e outro mundo. Provo a consequência. Porque, se há Deus, é justo; há de dar prêmio a bons, e castigo a maus: no juízo deste mundo vemos os maus, como Herodes, levantados, os bons, como o Batista, oprimidos: segue-se logo que há de haver outro juízo e outro mundo: outro juízo, em que se emendem estas desigualdades e injustiças; etc."(Vieira, *Sermões*, 11, 355). E continua o padre mais adiante: "Um dos principais fundamentos de nossa fé é a imortalidade das almas, e a nossa injustiça é a mais evidente prova da nossa imortalidade. Se os homens não foram injustos, pudera-se duvidar se eram

imortais; mas permite Deus que haja injustiças no mundo para que a inocência tenha coroa e a imortalidade prova. Quem pode duvidar da imortalidade da outra vida, se vê nesta a maldade de Herodes levantada ao trono e a inocência do Batista posta em prisões?"(Vieira, Sermões, 11, 356).

E fechando, Pelório, seu caderno de anotações, prosseguiu, voltando-se para o médico:

- Como lhe dizia, estava com estes pensamentos de Vieira em luta contra os da sua obra, quando parou, na minha frente, um roceiro que trazia pelo cabresto um cavalo velho portando dois jacás de laranjas na cangalha. Nem reparei que o homem me oferecia laranjas a comprar, tão absorto me achava em meus pensamentos profundos. E que, pensava então, se o padre estiver certo, deve haver também um céu para os cavalos, visto que estes brutos sofrem, neste mundo, a tremenda injustiça de serem castrados, de trabalharem sob o chicote, por nada, a vida toda, e de irem para o corte, na velhice, quando imprestáveis. E como não me cabe na cabeça possa haver um céu de cavalos, outro de burros, outro de bois, etc., desisti da idéia de que, como quer o padre, possa haver algum céu de homens, só porque João Batista, sendo justo e bom, fosse preso e morto, e Herodes, injusto e mau, permanecesse no trono. Eu também poderia usar os mesmos argumentos do padre dizendo: se existe Deus, há de ser justo; e se o é, há de premiar os cavalos, os burros e os bois, metendo-os nos céus, e arremessando os carreiros e os carroceiros todos nos infernos!... Kant caiu também nesta tolice, fazendo sorrir, complacientemente, a Schopenhauer. Não conseguindo chegar Kant a Deus na sua "Critica da Razão Pura", a este chega pelos caminhos do padre Vieira em sua "Critica da Razão Prática", ou seja, deduz a imortalidade da alma da necessidade de recompensa.

Os que nascem aleijados e deformados nesta vida, prosseguiu Pelório, dizem, os espíritas, que é por causa dos pecados doutras vidas. E os animais mostrengos que morrem no mais absoluto desamparo, e só por isto não perambulam, por aí, como os deformados humanos, que pecados pagam? Por causa destas considerações, abrandou-se-me o furor místico, passando eu a ser seu discípulo!... O senhor e o Dr. Andrade têm razão mesmo: morreu acabou! O homem é o que criou Deus imaginando-o, segundo sua imagem e semelhança! A alma é resultante das funções orgânicas, e cessadas as funções, cessa a alma. Tanto faz ser um São Francisco de Assis ou um Lampião nesta vida, que o resultado é inviavelmente o mesmo - o pó, o nada. A moral que se infere destas premissas, é a de Trasímaco, de Machiaveili e de Nietzsche, da força e da astúcia. Astúcia é o mesmo que engano, mentira, ludíbrio, falsidade. O homem vive para a dor e para a morte; mas enquanto vive, deve fazê-lo a custa dos outros, se possível! Trabalhar é para os tolos... que esta é a lógica do leão, do lobo e da águia que espreitam suas presas para caírem sobre elas. Se a sociedade e a lei, defendendo-se, mandarem seus esbirros ou policiais nos meus rastros... paciência! Enquanto puder manter-me vivo, vou lutando, e quando cair, caí!... Mas isto é para os que têm saúde, e não para mim que sou doente. O senhor tem razão mesmo, doutor: morreu acabou! E eu é que não vou ficar aqui, perdendo o meu tempo em viver, quando me posso descansar, e já, no pó, no nada, no não-ser!

E dando ao expressivo e versátil rosto um ar de suplicante, continuou Pelório:

- Doutor! ajude-me a morrer!... Só o senhor pode faze-lo sem dores para mim!... A vida é a maldição que recebi um dia dum Criador cruel que se compraz na agonia de suas criaturas! Conquanto esteja eu na metade da vida, já me sinto um Ashverus curvado ao peso duma eternidade. Schopenhauer estava certo ao perguntar: "Por quanto tempo ainda seremos conservados neste muito-barulho-paranada, nesta aflição contínua que nos leva à morte?" Perguntando o rei Midas ao deus Sileno qual o melhor

destino de um homem, teve isto por resposta: "Miserável raça de um dia, filhos do acidente e da aflição, por que me forçais a dizer o que bom fora não fosse dito ? O melhor dos fados é inacessível - não nascer, não ser. Depois, melhor fado é morrer cedo!" Ate Salomão que vivia em orgias e banquetes contínuos com mil mulheres, acabou concluindo ser melhor o dia da morte que o do nascimento (Ecl. 7, 1). Se até ele sendo inteligente, e rei, e rico, e gozador da vida achou isso, por que devo eu viver?

E quedando-se a olhar para uma mancha azul de remédio na colcha branca do seu leito, filosofou Flamínio Pelório:

A vida é uma tragédia eterna e infinita em que um ser esposteja e devora o outro para gozo de Deus, porque, se ele fosse pai, e não, carrasco, ter-me-ia feito a mim insensível para não sofrer! Uma vez que me pôs por sina atroz o ser comido dos homens e dos vermes, que o fosse, então, sem terrores, martírios e fadigas. Ainda que inocente (e se culpado, onde a culpa?), Deus me condenou às galés da vida, quando me podia ter deixado continuar na imobilidade do não-ser!... Deus! é Arquétipo eterno do sadismo e da maldade! "Como ousaste interromper o repouso sagrado do nada, para fazer surgir uma tal massa de desgraças e de angústias?" (Schopenhauer). Uma vez, porém, que a Suma Crueldade me soprou o movimento, a razão, o melhor dos fados é chegar agora ao fim! Um pouco de potássio, então, na minha veia... Ali está a seringa... e a agulha de injeção! Complete sua estupenda obra, sendo bom, ao menos uma vez! Eu vivo..., e a vida me rala o coração, e punge, e gela o peito, pior do que sentir o ferro de Longuinhas abrindo o lado de Jesus!... Isto de grande e de profundo alcancei da sua formidável obra: o universo é o inferno único onde a vida é torturada até a extinção do ser que a porta. Por este motivo, do vegetal ao homem, todo o ser vive à custa de outro ser que é atormentado e morto, donde vem que a vida é toda feita de martírios. Disto se conclui: ou não ha Deus, como o senhor, brilhantemente, o diz, ou ele deve chamar-se: O Sádico!....

Que Deus é sádico, doutor, todas as religiões o entenderam, claramente, desde o inicio, e por esta razão, todas, sempre, lhe fizeram sacrifícios. A antropologia, alumiando o interior das cavernas pré-históricas, pode constatar a extensão de todo o horror: o sacrifício humano foi o expediente usado para aplacar a ira do deus, sempre sedento de sangue, e desejoso de torturar suas vítimas. Os homens mais inteligentes de todos os tempos e de todos os lugares, ainda que isolados entre si, chegaram a mesma conclusão: observando a natureza, descobriram a constante temática que domina todos os movimentos dessa sinfonia-mor. Deus na natureza, compõe, variando quatro temas básicos: de uma parte, em tonalidade maior, astúcia e força; da outra, em tonalidade menor, martírio e morte! Logo, arrancar, pela força, uma criancinha dos braços maternos para a sacrificar, deve ser, de fato, estupendo para esse deus sempre famélico, insaciável, formidoloso!

***"Moloch adiante vem, monarca fero,
Tinto de humanas vítimas no sangue,
Nunca farto de lágrimas maternas,
Posto que - dos tambores, dos adufes
C'o turbulento estrondo, - não se ouvissem
Os gritos das misérrimas crianças
Arrojadas (oh! dor!) às labaredas
Em honra do seu ídolo iracundo!"***

(Milton, Paraíso Perdido, Canto I)

- Que gozo inaudito, prossegue o enfermo, não sentirá o Todo-Poderoso, ao ver a mãe arrancar os próprios cabelos, enlouquecida de dor, e ver o pai rasgar as vestes, e escabujar no chão, tentando achar no peito o próprio coração para o despedaçar! Ó nojo! Ó maldição!...

E mantendo ainda no semblante a expressão de asco, prosseguiu Pelório :

- A história da humanidade, desde que o primata superior se levantou nas patas posteriores, está cheia de flagelações e de martírios, e a própria Cruz de Cristo foi interpretada como um holocausto exigido pela Justiça Divina que precisava vingar-se da desobediência de Adão. Primeiro, faz Deus a Adão ignorante, ingênuo, sugestionável, falível; como se isto não bastasse, mete no paraíso terrenal a serpente diabólica para o tentar. Caído Adão, vem-lhe a sentença baseada na justiça do Leão! E se Deus não é Leão, é Águia pela astúcia e pela rapina! Ou melhor: Deus é Leão alado com cabeça maquinadora do homem! Aqui está a imagem fiel do Deus verdadeiro - a Esfinge - a dizer a Édipo: "Homem efêmero, viajero obscuro, sombra que passa, pó que anda e só por isso se cuida ser!... Eis-me sobre ti, e por isso desespera!"

- Por esta causa, doutor, a única piedade que conheço é a morte! A idéia da sobrevivência da alma, far-me-ia pensar na eternidade da vida, e, por conseguinte, na dor, bem conforme com o sadismo divino. As próprias religiões nascem do anseio de sobreviver, e é por isto que elas estendem a conservação do indivíduo para além da morte. Com este artifício solenemente insuflado por Deus, sua possibilidade de gozar a tortura do criado se amplia, porque, no ponto em que a razão enfraquece o instinto de conservação e o anula, a asnidade religiosa o reforça, fazendo os infelizes homens sofrerem, estoicamente, não só os horrores desta vida, senão ainda os terrores de se perderem na outra, em que cuidam que a dor se recrudescer como que elevada de potência. Assim se sofre, não só as dores reais desta vida, como também, por antecipação, as imaginárias da outra. Tal o pesado tributo que pagam os religiosos por ter fé e crer. Todavia, nós, homens de ciência, como o senhor e eu, estamos livres desse ônus opressivo, e sabemos que, contra o tenacissimo instinto de sobreviver, está a razão que pode vencê-lo de vez. Temos a consciência de que, sendo o instinto de conservação o limite, podemos transpo-lo para sempre. Daí o ter-lhe dito eu que o fim supremo da sabedoria é o nada! Porque a sabedoria se ocupa de vencer os instintos todos, e o mais tenaz deles, é o de conservação, Vencer a este é suicidar-se, e só a sabedoria plena pode fazê-lo, em razão do que eu digo que além do extremo limite do saber está o suicídio, e, com este, a doce entrada no nirvana do não-ser!

- Mas chego a estremecer, doutor, quando considero que as religiões podem estar certas, e que a morte não é o fim desta vida; porque, se Deus pode gozar, eternamente, a tortura do criado, que razão terá ele para permitir que a morte fosse o fim? quando ele pode continuar torturando o espirito no além túmulo? Como não sofrer, se eu continuar vivendo após a morte? Se houver, então, tal da outra vida, será que tenho de prosseguir no meu suicídio, aniquilando-me, de contínuo, até alcançar o cobiçado nirvana do não-ser? Teria enxergado isto, Buda, para recomendar a morte por partes, pelo que os desejos deviam ser aniquilados um a um, até que, finalmente, acabasse o mesmo desejo de viver? Será que após a morte física, hei de continuar morrendo pelos tempos a fora, até que, no fim de tantas mortes relativas e parciais, encontre a morte eterna? A ser verdade o que apregoam as religiões (e tremo só de o pensar!), a mim me cumpre continuar morrendo, e, de morte em morte, chegar, um dia, ao fim, ao eterno repouso do não-ser! De nada me valerá alguém provar-me que há outra vida além desta, sem demonstrar-me a causa da dor..., visto que até Cristo, se é

que vive e ama, há de estar sofrendo!... Depois, porém, tornando a mim do susto que tais tormentosos pensamentos me causam, raciocino deste modo: se tudo veio do caos e do nada formal, a este começo terá de recair a criatura rebelde que se volta contra si mesma, praticando o auto-aniquilamento. Mas falo só desta vida, que não de outras hipotéticas e impossíveis. A alma é função do organismo; não pode ser de outro modo; morto o corpo, estará morta a alma. Meu sobressalto é pesadelo vão, é sonho de louco, contra o qual a razão minha se rebela, recusando-se a o aceitar. A morte física tem que ser o fim.

E depois de suspirar numa pausa, continuou Flamínio:

O senhor declarou, como mestre que é, inigualável, que os santos e os demônios só podem caber nos bestuntos dos estúpidos. Portanto, somente toleirões crêem na existência deles. Ora, o senhor e eu não cremos em santos e demônios; logo, não somos asneirões. E se numa parte colocarmos os religiosos, os estúpidos crendeirões, com suas asneiras, na parte oposta estaremos nós, os superinteligentes, com nossa sabedoria. A pedra-de-toque com que se ha de avaliar os homens, é saber se crêem ou não, em santos e demônios. Se crêem, são estúpidos; se não crêem, sábios. O senhor e eu, por conseguinte, somos sábios: quem o suspeitaria? E possuímos a suma ciência, porque estamos no limite extremo do saber, além do qual é o nada. A quem, como nós, chegou até aqui, só falta o salto final no não-ser. Eu o faço agora, e o senhor, quando as coisas lhe correrem mal. Por isso, doutor, vou receitar-lhe isto, embora seja o senhor o médico, e eu, o doente; eis a receita: não se esqueça nunca de ter sempre à mão uma dose mortal de algum veneno fulminatório, porque nenhuma coisa pode perturbar a placidez e a serenidade bovina daquele que sempre traz consigo uma ampola de ácido cianídrico, para refugiar-se na morte, a qualquer momento, quando alguma fatalidade, como a tortura ou o câncer, o atingir. Então, é só mastigar a ampola..., e cair no nada "per omnia seculo seculorum"!... Aí, então, se é eternamente feliz, porque na morte não há dor!...

- Buda, aquele grande comedor de arroz, continuou Pelório afadigado, criou uma doutrina complicada para entrar no nirvana do não-ser, pela anulação de todos os desejos, através das reencarnações. Ora bem. Todos os desejos nascem do desejo de viver; vencer, por tanto, a este desejo-mor, é cortar à hidra todas as cabeças de um só golpe. Quem é que, podendo erradicar de vez uma árvore, vai perder tempo em podar-lhe os galhos? Vem cá, Buda: tanto trabalho e cansa, para nada?! Eis, aqui está, quem chega a nada, sem cansa e trabalhos nenhuns!...

- Como vê, doutor, sou muito mais budista do que o próprio Buda, e mais radical do que Schopenhauer, porque tenho alcançado isto: a vida é referta de dores e tragédias, e só a morte não dói!...

- Que prodigioso pensador é esse Pelório! - pensava Bolván Durakov. É preciso salvá-lo a todo custo, visto que sua vida é sumamente preciosa!

E, rápido, deu com uma solução que pôs logo por obra, ao atalhar:

- Espere, Pelório: você vai dormir um sono muito calmo, tranquilo, sereno, balsimificante; e quando acordar, estará outro, mudado, otimista, desejoso de viver!

A estas palavras do médico, Pelório se pôs em guarda; e fazendo o gesto da banana, retrucou, de pronto:

- Aqui!... que o senhor me faz dormir! Conheço de sobra essa manha! O senhor me faz dormir com palavras suaves, repetidas e monótonas, e depois me pergunta, estando eu dormindo, se estou escutando sua voz. E eu respondo que sim, com um aceno de cabeça. Daí, o senhor vai, e me planta uma porção de sugestões, dentre as quais, que eu gosto da vida, que sou um biófilo, que quero sarar, viver, que respirar... é a coisa mais gostosa deste mundo... Nada disso comigo! Não durmo! Suas arengas

ser-me-iam inúteis, visto que me barriquei contra elas! As idéias maravilhosas contidas no seu livro e nos do Dr. Osmard Andrade me persuadiram, e por isso as aceitei. Não sou homem de sugestão, mas de persuasão; sou homem de racionalidade, não, de fé. E a hipnose é sugestão, e a sugestão é fé, e a fé é religião, donde vem que as três são afins e têm um fundamento comum, que é o princípio da autoridade, opondo-se, frontalmente, à persuasão ou ciência, que é a aceitação duma idéia mediante o exame racional dos argumentos e das provas. Polarmente, opondo-se a isto, a sugestão é a aceitação duma idéia sem exame algum, pura e simplesmente, baseada na autoridade de quem fala. Segue-se, logo, que a hipnose é pura fé, em nada se diferenciando das demais fés em que se alicerçam as religiões. Não ha hipnose científica, e sim, apenas, a explicação científica para a hipnose, porque esta é, em seu próprio fundamento, mística, primitiva, crédula, infantil, ingênua.

- Então, doutor, por causa desta verdade sem contestação possível, essa sua "conversa" me insulta, visto tomar-me, o senhor, por estúpido crenteiro que pode ser conduzido, de cambalhota, por sugestão. Não foi isso, precisamente, que dissemos dos religiosos que crêem... em santos e demônios, só porque alguma suposta autoridade declarou que eles existem? E como é que o senhor quer agora submeter-me à sua autoridade, fazendo-me aceitar tudo de fé, sem discutir, e sem as provas e demonstrações lógicas? Por que devo crer no senhor, e não, em Cristo? Acaso não dissemos serem papalvos todos os que crêem em Cristo? E por que não serão otários os que crêem no senhor, na sua lérica hipnotizante, nessa sua conversa mole, chocha, insípida, monótona, vazia, que faz aos crentes dormirem? Eu me ri de Cristo, e, pela mesma razão, me rio agora do senhor, visto que ambos pretendem guiar-me em rebanho, e de antolhos, ao som do cónioio sofar! Aqui!... que eu durmo! O senhor vai matar-me: se o não fizer diretamente, como lhe peço, fá-lo-á pelas minhas próprias mãos, não tenha dúvidas sobre isso!...

Vendo o médico ser impossível dissuadir Pelório da idéia do suicídio, abandonou o quarto para providenciar outros meios de evitar que tal se consumasse. Mas Pelório, arguto, prevendo isso, atirou-se pela janela do edifício, vindo quebrar o pescoço contra o calçamento...

FALA O DOUTOR BOLVAN

De maneira que o doutor se opõe a Cristo polarmente, visto que este promete a vida eterna, e aquele prega a extinção total. Eu sou a ressurreição e a vida; o que crer em mim, ainda que esteja morto vivera, diz Cristo. E o doutor proclama: O que crê em mim, ainda que esteja vivo morrerá, sendo, depois, um desses mortos-vivos que andam por aí, da qualidade daqueles dos quais disse Cristo: Deixa aos mortos o encargo de enterrar os Seus mortos (Mat. 8, 22 - Luc. 9, 60). Meu reino não é deste mundo, declara Cristo. E o doutor objeta: Não há reino fora deste mundo, e quem neste não tem posses, não tem nada e é nada! Vai, vende tudo o que tens, dá aos pobres, e terás um tesouro no céu, promete Cristo ao moço rico. Guarda o que é teu, ó pascácio, diz o médico, que mais valem fatos que prosa; só um otário trocara ouro por quimera! O que estiver sobrecarregado e aflito, diz Cristo, venha a mim, que o aliviarei, com mostrar-lhe o céu. A mim é que venham todos, convida o médico, que os aliviarei... dos pesados fardos que as religiões todas fazem carregar, e ainda os ensinarei a serem gozadores da vida; e os que forem sem vintém e doentes, que venham buscar a coragem e o desassombro no meu livro, para poder atirar-se pela janela de algum

arranha-céu, como muito bem o fez meu devoto seguidor Pelório! O que crer em mim será salvo, anuncia Cristo. E o que tiver por certa a minha doutrina, clama Bolván, o anticristo, estará salvo do céu que não existe, para a matéria cuja realidade ninguém contesta; e se algum há, místico, tolo, ingênuo, que negue este fato, ao invés de discursos de vento, dê uma boa cabeçada nalguma parede, que mais vale uma marrada desta do que todos os argumentos e livros do mundo que tentam sobrepor o sonho à realidade! Os que, pois, negarem a realidade da matéria, que façam esta prova da cabeça! Tudo é possível ao que crê (Marcos 9, 23), sentencia Jesus, com o que concorda o diabo ao dizer: Isso mesmo! isso mesmo! eu que o diga! eu (e fuzila os olhos de alegria) que tenho feito a tanta gente lorpa dormir pesado sono pelo hipnotismo!... Bem aventurado aquele que crê, assevera o Mestre excelso, no que concorda Bolvan: Sim, pois claro! Acaso pode haver bem aventurança maior do que a do meu crente Pelório, ao qual dei a coragem e o desassombro para atirar-se pela janela e quebrar o pescoço? Finalmente descansou aquela vítima do Deus brincalhão, pois lhe dei o destemor necessário para desferir, sobre si mesma, o golpe fatal que vinha mais tarde, quando o grande Gato estivesse farto de atormentar o ratinho!... Bem aventurados os que morrem, porque, finalmente, descansam no pó, no nada, no não-ser "per omnia seculo seculorum"!....

- Ai dos que crêem em Cristo, aquele milagreiro, pois sobre suportarem as misérias e aflições desta vida, temem perder-se na outra, e este temor basta a tirar todo o gosto de aproveitar as parcas delícias desta! Ai dos que crêem em Cristo, porque não podem dar largas ao animal que somos, e nesta vida só tem aflições, e da outra, incertezas e terrores! Bem aventurados os que crêem em mim, e não, nele Cristo, pois garanto que os faço dormir... e esquecer o céu quimérico, para terem os olhos bem abertos sobre as coisas da Terra, podendo ter tudo: riqueza e poder, primeiro; e depois, vinho, mulheres e canto...; e poderão "cantar" a todas as lindas, que para isto não precisam ser poetas' Aquele que crer em mim, se tinha antes fé em Cristo, deixa de tê-la; e como os que já a não tinham, vira gozador da vida..., se isto pode, e se o não pode, estoura logo os miolos com uma bala... ou pula do viaduto... ou toma cianureto. Arrependei-vos, ó religiosos de todos os credos! arrependei-vos por ter conformado vossas vidas com a estreiteza, e rigor, e renúncia que o Evangelho impõe! Salvai as aparências e tende um olho na polícia; mas... que diabo! deixai a besta andar!... Refreá-la e criar o desinteresse pela vida! é criar neuroses e recalques danosos que vos fariam enfermar! Desejar a mulher do próximo faz bem à saúde, é terapêutico, diz Judd Marmor, em sua conferência na Associação norte-americana de Psiquiatria, em Miami. E acrescenta o psiquiatra: "O mandamento bíblico que coloca o ato de desejar a mulher do próximo no mesmo nível moral do adultério real, constitui uma das heranças psicologicamente mais maléficas que nos levou a tradição moral judaico-cristã" Declara ele que "desejar a mulher do próximo, pelo menos uma vez por dia, é altamente saudável e pode manter o indivíduo afastado do sofá de um psicanalista". E como vos demonstro: não é natural essa repressão que fazeis dos vossos apetites, dos vossos desejos! Todo o homem é, por sua própria natureza, polígamo (Schopenhauer), e por isso lhe é impossível contentar-se com uma só mulher, como o exige a tola lei e a estúpida sociedade! Ele é macho exatamente como o porco, o cão e o boi, ficando neurótico se lhe reprimirem as impulsões, os apetites, com falsas promessas de salvação! Sois neurastênicos por que viveis mortificando a carne por causa de um sonho vão! As renúncias e penitências que vos impondes, em troca de vãs utopias de redenção, vos têm feito melancólicos, hipocondríacos; por isso, como muito bem o disse Miguel Couto, apoiado em Hipócrates; não há doenças; há doentes"! É que vossas impulsões instintivas, com serem recalçadas de contínuo,

introvertem-se, e por falta de vazadouro, laceram-vos os nervos. Disto se originam as vossas perturbações neuropatológicas de todos os carizes, de todos os tipos, com reflexos em todo o cosmo orgânico. Eis, aqui está a causa maior das vossas neuroses e hipococondrias, a causa de os homens serem animais doentes, no passo que sempre gozam de boa saúde os animais inferiores, sobretudo os selvagens, por estarem sem a sobrecarga das morais e dos complexos de culpa! Pretendendo buscar o céu ilusório, perdeis de vista a Terra; contudo, depois desta vida é o nada, pelo que, aproveita-la bem, seria o vosso melhor negocio! "Conjuro-vos, irmãos, a permanecerdes fieis à Terra e a não dardes ouvidos aos que vos falam de esperanças supraterrrestres" (Nietzsche). Alegrai-vos! Se quereis sonhos lindos, eu vos posso dar, e basta crer-me, para dormir!... Vinde a mim todos os que estais cansados e oprimidos com tantos preceitos religiosos e coisas inúteis da fé, e vos aliviarei! Porfiai por entrar pela porta larga, que estreito é o carreiro e apertado, o trilho que leva ao curral dos asnos! Vinde a mim, meu fardo sim que é leve, porque para baixo todos os santos ajudam, como bem o dizeis! Vinde a mim todos, que vos cauterizarei as consciências para poderdes gozar a vida sem pesar nem temor; erradicarei delas as palavras Deus, Cristo, imortalidade, esperança futura, porque estas coisas, com serem "o ópio dos povos" (Lenin), vos têm feito adormentar! Eia! Despertai-vos, ó pacóvios! ó lorpas, acordai!... Ou viver, ou morrer! A vida é epicurismo, é gozo na matéria, e, na impossibilidade de te-lo, atirai-vos, sem demora, de algum arranha-céu!... Deus só existe, ó ingênuos, por invenção dos velhacos que precisavam explorar os tolos, sem trabalhos e canseiras! Cristo, com ser um milagreiro que fazia passar sua hipnose por divinal poder, foi o maior deles, e os "santos" e os "demônios" não passam de petas!

- Eu, Bolvan, seguindo os rastros do meu preclaro mestre Osmard Andrade, vos declaro, sem titubeios nem rebufos: a única realidade verdadeira mesmo, está, aqui, nesta terra e matéria em que piso e bato, neste instante, o pé, de onde todas as coisas saíram, e para a qual todas retornam, em eterno e vicioso ciclo, em eterna recorrência nietzscheana! O resto é léria! só há esta coisa eterna, inexaurível: a matéria; só ela é capaz de tudo criar, inclusive de executar em si e consigo os inacreditáveis auto-arranjos atômico-moleculares que são as células nervosas, capazes de produzir, no cérebro dos tolos, os atormentadores pensamentos relativos à existência de Deus! e inacreditável que até um Sócrates, um Platão, um Aristóteles, um Descartes, um Kant se tenham ocupado destas questões, visto que elas não passam de risível fantasia, conquanto de inaudita grandeza! Tão humilde e esta deusa matéria debaixo de nossos pés, e ao mesmo tempo tão altiva em nosso fabuloso cérebro sonhador de grandezas e de glórias! Bem andou Aristóteles em chamar ao homem "animal gloriosum", e este seu caráter específico se deve só a umas poucas grammas de massa cerebral que lhe forma parte do córtex! A matéria é a única deusa que tudo cria, e ordena, e eleva até o pináculo da razão e do saber, chegando a ser apoteose num gênio, e depois decai ao seu ponto de repouso, na imobilidade e na anulação do nada, de onde se levanta, outra vez, por si mesma, no ciclo de um novo ser que irá, por sua vez, chorar, e sofrer, e amar, e sonhar utopias, para depois, também, aquietar-se no pó, e no não-ser. Ainda que os mortos sejam múmias, e seus túmulos, pirâmides, o tempo os dissipará, porque as areias, que já foram pedras, levadas pelos ventos, lixarão as faces das pirâmides, para que o ciclo se feche, e tudo seja pó!...

E fazendo breve pausa, prosseguiu Bolvan Durakov:

O lamento do poeta, as lágrimas do artista, as lucubrações do filósofo, o sorriso da criança, a caridade do santo, o furor condenatório do profeta, o transbordante amor da mãe pelo filhinho tenro, tudo é isto: matéria! Em se arrançando ela em cúmulos estelares fica constelações! Lá no céu negro e profundo, ela é constelações de sóis; cá

na escura caixa craniana dum herói ou de um pária, ela é constelações de estrelas celulares! Lá nas alturas, se ascendeu ela, um dia, num Sírio celeste, e muito depois, num leito funério, ela se apaga no cérebro de um gênio! Aquilo que fora consciência e alma, se evola como os gases da chama numa vela! "A alma é função do organismo. Uma gota de sangue a mais ou a menos no cérebro faz um homem sofrer como Prometeu no Cáucaso, picado pelo abutre" (Nietzsche). A grande síntese, portanto, a grande verdade está neste circuito de pó a pó; do pó que fomos, ao pó que seremos: Pulvis fuist, et in pulverem reverteris!...

E prosseguiu Bolván, tirando outras conclusões da doutrina de seu mestre:

- É fato o que vos digo, ó asnos! Nada mais existe além da matéria, e o espírito e a consciência são os últimos desenvolvimentos daquela fabulosa premissa: a matéria. E, pois, como tudo promana dela, não há livre-arbítrio, e sim, só, determinismo. Provo a consequência; vede:

Sendo a matéria tudo, todo ato criativo não passa de um movimento neurofisiológico que se apoia no processo físico-químico das células nervosas, e, conseqüentemente, na matéria de que estas células são feitas, quer dizer, então, que aquilo a que damos o nome de pensamento e consciência, é um movimento surgido de um movimento anterior que se origina de um precedente, e por aqui vamos, até chegar à nebulosa primeva de onde tudo evoluiu. Esta, a origem remota do pensamento. E tudo o que surgiu da matéria, por muito que mude e se complique, é matéria. Tudo o que existe, é o seu estado anterior modificado; e se era matéria no princípio, se-lo-á no fim. Um pouco de hormônio hipofisário injetado nas veias numa macaca virgem, fá-la-á desenvolver-se sexualmente; na sua fome de amor materno, poderá, como já ocorreu, adotar por filho uma cobaia. Castrada, porém, perde todo o amor pelo filho adotivo, e vê, com indiferença, a cobaia ser morta por um outro macaco do bando. Tal experiência já foi feita, e com isto ficou demonstrado, cientificamente, que o amor e todos os demais sentimentos não passam de efeitos hormonais. Assim, toda a candura e amor materno que tanto tem feito chorar os poetas, pode ser concentrado numa ampola! Amor em ampola!... quem cuidara possível fosse?... igualmente, um pouco de iodo a mais na tireóide, pode fazer de um gênio um cretino. Tudo se acha, assim, subordinado à matéria, determinado por ela, como venho demonstrando. Sendo assim, cada enunciado de Sócrates, cada pensamento de Cristo, cada verso de Milton ou Goethe, já se achava, potencialmente, gravado naquela remotíssima supergaláxia primordial, que globalizava o universo todo. Não disse bem: Sócrates, Cristo, Milton, Goethe são aquela nebulosa modificada, donde vem que foi ela que compôs filosofia, religião, poema e tragédia num passo da sua evolução. Por idênticas razões, tudo o que escrevi no meu livro é o resultado de um inexorável determinismo, contra o qual em vão será protestar... Aquilo que era só potência, outrora, tornou-se atualidade hoje, e aquela nebulosa é a que fala em mim e pela minha pena, e o que digo são revelações do que lá, então, se continha, impresso. Os árabes têm razão: tudo se acha escrito nas estrelas! Ora bem:

- Suposto que meus atos são predeterminados, não sou livre; e se o não sou, não posso ser responsável; como sou um irresponsável, não sei o que faço ou penso. Eu sou um irresponsável que não sabe o que pensa ou diz ou faz, e ainda, por cima, padece da ilusão de saber, da ilusão de querer, As coisas se passam como em hipnotismo, conforme o escreve Medeiros e Albuquerque. Diz ele: "Nada há, por exemplo, mais eloquente para mostrar a ilusão do livre arbítrio, do que dar a qualquer paciente uma sugestão hipnótica. Quando ele se dispõe a executá-la, pergunta-se por que o vai fazer e ele garante que é porque quer. Pergunta-se ainda se ele está certo de que poderia fazer outra coisa e de novo ele assegura que é o que ocorre. Desafia-

se a que faça a outra coisa. Ele insiste em dizer que se sente perfeitamente capaz de executá-la, mas que não o quer. E, no entanto, toda a sua liberdade não é mais do que a passiva obediência a uma ordem do hipnotizador" E conclui Medeiros: "Isso prova admiravelmente como o famoso argumento espiritualista não vale nada".(Medeiros e Albuquerque, Hipnotismo, 5-6)

- Assim, agimos, como que hipnotizados, e queremos ou não queremos aquilo que quer ou não quer a matéria. Quem sabe e quer é a matéria, visto que não passamos de instrumentos seus que agem como seus autômatos programados segundo a conjuntura biológica, política, social e econômica a que servimos. Para os espiritualistas, o imediato corolário da consciência é o livre-arbítrio, e, conseqüentemente, a responsabilidade. Mas a consciência, segundo a doutrina do meu mestre Osmard Andrade, que tomei por minha, é determinada por fatores remotos de ordem material, fora do meu controle, e quando cuido governar os acontecimentos, nada mais faço do que andar na trajetória que eles me pre-traçam, como ocorre com uma pedra que corta o espaço descrevendo uma parábola. Então, o que julgo ser consciência é a resultante de todas as forças que impulsionam, deterministicamente, minha personalidade. Conseqüentemente não sou livre, nem responsável, ainda mesmo que pratique um crime. Se o praticar, a sociedade me segregará do seu convívio, como faz aos loucos, não para me corrigir, nem para se vingar, mas, somente, para estar guardada das minhas ações criminosas.

- Por aqui se vê, muito claramente, que o bem e o mal são predeterminados e relativos, sendo bem tudo aquilo que serve aos interesses duma maioria, e mal, o que atende aos interesses só duma minoria. Mas a minoria pode crescer e tornar-se maioria, e, ao contrário, a maioria pode decrescer e tornar-se minoria. Então, aquilo que era considerado bem, fica mal, e o que era mau, bem. Cristo e Sócrates foram tidos por maus, e por isso, mortos pela sociedade que se tinha a si por boa. Mudaram-se os tempos, e Cristo e Sócrates fizeram legiões de adeptos que são, hoje, a maioria dos que se têm a si por bons. Se, pois, o bem e o mal dependem dessa relação de utilidade para o meio social, no imaginário inferno, Satanás é bom, e Deus, ruim; e no céu, também imaginário, bom é Deus, e o Demônio, mau. Todavia, esta alternância de bem e de mal já se continha, em potência, no seio da nebulosa primordial, e, com o correr dos tempos, se transforma em ato ou atualidade. Bem e mal, por conseguinte, são coisas sem sentido fora das coordenadas histórias de tempo e de lugar. Se Cristo e Sócrates foram tidos por maus num tempo-lugar, e bons, em outro, segue-se, muito naturalmente, que os "gangsters", os terroristas e os cangaceiros poderão vir a ser considerados bons, bastando que se façam maioria dominante. E como o ciclo que se abriu no caos, a este terá de retornar, pois aí está o berço e o túmulo da matéria, então talvez ainda se façam, de pedra e de bronze, estátuas grandes de Al Capone e Lampião. Talvez se erija ainda um templo a Judas Iscariotes, como é aquele Centro Espírita de Franca, e haja os que não queiram mais seja ele, pelos séculos a fora, o símbolo da traição. Um dia, Bruto não será mais o Bruto, o matador de César, o seu pai adotivo, para ser o protetor da república Romana contra um provável ditador. Lampião e Al Capone não eram malvados, dirão muitos, mas desajustados sociais; e com tais desculpas, os maus vão sendo menos maus, para serem bons um dia, porque o ciclo, em se fechando, passará por onde já passou em tempos idos. O precedente já foi aberto: falta agora fazer um herói de Calabar, e de Joaquim Silvério dos Reis, um zelador da ordem! A questão do bem e do mal se resume em vencer e fazer-se maioria, ou ser derrotado, tornando-se minoria; o que vence é bom, porque é forte; o que sucumbe é mau, porque é fraco; nisto se resume a história. O bem, logo, reside na força, e o mal, na fraqueza; Trasímaco, Machiavelli e Nietzsche tinham razão: ser justo

e bom é ser forte. Por isso, um dia, a espiral que agora é evolutiva, terá de fechar-se; e avançando pelos tempos a dentro, varrerá os setores outrora vividos por Stalin, Hitler, Lenin, Bismark, César Bórgia, Calígula, Herodes, Atila, etc., porque, assim como envelhece, caduca e morre a consciência, também envelhece, caduca e morre, primeiro a civilização, depois a vida, e finalmente a matéria! A matéria transformar-se-á em energia, e esta, acantonando-se nalgum ponto ignoto do espaço, criará outra matéria para um novo ciclo, e assim, "per omnia seculo seculorum"...

E, após uma pausa, continuou o médico-discípulo:

- É deste jeito que tudo o que acontece agora, já ocorreu antes, e sobreviverá depois, indefinidamente, por toda a eternidade!... É assim que tudo o que sucede, já se achava escrito nas estrelas, como pensa a muçulmano, sendo certo, logo, que estava lá, que eu e o meu mestre Osmard Andrade íamos escrever nossos livros que fizeram a Pelório converter-se ao materialismo e suicidar-se!... Como vêem, ó nossos obtusos detratores, de acordo com a minha doutrina e com a do meu esclarecido mestre, não temos culpas nenhuma do que dissemos ou fazemos! Cumprindo nosso fadário, escrevemos nossas obras, constituindo ambos nós em duas provas eloquentes, irrefutáveis, de que nossa doutrina é certa, e que a matéria é tudo... Então, porque nossa doutrina é verdadeira, o fatalismo, o determinismo é um fato; e porque o é, temos ambos nós por sina apoquentar o mundo asnático dos religiosos com nossas razões implacáveis! ..

- Todos os filósofos, não sei por que diabo, continua Bolván, de Parmênides a Santo Tomás de Aquino, e de Descartes a Kant, tiveram sempre a matéria debaixo de seus narizes; mas, em vez de aceitarem esta evidência iniludível, e dizer que a matéria é o ser, que a matéria é a "coisa em si", uma vez que é fundamento de tudo, em vez disto, como que procurando chifres em cabeças de éguas, todos são concordes em afirmar que a realidade, a essência das coisas, a "forma", como a chama Aristóteles, é o conceito que temos da coisa; a essência não é a matéria, dizem todos os filósofos antigos e modernos, mas, o conceito, a idéia, e este conceito é o que nos diz o que a coisa é. Por isto, tem, Cícero, carradas de razões para afirmar que "nada existe de absurdo que não se possa encontrar nos livros dos filósofos". Pois como não há de ser assim, se todos os filósofos, sem exceção, começam por pretender demonstrar o ser fora da matéria, consistindo isto no absurdo-mor, no absurdo pai de todos os que lhe são decorrentes? Por que negar a evidencia da matéria, que até um cego pode constatar, para afirmar o oposto dela, criando sistemas de quimeras, de sonhos vãos? É incrível que tivesse sido necessário passar mais de dois mil anos, para surgir na face da Terra, aqui, o Bolván Durakov com a missão de demonstrar que todos os filósofos não passaram de arrematados palúrdios, para não dizer loucos! Deste modo, contrapondo-me a todos os filósofos antigos e modernos, proclamo que só a matéria existe, que só a matéria é o ser. Aquela "forma" de Aristóteles, que é a idéia que temos da coisa, o seu conceito, a sua essência, que tanto está na coisa como em nossa inteligência, aquela "forma", repito, também não passa de matéria, porque aquela "forma" é pensamento, e o pensamento é matéria. A matéria se arranja, por acaso, e esse acaso se evidencia como princípio, como lei. O princípio do acaso (?), a lei do acaso (!) é por onde tudo começa. Mas o acaso é a ausência de lei e de princípio; o que vale dizer que lei e princípio do acaso são o mesmo que lei da não-lei, e princípio do não-princípio. Tudo, pois, existe, graças aos felizes acasos que são as mesmas "circunstâncias fortuitas" de Demócrito. Ora, esse princípio do arranjo casual, segundo o qual, por exemplo, uma parte da matéria se nos mostra como pedra, a outra, como vegetal, e a outra, como animal, esse princípio casual, torno a dizer, também é pura matéria. O pensamento, portanto, que está na matéria e lhe dá forma, lhe dá essência,

e que nossa inteligência abstrai, também é matéria. A matéria, arranjando-se, por acaso, emana o seu princípio diretor (!), a sua lei. Ora bolas! Eu disse princípio diretor? mas como diretor, se é dirigido e criado pela matéria? Corrijo assim, então: esta matéria, arranjando-se, por acaso, emana o seu princípio dirigido, a sua lei. Ainda não está claro: a matéria, em se arranjando, por acaso, emite, de si, seu princípio, sua lei, aos quais se submete, passivamente. A matéria, portanto, é autônoma, pelo que cria sua própria lei, e a modifica, se o desejar. Por isso, até a matéria bruta possui querer e pensa, porque, se assim não fora, como ela iria disciplinar-se? O pensamento plasmador que jaz, como lei, na própria matéria, que sempre se cuidou proviesse de Deus, em verdade, provém dela própria, pelo que ela se pensa a si mesma, e se forma segundo esse pensamento interno seu.

E prossegue Bolván, após meditar um pouco:

- Um exemplo desta Autonomia, temos no próprio homem que quer e se decide a executar alguma coisa; quem nada quer e a nada se decide, nada terá que fazer. Conquanto o homem seja autônomo, cria e se impõe a sua própria lei que é aquilo a que se decide praticar. Também, no coletivo, a sociedade, perfeitamente autônoma, faz suas leis e códigos morais aos quais se submete, passivamente, como se não fora ela livre. E se num nível mais alto de consciencialização da matéria, que é onde está o homem, há autonomia, por que não haveria de ser autônoma a matéria bruta para querer subir-se a esse nível mais alto? O que há é uma gradação de querer, porque a matéria quer com mais constância, e por isso as leis, nesse nível, são mais estáveis que as do mundo humano. É deste jeito que a matéria é autônoma, ainda para submeter-se às próprias leis e princípios que criou para si, a partir do acaso, princípios e leis que poderão ser outros que não os conhecidos. Pode, pois, alhures, haver, por exemplo, a anti-matéria, e lá, as leis e princípios aos quais a anti-matéria se submete, podem ser muito diferentes dos que conhecemos. Portanto, a matéria pensa, e por isso, existe. Ora!... Errei de novo no enunciado: a matéria existe, logo pensa! A matéria quer e se decide por um caminho; esse querer e decisão da matéria se nos mostram como lei e princípio, por causa da constância do seu querer, da sua decisão. Os princípios e as leis são a base do pensamento; e como leis e princípios são querer e decisão, segue-se que o pensamento é querer, é decisão, é vontade. Assim, o pensamento se confunde com a vontade; ora, a vontade é força, é energia; logo, o pensamento é energia; mas a energia é matéria; por conseguinte, o pensamento é matéria. Agora sim, tudo ficou claro como um dia de sol! Éta crânio! Que grande pensador o mundo ainda não conhece!...

- Este princípio ou lei, continua Bolván, com ser emanado da matéria que se arranjou, por acaso, é puro produto da matéria e do acaso. Eis como as leis, e princípios, e pensamentos que abstraímos da matéria, se originam, nela, por obra do acaso pelo qual a matéria se arranja, emitindo de si, depois, aqueles princípios, e leis, e pensamentos. A razão e a lógica, por conseguinte, são puros produtos do acaso, e seriam outras, muito diferentes, se a matéria, por acaso, tivesse tomado por outros caminhos que não esses que conhecemos. Se tal houvesse acontecido, em matemática, em lugar de círculo, poderíamos ter o anti-círculo; em vez de triângulo, o anti-triângulo; ao invés de todos os objetos matemáticos nossos conhecidos, teríamos os anti-objetos. Assim como a geometria depende de como é o espaço real, a ciência, toda a ciência, depende de como a matéria se arranjou, e seria outra, se o arranjo tivesse sido outro. E conquanto eu saiba como são esses possíveis arranjos, não os posso explicar, porque o mundo em que habito é muito burro!...

E após meditar um tanto, prosseguiu o discípulo de Ormard Andrade:

- O pensamento, conquanto seja onda e se propague no espaço como energia, não passa de matéria, visto como os termos energia e matéria são reversíveis entre si. Por isto, quando penso, é a matéria que pensa dentro da minha caixa craniana. Se a matéria não existisse lá, eu não pensaria. Parmênides foi o tronco primordial da filosofia antiga, como Descartes o é da moderna. E eu, abrindo novo ciclo para a filosofia, refuto a Parmênides, apesar de este filósofo ter sido considerado grande no conceito de Platão; e refuto também a Platão, a Aristóteles e a Santo Tomás de Aquino; a todos refuto e desbarato, contrapondo-lhes minha tese magnífica da matéria deusa, e por isto, essencial, arquetipa, eterna. Assim, às perguntas ontológicas que interrogam: que coisa é o ser? quem é o ser? e quem existe?, respondo, categoricamente: o ser é a matéria, e só a matéria existe; ela é a "coisa entre si" que todos os pensadores buscam descobrir! Oh! que grandes cegos sempre foram todos os filósofos! Tropeçando todos sempre, por toda parte, na matéria, nunca, entretanto, a puderam enxergar. Deste modo, não só aos antigos refuto, senão que também reduzo a nada os modernos que começaram por Descartes, tal o fulgor do talento meu, que, como farol resplendente, se irradia desta caixa craniana! Oh! que pena, o mundo ainda não me conhecer! Sempre foi assim mesmo: os maiores valores da humanidade passaram despercebidos, porque se achavam milhares de anos avançados no futuro. Se o mundo me pudesse conhecer a mim, a história passaria a contar-se por antes de Bolvan e depois de Bolvan, que sou eu, com muita honra, Doutor Bolvan Durakov.

E concatenando novas idéias prosseguiu:

- O mundo é a física, declaram os filósofos, e os conceitos, metafísica. Daí Kant afirmar que o mundo, para nós, é o que pensamos ser, e não, a "coisa em si", independente de nós. Só conhecemos o mundo refletido em nosso espírito, como a paisagem num lago, e não a realidade mesma, objetiva, subjacente nas coisas. Por este motivo Kant afirma que o ser que apreendemos das coisas é um "ser para conhecimento", posto pelo sujeito cognoscente, e não o "ser em si". "O mundo é a minha idéia", diz Schopenhauer. O mundo é a idéia que fazemos dele, e não, ele no que é, em si mesmo. Impossível, afirmam, entender a "coisa em si", mas, somente, o que ela é para nós. Isto mesmo é o que pretendia dizer Descartes com o seu cogito. "Penso, logo existo" Existo, porque penso. Meu existir está subordinado ao meu pensar. Primeiro está o meu pensamento, e, depois, a minha existência. Não pudesse eu pensar, não existiria. Sou a idéia que faço de mim. E assim como eu, todas as coisas são as idéias que tenho delas. Se eu não pensasse, as coisas não existiriam para mim. Elas só existem, para mim, na medida em que as cogito, em que as penso. Elas hão de ser muito mais do quanto pode a minha concepção; para mim, todavia, elas não são mais do que pode o meu entendimento. Um gênio entende muito, e um idiota, pouco; mas nem um Bolván, nem eu que sou eu, poderia esgotar a realidade jacente nas coisas. Por tudo isto, o mundo é a minha idéia (Schopenhauer); e penso, logo, eu e o extenso existimos (Descartes). Substituindo-se mundo e eu pelo seu equivalente matéria, temos: a matéria é a minha idéia (Schopenhauer); e penso, logo a matéria existe (Descartes). Nisto se resumem todos os metafísicos e epistemólogos antigos e modernos.

- Agora, falo eu da minha doutrina, continua Bolván: digo que a minha idéia é matéria; a matéria existe, portanto, penso! Como sei que a matéria existe, pergunta Schopenhauer, a não ser através do pensamento? E como saber que o pensamento existe, a não ser pela matéria? - pergunto eu, por minha vez! Portanto, porque a matéria existe, por isso, penso! A matéria existe, por conseguinte, ela pensa! Aquilo que penso seja eu, que cuido seja pensamento, é ela! Ela cogita em mim, e eu, por ela. De modo que quando eu cogito da matéria, é ela que está cogitando de si. Ela é que,

lucubrando em mim, busca conhecer-se a si mesma, e, para isso, muda os seus conceitos. Quando ela chegar, por este modo, ao pleno conhecimento de si, terá alcançado sua plenitude de realização, terá transformado em ato tudo o quanto antigamente era só potência. Neste ponto, a matéria terá chegado à inteira sabedoria, consistindo ela, então, no "actus purus" que Aristóteles cuidara fosse Deus! O esforço em descobrir a verdade, que penso seja meu, é dela. Ando na trajetória dos acontecimentos que ela me predetermina, como um fantoche movido por cordéis; e como um andróide, dou respostas certas ou erradas conforme esteja programado, quer dizer, conforme sejam meus condicionamentos genéticos e reflexivos. La Mettrie tinha razão: não passo duma máquina...; não vou além dum autômato, criado da matéria, que se arranjou a si mesmo, por acaso!

E continua Bolvan, após uma pausa:

- Para Hegel, o real é o racional, é o universal; assim, uma coisa é tanto mais real, quanto mais for universal, e, pela recíproca, mais tanto menos real, quanto mais for individual. Num sistema como este, Deus será a suprema realidade por corresponder à máxima universalidade. Em oposição, a matéria será a máxima irrealidade, visto que cre acha? por toda parte, individuada nalguma coisa. No sistema hegeliano, a matéria é menos real que a vida, porque esta é organização e coletivismo de células; os indivíduos humanos são menos reais que a sociedade, porque esta representa a generalização, a coletivização dos indivíduos humanos. Acima das sociedades está o Estado que as organiza em unidade; e sendo o Estado mais geral que as sociedades, por isso mesmo é mais real que elas. Acima do Estado está Deus que representa a máxima generalidade, e, conseqüentemente, a máxima realidade. Isto é Hegel.

- Mas a minha doutrina é tudo isto pelo avesso. Para mim, a máxima realidade coexiste com a máxima individualização que está na matéria. A matéria, porque individual, e por toda parte individuada, é o ser real por excelência. Acima da matéria está a vida que, com ser coletivismo e generalização de indivíduos celulares, é menos real que a matéria. A célula viva é mais real que sua organização no indivíduo vital, no animal e no homem. O homem, porque individual, é mais real que a sociedade, e esta, mais real que o Estado. Quanto mais embaixo, mais ordem, mais constância, mais coerência, mais dominação dos princípios e das leis. Quanto mais em cima, mais desordem, menos integração, mais caos, menos subordinação aos princípios, às leis. As ciências sociais são complexas, porque lhes falta o caráter específico do individual em que a ordem soberana impera. Já o Estado... bem... o Estado não vai além de um mal necessário, conforme o afirma Ortega, ainda não dominado pela ordem reinante, embaixo, na matéria. A complexidade das ciências, conforme a classificação de Augusto Comte, sobe das ciências físicas para as sociais, precisamente porque, reinando o caos ainda no social, aí não se podem estabelecer leis e princípios científicos. Onde estão as leis do social? que é das leis de economia política? como saber como irá ser escrita a história? É que as ciências sociais não são ciência; elas não vão além de tateios da matéria que, para aí, ainda não estendeu o seu domínio. O querer da matéria ainda não se impôs aí, nesses níveis. O homem é determinado e segue o fatalismo da sua lei; já o social ainda não possui leis, e o caos aí reinante, impõe que a economia e a história tenham resultados imprevisíveis. Que seria, então, de um Deus que se situa acima do social, do Estado, como máxima generalidade? A resposta é óbvia: ele é o nada extremo! o limite do não-ser. A toa não é que os religiosos se mostram faltos de razão, pelo que se guiam pela fé..., e, por isto, crêem em arrematados absurdos!... Se o Estado é um mal necessário, de Deus não se pode

dizer que seja necessário; Deus, além de um mal, ainda é desnecessário, pelo que deve ser riscado da vida!...

- Então, acima do Estado, e muito e muito acima, se situa Deus, como suprema universalidade, e, portanto, como a irrealidade extrema. Deus é o não-ser puro, e a matéria, o ser por excelência. E da matéria a Deus escalonam-se todas as gradações de ser que tanto mais são, quanto mais se acercam da matéria, e são partícipes dela. Em contraposição, as coisas tanto menos são, quanto mais têm, em si, de espírito. Tudo aquilo que se refere a espírito, a alma, é nada, é não-ser.

- No entanto, a matéria, continua Bolván, ainda não é a máxima realidade, visto como ela é coletividade de suas partes componentes, que são os elétrons, os núcleos e os satélites do núcleo. A realidade da matéria, por conseguinte, tem que ser procurada nos seus elementos, e indo nós nesta direção, daremos com o movimento, uma vez que as partículas infra-atômicas devem o seu ser ao puro movimento, à pura velocidade. Consequentemente, o movimento é o ser. Coexistindo o ser com o movimento, podemos construir outra escala, e dizer que quanto mais se move uma coisa, tanto mais ela é ser, e quanto menos se movimenta, tanto menos é ser. Ora, Deus é imóvel, imutável, fixo, eterno; logo, ele é o não-ser em toda a sua vacuidade. O elétron é o que mais se move; rodando sobre si mesmo, como um pião, passa a ter existência; e trasladando-se, depois, nas órbitas atômicas, dá ser à matéria que nos rodeia, de que somos feitos, e que nos fere os sentidos. E o pensador que tratou do movimento como ser, foi Heráclito de Éfeso; portanto, é ele o maior de todos os filósofos.

- Heráclito, prossegue Bolván, ensinava que tudo muda, e, por isso, no tempo em que uma coisa está sendo isto, nesse mesmo ponto já se está mudando para aquilo. Porque tudo está perpetuamente mudando, tudo está sendo o que será, e deixando de ser o que foi. Por isso, o ser é aquilo que possui, em si, na sua estrutura, o movimento, a capacidade máxima de estar, perpetuamente, em mudança. Esta mutabilidade constitui a estrutura do próprio ser que é a matéria. A matéria é formada de moléculas, e estas, de átomos. E os átomos são unidades cuja estrutura se deve, pura e simplesmente, ao movimento. Os elétrons, que são pequenos remoinhos eletromagnéticos, gravitam, velocíssimos, em torno do núcleo atômico; tamanha é essa velocidade com que revolteiam, que ficam como que onipresentes em todos os pontos de suas trajetórias ao redor do núcleo. Esta velocidade altíssima é que nos dá a sensação de rigidez e de impenetrabilidade. E tudo do núcleo atômico também é pura velocidade, de sorte que cada partícula não se sabe nunca em que lugar se acha, por estar ocupando sempre todos os pontos da sua trajetória. Tudo, consequentemente, é movimento e energia; logo, a estrutura íntima da matéria é o movimento, o vir-a-ser, o tornar-se, o devir que nunca cessa o seu palpitar. Por conseguinte, sendo a matéria o ser, e sendo a matéria movimento, segue-se, por correto raciocínio, que o movimento é o ser. Logo, quanto mais movimento, mais ser, e quanto menos movimento, menos ser. Mas tudo o que muda, é isto, para já não ser isto, e passar a ser aquilo que, daqui a pouco, será outra coisa. E aquilo que é, e já deixa de o ser, não é; o que não cessa de mudar não é o ser, e sim, o não-ser, como o entendia Parmênides. Portanto, o ser de Heráclito é o não-ser de Parmênides, e vice-versa. O ser é o não-ser, porque é só este não-ser que coexiste com o movimento. Só o não-ser pode existir no meio da mutabilidade, e se passa a si mesmo de um para outro estado, que é outro modo de ser não-ser.

E pondo-se profundamente a meditar, prosseguiu Bolván:

- Todavia, como Heráclito é o Filósofo por excelência, frente ao qual todos os demais são anões, sua intuição do ser-movimento é válida. Portanto, como já hei dito,

uma coisa tanto mais é ser, quanto mais e velozmente se muda, alcançando sua plenitude no elétron, seja porque ele próprio é filho dum movimento turbilhonar que roda com a velocidade da luz, seja porque esse vórtice minúsculo, em se transladando na órbita atômica, dá ser à matéria. O elétron, portanto, é o ser por excelência, por não ser divisível em partes; por ser "átomo", e não, tomo; por ser o limite da matéria; por transformar-se em ondas de energia ao decompor-se. E tudo o que se acha acima dele, como tem velocidade cada vez mais e mais reduzida, é menos ser. O universo, conseqüentemente, é menos ser que o elétron, porque se mostra tardonho em mover-se. Dando, o elétron, ser à matéria, e dando, esta, ser ao universo, segue-se que o elétron dá ser ao universo. Não é o universo que dá ser ao elétron, e sim, este, àquele. E é axiomático que só o mais pode produzir o menos, e não, vice-versa; assim, o mais ser do elétron constrói o menos ser do universo. E se alguma coisa pudesse haver ainda, acima do universo, essa seria menos ser que ele, até que, em chegando a Deus fixo, para do, imóvel, imutável, eterno, ter-se-ia chegado ao não-ser, ao inteiro vácuo, ao nada absoluto. Eis a minha portentosa e mais que genial conclusão, frente à qual o mundo terá de curvar-se trêmulo! Éta eu!

- A matéria é o ser, porque se muda, porque se nega no estado anterior, para afirmar-se no posterior. Afirmar o futuro que ainda não é, e negar o passado que já foi, eis a essência do ser. Esta é a causa por que o movimento sempre quer devorar a trajetória futura do que ainda será, deixando atrás de si o resíduo do que já foi. Aqui se assenta o grande anseio da vida cujo movimento faz a evolução e mais a história; negá-lo é parar; e parar é tornar-se na imobilidade do não-ser, da morte e do nada. Por isso, tudo na vida é movimento, e, paralelamente ao que ocorre no nível eletrônico, onde o elétron é mais ser porque se move mais, no nível da vida, também, mais ser é o que tem mais agilidade e mais plasticidade para mudar e mudar-se. Daqui vem que, quanto mais um ser se move, tanto mais ele é. Um rato é muito mais ligeiro do que um homem; logo, os ratos são mais ser que os homens, e tanto é assim, que os homens ameaçam destruir-se, mutuamente, hoje, pelas bombas atômicas, e os ratos salvar-se-ão, por se acharem escondidos nos túneis e buracos do interior da terra; resultado: o mundo do futuro pertencerá aos ratos, porque eles são mais ser, e enquanto os homens fazem bombas atômicas com que hão de auto-destruir-se, eles, sabiamente, cavam buracos onde se esconder. Corretamente, posso sentenciar que a grandeza de um homem deve medir-se pela sua ligeireza, isto é, pela sua capacidade de mover-se. Daí o ser Pelé o maior do mundo, e de os atletas serem sempre muito mais prestigiados que os filósofos, que os cientistas e que os escritores. As massas humanas são mais ser que as elites, porque se acham mais embaixo, mais aderentes às raízes da vida, à matéria, onde há mais lei e mais ordem. As elites, com estarem mais acima, vivem mais de sonhos, de quimeras de ilusões, porque se encontram mais próximas do não-ser, e para este se encaminham. A filosofia se acha hoje marginalizada, por ser uma disciplina besta que confere ao homem o desprendimento da vida-matéria que, toda, inteira, é movimento. Sabiamente as autoridades do ensino puseram a filosofia na dependência de outras cadeiras, de sorte que ela só pode ser ministrada por acumulação. Parabéns às autoridades do ensino! Até que, enfim, compreenderam, essas autoridades, que a filosofia não vale nada, visto tratar de nada ou do nada, que são os problemas do ser e do não-ser! Parabéns! Até sugiro que seja eliminada essa disciplina altamente perniciosa, esse ópio da cultura que faz os homens maconhados, aéreos, nas nuvens!

- A Vida prosseguiu Durakov, é um grande circo em que cada ser exhibe as suas habilidades para não morrer, cabendo sempre a palma da vitória ao que for mais ágil. Os sáurios gigantescos do passado desapareceram por serem lerdos, e os homens

também desaparecerão, por serem tardinhos em compreender que se preparam para autoaniquilar-se. Sobrarão os ratos, os seres mais espertos e ágeis da Terra, que, por isto mesmo, se resolveram a cavar abrigos subterrâneos para se guardar dos dilúvios de fogo e de radioatividade com que os homens assolarão a superfície. A inteligência de um ser se mede pela sua capacidade de resolver os seus problemas, digo, os problemas da sua vida; e o maior problema imposto a um ser, é o da sua própria sobrevivência; portanto, a inteligência de um ser se mede pela sua capacidade de sobreviver; ora, os ratos sobreviverão, e os homens, não; logo, os ratos são mais inteligentes do que os homens! Viva os ratos!

E tomando um fôlego, continuou Bolván Durakov:

- O movimento máximo se verifica na matéria, donde se infere que ela é a plenitude do ser. Se o vórtice eletrônico cessasse o seu turbilhonar o elétron desapareceria. Igualmente, o átomo se desvaneceria em nada, se fosse interrompido o seu interno movimento. Com o desaparecimento do elétron, do átomo, da molécula, cessaria de ser a matéria, e, com ela, tudo o que existe, inclusive o cérebro que pensa... e cuida que o pensamento é anterior à matéria, Por este motivo, o ser real é a matéria, porque se move; e o não-ser é o espírito, porque se mantém fixo na imobilidade. As leis, todas as leis, sem nenhuma exceção, inclusive as do próprio movimento, são fixas? Sim, são. Então, são elas não-ser. A mesma coisa ocorre com todos os princípios imutáveis da matemática e da lógica sobre os quais se apoia o pensamento. Quê?! O pensamento se alicerça em leis e princípios imutáveis, não móveis, e que, por isso, são não-ser? Pois então, o próprio pensamento é não-ser. As leis e princípios não se mudam, donde vem que são não-ser, do mesmo modo que o próprio pensamento que se funda neles. Consequentemente, Deus, Princípio e Lei puros, é o não-ser por absoluta vacuidade, uma vez que é absolutamente imóvel, fixo, imutável. Em Deus não pode haver nem movimento, nem mutabilidade, do que se conclui ser seu tempo eterno. Eternidade é ausência de movimento; por isso é que quando o movimento pára, seu tempo se torna infinito. Provo a consequência:

- Quanto maior fizermos o movimento, quanto mais fizermos crescer a velocidade, tanto mais se encurta o tempo que gastamos, por exemplo, para ir de um ponto a outro do espaço, Por causa disto, se a velocidade se fizer infinita, seu tempo fica zero. O máximo movimento, portanto, coexiste com o não-tempo, e este se acha vizinho da matéria, onde os elétrons são quase onipresentes em todos os pontos de suas trajetórias, sendo, eles próprios, uns ultra-micro-ciclones com velocidade de rotação (spin) igual a da luz. Pela recíproca, quanto mais diminuirmos a velocidade, mais o tempo aumenta, até que, quando o movimento for nulo, parado, o tempo se torna infinito, e esse tempo infinito se chama eternidade.

E coçando a cabeça, prosseguiu Bolván:

- Um sofista metafísico bem que gostaria de dar-me uma rasteira, armando-me este raciocínio: O movimento é o ser; ora, o tempo é a medida do movimento; logo, o tempo é a medida do ser. Portanto, quanto mais tempo, mais ser, e quanto menos tempo, menos ser. Consequentemente, sendo o tempo de Deus a eternidade, Deus é o ser por excelência, Assim argumentaria um sofista metafísico. Mas, aqui, o mais que arguto Bolván, jamais cairia numa esparrela desta! Lançar-me sofismas à face, é o mesmo que pretender tosar um leão! Ora vede: O ser é o movimento; mas o movimento é inversamente proporcional ao tempo, por isso que quanto menor for o movimento, maior será o tempo, e vice-versa. Como o movimento e o ser, o tempo é inversamente proporcional ao ser, seguindo-se disto que, quanto mais tempo, menos ser, e quanto menos tempo, mais ser. Ora, sendo o tempo de Deus a eternidade, ele é o não-ser na forma extrema. Consequentemente, o ser, no seu sentido pleno, está no elétron que se

move com máxima velocidade, donde seu tempo ser quase zero. O ser no seu limite plena, logo, não possui tempo, visto que sua velocidade é infinita. O não-tempo, portanto, coexiste com o ser da matéria; pela recíproca, a eternidade corresponde ao não-ser de Deus. Deus, conseqüentemente, só existe como negação da matéria; e como a matéria é a realidade visível e palpável; como a matéria é o ser, Deus é ilusão e não-ser. Tire-se a Deus a matéria, e que é que ele negaria? Mas a matéria, que Deus nega, é uma realidade incontestável; por conseguinte, Deus, porque nega a matéria, é o contrário dela, ou seja, a irrealidade, a fantasia, a ilusão!

Suspeitando, porém, que houvesse enunciado um absurdo, exclamou Bolván:

- Épa!... Será que agora eu mesmo me dei uma rasteira? "O tempo é como a música (diz Fritz Kahn); para que exista, é preciso tocar". Assim, o tempo, para que exista, é preciso mover. Em Deus não há movimento; portanto, em Deus não há tempo, e a eternidade é esse não-tempo de Deus. Todavia, por outro lado, fazendo-se a velocidade infinita, o tempo fica zero. Ora, o tempo zero é não-tempo também. Deste modo, há dois não-tempos? Aquele, de Deus, alcançado pela imobilidade, e este outro, da matéria, obtido pela velocidade infinita?

- Ah! Agora é que atinei! A velocidade infinita produz a ilusão de repouso, de fixo, de parado. Quem puder estar indo e vindo entre dois lugares, com velocidade infinita, estará, não só nesses dois lugares, senão, ainda, em todo o seu trajeto, como que parado, em onilocação. É assim que a matéria se nos mostra como que parada, graças à sua velocidade interna quase que infinita. Quer dizer que o ser parado, imóvel, da matéria é pura ilusão! Mas o ser fixo, imóvel, de Deus é uma verdade mesmo. A matéria parece parada, porém, Deus é parado, de verdade. Então, a matéria, porque se move velocíssimamente, é o ser, no passo que Deus, porque é fixo, porque é imutável, porque não se move, é o não-ser. E assim como Deus, tudo o que for constante, imóvel, imutável é também não-ser, e este é o caso de todos os princípios e leis científicos, de tudo o que for imaterial. Do mesmo modo que Deus, todas as leis e princípios matemáticos, e científicos matemáticos, são irrealidade, fantasia, ilusão e não-ser. A ciência, portanto, é uma farfalhada, visto que se fundamenta na fantasia da razão, na quimera do não-ser. A ciência, a lógica e a matemática são sonhos vãos, puras ilusões e fantasias com que a astuta vida alucina a razão; e por que o são? São-no, acabei de entender, porque se alicerçam em leis e princípios científicos imutáveis, e, como tenho demonstrado, tudo o que for fixo, imóvel, intransformável é NAO-SER. Eis que tenho dado cabo da razão, demonstrando-lhe a invalidade. Tendo eu lançado o bumerangue da minha grande premissa, fez ele a curva no espaço, e retorna, agora, na minha cabeça. Só quem, como eu, completou o círculo da razão, pode, agora, ficar-lhe de fora. Matar bem morta a razão, é chegar a superá-la, é chegar à suma sabedoria. Se Pelório, demonstrando a absurdidade da vida, suicidou-se, que fará quem, como eu, assassinou a própria razão? Mas isto é impossível, brada Hegel, porque, como diz, "combater a razão, empregando a própria razão, é como nadar sem ter água". Porém, isto não passa dum sofisma hegeliano, pois Pelório combatia a vida, estando nela, e só a deixou em paz, ao dar-lhe cabo pelo suicídio. Como poderia Pelório combater a vida, senão estando nela? Iguamente, como desbaratar a razão a não ser com a própria razão? Assim, posso permanecer na razão e dar-lhe combate, e, ao matá-la, saio-me dela, como saiu Pelório da vida. Pelório matou-se, e eu paro de pensar, uma vez que, em superando a razão, me coloquei para além dela. Não tendo mais que pensar, cumpre-me retornar à vida vegetativa e irracional, gozar os prazeres físicos, que isto é estar mais próximo do ser da matéria, que só ela é o ser. Sem o compromisso de seguir pensando, e livre da sobrecarga das morais, gozo a vida como

epicunsta enquanto isso posso, e quando não puder mais..., é mastigar a ampola de ácido cianídrico que me receitou Pelório...

E continua Bolván, após uma pausa:

- Em perfeita coerência com o que venho expondo, o espírito e a consciência, se são ser, são materiais; e se não são materiais, são não-ser. Portanto, Deus, anjos, demônios, espíritos, imaginações, quimeras, alucinações, conceitos, essências, razão, filosofias, ciências, tudo é nada; tudo, não-ser. Esta e que é a verdade. Por este motivo, só um asno acreditaria na existência de Deus, de espíritos, de santos e de diabos. Digo, ainda mais, que foi o vazio interior dos ignorantes primitivos que os forçou a criar Deus. Aqui está a mais que grande revelação do meu mestre Dr. Osmard Andrade Faria: o homem é quem criou Deus! Deus, portanto, ó papalvos, é pura invenção humana, não passando, como diz meu mestre, da própria sombra do homem, a qual passou a guiar-lhe os passos! A sombra do homem a guiar o próprio homem! que magnífica figura!... Esta sombra multiplicou-se em legiões de duendes, fazendo acovardar-se o homem diante de quê? ó ironia! ó sarcasmo! acovardar-se diante daquilo que a sua própria fantasia engendrou! Esta quimera mais que fantasiosa é Deus, e, por mais absurdo que pareça, possui inacreditável grandeza, e tanta, que só um cérebro de gênio podia criá-la. Contudo, sendo eu mais que gênio, abarco-a, por inteiro, e a denuncio, não só como fantasia, senão também como ridícula, pelo que me rio dela com cósmicas gargalhadas, pois tais não de ser as minhas, visto que as estrondeio contra Deus!... E em meio às minhas gargalhadas, repito, com Nietzsche: "Se Deus existe, como suportarei não ser Deus?"

- Contra os sete milhões e tantos de duendes agressores, o deus-fantasia multiplicou-se em outros tantos defensores, e assim foi como apareceram os santos! E os ministros e os pastores? que vos direi deles? Digo-vos que o doutor Osmard e Voltaire tinham razão: "O primeiro padre surgiu quando o primeiro velhaco encontrou o primeiro tolo" (Voltaire)! Estes velhacos foram os que, como diz meu conspícuo mestre, "no meio de tantos cegos, conseguiram salvar um olho! E percebendo que nada melhor existe para conduzir manadas que juntar-lhes antolhos, fizeram-se ministros e pastores"(Osmard Andrade Faria, Hipnose e Letargia, 2-3). E o maior destes velhacos é Cristo, ao qual "não foi difícil (...) hipnotizar as massas levando-as ao auge da alucinação. Trocando-se uma coroa de espinhos por outra de louros, fez um herói de um milagreiro. E quando a turba alucinada "viu" em fenômeno de delírio e auto-hipnose coletiva seu mártir materializar-se, o herói santificava-se "per omnia seculo seculorum"(Osmard Andrade Faria, Hipnose e Letargia, 17). Ó estultícia humana! ó cegueira! Bem andou meu mestre Osmard Andrade em escrever: "Contra a estupidez humana, dizia Schiller, até os deuses lutam em vão. Não é, pois, de admirar, que o homem não se consiga liberar tão cedo, ele próprio, dos deuses que criou e que o subjagam impiedosamente"(Osmard Andrade Faria, Hipnose e Letargia, 5).

E assustado, e com as mãos na cabeça, exclamou Bolván:

- Épa!... Que absurdo disse agora eu? Se afirmei, com Schiller, que os deuses lutam em vão contra a estupidez humana, como pude declarar, logo a seguir, na frase conseqüente, que esses deuses subjagam o homem impiedosamente? Se o subjagam, como, então, lutam contra a estupidez humana? Se o subjagam, como, logo, o querem libertar?!... e que..., ai de mim!, como Nietzsche, estou chegando ao cabo extremo da razão, para abismar-me, como ele, no caos da loucura, da morte e do pó! Quão profundo era o meu Pelório que disse que o fim supremo da sabedoria é o nada! Atras eu dei um viva aos ratos, quando concluí que eles são mais inteligentes que os homens, visto que sobreviverão ao dilúvio de fogo que os homens atearão ao mundo com as suas super-bombas atômicas! Mas agora me penitencio do que disse caindo

em mim do erro, declaro que os homens são mais inteligentes do que os ratos, precisamente, porque irão auto-destruir-se. E a razão clara e manifesta está em que o fim supremo da sabedoria é a morte e o nada, como agudamente o inferiu o meu Pelório, ou como eu próprio o demonstrei, ao dar xeque mate à razão, ao provar que ela é nada. Concluo, pois, agora, em definitivo, que a inteligência de um ser se mede pela sua capacidade de auto-aniquilar-se. Os ratos não podem fazer isso, e os homens, sim, podem; logo, os homens são mais inteligentes que os ratos! Os que sobrevivem, como os ratos, são inferiores em inteligência aos que podem tornar-se cinza e nada pela sua própria vontade e autodeterminação! E isto só os homens podem fazer!... Assim, também, eu tenho chegado ao extremo da razão, começando para mim, como para Nietzsche, o caos mental, evidenciado pela enunciação deste absurdo, o qual ainda pude surpreender! Daqui por diante dissociar-me-á o córtex, começando pelas fibras inibidoras, perdendo-me eu, por isto, em delírios de grandeza, sem possibilidade de perceber que aquilo que cuida sejam superconceitos, não passam de ridicularias as quais, no entanto, em vez de riso, causarão piedade! Ó fatalismo! ó desgraça! Ah! pobre Bolvân... que pena não teres tu chegado a ser alguém!... A glória poderia ter semeado de coroas mil o chão que pisas, e os deuses do Olimpo, em procissão descendo à Terra, poderiam aureolar-te a fronte altiva de mirto e louro, como até hoje nenhum guerreiro, ou artista, ou poeta, ou sábio foi! Oh! que grande pensador o mundo está perdendo!... Já está falhando a minha inteligência, pelo que, oxalá, possa eu ficar quieto para sempre. Eu que matei a razão, sinto agora que morre em mim o órgão dela, o cérebro!... Oxalá possa eu fazer, aqui, meu ponto final, revertendo-me a cinza e nada de que sou feito: Memento homo, quia pulvis fuisti, et in pulverem reverteris!...

O QUE É A IGUALDADE?

Em dois capítulos desta obra, "Harmonia de Contrários" e "Determinismo e Liberdade", verificamos que nosso pensamento anda e progride pelo princípio de contradição. Para conhecermos o que seja uma coisa, precisamos saber sua contraditória, sua adversativa. Tudo o que existe um ternário dialético, uma síntese, em cujo interior se harmonizam, se equilibram, duas oposições. Liberdade e determinismo formam um par dialética, e nenhum, nem outro pode ser entendido isoladamente, isto é, fora da unidade síntese que agasalha os dois contrários tese e antítese. Assim, esta característica dialética do nosso pensamento, que é o princípio da contradição, está, não só no pensamento, mas em todas as coisas. Antes de Hegel, Vieira já dizia que "o mesmo mundo está fundado em uma concórdia discorde, e não há coisa nele que não tenha o seu contrario".

Deste modo, o átomo se compõe do núcleo positivo e estático, e dos elétrons negativos e móveis, que gravitam ao redor do núcleo. De igual modo também com a célula feita de núcleo e citoplasma. Nada há igual; tudo é diferente, e esta diferença chega até à oposição mais extrema. Então, estes opostos se atraem, se conjugam, se combinam para a formação da unidade de espécie superior. Núcleo atômico e elétrons dão um produto: o átomo; dizemos produto, e não, soma, porque, no átomo, surgem propriedades novas inexistentes nos elementos isolados. De igual modo átomo positivo X (versus) átomo negativo = molécula. Estas, por sua vez, se associam, por oposição e contraste, nas células, estas, nos tecidos vivos, etc.

O Criador não constrói igualdades, e sim diversidades, pois só estas podem unir-se nas unidades de espécies superiores. Um universo de igualdades será como o areal

dum deserto, ou como a solidão monótona dum oceano. A igualdade gera monotonia amorfa, cinzenta, moluscóide. Imaginemos que nos colocamos a frente dum espelho; depois, por um toque de mágica, nossa imagem do espelho sai fora, e passa a ocupar um lugar na sala, ao nosso lado. E assim como saiu uma, sai outra, depois outra, e por este modo nosso recinto se enche de várias entidades iguais. Que prazer teríamos em estar só conosco, em solidão, ainda que repartido em muitos? Que conversa poderíamos manter conosco mesmo?

A beleza e alegria, portanto, está no variado, no policromico, no calidoscópico, na versatilidade em que consiste este magnífico universo que nos circunda, nos penetra, e do qual fazemos parte integrante. Por isso que a própria palavra universo vem de uni + verso, ou seja, a unidade mais sua contraparte diversidade.

Mas os contrários não que estar harmonizados, e não, em luta. Daí que integração é Eros, amor, que une opostos no par feliz de uma unidade de espécie superior. Assim para o átomo, assim para o universo; assim com um par humano, assim com os seráficos focos de luz que amam e pensam no lugar resplandecente. Deste modo, unidades iguais que se unem por coação de quaisquer espécies, geram monotonia; unidades diferenciadas, mas não integradas, produzem lutas, desarmonias, caos; unidades diferenciadas, porém integradas, formam harmonia, ordem, beleza, alegria, felicidade, cosmo.

O diferente se nos mostra até nas coisas aparentemente iguais. Dois espermatozóides, dois óvulos vistos ao microscópio, mostram serem iguais. No entanto são diversificados porque portam cargas genéticas diferentes. No momento de os gametas se formarem, os cromossomos se separam em dois pares que se defrontam. E antes do seccionamento celular, eles, como a despedir-se pata sempre, encostam-se entre si. Os cromossomos são pilhas de gens, e seus plasmas, pegajosos. Então, ao separar-se, os cromossomos arrancam gens entre si; umas cartas de um dos maços do baralho cromossomico vão para o baralho fronteiro, e vice-versa. Este fenômeno de permutação de gens se chama "crossing-over", e, graças a ele, uns gametas saem enriquecidos de gens, e outros, faltos. Isto acontece ao espermatozóide e também com o óvulo. Depois estes se unem como tese e antítese na síntese da primitiva célula, o ovo, de que sai todo o organismo. Onde, logo, há igualdade?

O carbono C 14 é de origem extraterrestre, resultando do bombardeio dos átomos das altas camadas atmosféricas pelos raios cósmicos. Desde então o C 14 passa a integrar, juntamente com o carbono comum, todos os corpos carbonados da superfície terrestre. Se tomarmos um grama do C14, ao termo de 5.560 anos ela estará reduzida à metade; decorrido o dobro deste tempo, isto é, 11.120 anos, a redução irá para um quarto, e assim por diante. O contador de Libby que data com o C14, permite dados sobre um tempo de 70.000 anos, e tudo o que há digno de nota na história da civilização, se enquadra nesse tempo. É assim que, segundo o relógio do carbono de Libby, o caixão de Sesóstris foi feito há 3.750 anos, e há sandálias de até 9.053 anos. Seu tempo é muito curto, emprega-se o trício que é um isótopo do hidrogênio; o trício é radioativo, e se reduz à metade em 12 anos e meio. Se o tempo é muito longo, o contador do tempo é o urânio cujo tempo médio é 4.500 milhões de anos.

Agora ao ponto: por que razão um átomo de carbono C11 se desintegra agora, neste momento, e outro só o fará daqui a 70.000 anos ou mais? A mesma pergunta é válida para o trício e para o urânio, levando-se em conta seus respectivos tempos médios. Mas que é isto? Acaso estes dois átomos não são de trício, estes, de carbono radioativo, e estes outros, de urânio? por que estes três átomos se desintegram agora, e os outros três só o farão, respectivamente, daqui a 12 anos e meio, 70.000 anos e 4.500 milhões de anos? O porquê disto não pode ser senão que os átomos, conquanto

aparentemente iguais, guardam, entre si, alguma diferença. Descobri-la é tarefa da ciência, não nossa.

Nosso organismo precisa de ferro orgânico, isto é, em cadeia aberta, para formar a hemoglobina do sangue. Haurimos este ferro das verduras de cores vivas, fortes, e também do fígado cru. Construída a hemoglobina na medula dos ossos, é ela posta em circulação dentro dos glóbulos vermelhos. Depois de vinte dias, estes glóbulos se tornam "gastos". Então, em nosso fígado há umas células estreladas, dotadas de tentáculos semelhantes aos dos pólipos. Quando o glóbulo de hemoglobina "gasta", envelhecida, lhe passa perto, na torrente sanguínea, a célula polipóide a capta, para, depois, ser transformada uma parte em bile, e outra em hormônio estimulador da medula óssea na produção de novos glóbulos vermelhos, que, aliás, não são globos, mas, discos. Dentre trilhões de glóbulos vermelhos, todos iguais, vistos ao microscópio, uns são "gastos", e outros, não. Como é que as células estreladas do fígado sabem distinguir a diferença? Por que razão o ferro retirado da hemoglobina não é reaproveitado pelo organismo para a feitura de hemoglobinas novas? Por que não se reaproveitar o ferro da bile saído para os intestinos? Acaso ele não é idêntico ao outro ferro provindo da alimentação?

Se, pois, como vimos demonstrando, não há o igual, e sim, só o diferente, em que consiste a igualdade? E se a não há, nem nas coisas aparentemente iguais, como poderá haver dois homens iguais? E se o homem e a mulher diferem entre si, como poderá haver igualdade entre ambos?

Eles são iguais perante a lei, dir-nos-ão.

Mas que lei? a civil? Ora bem: o direito positivo é uma criação do homem, por isso que pode ser elaborado, promulgado, alterado e revogado ou desfeito. Entretanto, o direito positivo só tem força de verdade, quando se apoia no direito natural. Quando uma lei civil contraria um direito natural, está fadada a cair. E que diz a lei natural do homem e da mulher? Pois diz que eles são diferentes! E o direito positivo, que diz? Diz que ambos são iguais. Mas o direito natural vence o positivo, no tempo; então, quando as duas leis se coincidirem, ambas dirão que o homem e a mulher são diferentes.

Então, se é assim, dir-nos-ão, o homem e a mulher são iguais quanto a função, visto que podem fazer as mesmas coisas, que este é o lugar mais comum da tese feminista: fazem ou podem fazer as mesmas coisas; logo, são iguais.

Podem fazer as mesmas coisas, desde que não sejam as específicas, privativas de cada sexo. O homem não pode parir, nem a mulher, normalmente, fecundar; cada um com o seu. E destes dois fundamentos nascem, crescem, todas as demais funções que aos sexos são correlatas, e que tornam o homem homem, e a mulher mulher. Se, pois, não há o igual, e sim, só o diferente, em que, portanto, consiste a igualdade?

Pois a igualdade - eis aqui, finalmente, o caminho consiste em que tudo é igualmente necessário à formação da unidade hierarquicamente superior. Não há átomo sem próton ou sem elétrons, donde vem que ambos, próton e elétrons, são igualmente necessários e, por isto, do mesmo valor. É questão ociosa propor: o que vale mais é o próton, ou os elétrons? a bigorna, ou o malho? Não há célula sem núcleo ou sem citoplasma, daí que citoplasma e núcleo são igualmente necessários à formação da célula. O mais valor está na hierarquia, pois o átomo é mais que só os elétrons ou só os prótons isolados. A molécula, porque congrega gomos diferentes, é, hierarquicamente, mais que seus elementos componentes. Dado, aqui, o encadeamento, qualquer um poderá prosseguir escala acima, na hierarquia dos seres, até o universo, até o topos uranos, o lugar resplandecente, até Deus que, na sua unidade, agasalha todas as perspectivas e hierarquias.

Podemos compreender, então, que a família humana é mais ser, é mais valor, que o homem ou a mulher isolados. A família é uma unidade de espécie superior. Mas o homem e a mulher, conquanto diferentes, e porque diferentes, são iguais, porque igualmente necessários a formação da unidade hierarquicamente superior família. Quaisquer sociedades que nos congreguem são superiores a qualquer de nós isolados. O valor individual de cada elemento é determinado por sua função. O arcanjo Lusbel, diz Ortega, caiu por desejar ser mais do que era; cometeria o mesmo pecado se quisesse ocupar o lugar do último dos anjos. O neurônio que desejar fazer bile, como o fígado, ou a célula hepática que quiser comandar, como o neurônio, estarão incursos no mesmo pecado de Satã, o da fuga das suas funções específicas, somente nas quais valem. E assim como Lusbel e seus consórcios foram postos fora do empíreo, de igual modo tais células são postas fora do organismo; ou isto, ou todo ele se subverte, como ocorre com o câncer em que as células luxuriantes ficam possuídas do frenesi de procriar. De modo idêntico, o homem que se quiser fazer mulher, ou a mulher que aspirar ser homem, com isto, não sobem, descem. A mulher jamais conseguirá igualdade com o homem através do machismo feminino (fazer tudo o que o homem faz), tese ingrata e improfícua que ela defende hoje.

Diferentes que se integram são iguais, porque igualmente necessários; da união resulta uma unidade de espécie superior que é igual às suas co-irmãs que, também, por sua vez, se casam com suas opostas formando unidades ainda mais altas e complexas. Todavia, em cada plano, os diferentes se integram, e, em se integrando, se mostram iguais em valor. Iguais porque diferentes; eis um paradoxo facilmente compreensível, e sem nenhum mistério.

O universo é perspectiva e hierarquia. Em Deus todas as linhas se somam, e seu olho onividente, do centro do triângulo, do ternário tese-antítese-síntese, vê o universo, o topos uranos e o nosso, como diz Ortega, de todas as perspectivas, e se coloca no tope de todas as hierarquias. Deus que tudo vê, enxerga cada plano hierárquico com uma justa e perfeita visão de igualdade, e dispensa a todos segundo suas precisões. Mas quando olha os planos superpostos em visão perspectiva, vê a hierarquia de valores numa gradação em que tanto mais somos, quanto mais pertencemos aos planos que se acercam de si, Deus, que é, a um tempo, Essência e Substância, Sabedoria e A mor.

O homem e a mulher são iguais em valor porque diferentes; porém, se se fizerem iguais, se a mulher se masculiniza e o homem se efeminiza, ambos perdem o valor, se desqualificam, se desigualam. Cristo disse: quem quiser gafihar a sua vida, perdê-la-á; mas quem a quiser perder, ganhá-la-á, e a terá em abundância. Tal com a mulher: a que buscar a igualdade com o homem, perdê-la-á; porém a que procurar ser diferente dele, ganhá-la-á, porque a igualdade não nivela iguais, e sim, diferentes, no âmbito da unidade de espécie superior.

Assim como Deus, a um tempo, é Essência e Substância, ou Sabedoria e Amor, sendo questão ociosa perguntar qual destes dois aspectos da divindade vale mais, também é adequado à mulher ser mais para o lado do afeto, do sentimento, do amor substancial, e próprio dela ser e trabalhar com o que é corpo, com o que é substância. Fazendo-lhe oposição, o homem é talhado mais para a inteligência, mais para trabalhar com as essências, com os conceitos, com o pensamento abstrato. É coerente que a mulher busque ser atrativa de corpo, sua preocupação mor, pois é com o corpo que ela primeiro atrai o homem, e depois, com o corpo, que ela gera e nutre o filho de ambos nascido. A preocupação com a aparência física, e não, com o intelecto; o narcisismo feminino que leva à mulher a admirar-se a si mesma quando se põe frente ao espelho, não deve ser levado a conta de materialidade, e dizer que ela se preocupa com o

corpo, e não, com o espírito. Amar, gerar, nutrir de si um novo ente humano, é também função altamente espiritual, e aquela que procura preparar-se para este ato de suma grandeza, o maior da vida da mulher, não pode ser, por isto mesmo, rebaixada ao nível da matéria que se opõe ao espírito. Acaso o homem é mais espiritual que a mulher, só porque seu forte é a inteligência? No amor reside a força maior da mulher, e o amor é substância, e não, essência. O amor é realidade viva, sentida, quente, física, e não, idealidade pura, gélida, abstrata, pura essencialidade estratosférica, condoreira, luminosa como a aurora, mas fria como a neve. Se o amor não fizesse parte do divino; se a divindade não possuísse substancialidade, então se podia falar da primazia da inteligência sobre o corpo, da cabeça sobre o coração. Mas inteligência e corpo formam o par indissolúvel, ambos de igual valor, e, por isso, não se rebaixa a mulher por cuidar do corpo, e de tudo o que seja corporal, substancial, nem se exalta o homem só porque se ocupa da outra parte, do intelecto que ele, vaidosamente, chama de espiritual. Saiba ele que o espírito desencarnado é uma entidade real que também possui corpo, se bem que de matéria doutra curvatura. Quando a mulher cuida de seu corpo, zela pela geratnz e nutriz do filho; seu ato, então, se envolve do sagrado e divino mistério da maternidade!

Quem gostaria de ter por mãe, a mãe de Schopenhauer, que era intelectual, escritora? Sabendo ela, de Goethe, que seu filho seria um homem célebre, expulsou a este de casa, sob a alegação de que não cabiam dois gênios debaixo do mesmo teto. Schopenhauer respondeu lhe que ela será grande, não pelos romances que escrevia, mas pelo filho que teve. Todavia, esta atitude desumana da mãe, tornou Schopenhauer amargurado para sempre, desconfiado de todos, irredutível pessimista, mesquinho, avarento, egoísta e possesso da mania de perseguição. Que adianta gerar um filho, ainda que brilhante e ilustre pela cabeça, se lhe esteriliza, se lhe seca o coração? Quem gostaria de ter por mãe tal madrasta? Acaso querem os feministas que a mulher se torne, como o homem, num pensador contumaz, numa maquina de propor e de resolver problemas? Quando, cansados do trabalho, retornamos ao lar, é bem que achemos aí uma filósofa engolfada em lucubrações profundas, em pensamentos grandes? Seria desejável que nossa esposa nos olvidasse a presença, que estivesse despreocupada do corpo como um Sócrates que sempre tinha em desalinho, descuidada a túnica, para não dizer lustrosa, ensebada? O filósofo não se cuida, que outra é sua ocupação, e por isso há de haver quem o lembre do banho, da barba feita, da roupa decente, de que a mesa está posta para o almoço ou para o jantar.

O filósofo, o cientista, o escritor, o artista, sobretudo nos momentos de alto labor criativo, não comem à hora certa, levantam-se de noite, no meio de seu sono, para anotarem certas coisas que reputam de grande valia,... coisas assomadas à consciência, vindas do abismo profundo do inconsciente. Neste laboratório muita coisa se cria, e o resultado final, a síntese, aflora à consciência sob a forma de lampejos de intuição. Vez por outra, no meio dum passeio, no teatro ou no cinema, uma idéia nova aflora, e é preciso aproveitá-la. O próprio ambiente prosaico suscita tais idéias: aqui é um Newton que, vendo cair uma maçã, descobre a gravitação universal; ali é um Kakulé que, enxergando numa placa de estalagem vários anéis entrelaçados, concebe a estrutura das fórmulas da química orgânica; acolá um Descartes observa rodar um redemoinho, e intui a imagem do elétron como turbilhão. Mozart, andando de coche, estava sempre a rabiscar suas notas musicais, pois que o talento, o gênio, é uma obsessão. E que a mulher compreenda tudo isto, e não se revolte com o aparente descaso do marido, e que ainda o ajude, é prova de suma grandeza dalma. A infelicidade conjugal de quase todos os homens de gênio, reside em que suas esposas nunca foram também gênios na sua esfera própria que é a do coração. Mas quando,

por um "feliz acaso", dois destes gênios opostos se conjugam, como foi, segundo entendemos, o casal Cune, então aí temos o protótipo de como serão as uniões futuras dos que demandam o topos uranos. Graças a Deus que a mulher se opõe ao homem, preocupando-se ela com o corpo, com o filho, com o marido, com o irmão, com o pai e com a mãe já velhos, necessitados de amparo, de carinho. Eis, aí está, sua grandeza que homem nenhum pode igualar, e é sensível questionar sobre o que vale mais, se a inteligência, ou se o coração; sobre se Deus é mais como Essência pura, ou se é mais como Substância-Luz-Amor.

Isto posto, isto assentado, que faz a mulher em sua luta liberticista e igualitária? Pois declara ser igual ao homem, não por diferença, mas por identidade com. ele. Quer ser intelectualista, quando é insuperável no amor; veste-se à masculina, assume atitudes varonis, refere-se à sua independência a todo o instante, copia, macaqueia o homem, esvazia-se de mulher, seca-se como fonte da vida, desqualifica o amor! Se todo o instante vive em função do homem que toma por modelo; se sua referência é o homem. como é livre? como é igual? A mulher é, em si mesma, sem referencia ao homem! Ela é, naquilo que nenhum homem pode ser. Naquilo que ela tão espontaneamente é, de maneira inigualável, a não ser por outra mulher, reside todo o seu valor, base natural da sua igualdade com o homem. Ela é igual ao homem porque diferente, e não porque é igual; entendamos o paradoxo que é claro, axiomático, evidente por si mesmo. O que o homem tão encarecidamente espera da mulher, para ela tão fácil, não é que ela seja homem, como ele é, que isto o repugna, porém que seja mulher, como Antígona a dizer-lhe: -- "eis-me aqui, não para odiar mas para amar!"(Fritz Kahn, O Corpo Humano, vol II, 502). E fale ainda Fritz Kahn:

"Comparando-se (pelos métodos modernos) um só encéfalo masculino com um feminino, não se poderá dizer qual o de homem e qual o de mulher. Mas pesando-se 100 encéfalos masculinos obtém-se, como peso médio, 1.450 gr, enquanto o encéfalo feminino pesa, em média, 1 250 gr. A diferença de peso é, pois, sensível, não sendo devida as menores dimensões do corpo feminino, pois já existe por ocasião do nascimento: só pode ser explicada pelas diferenças biológicas entre homem e mulher. O menor peso encefálico é um caráter sexual secundário da mulher e, como os demais caracteres sexuais secundários, ele será tanto mais evidente quanto mais típicos forem os caracteres sexuais do indivíduo. As mulheres com encéfalo e inteligência do tipo masculino, longe de ser as melhores sob o ponto de vista do matrimônio e das finalidades culturais, são mulheres inferiores, pois a natureza fez a mulher diferente do homem: enquanto este é um ser cerebral, aquela é mais um ser de tronco cerebral. A força da mulher não reside na capacidade funcional de seu córtex cerebral mas na do tronco cerebral, no domínio do instinto, do sentimento, do cuidado com a multiplicação da espécie e com a descendência, no amor materno e na capacidade de sacrifício. A genialidade da mulher reside na região do tronco cerebral ou, como se diz, no coração, não sendo um gênio no sentido da produção científica, técnica e artística. Como mostram casos isolados, nesse domínio o que lhe falta, é não a capacidade de colaboração e o valor médio, mas a verdadeira força criadora. As muitas discussões a esse respeito constituem apenas tempo posto fora. A história das atividades produtivas e até mesmo da religião - que é por assim dizer a ciência do coração - não contém nomes de mulheres criadoras, nem mesmo uma única cuja reputação ultrapassasse um século. E isso embora em todas as épocas florescentes da civilização, como Atenas, Veneza, Florença, Weimar e nas cortes das grandes governantes como Elizabeth, Cristina, Catarina, a mulher tivesse liberdade plena para tomar parte em todos os debates mentais. Outro argumento decisivo é terem as mulheres permanecido completamente improdutivas no seu campo mais peculiar de atividades: artes

domésticas e culinária, obstetrícia, enfermagem, ensino infantil, modas, cuidados de beleza, dança e teatro. Na obstetrícia é aos homens, embora dela excluídos durante séculos, que se devem os principais progressos; ha cozinheiros célebres mas nenhuma cozinheira famosa e se a mulher sabe vestir-se bem os "criadores" de modas e penteados são homens.

"Toda a discussão sobre esse assunto terminada amigavelmente quando os homens, e especialmente as mulheres, verificarem que o valor de uma classe humana e sobretudo de uma só pessoa não é determinada apenas pela capacidade criadora. Esta é apenas um dote vantajoso de muitas pessoas e sua ausência nas mulheres é de tal modo equilibrada por outros dons igualmente preciosos e especificamente femininos que não se pode falar de uma inferioridade geral da mulher. O homem é um gênio cerebral, a mulher um gênio do tronco cerebral e cada qual não pode ser igualado pelo outro em seus dons específicos. O homem é grande pelo que intelectualmente produz para fora; a mulher tem idêntica grandeza interna, moral e com isso ela é o indispensável complemento do homem e do mundo. Ela é infinitamente grande não como médica e pintora mas como Raquel, tronco de uma raça, e como Penélope, esposa fiel, como Antígona, que passava entre os homens amando e não odiando, como Aspásia, que não se envergonhou de chorar ante os juizes por causa de Péricles, o chefe de Atenas, como Cornélia, a mãe dos Gracos, ou Letícia, a mãe de Napoleão, que como mulher igualava a grandeza de seu filho como conquistador. Quem possui mãe conhece a tranquila e irracional grandeza feminina, que nenhum dom masculino ultrapassa e não deseja que a mãe de sua juventude e a companheira de sua vida sejam mulheres masculinizadas e intelectuais mas sim aquilo que vale tanto ou mais que o melhor e o mais produtivo dos homens: uma verdadeira mulher"(Fritz Kahn, O Corpo Humano, 277-279).

Victor Hugo já dizia que "o homem é a inteligência, e a mulher, o coração". Não quer isto dizer que a mulher não possua também inteligência. e que o homem seja destituído de sentimentos. Mas o tocio do homem mostra logo que para o trabalho rude e para a intelecção é talhado. no passo que a mulher. já no porte, já nos gestos, mostra doçura. gentileza e afeto. Ortega afirma que o homem vale peio que faz e a mulher, pelo que é. O comportamento do homem e da mulher foi gravado pela natureza desde o berço da vida. "Desde as eras primitivas. cédula seminal e óvulo são símbolos imutáveis dos dois sexos: a fêmea passiva, esperando, aliciando; o macho, móvel e agressivo, procurando, fecundando"(Fritz Kahn, O Corpo Humano, 11, 65).

Não há, pois, pender para o homem nem para a mulher, em discussões estéreis sobre se o homem vale mais. Esta doutrina que expomos esta fundada na natureza, na ciência, na lógica, e não vai ser a revolução industrial de uma era técnica que irá mudá-la. As mulheres modernas, como o homem, estão acometidas da psicose do tecnicismo; elas, como nós outros, se converteram em "homines technici"; elas são, também, "uma espécie nova de homens com um modo de pensar muito diferente do dos seus antecessores"(Fritz Kahn, O Corpo Humano, 11, 328). Trata-se apenas de um episódio insignificante da história, face ao eterno, universal e verdadeiro binômio de opostos a se harmonizarem no seio de quaisquer unidades.

Entre as reivindicações feministas está a que se refere à "cabeça do casal". Até aqui foi o homem; mas a mulher pleiteia o direito de ser também cabeça. Este problema, para nós, já nasceu morto, porque, na natureza, não há essa teratologia de algum ser possuir duas cabeças. Sendo a família um ser, terá que possuir uma só cabeça. E o argumento relativo às duas cabeças é o mesmo dos metafísicos bizantinos, quando, por mero prazer de discutir, supuseram o que seria do mundo se, em vez de um, houvesse dois deuses. Então dá nisto: ou os deuses são solidários, e

se tornam em um, ou são antagônicos, e mutuamente se aniquilam. Modernamente, poder-se-ia supor uma terceira colocação: os dois deuses contrários se harmonizariam numa unidade de espécie superior, como acontece com todas as demais unidades, sem nenhuma exceção. Então, Deus seria essa última unidade resultante.

Seria necessário transportar este argumento para a família humana? Que? Duas cabeças? Então, isto: "Cortou-se uma hidra, de modo que lhe crescessem duas cabeças, mas o estômago fosse comum. Deixando-a passar fome, quando se lhe dava alimento, as duas cabeças brigavam. Ignoravam que possuíam um só estômago. Quando, porém, uma delas acabava de comer, a outra acalmava-se, porque também se sentia "saciada"(Fritz Kahn, O Corpo Humano, 190). Ta1 qual: brigam as cabeças por obter o bem comum da comunidade familiar; no entanto, alcançado este objetivo, ambas partes, marido e mulher, se dão os parabéns. As duas cabeças da hidra disputavam da nutrição a posse, até que uma vencia a outra, se apoderava do alimento; mas a outra que ficava de fora, sem comer, sentia-se, também, saciada. Logo, seja cabeça o homem, seja a mulher, o resultado final é o bem da família que a ambos congrega.

Por qualquer caminho, a cabeça tem que ser uma, e não, duas. Logo, seria mais coerente que a mulher reivindicasse o direito de ser a cabeça do casal... Mas, qual deve ser a cabeça? Platão já dizia, em "A República", que se a mulher se mostrar apta para exercer os mais altos cargos públicos, que os exerça; em contrapartida, se algum homem servir somente para lavar pratos, que o faça, pois para isto o destinou a Providencia. Contudo, não se vá supor que isto é uma concessão de Platão à mulher; é um desafio de quem achava que os filósofos deviam ser reis, ou os reis, filósofos; e que ainda anunciava ser possível a uma alma de homem decaída, reencarnar-se, como castigo, em corpo de animal ou de mulher, Não dista ele nisto nada de Aristóteles para quem a mulher é um homem inacabado. Platão nunca admitiu fosse capaz, a mulher, daquilo para o que não foi talhada, ao escrever: "Já sabemos que diversidade de natureza implica diversidade de função"(Platão, A República, 198). Mas qual, então, deve ser a cabeça?

Quando foi perguntado a Alexandre, moribundo, a quem deixava seu império, respondeu: "Ao mais digno". Esta é uma resposta pechblenda, porque todos se julgam dignos de mandar. Pois que fique em pé o desafio de Platão: se a mulher se mostrar capaz para o mando, que mande!... Mas que seja ela provado, não nos períodos de paz, em que a história se desenvolve, longo tempo, com infundável e monótona rotina; seja ela provada nos períodos revolucionários e convulsos, que é quando chovem os problemas de toda a espécie. Ser delegada de polícia quando tudo está em ordem, e o trabalho se reduz a ouvir, sentada, às queixas sem fim de vizinhos rixentos, ou o relato das brigas de lavadeiras, é fácil. Seja delegada de verdade, vista-se à masculina, meta um revólver no coldre, e com as mãos empunhe um fuzil, passe dias no mato dormindo em barracas de campanha, e, deste modo, que é o certo, comande os soldados na captura vivo ou morto de um Lampião. Ser promotora ou advogada para competir com a massa infundável de colegas medíocres, é fácil. Mas pode surgir no seu caminho um grande tribuno, um ardiloso sofista, um gladiador embatível da razão - que os grandes nisto são homens - e aí é que se evidencia que tais funções não se adequam às mulheres. Que se avenha, então, agora, o direito positivo para legislar sobre esta questão... que o direito natural já resolveu desde sempre: o mais apto é o que manda. Se forem assalariados dez homens para derrubar um matagal, em uma semana aparecerá no meio deles um chefe que é consultado até pelo dono do serviço, que manda no serviço, mas não, na sua execução. Ora, assentado que a cabeça tem de ser uma, e não, duas, ou comanda o homem, ou comanda a mulher.

No entanto, comandar não é idêntico a mandar, porque, quem manda, o faz sozinho, discricionariamente, deliberando, sem ouvir o parecer de ninguém. Por isso é que quando há só mando, o mandado é escravo. Não obstante, o comando implica conselho e audiência com os subalternos, daí o comando ou mando com... Etmologicamente comandar vem de com e mandar, e por isto, na velha ortografia, se escrevia, com mm. A decisão suprema toma-a o chefe, mas não sem primeiro ouvir as partes. O general comanda, o Presidente da República toma deliberações após ouvir os seus ministros e as comissões; o Papa assina e dá dignidade à Pastoral elaborada pelo conselho de cardeais. Quando é, então, que há só o mando? Pois há de ser, somente, quando quem obedece não tem capacidade, ou está impedido de ajudar a resolver e a decidir. Um idiota, se pode fazer alguma coisa, terá de ser somente mandado. Tal, também, com um hipnotizado: tente o hipnotizador consultá-lo sobre alguma coisa, e verá que ele está impedido de resolver; terá, portanto, de apenas ser mandado; e se acontecer de ele reagir a alguma ordem, contrária aos seus princípios, jamais dirá o porque da sua rebeldia.

Antigamente havia a cabeceira da mesa... o lugar distinto de quem manda. Hoje, com a democracia, há a mesa redonda dos pares com os quais o chefe se confunde. E conta Cervantes, no seu "D.Quixote)", que certo nobre recebeu em sua casa um plebeu. Ao sentarem-se à mesa, o plebeu teimava que o nobre devia estar na cabeceira, e não, ele. A insistência do plebeu continuou até o ponto em que o nobre, enraivado, lhe gritou: "- Sentai-vos, palúrdio, que o sítio em que eu me sentar, seja onde for, fica sendo a cabeceira!".(Cervantes, D. Quixote, 2, 203)

Fora casos como estes, não há mandados, e sim, comandados. Aqui, outra vez, a mesma distinção: o que comanda também é comandado; também obedece ao estabelecido pelo conselho que reuniu para o estudo do assunto. Então o chefe comanda com... os subordinados que o aconselham, e estes são comandados com o chefe, porque não estão sós na obediência, visto incluir-se nela o chefe que também terá de obedecer. Se o presidente de uma nação, estando a passear em seu automóvel, infringir uma determinação do Código de Trânsito, e for, por isto, advertido por um simples guarda, terá de acatá-lo, submisso; porém se, embravecido, por ser quem é, desautorar o guarda, nesse ponto terá praticado uma contravenção que se chama abuso do poder. Tal, a força da lei que o mesmo presidente, ou outros em seu nome, ou por sua ordem, sancionou. Eis aí como duas ou mais cabeças solidárias são uma! Por conseguinte, de Deus abaixo, não há sulíremo mando, nem extrema obediência, que todos co-mandamos e co-obedecemos. Não obstante, terá de existir sempre uma cabeça responsável pela ordenação; todavia, se uma determinação de um chefe for flagrantemente, sem sombra de dúvida, absurda, ou ilegal, ou imoral, o subordinado pode e deve desobedecer; e isto está estabelecido em lei. Deste modo, a mulher já co-manda com o marido, como conselheira deste no que sabe e pode opinar, e o marido é co-mandado com a esposa, naquilo que ficou resolvido em comum. Porém, uma só é a cabeça que deve dar a decisão final.

"A vida criadora (diz Ortega) é vida enérgica, e esta só é possível em uma destas situações: ou sendo quem manda ou achando-se alojado em um mundo onde manda alguém a quem reconhecemos pleno direito para tal função; ou mando ou obedeço. Mas obedecer não é aguentar - aguentar é envilecer-se - mas, pelo contrário, estimar quem manda e acompanhá-lo, solidarizando-se com ele, situando-se com fervor sob o drapejar de sua bandeira".(Ortega y Gasset, A Rebelião das Massas, 212-213)

Acaso é isto ser antifeminista ou feminista? Pensar e sentir isto não é estar coerente com a verdade que não pode ser nem uma nem outra oposição isolada, e sim, a síntese de ambas? Mas para quem, feminista, defende a igualdade de função, total

ou parcial, entre homem e mulher, para esse, ou contra esse, já se fez ouvir a fala de Pelório! Põe, este, os homens, de sobreaviso contra os abusos que podem praticar as mulheres... numa reação natural contra os abusos praticados contra elas, no passado. Pelório passou a vida azucrinado pela prepotência de sua mulher, que isto é o mandonismo, a mania de mandar. Mas de que abusos as mulheres foram vítimas, de que, elas, se querem safar?

Ora, o método histórico, o método com que se escreve a história, sobretudo nos períodos de revolução ou crise, é o ensaio-e-erro animal. a que Hegel deu o pomposo nome de tese, antítese e síntese. Quer dizer: faz-se uma coisa, tenta-se por um caminho que se supõe seja o verdadeiro (tese). Após o malogro, toca-se a fazer exatamente o inverso, o oposto (antítese). Verificado que, por aqui, também não se chega ao resultado almejado, procura-se o que há de bom, de verdadeiro, na tese e na antítese, e assim é que se constrói a síntese. Porém, esta síntese, ponto final do movimento histórico anterior, é a tese do movimento sucessivo que provoca outra antítese, e depois outra síntese. Apliquemos isto ao caso em lide:

Houve um tempo em que estávamos na época agrária. Nosso pai era, então, o patriarca que mandava e desmandava, certo ou errado, sobre todos os filhos, e sobre a mulher. Se, como diz Machado de Assis, "a melhor maneira de se apreciar o chicote é ter-lhe o cabo na mão", a pior forma de conhece-lo, é ter-lhe a guasca no lombo. E: quase todos nós, que já não somos moços temos esta experiência sumamente desagradável da época patriarcal agrária. No entanto, com a época da industrialização ora vigente, a autoridade do patriarca perdeu o sentido. A tese (regime patriarcal) seguiu-se a antítese (industrialização). Como agora ninguém manda em ninguém, nem pode, sem mais nem menos, usar o relho; como a mulher pode ser dona do seu dinheiro e do seu emprego, surgiram os movimentos de libertação feminina. Ser antifeminista, por conseguinte, é pretender retornar ao passado, à tese irreversível do patriarcalismo. O ser anti-alguma coisa é atitude retrógrada de quem, saudosista, quer impor o anterior ao posterior, o passado ao presente. Ser anti-cristão é adotar a mentalidade farisáica dos que combateram o Cristo. O cristianismo poderá vir a ser anti ou contrário ao que o supere, se isto for possível. Quando o comunismo se declara anticapitalista, mostra-se numa posição que antecedeu ao capitalismo (Ortega), e que, portanto, não pode vencê-lo. Na era pré-capitalista, os nobres eram donos de tudo, e o povo, escravo. Pois se o comunismo é anticapitalista, então, o Estado comunista, assim como os reis antigos, é dono de tudo, e o povo, de nada. O "Estado sou eu", já exclamava, inchado, o absolutista Luiz XIV. E quem é o Estado em Cuba? quem, na Rússia? quem, na China vermelha? Digam-nos os campos de concentração, de trabalhos forçados, onde se é condenado a uma lenta agonia, a um aniquilamento contínuo que culmina com aquilo a que os oligarcas vermelhos chamam, eufemicamente, de "morte natural"... Fora mais vantajoso, a quem morre desta morte, ser fuzilado!... A mesma Bastilha que caiu, um dia, na França, ergue-se agora, multiplicada, nos países comunistas. Verdadeiramente, o comunismo é o anacrônico anticapitalismo, uma aflitiva e danosa revivescência do passado nos tempos modernos, fadado a cair, porque já foi vencido antes, e caiu, um dia, com a queda da Bastilha! A Revolução Bolchevista não foi, a bem dizer, Revolução no sentido de ir por diante como a Revolução Francesa; foi uma "Revolução" de tornar atrás; foi uma usurpação do poder por aqueles que protestavam contra a opressão do povo, para que só eles, e não outros, pudessem oprimir e tyrannizar. Quem estava embaixo não tinha nada, e agora continua como dantes..., conquanto lhe digam que é dono de tudo!...

Então, a tese representada pelo regime patriarcal, como antifeminista, reage à libertação da mulher que é a antítese desenvolvida pelo movimento feminista resultante da industrialização. Como, conseqüentemente, será a síntese?

Pois será o regime vindouro em que, superada a fase de industrialização e da técnica, ora em elaboração, o homem se voltar para as conquistas do espírito com a vigência da filosofia exposta nesta obra, ainda que este livro não possa ser editado, e seu original sirva de pasto às traças e de ninho aos ratos. Isto não é impossível, pois Mendel estudou dez anos as suas ervilhas, depois do que formulou sua teoria genética em três leis. Todavia, das quarenta academias e dos expoentes da ciência de seu tempo para os quais enviou seus escritos e fórmulas matemáticas, não recebeu nenhuma resposta. E por que? "Não porque o trabalho fosse mau, mas porque ninguém conhecia o seu autor".(Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 334) Tinha razão o padre Vieira quando, há trezentos anos, escreveu: "Não basta que as coisas que se dizem sejam grandes, se quem as diz não é grande. Por isso os ditos que alegamos se chamam autoridades, porque autor é o que lhes dá o crédito e lhes concilia o respeito. As proposições filosóficas, para serem axiomas, hão de ser de Aristóteles; as médicas, para serem aforismos, hão de ser de Hipócrates; as geométricas, para serem teoremas, hão de ser de Euclides. Tanto depende o que se diz da autoridade de quem as diz. Dizer-se que a pintura é de Apeles, ou a estátua de Fídias, basta para que a estátua seja imortal e a pintura não tenha preço. Mas esse valor e essa imortalidade a quem se deve? Mais ao nome que ao pincel de Apeles mais à fama que à lima de Fídias. E o mesmo que sucede ao pincel e à lima, é o que experimentam, igualmente a voz e a pena. Se o que diz é Demóstenes, tudo é eloquência; se o que escreve é Tácito, tudo é política; se o que discorre é Sêneca, tudo é sentença. Talvez acertou a dizer o rústico o que tinha dito Salomão; mas no rústico não merece ouvidos, em Salomão é oráculo. De sorte, como dizia, que não basta que as coisas que se dizem sejam grandes, se quem as diz é pequeno. Elas hão de ser grandes, e o autor também grande - Sermão IV do Rosário.(Vieira, Sermões, 8, 145)

Tal, o que escreve Vieira; tal, o que sucedeu com Mendel, Adams e outros. Mas não importa: a idéia, essa é a que vale; não este livro, nem seu autor. Com ou sem o conhecimento desta obra, este é o caminho a ser trilhado, e um mundo novo surgirá em que a mulher, esta eterna colaboradora do homem, se incumbirá do maçante trabalho de repetição, próprio das secretárias das coadjuvantes dos chefes, das rotinas médicas, da enfermagem, do ensino em todos os seus graus, reservando-se o homem para as aventuras do pensamento, para todas as conquistas que, tornadas ramerrão, podem ser entregues as mulheres. Tudo o que somos (se é que somos alguma coisa) disse João Hipolyto Martins, a quem esta obra foi dedicada, devemos à nossa esposa e companheira de todas as horas. Todas estas letras foram por ela datilografadas de permeio a todos os seus encargos de genitora, de funcionária, de zeladora de sua mãe paraplégica. Criar com a pena é fácil; é uma "necessidade fisiológica", como dizia, de si, Guerra Junqueira. O coração e a mente inflamados de uma paixão que nos arrasta e nos causa gozo, fazem voar a pena; porém seu vôo é mover de tartaruga face aos lampejos da intuição que longe penetram como fulminosos raios. Ainda há prazer quando refazemos todo o trabalho ao som mavioso dos acordes de Corelli, de Vivaldi, de Mozart e de Bach. Depois disto, a obra estaria perdida para sempre, se tivéssemos de a datilografar, tal o tédio que nos causam os trabalhos de rotina. Pois aí é, então, que se evidencia a grandeza e o valor da mulher: nossa esposa Odila faz este enfadonho trabalho; por incrível que pareça, o faz, e ainda, com entusiasmo, com alegria. Com prazer ela datilografou as falas do Pelório, sem nunca sentir que aquela crítica dura, desapiedada, lhe dissesse respeito. Ela, todo o tempo, se manteve acima

da crítica que, por isto mesmo, nem de leve a tocou. E, como ela, há milhões e milhões de mulheres que a critica olvidou, de propósito, com o fim premeditado de chocar, e isto, por três válidas razões: a primeira é que esta omissão seria tratada neste capítulo; a segunda, a missão do filósofo, como a do profeta, é ser contra... a doxa (opinião vulgar), daí que sua doutrina é para-doxa, donde paradoxo. Como o feminismo é onda, fazia-se preciso ver o que há de errado nessa doxa, a fim de mover-lhe oposição (paradoxo). Profetiza contra o meu povo, dizia Deus; e fala e prega contra a doxa, se aspira ser filósofo, pensava Platão e escreveu Ortega. A terceira razão, decorrente desta última, também procede da observação histórica de que duas condições são necessárias para que uma obra tenha aceitação: há de chocar os espíritos, e o assunto tem que estar no ar. E este triplo fim, em cheio, foi atingido. Guardadas as devidas proporções, assim como o grande Vieira, sem desdouro o dizemos, teve o seu quase feminino colaborador, o padre Soares que, respeitoso, se mantinha em pé, ao receber os ditados dos "Sermões, nós também tivemos, para a feitura deste livro, o auxílio valioso da nossa companheira de sempre.

Como se vê, nossos escritos não são apenas diletantes vôos literários, efeitos de retórica, agudos e austeros raciocínios, pensamentos grandes, ambiciosos, frias lucubrações que olvidam a terra distante; eles são o resultado, não só de infundáveis leituras, mas, sobretudo, da experiência da vida, do amor vivo, ativo, aconchegante, da observação de quem, havendo transposto mais de meio século de existência, fala, agora, do que enxergou no seu contorno social, do que sofreu na própria carne, do que mil vezes repensou na mente, do que sentiu e ressentiu no coração.

A filosofia jamais nos foi uma evasão da terra, uma fuga para o Alto, uma suposta e ilusória libertação da vida, uma pura contemplação metafísica; ela nos foi o tríplice arpéu de ferro que arremessamos para o Céu, solidamente cravando lá seus ganchos, para a escalada, ficando pés firmes nesta vida, qual alpinista que, suspenso pela corda, se agarra com os pés e com as mãos na rochosa montanha. A corda nos sustém de cima; porém o chão, a terra é a rocha em que nos firmamos para subir, trabalhando com a cabeça, com as mãos, com os pés na ascensão difícil. E essa corda, como a conseguimos? Pois foi procurando, sem descanso, na confusão do mundo, com a ciência, com a razão, com nosso olhar deslumbrado de coruja, os fios da verdade com que cochamos a corda do arpéu ao Céu lançado. Daí que, sem os esforços, suores e lágrimas desta vida, vazio e inútil será O filosofar! Assim o entendia Platão: como ele, pensamos nós.

O regime vindouro, o da síntese, será aquele em que o homem e a mulher se hão de dar as mãos em amorosa colaboração, se hão de considerar, reciprocamente, iguais, porque diferentes; iguais, porque igualmente necessários; e igualmente necessários, porque diferentes. Iguais na importância, iguais por justiça, e diferentes por função. Diferentes; e porque diferentes, por isto mesmo, iguais.

O que é, logo, a igualdade? É a diversidade considerada num mesmo plano ou nível. E a desigualdade, então, o que é? É a diversidade considerada sob o ponto de vista hierárquico. A desigualdade é a hierarquia dos planos organicamente superpostos de modo que os mais altos coordenem, congreguem e integrem os inferiores na unidade. A igualdade é o horizontalismo fixado pelo nível de pedreiro, no passo que a desigualdade é a posição vertical que o fio-de-prumo determina. Os diversos, se pertencem ao mesmo plano ou nível, são iguais; contudo, se pertencem a níveis e planos diferentes, são desiguais.

Homens e mulheres, indistintamente, são iguais entre si, porque todos pertencem ao mesmo plano ou nível. No entanto, as famílias são-lhes unidades superiores, visto que os congregam. A sociedade, integrando famílias, é-lhes superior. Acima da

sociedade está o Estado e, depois, a Humanidade-Estado ainda em embrião. Partindo-se do vórtice eletrônico e do próton, outra cadeia ascendente se consegue, culminando no universo físico, material, de um modo, e de outro modo, em todos os viventes, sobretudo os que amam e pensam. O universo material, o só físico, é arqui-gigantesco, mas "simples" (?)... em comparação com o outro universo, o homem, que é minúsculo, porém, complexo. Todavia, o Universo total é o topos uranos... cuja imensurável esfera tem, por dentro, como núcleo, este nosso universo físico, vital, mental e moral; aquele tudo integra na unidade.

Esta intuição intelectual mostra a estrutura do Universo total. Trata-se de uma intuição da realidade, da coisidade, da substancialidade do Universo. Porém, a visão do universo como essência, como forma, como lei, é uma abstração, e as abstrações não podem ser representadas, por isso é que são abstrações e não, imaginações. Um exemplo para esclarecer:

Galileu observou os corpos em movimento no espaço; esta experiência física, objetiva, se chama intuição sensível. Depois ele, sentado à sua mesa, fechou os olhos... e continuou a enxergar os corpos em movimento no espaço, porém, agora em imaginação. Esta representação imaginativa correspondia, exatamente, a realidade objetiva. Num terceiro momento, Galileu, ainda de olhos fechados, começou a perceber as relações entre os corpos, espaço e velocidade. Finalmente estabeleceu essas relações em princípios e fórmulas matemáticas.

No primeiro momento, a realidade foi vista com os olhos da cara; no segundo, foi enxergada com os olhos da imaginação; no terceiro momento, por abstração, já sem imagens, foram intuídas as leis do movimento; estas leis já não podem mais ter representações pictóricas, e sim, somente, têm que ser apresentadas por enunciadas, e por fórmulas. No primeiro momento Galileu observou a realidade físico que é substancialidade, espacialidade e temporalidade; no segundo, ele imaginou essa realidade física no seu mundo subjetivo, ainda como substancialidade, como espacialidade e como temporalidade; no terceiro momento, com a descoberta da relação, da essência de tudo, as leis, acabou-se a substancialidade, a espacialidade, a temporalidade, e, com estas, desapareceu a possibilidade de representação subjetiva. As essências, porque são imateriais, insubstanciais, inespaciais, intemporais, incausais, sem polaridade, não podem ser representadas, figuradas, imaginadas, e por isto se chamam abstrações. As essências são abstratas, irrepresentáveis; porém (eis o ponto), a relação das essências, o modo como elas se organizam, isso já pode ser, de novo, figurado; só que esta figuração só existe em nosso espírito, e não, como realidade lá fora. Pois esta tarefa, agora, vamos empreender, porque, embora difícil, não é impossível.

A diversidade de leis e princípios menores, vai-se convergindo, unificando, das orlas para o centro, como num leque em que todas as varetas de sustentação se juntam no cabo. No entanto, o leque nos dá uma visão planimétrica, e, em verdade, esta imagem tem que ser volumétrica, como uma pirâmide cujas arestas se convergem para o vértice. Por concatenação de idéias, podemos representar, agora, a essencialidade de modo ainda mais completo: as pirâmides, como os pinhões, podem reunir-se pelos vértices, formando uma pinha esférica, de modo que, no centro comum, esta a Unidade absoluta que tudo congrega no Universo formal.

Eis duas intuições opostas do Universo: como substancialidade, o topos uranos envolve e penetra o nosso universo, e é envolvido e penetrado por Deus-Substância, ou Deus-Luz-Amor. Deus, então, sob este aspecto, é descentralizado ao infinito, não havendo, aqui, a idéia de Deus foco limitativo e prisioneiro dum ponto. Entretanto, como Lei, como Essência, como Forma, Deus é Uno, representado pelo cabo do leque,

pelo vértice da pirâmide, pelo centro da pinha. Como Essência ou Lei, Deus é Um, e está no centro donde tudo comanda. Como Substância ele está na periferia que envolve e penetra o topos uranos que tem por centro este nosso universo, na ordem descendente: moral, mental, vital e físico.

Deste modo se resolve o magno e velho problema metafísico que: fazia a idéia de Deus contraditória. Se ele é um foco para onde tudo se converge, como é infinito? Foco é limitação num ponto, o centro duma esfera; e se Deus se acha confinado assim num ponto, representando o aprisionamento em seu grau extremo, como, logo, é livre? como é infinito? Se é livre, infinito e ilimitado, não é focal, não podendo ser buscado no centro, e sim, na periferia. Como conciliar estes dois opostos, tese e antítese, na síntese?

Pois Deus é Uno e focal como Lei, como Essência, como Forma, e Infinito, descentralizado, como Substância-Luz-Amor que envolve e penetra o topos uranos o qual, por sua vez, envolve e penetra o nosso universo. Tudo o que, em nosso mundo, representa ordem, harmonia, beleza, alegria, conexão, Eros, é penetração no nosso meio e em nós do topos uranos. Eis a participação de que nos fala Platão; porém, o Caos também participa; daí que tudo o que neste mundo for desordem, desarmonia, fealdade, sofrimento, desunião, anti-eros, representa a porção ainda invertida, remanescente do Caos primeiro em que parte do mundo resplandecente se esfacelou. Para aí caiu: ai, o centro substancial, onde está Satã pulverizado no Caos medonho, de onde, agora, nosso universo vem surgindo, pouco a pouco, por evolução, na ordem ascendente: físico, vital, mental, moral. Mas na esfera das essências, tudo se converge para o centro, para a máxima generalização, onde está Deus-Essência o qual, como premissa primária, permite sejam deduzidas todas as consequências, como faziam os filósofos absolutistas Fichte, Shelling e Hegel, ou para o qual tudo se converge como fez Platão, e fazemos nós.

Face a esta doutrina, é erro dizer que "Deus é um foco de Luz", porque, como Luz, como, Substância que tal é a Luz, Deus se nos mostra infinito, e não, confinado a um foco. Diga-se, e é certo dizer, que ele é um oceano infinito de Luz-Amor incriados, quando considerado como Substância. Não obstante, como Essência, ele não pode ser infinito, porque infinito implica a idéia de espaço, e a Essência divina, como quaisquer outras essências, é inespacial. Daí que Deus, como Essência, pode ser representado como que punctiforme (o ponto não tem extensão), o centro da pinha ou da esfera de conceitos, a premissa primária, sem antecedentes, de que tudo se deduz por análise, ou a que tudo se converge, por síntese.

Nessas duas visões, a da Substância pode aparecer como figura em nossa imaginação, e essa imagem refletida ou representada corresponde à realidade efetiva, à realidade "in concreto", à realidade como ela é. Já a outra visão, a da Essência, não passa de mero recurso imagético para representar uma construção abstrata. "In abstracto", a Essência (como quaisquer outras) não pode ser imaginada ou figurada em si mesma; somente por relação de essências chegamos a ela, por um encadeamento, agora, este sim pode ser representado pelo leque, pela pirâmide e pela pinha de conceitos. Deste modo, a primeira imagem do Universo, como se refere à coisidade, à realidade, é válida pelo que ela representa. Já a segunda imagem, a da Essência, essa é só subjetiva, sem realidade exterior, mero recurso para transmitir um conceito, uma abstração, uma idealidade, uma intuição racional. Dito isto, feita esta explicação, agora podemos jogar com as duas imagens, sem o perigo de confusão, ou de parecermos contraditório :

Satanás, entendido como oposto de Deus, está no centro substancial (ponto, pó, nada), e Deus, na substancial periferia. Como essência, o Demo está na periferia, e

Deus, no centro. Na periferia, onde está Satã, a essência, a lei, a forma se fragmenta, se capilariza, se filamenta, se dilui em princípios cada vez mais particulares e menores até o não-ser. A ciência, em buscando a minudência em que a lei cada vez mais se pormenoriza em fios cada vez mais tênues, está indo no rumo do Diabo que, em sua plenitude, é o não-ser. Por isso é que seus adoradores (não executores, mas adoradores da crença, que lhe dão culto) acabam por ficar sem Deus. Deus tem que ser buscado no lado oposto, no da generalização, onde é impossível o emprego do tubo-de-ensaio, da retorta, da proveta do experimentador. O cientista puro indo-se no rumo do particular, com sua análise, anda na esfera abstrata de conceitos do centro para a periferia onde está o Diabo corno negação, como não-ser, como nada essencial, rodeado do seu caos. É assim que, em chegando as partículas mínimas, a ciência tem que se valer da estatística dos grandes números e do cálculo das probabilidades. Ninguém, por isto, poderá saber, de antemão, por quais caminhos andar uma partícula em movimento browniano, nem prever o tempo em que determinado átomo de radium vai desintegrar-se, nem qual o resultado genético da união de um dado espermatozóide com um dado óvulo, ou como foi que a loteria da mutação pode criar as maravilhas da vida.

O bicho-folha e um inseto que, pondo-se no galho cujas folhas imita, sempre foi citado como prova irrecusável do mimetismo. Quando, porém, a ciência descobriu a origem de ambos, a do inseto, e a do vegetal, então, estourou-se a bomba: "a folha animada é mais antiga do que a folha imitada"(Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 272). Que o vegetal tenha imitado o bicho-folha é impossível; que tenha o inseto imitado a folha, não é verdade. Por causa de coisas que tais, por Fritz Kahn estudadas, ele, perplexo, exclama afinal: "Quem dirá que entende? Ainda que Platão, Goethe e Shakespeare aparecessem, de braço dado, bradando: "nós entendemos!", eu não acreditaria. Eles, porém, nem o diriam"(Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 117). Não o diriam, nem o dirão, jamais, nunca, por um motivo muito simples: nesses pontos periféricos da pinha de conceitos, reina o caos, e onde há caos, não há lei que é o fio de Ariadna a nos guiar, quais Teseus, no labirinto. Por esta razão muito simples, "em certo congresso um físico exclamou: "Procuramo-nos explicar reciprocamente algo que nós mesmos não entendemos". Um outro sarcasticamente exclamou: "A física? É difícil demais para os físicos!" Esta afirmação se conservará certamente verdadeira para todos os tempos"(Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 76). Por este motivo muito simples, Fritz Kahn, ao término de uma de suas maravilhosas exposições, declara: "Espero que nenhum leitor que chegou até este ponto, seja bastante ingênuo para supor que compreendeu. Se acreditar ter compreendido é precisamente porque nada compreendeu.(Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 53)

Não adianta, pois, serem gênios os decifradores da Esfinge-Natureza; no caos de que ela ainda participa, não há caminho, nem mesmo para o arquirefulgente entendimento de Deus..., porque, nesse ponto, cessa a vigência de quaisquer leis. Aí Deus não está, como Essência pura ou Lei, e sua Substância, aquela de que formados foram os rebelados anjos, se mostra no seu oposto ainda, no egoísmo separatista e desintegrador. O anti-eros se acha ainda aí a caminho da volta, do desfazimento a que foi reduzida a Substância divina em Lusbel e seus consócios, no mais inteiro, rudo, turbulento e pavoroso Caos. A liberdade que é estar pela lei e com a lei, por livre auto-determinação, aí no Caos se torna em puro arbítrio e anarquia, pelo que cada partícula se faz a si mesma lei. O Caos é o velho Anarca cuja lei é a não-lei, cuja essência é a não-essência, cujo ser é o não-ser.

Os filósofos absolutistas pós-kantianos partiam do Absoluto de que tudo deduziam. Nós, seguindo o processo inverso, o da síntese, ao Absoluto chegamos pelo

juntar dos fios com que cochamos a corda do arpéu ao Céu lançado. Não partimos de regiões aéreas, estratosféricas, para deduzir, mas induzimos a partir do que podemos ver, do que podemos ou supomos poder apalpar. Quando afirmamos que os diferentes, considerados sob um mesmo plano ou nível, são iguais, provamos nossa afirmação com o átomo, com a molécula, com a célula e com tudo o mais do nosso redor. Quando declaramos que os diferentes dum mesmo nível se integram em unidades superiores, fazemo-lo com exemplos do nosso contorno. A hierarquia que se forma, parte de baixo, e quando, por este modo, chegamos ao mais alto Cimo, nossa idéia resplandece com o halo de exatidão. Assim, a idéia de igualdade não nasceu duma afirmação metafísica, de um Deus que, sendo Pai comum a todos os homens, os torna a todos iguais. São eles iguais, porque pertencem a um mesmo plano ou nível, do mesmo modo como, no nível da matéria, elétrons e prótons são iguais por oposição de valores, porém, desiguais, em relação aos átomos que formam. Estes átomos são iguais, entre si, por oposição e contraste, sem o que não se formaria a molécula, o cristal, a rocha, os amontoados siderais, o universo físico. Sem a molécula, não se formaria o vírus, a célula, a micela, os seres vivos, o homem, o gênio, o anjo, o serafim. Sempre por este caminho, se formam as pirâmides as quais, juntadas pelos vértices, nos dão a pinha, a esfera de conceitos. Que é, então, a igualdade? Pois há de ser tudo o que, organicamente construído, se acha num mesmo nível dessa esfera; daí que o nível de pedreiro pode ser o símbolo da igualdade. Coerentemente, a desigualdade é a hierarquia de valores que se estabelece ao longo do raio, o fio-de-prumo que desce da periferia ao centro. Quanto mais as esferas se apertam, se restringem, tanto mais são hierarquicamente superiores, até que, em chegando ao centro punctiforme, unitário, único por excelência, aí achamos Deus como Essência ou Forma. Acaso é isto área metafísica? Ninguém, pois, nos poderá acusar de andarmos nas nuvens, perdidos nas estrelas.

É deste modo que podemos resolver todos os problemas; pois claro! temos-lhes as chaves. A primeira e a principal de todas, é a síntese Platão-Darwin, porque se o primeiro nos deu a involução que é uma evolução invertida, Darwin nos apresentou o quadro da evolução em que somente vencem os bravos, os fortes, os astutos, os mais bem dotadas, sem lugar nenhum para a bondade, para o perdão. A toa não foi que os coevos de Darwin lhe moveram a mais renhida guerra. Sem o querer, na mais santa inocência, na maior humildade, Darwin aplicou um golpe mortal a todas as filosofias, e se as religiões puderam manter-se estacionárias por mais tempo, é porque estavam e estão fundadas na pura fé, na sugestão, na hipnose que não precisa de razões, nem saber para crer. Aberta esta porta, a chave da síntese essencialismo-substancialismo abre outra; depois a síntese realismo-idealismo, outra, e, deste modo, todas as portas vão sendo abertas de par em par, e a luz da verdade pode agora entrar por portas e janelas no grande edifício, iluminando o que outrora era o escuro e confuso.

Platão, por exemplo, escreveu um livro, "A Republica", para resolver o problema da justiça. E que é a justiça? Para nós ela não pode ter os olhos vendados, com sua clássica balança em uma das mãos, a pesar a todos segundo um critério de igualdade absoluta. Tem que ter os olhos bem abertos e olhar de lince, para enxergar, não só a horizontalidade, mas também as hierarquias em superposição vertical. Nem sempre somos todos iguais perante a Lei, ainda que tal se apregoe, porque um mesmo crime praticado por um homem culto e por um ignorante, não pode ser pesado com o mesmo peso; mais cultura, mais descortino mental, exige maior rigor na punição, pelo que se há de por mais peso num dos pratos da balança. A Itália esmagou a Etiópia e foi declarada agressora pela Sociedade das Nações, e apenas contra aquela foram aplicadas sanções de fingida severidade. Esta omissão ou impotência da Sociedade

das Nações encorajou a mesma Itália a prosseguir com seu imperialismo, secundada pela Alemanha que abriu caminho para a Segunda Grande Guerra. Indiretamente, a conquista da Abissínia foi o passo para o caos que depois se viu. Como julgar este crime? Fale Toynbee: "O camisa negra" foi um prodígio de horror, porque pecou deliberadamente contra luminosas noções que tinha herdado, e constituiu uma ameaça porque, para cometer o seu pecado, teve à sua disposição uma técnica herdada que o seu livre arbítrio desviou do serviço de Deus para o serviço do Demônio" (Arnold J. Toynbee, III, 785-786). E aconteceu, depois, que a Itália e a Alemanha pagaram e estão pagando por terem agredido; e o mundo foi punido com a Segunda Grande Guerra, e está sendo punido ainda nas consequências pelo pecado de omissão da Sociedade das Nações. Ninguém é inocente do crime italiano contra a Abissínia, porque todos nos omitimos como se o fato não nos dissesse respeito. Afinal, tudo não passava de uns pobres negros, armados de bodoques, que estavam sendo massacrados neste "século das luzes" (?), pelos da raça do divino (!) Dante, super-armados de aviões, de tanques, de canhões, de metralhadoras e de fuzis. Que tínhamos nós a ver com tudo isso? Pois que pague, agora, cada um, sua parcela neste outro crime grande de Caim.

Deste modo, pesos iguais, quando se pesam igualdades, e pesos diferentes, quando se pesam hierarquias. Todos os anjos rebelados caíram, porém, nem todos se desfizeram no Caos, pois quem era mais no mais, ao cair, ficou menos no menos. Quem, porque pequeno, se achava no pé da escada hierárquica de valores, no seu eixo de rotação, ao girar esta sobre sua base, para se pôr, invertida, em posição antípoda, levou o pequeno a só inverter-se. No entanto, quem estava no tope supremo, com o giro da queda, foi precipitado no mais profundo abismo. Eis, para uma mesma culpa; punições diferentes, porque Deus não pesa somente igualdades, senão, também, hierarquias. Tal a justiça de Deus, espontânea, automática, natural, exata; e, como a dele, terá que ser a nossa, segundo a sentença de Cristo: "a quem muito é dado, muito será exigido"

A justiça, pois, não consiste somente em dar a cada um o que é seu, senão, também, em tirá-lo, quando este seu dá ocasião ao mal. A Itália esmagou a Abissínia? Pois que não cresça, então, a Itália, e antes, diminua, porque demonstrou que seu poderio crescente se põe ao serviço da crescente injustiça. Tal, também, com a Alemanha: que um muro a separe, e seja esse o "muro das lamentações"! Caia e seja nada a Babilônia! Caia e seja nada o Egito! Caia a Grécia! Caia Roma!... pois que hão de ser pó e nada todos os que, homens ou nações, praticarem a iniquidade!

Outro problema? Ei-lo, e é o da hierarquia humana de funções. Estudou, pormenorizadamente, este assunto, Laurence J. Peter no livro "Todo Mundo é Incompetente, Inclusive Você" O princípio de Peter diz que, "Numa Hierarquia, Todo Empregado Tende a Subir Até Seu Nível de Incompetência". Mas, analisando o livro de Peter, verificamos que, em todos os seus exemplos, sem nenhuma exceção, o empregado, ao subir de nível hierárquico, muda de função. Ora, a competência é sempre executiva, funcional; se, pois, o empregado, ao ser promovido, passa a cuidar do que não entende; se sai da sua especialidade, é bem que se mostre incompetente.

Criticando a máxima marxista que diz: "cada um na medida de sua capacidade", o que vale a dizer que cada um terá de permanecer em seu nível de competência, diz Peter: "Isto, porém, é impossível, mas não nos dá o porque deste impossível; e se fala em termos de ciência, tem que dar o porque, para não ser dogmático. Pois aqui está: o ideal de uma sociedade perfeita exige que a executividade efetiva determine o ser; o ser é porque faz; é porque produz Se o subir para nível de incompetência, para zona de ignorância, significa tornar-se peso morto e ônus para a sociedade, já se vê que é

erro crasso fazê-lo. E se é permitido isso nas hierarquias humanas, é porque elas são imperfeitas, ainda em formação.

Este estudo das hierarquias que Peter dá como tendo foro de universalidade e de ciência, não vai além do nível humano, do convencional. Sua hierarquiologia é apenas antropohierarquiologia. Para ser universal, ele devia ter aplicado seu princípio à Natureza e à Metafísica, porque, tanto na hierarquia material astronômica e atômica como na vital, como na mental (as idéias são hierarquizadas), como na divina, cada um se mantém fixo em seu nível de competência.

Diz Peter que "cada empregado deve subir até seu nível de incompetência", e outra vez não diz por que deve subir; e o que acrescenta é mais uma sem-razão do que razão, porque, como diz, "uma vez chegado àquele nível, não será capaz de produzir de acordo com sua capacidade" Ora, se a subida ao nível de incompetência é desastrosa para quem sobe como para o sistema hierárquico, não "deve subir", e, se sobe, é porque o sistema hierárquico humano é convencional, artificial, arbitrário, sem apoio na universalidade da Vida, da Natureza, da Metafísica. E mais: a competência do que sobe, a curto prazo, não se apouca no novo nível de função, e sim, fica ociosa, visto que ela diz respeito ao nível que foi deixado embaixo. O que acontece (eis um dos calcanhares do Aquiles da hierarquiologia peteriana) é que o empregado, ao subir de nível hierárquico, muda de função, e nesta, agora sim, se mostra incompetente ou incapaz. Se o médico troca de lugar com o engenheiro, nem um nem outro sabe mais nada. Se o primeiro violino duma orquestra sobe a regente, - não possui as qualidades pessoais e a instrução específica que fazem o regente, será incapaz de reger. O grande orador (ex. de Peter) que, por isto, se faz deputado ou senador, não deixa de ser grande orador, conquanto possa vir a ser um legislador nulo. Se, porque um homem se mostra simpático, atraente e comunicativo (ex. de Peter) na televisão, engana eleitores que o elegem deputado ou senador, é de se esperar que não legisle bem, pois se adequa mais a função de ator. O "conhece-te a ti mesmo" de Sócrates, e o não subas, ó sapateiro, acima das sandálias", de Apeles, são as regras de quem não quer viver sob o regime e o menoscabo da incompetência.

O peixe que se quiser subir a batráquio, ou teria de tornar-se competente para manter-se nesse nível, ou seria rechaçado para baixo ou anulado pela vida. E assim, com todos os seres da grande escala hierárquica de planetas, de plantas, de animais, de seres angelicais. Por que não se vê um planeta que tenha sido promovido a estrela? A competência, neste plano, se denomina massa. Não suba, ó satélite, a planeta, nem ó planeta, a Sol! Lusbel caiu por ter preferido aplicar o princípio de Peter, e subir a nível maior que o seu, para o qual era manifestamente incompetente; se fora competente, estaria lá, para onde se alçou. Se quisesse, todavia, descer a último dos anjos, acabaria como último, porque, cessado o exercício da função, esta se embotaria, atrofiaria e desapareceria com o tempo, do mesmo modo como se atrofia e tende a desaparecer um órgão por falta de função. Seria esta uma forma de rebelião: a rebelião de Buda na busca do não-ser.

Eis, pois, que a hierarquiologia de Peter não é universal, restringindo-se apenas a uma "ciência" social - a socio-hierarquiologia. Seu "Princípio" é muito útil e meritório, no entanto, por mostrar como funciona a hierarquia humana, absurda e erradamente construída. Não tem nada de científico, como são as pseudo-ciências sociais, todas estudiosas de convencionalismos, não indo além de artificiosas e arbitrárias tentativas humanas na busca do que é certo fazer.

A contragosto, somos forçado a assinalar que o princípio de Peter funcionou, e mostrou-se humanamente verdadeiro em relação ao próprio Peter, quando diz: "Sócrates foi um mestre incomparável, mas achou seu nível de incompetência como

advogado de defesa". De igual modo poder-se-ia' dizer: Peter é um arguto sociohierarquiologista, porém, encontrou seu nível de incompetência como filósofo. Pois claro: que defesa fez Sócrates? A sua própria que se acha nas apologias escritas, uma por Platão, e outra por Antístenes. Todavia, lendo a "Apologia de Sócrates" de um e de outro, verificamos que Sócrates não pretendeu defender-se, mas deu mais uma de suas lições. No discurso, ele próprio diz o que lhe competia fazer para obter a absolvição; porém, não o fez..

E na Apologia de Antístenes Sócrates teria dito a seus coevos:

"Homens atenienses, meus acusadores falaram com astúcia e com eloquência. E vos puseram em guarda contra o que eles chamam a minha astúcia e a minha eloquência. Falaram como se combate e acreditam que eu vá falar como se combate. Enganam-se. Soldados de uma causa injusta, e que quer a vida de um inocente, imaginam eles que esse inocente vai lutar por todos os meios para salvar sua vida. Ora, sou indiferente à minha vida, e, se falo, é por vosso interesse, não por mim. Porque eu vos amo e não me é indiferente o fato de cometerdes ou não uma injustiça. Mas os meios injustos ou covardes não me parecem próprios a combater a injustiça".

E quando, na pensão, Antístenes, Aristipo e outros vieram convidar a Sócrates para fugir, pois as portas estavam abertas e os guardas subornados, o grande mestre fez este testamento moral, para sempre inesquecível:

"Minha fuga seria a morte da minha palavra, a morte do meu pensamento. Conservando a vida, eu me tornara indigno. Minha palavra, espalhada e amada, pode fazer algum bem. Não me peças que eu mate a minha palavra. Outros juizes poderão se precaver contra a injustiça e outros inocentes poderão ser poupados. Seria covardia e crueldade não procurar salvá-los".(Platão, Apologia de Sócrates, 111-112)

Ora, quem alcançou o seu objetivo, venceu ou fracassou? Cristo quis também morrer, e para isto foi a Jerusalém onde seria sacrificado. Fracassou no seu intento, ou triunfou? Quando não respondeu ao vazio, arbitrário e incompetente Pilatos que lhe perguntara: "o que é a verdade?", fracassou, ou venceu com a conduta, atos e palavras de toda a sua vida, Cristo ensinou que a Verdade é o Amor; contudo, frente àquele juiz de força (eu tenho poder para te absolver, ou para te condenar - Pilatos), Cristo, como ele próprio ensinava, não quis jogar suas pérolas ao porco, e por isto emudeceu. Para Peter, Cristo e Sócrates teriam chegado, então, a seus níveis de incompetência; mas não; quem atingiu tal nível de incompetência foi o próprio Peter com apresentar o exemplo de Sócrates, porque, de Cristo, ele não ousou falar.

E se admitiu, Peter, que Sócrates foi mestre incomparável, o fazer-se, tal mestre, advogado, não é subir, é deslocar-se na horizontal. O nível de incompetência pode, portanto, ser achado para cima, para o lado e para baixo, visto implicar na saída do campo específico, somente no qual se é plenamente capaz. Há deslocamentos laterais desastrosos, como é o caso do homem que se faz mulher e vice-versa; do sapateiro que se mete a entender de pintura (Apeles), ou do pintor que se põe a fazer sapatos. Sócrates já dizia que o flautista é o que deve ensinar o fabricante de flautas, pois é para aquele que as flautas são feitas. Quem é mais? quem é menos? Pois se trocaram as posições, flautista e fabricante mostrar-se-ão incompetentes. O civilizado é hierarquicamente superior ao silvícola; mas se ambos se virem perdidos nas selvas, quem fica sendo o chefe? Mas se o cidadão não quiser obedecer, nesse ponto terá atingido seu nível de incompetência... para baixo.

Se Galileu, no patíbulo, tivesse sustentado sua verdade de que a Terra gira, teria morrido, e, com isto, ter-se-ia mostrado incompetente, teria atingido seu nível de incompetência vital ou existencial, como diz Peter, e morrido. Quem, como Sócrates, como Cristo, não sabe defender a própria vida, como fez Galileu, é incompetente,

segundo se infere do que disse Peter de Sócrates. Porém, como Galileu abjurou sua verdade, ficou vivo para nada, e, com isso, mostrou-se também incompetente, agora, para defender a verdade. Ficar vivo por abjurar a verdade é competência para que? Diga-o Peter, que nós não entendemos que renegar a verdade, que propiciar a ignorância, seja alguma forma de competência! Não podemos exigir heroísmo de ninguém; mas não terá direito à glória quem não se dispuser a morrer pelas suas idéias!

Para nós, Sócrates morreu em seu nível de competência, visto como fez de sua própria morte uma utilidade educativa. Todos morremos inutilmente, morremos para nada; mas Cristo e Sócrates morreram para o bem dos homens. Nós nos dobramos às injunções das injustiças e às dos poderosos para não morrer; eles, heroicamente, morrem para não se dobrar, pois são vertebrados, e não, como nós, moluscóides. Nossas mortes são um fim; as deles, coroamento das obras que se findam para eles, e começam para o mundo. Nossa vida terrena se acaba num túmulo; as deles prosseguem na história, para sempre. Nossa morte é ausência, esquecimento e pó; as deles, monumentos eternos com bronzeadas placas em que se lê, tanto na de Cristo como na de Sócrates:

"Anátema sobre quem afrontar a grave memória deste que, em sendo vencido e morto, se fez vitorioso e vivo para sempre. Fique, o profanador, condenado ao que já justamente é: um morto dentro da própria vida, e sua vulgaridade que quer impor, seja motivo de perene insônia e desprezo".

Esta é a diferença entre morte e MORTE!

Não obstante, valeu a pena o esforço de Laurence Peter, visto como mostrou um princípio provisório que atua perfeitamente nas provisórias organizações humanas; princípio perfeitamente válido para as hierarquias absurdas que permitem a um especialista sair da sua função específica onde sabe, para ir cuidar do que não entende; princípio que só é possível em nosso mundo ainda em parte derrocado e caótico, invertido e mau, no qual se vê as massas avançarem para os altos postos de comando (Ortega); mundo em que os competentes de verdade funcionam como a "Agulha da linha ordinária" do conto de Machado de Assis, de modo que fica tendo pé a perplexidade do Gustavo Corção quando interroga: "Intelligentzia ou burritzia?"

Mas, se Peter mostrou seu "princípio" só naquilo que se nos afigura perverso e mau, nós podemos aplica-lo onde ele fica sendo uma necessidade de progresso; vejamos:

Onde funciona o principio de Peter? No mundo humano. E como é o mundo humano? É um mundo ainda em organização, e, por isto mesmo, em parte, caótico. Em que parte, pois, do mundo humano funciona o princípio de Peter? Só pode ser na parte caótica, como podemos ver:

Na Natureza, na vida inferior, no Cosmo, na hierarquia supraterrrestre ou angelical não se admite a subida a nível de incompetência. E é punido por crime de lesa-ordem tanto o que deseja pura e simplesmente subir, como o que deseja descer do que é. Porém, na mundo humano, com o advento da consciência, da razão, surgiu a liberdade e o anseio de subir. Alcançar o nível de incompetência dentro da própria função, e não, fora dela, como são todos os exemplos de Peter, é atingir o fim, e isto é um bem. Por que pois suponhamos que não houvesse esse anseio, e cada um quisesse permanecer no que é, para poder trabalhar com folga de capacidade, como ocorre com um concertista ou com um bailarino; um e outro se arrisca muito se quiser "dar tudo o que tem"; este "dar tudo o que pode" fica só para os treinos, para os exercícios privados, longe das vistas do público. Como uma maquina, ambos, violinista e bailarino, hão que trabalhar com sobra de capacidade. Suponhamos que esta

prevenção dos que apresentam suas habilidades artísticas em público, dominasse o cientista, o filósofo, o inventor. Ora, ir à Lua, neste caso, será exceder o limite de competência para arriscar-se ao desconhecido. Então não se tentaria a ida à Lua. De igual modo, Colombo não teria saído a buscar as Índias, navegando pelo lado contrário, ficando só na então teoria da esfericidade da Terra. Fulton, depois de Papin, não teria aplicado a força do vapor à sua máquina; Papin não teria descoberto sua Marmita. Quem usou a vela em barco, pela primeira vez, não o teria feito, e o gênio anônimo primitivo que aproveitou, como canoa, um tronco carcomido pelo fogo, teria fugido, assustado, com medo de aventurar-se a entrar em zona de incompetência. Edison, cada vez que fracassou na tentativa da descoberta do filamento incandescente para sua lâmpada elétrica, teria de supor-se um ignorante que tentava desvendar um mistério.

No entanto, Edison persistiu, o primitivo arriscou-se a navegar em sua canoa improvisada, o herói anônimo empregou a força do vento em sua vela, Papin construiu sua Marmita, Fulton aplicou a força expansiva do vapor, Colombo, ainda com navios a vela, arrojou-se aos mares ignotos, e os astronautas americanos foram, já, três vezes à Lua. E assim como os descobridores, cientistas e inventores, também os filósofos não cessam de passar e repassar o fio já cortante de suas mentes na *pedra-incógnita* que é o enigma da Ser. Assim, todo homem, aspirando o ignorado, acaba por superar-se a si mesmo; sua zona do labor mais intenso é um nível de incompetência. Como a "Arte é longa, e a vida, breve", ele tende a parar, um dia, em um nível de incompetência, não com sair de sua especialidade, como o demonstra Peter, o que é erro e loucura, mas, com manter-se nela, fiel a si mesmo, até que se esgotam todas as energias corpóreas e mentais. Eis aqui a face oculta e beneficentemente verdadeira do princípio de Peter, a qual, negativa e erradamente, motiva o competente de uma especialidade a sair dela, seja para subir verticalmente na hierarquia, seja para deslocar-se dentro ou fora dela na horizontal.

Manter-se fiel a linha de especialismo aguçar-se, superar-se no que já se é, eis o caminho da diferenciação que vai até o ponto de fazer o indivíduo tornar-se único, indispensável, em sua espécie. Dai que, como já dizia Santo Tomas, cada anjo é uma espécie.

Não mudar, não ir ser outra coisa estranha a função, a competência, seja subindo na hierarquia (Peter), seja deslocando-se no mesmo nível, como pretende, hoje, a mulher que aspira ser como o homem..

Diz Peter que sua "hierarquiologia não é moralística", e aqui esta a outro "calcanhar de Aquiles". Todas as civilizações caíram no momento em que enfrentaram "reptos" morais. Todas as promoções finais em que sempre fracassaram as civilizações que se extinguíram, foram de ordem moral. Estas promoções são o mesmo que as "réplicas" do Toynbee. A Babilônia, o Egito, a Grécia, Roma caíram quando não souberam "replicar", com felicidade, aos "reptos" morais que lhes foram impostos pela Vida. A subida ao plano moral é a última competência que garante todas as demais que lhe ficam abaixo, pelo seguinte: quem se mostrar competente neste nível, terá forças para cercear o ímpeto egoístico e orgulhoso de querer subir, ainda que mudando de função. Como o princípio de Peter é amoral (desconhece a moral - não é moralístico), o sistema que seu princípio fundamenta, se abre e se fecha no caótico mundo humano, sem se subir as zonas imperecíveis da perpétua beleza, da perene harmonia, do amor pleno, da arquiluminosa refulgência. É por causa da inexistência do moral que se pode verificar a regressão hierarquial estudada pelo próprio Peter. É claro que a regressão hierarquial é um fenômeno de decadência, e acaba, como já se tem verificado na história, em estagnação, colapso total e morte da civilização.

Para remediar este mal, Peter propõe a aplicação do "Poder do pensamento negativo", que consiste em o homem estudar, com cuidado, todos os contra de sua desastrosa promoção a nível de incompetência. Este princípio (o do pensamento negativo) é uma espada de dois gumes. Se os homens se tivessem manietado com esta prevenção de verificar todos os contra; se, desde o começo, tivessem aplicado "o poder do pensamento negativo" de Peter, não teriam saído de simples antropóides. Cada avanço sempre foi decidida avançada para nível de incompetência, pois ninguém há de vangloriar-se de dominar o desconhecido.

Quando o quadrúpede se pôs em pé nas patas traseiras, a caminho de tornar-se homem, não o devia ter feito porque seu plano de construção é horizontal, e os órgãos ficam dependurados na coluna dorsal como roupas num varal. Com a posição ereta, aconteceu o que sucederia se o varal cheio de roupas fosse posto em posição vertical. O resultado da posição ereta foi ficarem os órgãos amontoados, pressionando-se uns contra os outros, e o coração, em vez de bombear o sangue no plano horizontal, tem de fazê-lo, agora, em posição vertical. Suponhamos que uma bomba faz circular água num poste deitado; pouca força executará o serviço. Ponha-se, agora, o poste em pé, e ver-se-á que teremos de quintuplicar a potência da bomba. Assim, doenças do coração, varizes, hemorróidas, tonturas e outros males que afligem todos os homens, sobretudo na velhice, e que os quadrúpedes não têm, resultam da "antinatural" posição ereta. Se o quadrúpede, candidato ao nível de incompetência fisiológica humano, aplicasse "o poder do pensamento negativo" de Peter, analisando todos os contra desta aventura ignorada até então, certamente teria ficado de quatro para sempre. Voltaire sentiu vontade de retornar a quadrúpede, quando leu os livros de Rousseau, segundo suas próprias palavras...

Teria sido este também o desejo inconsciente de Peter? Pois ele é contra as viagens espaciais, e enaltece as que podemos fazer aqui em terra, mar e ar; mas se tivesse vivido no tempo de Colombo, de certo teria feito coro com todos aqueles que consideravam Colombo arrematado louco. Se os cosmonautas não se arriscassem, tendo em vista "o poder do pensamento negativo": se Colombo também não se aventurasse ao desconhecido, nem o primitivo que andou, primeiro, em barco a vela, nem aquele que navegou no pau bloqueado pelo fogo; se ainda o cavernícola não tivesse trazido para sua morada o "deus-fogo" que caiu dos céus num raio elétrico que incendiou um tronco seco; se, se... o quadrúpede não quisesse por-se em posição ereta, que significaria, hoje, o profundo mistério de ser homem?

O que é preciso, isso sim, é que cada um se conheça a si mesmo (Sócrates) para não querer ir ser o que não pode, e moralmente não deve, saindo-se de sua especialidade para zonas em que, fatalmente, será incompetente.

O por toda parte verificado é que o incompetente não tem consciência de sua própria incapacidade, acontecendo, com ele, o que se dá com todos os que tentam, rápido, enriquecer-se, sem atinarem com as funestas consequências do enriquecimento súbito. E, pois, para atestar esta loucura, não estão aí as loterias em pleno funcionamento?

Certo dia, o autor deste livro, então empregado da Companhia Telefônica Brasileira, perguntou a um chefe seu, altamente incompetente :

- "Seu" João, se o senhor fosse eleito Presidente da República, aceitaria o cargo?

- Eu experimentava - foi a resposta.

Experimentava, sim, e por que não? Quem é incompetente até para ver sua própria incompetência, todos os cargos lhe servem. Ser chefe, para esse, não é mais do que exercer a função da linha ordinária que vai à festa no vestido, como Legré (ex.

de Peter), enquanto a agulha, Don Mineo (ex. de Peter), fica no mais completo olvido. Tem razão Machiavelli quando diz, no seu "O Príncipe": todo aquele que servir de tijolinho para que outro construa seu edifício, é um tolo.

Se não existisse a desmedida ambição de subir, de qualquer jeito, mesmo usando a imoral técnica do "pistolismo" ensinada por Peter; se cada competente se recusasse, a fazer, pelo chefe, aquilo que é de sua (do chefe) exclusiva alçada; se não houvesse este apoio de base para a incompetência de cúpula, quem estivesse aí aboletado, refestelado, repimpado, sofreria logo, em estado agudo, os males, os Síndromes de Posição Final (Peter), sendo alijado da hierarquia na qual é peso morto e ônus para todos os que lhe estão abaixo. Eis um remédio que Peter não preconizou, mas de salutar valor: a cura do sistema pelo alijamento dos incompetentes. Na Natureza é assim, e assim também nas hierarquias super-humanas..

Todavia, subir na hierarquia da própria especialidade, até seu nível de incompetência, isto é, até que se esgotem todas as energias vitais, é o ideal. Contudo, sair da própria especialidade para ir ser outra coisa, só porque o permite a caótica hierarquiologia humana, isso é erro, isso é mal. Sofrear, pois, o egoísmo próprio e o orgulho que esporeiam e impelem o especialista a subir para onde não deve, não é pensamento negativo nenhum, e sim, virtude moral de autocontenção.

Não obstante, reconhecemos que, na carência desta virtude moral, quem não for asno, deve seguir os preceitos de Peter. Quem não dispuser do Grande, que use o pequeno Remédio de Peter; embora ele não cure, não deixa de ser um paliativo amenizador. Dizemos que é paliativo apenas, e quem duvidar disto, que aplique os remédios propostos por Peter, em grande, no mundo, e verificara quanta coisa imprevista vai acontecer, visto que o homem continua egoísta e mau. Ou o homem se eleva sobre si mesmo, moralizando-se, ou morre, finalmente, com seu mundo cada vez mais tresloucado, descabeçado. O egoísmo que provocou a queda, é o empecilho da subida; fora do amor não há salvação. Com o amor, a hierarquia peteriana se indireita, se desinverte, tornando-se como todas as demais hierarquias eternas. Nosso mundo está doente, e o Amor é o remédio único para a cura definitiva, embora reconheçamos ter certo valor os paliativos de Peter.

Eis, pois, como todos os problemas se resolvem.

A mulher é igual ao homem porque, diferente dele. Mas busca ela hoje identificar-se com o homem, copiando-o, em tudo. Se ela conseguisse igualá-lo, tornar-se-ia como outro homem, da mesma polaridade, e ,com isto, mutuamente, repelir-se-iam. A dialética da natureza integra unidades; obrigatoriamente, opostas, do mesmo nível e da mesma importância funcional. A mulher representa uma importância executiva diferente do homem, até a oposição. Como a natureza integra unidades opostas e complementares, nem o homem é mais importante que a mulher, nem esta o é mais que ele, donde vem que ambos, homem e mulher, são iguais quanto a suas respectivas importâncias funcionais, específicas, necessariamente complementares. Importâncias complementares iguais? Pois então, porque complementares, por isso opostas; se opostas, então, diferentes. Logo, a mulher é igual ao homem, porque, diferente.

A mulher, quanto à importância, é igual ao homem; porém, quanto a execução, é diferente dele. Todavia ela, reivindicando o reconhecimento desta igualdade por caminhos que a desencaminham, está se desigualando, está caindo, está perdendo este seu direito natural inquestionável. Firme-se ela no que é; mantenha sua linha de diversificação; reconheça sua força e sua limitação, como, honestamente, o homem faz, ao declarar, em público e raso, que a mulher lhe é superior, quanto ao sentimento, quanto ao amor; que é ela, e não ele, o berço vivo do uma nova vida, e que, por isto mesmo, a vida a preserva e ampara mais do que a ele, homem.

Tudo na mulher ressumbra maternidade, seja pelo tecido adiposo que lhe reveste e lhe alisa as formas, como reserva nutritiva do filho, seja pelos quadris largos, prometedores de que deixarão passar o nascituro, seja pelos seios volumosos, firme sinal de alimento fácil e abundante para quem dela nascer. Estes dotes corporais femininos, por si evidentes, são a primeira coisa que sobre o homem atua, que o magnetiza e o arrasta para a união, Que significa esta constante referência ao filho, seja pelas linhas da mulher, seja pelo modo com que suas formas atuam no varão? pois significa que a mulher é, diretamente, em função do filho, vindo o homem em segundo lugar; e o homem também é, em referência ao filho, mas, indiretamente, através da mulher, O filho, para a mulher, vem-lhe em primeiro plano, e o homem, em segundo. Para o homem, a mulher é o centro primeiro de interesse, vindo o filho e as demais coisas depois. O filho é o centro, o motivo, o agente natural que, por antecipação, modela o corpo feminino, pois é para ele que a mulher é como é. Esta forma feminina transida de maternidade, antecipadamente modelada pelo futuro filho, é o ideal do varão; e se este possui outras atividades aparentemente estranhas à mulher, apurando a vista, enxergamos estarem relacionadas com ela, com a família. Para que arte, ciência, técnicas, política, esportes, negócios e tudo o mais dos interesses masculinos, se o mundo fora feito só de homens? Se estranha peste matasse todas as mulheres do mundo, quais destas atividades persistiriam?

Coerente com isto, vem as falas de Ortega que consideramos, num e noutro caso exageros, e vamos provar que o são com o próprio Ortega, não obstante termos de nas alongar muito neste capítulo, contra o já fracassado intuito nosso de fazê-lo curto. Diz ele: "Mas objetar-se-á que a mulher prefere não o melhor, mas o que a ela lhe parece melhor, o indivíduo no qual vê concretizado seu ideal de varão. Com efeito, é assim mesmo. O ideal, o desenho exaltado que do homem tem a mulher, atua como um mecanismo de seleção sobre a multidão dos varões e salienta os que com ele coincidem. Eis aqui precisamente a marcha da história, que é, em boa parte, a história dos ideais masculinos inventados pela mulher. Assim, decidiram as damas da Provença que o homem devia ser *prou e courtois*. Proeza e cortesia! Criaram o ideal do "cavalheiro" que, não obstante decaído e desprezado, continua ainda a dar forma à sociedade européia".(Ortega y Gasset, Estudos sobre o Amor, 35)

Eis, pois, segundo Ortega, a marcha da história, em boa parte, é a dos ideais masculinos; mas estes ideais masculinos foram inventados pelas mulheres; segue-se, logo, que boa parte da história é escrita pelas mulheres através dos varões que elas idealizaram. Se é próprio de homens serem inventores de coisas, eis agora que, segundo Ortega, as mulheres inventaram os próprios inventores; não só os geram e, depois, os amamentam, senão que também os modelam, na infância, pela educação, como mãe, como professora, plasmando-lhes os caracteres, fazendo-os para a vida, para a história.

Pode haver mais exagerada maneira de fazer o homem depender da mulher? de o homem ser em referência à mulher? Nós, que escrevemos muito, não dissemos tanto, em tão poucas linhas, em tão exíguo espaço: o homem é do modo como a mulher o sonha! O Romeu é um produto da mulher!

No entanto, é o próprio Ortega que escreve isto: "Porque assim como a mulher não pode em nenhum caso ser definida sem referi-la ao varão, tem este o privilégio de que a maior e a melhor porção de si mesmo é independente por completo de que a mulher exista ou não. Ciência, técnica, guerra, política, esporte, etc., são coisas em que o homem se ocupa com o centro vital de sua pessoa, sem que a mulher tenha intervenção substantiva. Este privilégio do masculino, que lhe permite em ampla medida bastar-se a si mesmo, talvez pareça irritante. É possível que o seja. Eu não o

aplaudo nem o vituperio, mas tampouco o invento. É uma realidade de primeira grandeza com que a Natureza, inexorável em suas vontades, nos obriga a contar" (Ortega y Gasset, A Rebelião das Massas, 335).

Se o ideal feminino atua como um mecanismo de seleção sobre a multidão dos varões, segue-se que os varões procurarão ajustar-se àquele ideal, não podendo ser diferentes daquilo que lhes impõe o ideal feminino. E, pois, como são os varões? São uns seres meio auto-suficientes, cuja melhor porção de si independe, por completo, de que existam ou não mulheres. Logo, este privilégio do masculino, que lhe permite, em ampla medida, bastar-se a si mesmo, não pode ser ou parecer irritante para as mulheres, visto como foram elas mesmas que, com seu ideal, o quiseram. A ser verdade o que afirma Ortega num e noutro livro, a independência do homem, o bastar-se a si mesmo, o prescindir, em larga margem, da mulher, é o ideal feminino. Então foram as próprias mulheres que idealizaram um ente que fosse independente delas, que se bastasse a si mesmo, que não fosse em referência a elas, e antes, pelo contrário, um ente ao qual elas se referissem. Que ente é este? Pois não pode ser senão o filho.

A mulher é em referência ao filho, e, por extensão, em referência ao varão que pode ser o filho adulto, o neto, o irmão, o pai, o esposo, etc., pois tudo na mulher gira em torno destes elementos humanos. Ora, se Ortega, num escrito, demonstrou que o homem é em referência à mulher, e noutro, que a mulher é em referência ao varão, a posição verdadeira tem que ser a linha mediana expressa deste modo: a mulher e o homem mutuamente se referem. Como o parafuso e a porca, como a matriz e os tipos, como a forma e o formado, como a fechadura e a chave, um é para o outro e vice-versa, sem primazia nem para uma nem para outra parte. Mas este referir-se que o feminino e o masculino, em dose igual, reciprocamente partilham, tem em vista o filho, donde: vem que o filho é a referência comum de ambos, o traço de união, o agente de conexão, o nexa medianeiro entre o homem e a mulher.

A mulher ressuma maternidade pelas formas, pelo seu corpo transido de alma, de afeto, de amor; o filho, portanto, é o centro seu de gravitação. No entanto, o amor se nutre da presença e da vista do amado. A relação mãe-filho é contínua; assim o exige o amor; por isso, a mulher só deseja fazer aquilo que a não afaste de seu filho. Daí vem que mãe nenhuma gostaria de ter seu filho numa creche, para vê-lo, somente, à tarde e à noite, passando todo o dia de trabalho em amargurada saudade. É por isto que as creches, nos países comunistas, não deram resultado.

Ora, os dotes femininos são o ideal do varão; são os que o empolgam, o arrastam e o prendem à mulher. Logo, sem sermos feministas, nossa dialética nos obriga a esta conclusão inevitável, embora antipática e irritante para os antifeministas: o homem vive em função, ou em referência à mulher, e esta, em função ou referência ao filho. A mulher não é, em primeira instância, em referência ao varão, e sim, pelo contrário, ele é que é em referência a ela, visto que a não pode dispensar, e tudo o que pensa ou faz, por distante e estranho que pareça, diz-lhe respeito.

Consequentemente, sem o filho, a mulher se extravía, arrastando, consigo, seu companheiro, e por aqui se pode avaliar a magna importância da maternidade para a conservação do mundo. No entanto, a mulher está se desgarrando do lar, e ninguém põe acurado tento nisto, nas calamitosas consequências que disto resultam, como se fosse fenômeno banal, igual aos demais. Agimos como se nossa casa estivesse cedendo, afundando, nos alicerces, e isto não fosse de tanta importância, só porque os alicerces são uma parte íntima do edifício, enterrada no chão... Contudo, se os alicerces se afundam, a casa simplesmente cai, do modo como ruíram todas as civilizações, exatamente no momento em que as mulheres desertaram do seu posto

biológico, trocando esta função precípua por outros quefazeres que em vez de fazerem, desfazem tudo, tudo arrasam.

Resumindo tudo, temos: as formas femininas atuam no varão; ora, as formas femininas são por causa do filho; logo, essa atuação sobre o homem é por causa do filho. De outro modo: a mulher é em referência ao filho; mas o homem é em referência a mulher; por conseguinte, ambos são em referência ao filho.

Aqui, agora, começa a loucura feminista: o filho é sacrificado, por ser um empecilho à mulher que trabalha fora, na fábrica; em vez de filhos, ela produz milhões de parafusos (?!). Com isto, as uniões perdem o sentido, cessam de ter fortes vínculos dos filhos, assemelhando-se aos frutos sem sementes; o índice de natalidade, em grau extremo, cai a zero, e a civilização, como já tem acontecido muitas vezes, fechando seu ciclo, acaba-se em nada. Isto é elementar!

Que entenda e reconheça esta verdade a mulher, por bem, se não quiser sofrer a amaríssima solidão, o tédio insofrível da mulher sem lar, sem esposo, sem filhos. Buscando a ilusória liberdade, ela encontra a escravidão do horário, do emprego, do dinheiro com o qual, jamais, poderá comprar sua felicidade, e as vezes, por isto, suicida-se.

A alma feminina está em conflito, porque busca a igualdade sem uma filosofia que a norteie, e, pelo que tem demonstrado, por si mesma, não sabe o que é a igualdade. Do mesmo modo, procura a liberdade por ignorar que esta existe, somente, no momento da escolha, no início da ação que, uma vez desencadeada, condiciona o que se tem a si por livre, no férreo determinismo das consequências.

Toda a mulher que é mulher, isto é, toda a que não tem, em excesso, o hormônio masculino, sonha com o casamento, com os filhos, com o amor e com a tutela de um companheiro. Assim o foi no passado, e porque o foi, vai, agora, o comunismo materialista e ateu, e declara que estas coisas não passam de "preconceito burguês". Pois bem: os resultados desta doutrina anti-natural se mostraram funestamente negativos, a começar pelo conflito que se instalou na alma feminina que tinha de escolher entre ter mando e lar, ser esposa e mãe, ou ser empregada para fazer o serviço de homem. A consequência imediata disto foi a queda alarmante da natalidade na Rússia, levando os oligarcas vermelhos a concluir pela volta ao "burguesismo", quanto a esta parte. Deste modo, já se permite se escreva nos jornais de Moscou: "As mulheres devem ficar em casa cuidando dos filhos, recebendo salários do governo, para que possam ter mais filhos. Esta é a proposta do jornal "Literaturnaya Gazeta", preocupado com a baixa natalidade da União Soviética". Já, agora, o "Konsomolskaya Pravda" pode pronunciar-se a favor da virgindade declarando: "Os jovens não devem ser persuadidos de que ela passou da moda". Se a virgindade fosse impossível, não poderia ter existido no passado, nem ainda existir no presente; não é que estejamos a defendê-la, numa época em que a cirurgia plástica pode restaurá-la. E até pensamos que o conhecimento mútuo, no que se refere à união sexual, evitaria muitos desajustes desta ordem que é fundamental. Porém, agora, os soviéticos não acham mais que é "preconceito burguês" a mulher casar-se, ficar em casa para cuidar dos filhos? Pretendendo tornar atrás no tempo, já sem remédio, a oligarquia vermelha descobriu que, com este "preconceito burguês", a União Soviética poderá manter-se em pé, e, sem ele, ela cairá, como caíram todas as civilizações que se entregaram à materialidade, ao desenfreio das paixões, à libertinagem, aos puros gozos carnis.

A vida fez o homem um ente racional, para ela ser mais rica, intensa e abundante nele; com a razão, o homem se tornou um inventor de coisas boas e más; dentre as boas e más está a técnica que é boa, por permitir comodidades, e má, por destruir o próprio homem, seja pelas guerras, seja por forçá-lo à limitação da prole, e isto, pelo

vício incoercível de ter mais e mais comodidades. A técnica, que não existia até 1500 d. C., cresceu, avolumou-se, invadiu-nos a vida, o espírito, de modo que não dizemos, por exemplo, que a bomba é um coração, senão que o coração é uma bomba; não, que a câmara fotográfica é um olho, mas, que o olho é uma câmara fotográfica, pois os conceitos de bomba e de câmara fotográfica, como diz Fritz Kahn, são-nos mais familiares. Já se referia Aristóteles aos órgãos elétricos dos peixes, e Volta ao dar nome à sua pilha, pensando com o espírito da sua época, chamou-a "órgão elétrico artificial. Pensamos e sentimos em função de máquinas... elas nos invadem e dominam a vida...

Todavia, se o homem se escravizar a máquina, com o sacrifício da proliferação, a vida cessa de ter sentido, e a civilização se desfaz. O plasma germinativo levanta o homem do pó da terra, e o impele a ir por diante, para ir nele; o indivíduo humano, contudo, cai no termo da jornada, mas seu plasma prossegue, imortal, nos filhos. Este é o sentido da vida. Sem os filhos, a vida pára, morre, cessa de existir. O homem que não tem filhos, ao morrer, morre duas vezes: uma, quando se lhe extingue o plasma, na decrepitude, e outra, quando é deitado, hirto, num caixão. Ou de outro modo: quem tem filhos, ao morrer, morre só por metade, e aquilo que se lhe levam a enterrar, é apenas o bagaço do plasma eternizado nos filhos. Isto, de morrer para sempre o plasma humano, não poderá suceder em grande, aniquilando toda a humanidade; contudo, uma civilização, uma raça, já tem acontecido desaparecer. E o homem inventou a máquina, hoje, que o ameaça devorar, do mesmo modo como as pirâmides comeram, inteiro, o Egito.

A técnica está consubstanciada em Golem, uma espécie de robô, de homem artificial como Frankenstein, construído, segundo a lenda, no século XVI, por um rabino de Praga. A máquina não devora os indivíduos, mas, a civilização, porque o homem fica viciado das comodidades, do prazer que lhe dá o conforto, do gosto que lhe causa a velocidade que o faz, quase ubíquo, estar em toda parte; no entanto, para ter tudo isto, ele precisa de dinheiro. Como seu ordenado é sempre pouco, a mulher deixa o lar para ajudá-lo, empregando-se, ela também, como ele, na fábrica, no escritório, nalgum setor do complexo industrial. Agora, então, os filhos se tornam estorvos..., e o melhor é não os ter...

Lembra-nos, a isto, haver lido em Wells e Huxley (A Ciência da Vida - Vol. 7) que certa família de formigas escravocratas (formiga rufa) gosta tanto das exsudações do escaravelho (*Lomechusa*) que ela cultiva, que passa dedicar mais cuidados à prole dele que da sua própria, chegando a permitir que as larvas do escaravelho devorem as suas. O escaravelho possui uns feixes de finos pêlos que se ensopam da líquida doçura, e neles as formigas sugam, como em tetas. As formigas ficam tão viciadas nesta nectária bebida, que certos formigueiros seus chegam a desaparecer. "Assim, as formigas operárias e os térmitas partilham com o homem a honra nada invejável de serem os únicos animais que tem vícios" (Wells e Huxley, Como Vivem e Sentem os Animais, 153).

Tal, o que está acontecendo em nossa era de industrialização, de técnica. A produção industrial é mais importante do que a reprodução. O conforto material que as máquinas propiciam, torna o homem viciado, tal como ocorre com as formigas fascinadas pelo escaravelho. E assim como as formigas rufas cuidam da prole dele, esquecendo-se da sua, também o homem para ter tudo, não pode ter filhos. As formigas sacrificam suas larvas ao *Lomechusa*, do mesmo modo que os homens oferecem a Golem o sacrifício de seus plasmas germinativos. Os "homines technici" deste século aprenderam adorar o grande, férreo e oco deus Golem, a cujos pés a civilização já cambaleia, do mesmo modo como cambaleou, caiu e morreu o Egito

aos pés das pirâmides; como caiu e morreu a Grécia com fazer a guerra do Peloponeso; como morreu a Roma dos céсарes, vencida pelas facilidades das riquezas e dos escravos. Os escravos e as riquezas comeram Roma; a Guerra do Peloponeso, a Grécia; as pirâmides, o Egito; Golem está para devorar a nossa civilização, já cambaleante, se ela, em tempo, não tornar atrás!

Todas as guerras revoluções e crises históricas foram facilmente superadas, porque a mulher esteve firme no seu posto biológico; agora, porém, e a própria mulher que esta em crise, ameaçando desertar da sua função, e, com isto, nossa civilização reverterá ao caos, como tantas vezes, e pelos mesmos motivos, tem acontecido. Quando a degradação atinge a mulher, a civilização se derroca, porque a mulher, antes do homem, é a fonte e o sustentáculo da vida. Recuse-se ela a adoração de Golem, volte-se ao verdadeiro Deus, e, com isto, estará salva a civilização.

Hoje há os anticoncepcionais, sobretudo as pílulas; deixando-se de lado os possíveis efeitos colaterais - porque "toda realidade desconhecida prepara sua vingança" (Ortega y Gasset, A Rebelião das Massas, 306) - consideremos o efeito direto e imediato deles, que é a extinção, gradativa, da raça dos que os empregam, ficando o mundo para os que se abstêm, mantendo-se fiéis à natureza. O pretexto para o uso dos anti-concepcionais é a família planejada; se isto não fora mero pretexto, estaria bem; todavia, o homem se acha impedido de programar a sua própria vida, porque, como dizia Ortega da sua, "só me é certa a incerteza"; e acrescenta noutro lugar: "Porque a vida é inteiramente um caos onde a criatura esta perdida" (Ortega y Gasset, A Rebelião das Massas, 226). Que quer dizer família planejada? Pois há de ser: ter filhos de acordo com as possibilidades de os criar e de os educar. Fosse: válida esta tese, não fosse ela mero pretexto, quem ganha mais, devia programar ter mais filhos, e quem menos, menos. E é inteiramente o contrário que se dá, pelo que o leito da riqueza é quase: estéril, e o da miséria, fecundo. Por que há escassez na fartura, e prodigalidade, na miséria? Por que motivo quem tem mais tem menos, e quem menos, mais? Por que as civilizações caem na época de seu fastígio e riqueza, e não, nos tempos de agruras? As civilizações caem no tempo da sua idade de ouro, a começar pelos que se acham bem situados na vida, não pela extinção das forças genesíacas, mas por desaparecer o objetivo no futuro. Nós vivemos a partir do futuro onde pomos as nossas esperanças. Toda ação presente tem em vista uma fundação futura. O passado nos limita, nos resiste, e é então que olhamos também para ele; como o deus Jano, temos uma cara voltada para o passado do que fomos, e outra, para o futuro do que seremos. No meio da linha dessas duas visões estamos nós, em nosso presente. Pois quando os olhos do rosto que fita o futuro estão cegos, como será o presente? O rico não tem futuro, porque sua aspiração suprema era ficar rico, e agora já o é. Quanto à mulher, como poderá "gozar a vida", cheia de filhos? "Na vida rica (diz Ortega), o homem fica sem raízes em nada, solto no ar" (Ortega y Gasset, Origem e Epílogo da Filosofia, 255). "A enfermidade (diz Toynbee) que inibe os filhos de decadência, não é a paralisia das suas faculdades naturais, mas um colapso da sua herança social, que os priva da possibilidade de encontrar um objetivo para as suas faculdades excepcionais, numa ação social ativa e criadora" (Arnold J. Toynbee, Um Estudo de História, II, 473). As mulheres de Roma não dispunham dos eficientes anti-concepcionais modernos; contudo oscilou, pendeu e caiu a zero o índice de natalidade. "Já Horário havia cantado" (escreve Ortega): "Nossos pais, piores que nossos avós, nos engendraram ainda mais depravados, e nós daremos uma progênie todavia mais incapaz (Odes, Livro III, 6)" E prossegue Ortega: "Dois séculos mais tarde não havia em todo o império bastantes itálicos medianamente valorosos com os quais preencher as praças de centuriões, e foi necessário alugar para esse ofício dálmatas, e depois,

bárbaros do Danúbio e do Reno. Enquanto isso, as mulheres tornaram-se estéreis e a Itália se despovoou" (Ortega y Gasset, A Rebelião das Massas, 81). Assim, antes de cair Roma nas mãos dos bárbaros, estes já estavam dentro, comandando. De igual modo caiu o Egito, porque não valia a pena ter filhos para servirem de escravos dos faraós na construção das pirâmides. Seja eu infeliz escrava, pensava a mulher egípcia, mas meu filho? jamais, nunca! Nem toda servidão é infelicidade; daí que ser escravo, na casa de Platão, é melhor que ser livre, na miséria!

Não se culpem, pois, os anticoncepcionais e sim, a Golem que os inventou, juntamente com tudo o mais. Fale ainda Ortega: vivemos em um tempo que se sente fabulosamente capaz para realizar, mas que não sabe o que realizar. Domina todas as coisas, mas não é dono de si mesmo. Sente-se perdido em sua própria abundância. Com mais meios, mais saber, mais técnicas que nunca, o mundo atual vai como o mais infeliz que tenha havido: puramente ao acaso" (Ortega y Gasset, A Rebelião das Massas, 98). Com a queda da civilização, cai, com ela, Golem, e, com ele, os anticoncepcionais, porque, no próximo recomeço, não haverá mais a técnica para produzi-los. O mundo está na dependência das mulheres; se elas, desertando, abandonarem seu posto biológico, nada mais poderá segurar a catástrofe, porque, sem homens, não haverá técnica, nem civilização, e a história terá feito seu ponto final.

Antes se dizia que o homem está gastando o petróleo e o carvão-de-pedra, sem se incomodar com as gerações vindouras que não mais terão o que queimar. Pois aí está, para contraditar essa tese, a energia elétrica inesgotável e a energia nuclear. De igual modo se fala da Terra cheia de homens famintos (Malthus), sem se lembrar de que o mundo futuro não cultivará searas, nem trigais, nem arrozais (Fritz Kahn), porque o alimento será sintético, produzido em formidáveis complexos industriais. Os problemas não se resolvem fugindo-lhes, mas, enfrentando-os. A expansão demográfica não levava os homens a fome, como pensava Malthus, a não ser em curto prazo, porque este problema pressionará os mesmos homens, levando-os a explorar o plancto dos mares, e, depois, os alimentos sintéticos, transformando-se a Terra em grande e amanhado jardim (Fritz Kahn), em vasta e cultivada floresta, sem as extensas estradas terrestres de hoje, porque os homens terão muito melhores asas do que as têm agora, com as quais já sabe encurtar distâncias.

E já se produzem, na Escócia, quatro mil toneladas anuais de proteínas do petróleo, e isto, fazendo trabalharem várias espécies de bactérias. E carboidratos e lipídios já se produzem por síntese direta. Quando tais processos se tornarem menos dispendiosos do que os da agricultura, a "revolução verde" cederá seu lugar a "revolução bioquimiônica".

Os já arquintrincados problemas modernos ir-se-ão complicando cada vez mais, exigindo do homem, a par do desenvolvimento maior do amor, maior capacidade intelectual. Maior inteligência significa cérebro mais bem organizado. Inteligência não é maior volume, nem maior peso encefálico, e sim, mais complexidade das fibras, melhor organização delas na textura cerebral. Nosso cérebro não é maior do que o dos homens primitivos, porém, melhor provido de recursos. O cérebro, na espécie humana, deslocou-se para a frente, aumentando a área frontal, em detrimento da parte traseira da cabeça. Quer dizer que, na espécie humana, maior lobo frontal equivale a mais inteligência. Todavia, o crescimento da cabeça está condicionado pela abertura da bacia da mulher, como já se aventou. A largura dos quadris femininos serão, destarte, os limites naturais do desenvolvimento humano? Isto pode não ser verdade, porque os homens do futuro poderão vir a ter os crânios em torre, como era o de Walter Scott, romancista inglês. Deste modo, sem aumentar a largura e o comprimento da cabeça, ela poderá crescer em altura. E lembremo-nos de que, mesmo com os crânios normais

dos nossos tempos, já no mundo apareceram muitos gênios. Pôr este motivo, nosso problema imediato por resolver, de que tudo depende, é de natureza sentimental, moral, e não, intelectual. O que põe limites ao desenvolvimento humano, hoje, como no passado, é o egoísmo... que faz o progresso emborcar-se, voltar-se contra si mesmo, auto-destruir-se. Assim o foi muitas vezes no pretérito; assim o será no presente, se o homem não se mantiver em perene atitude de alerta.

O homem que domina tudo, ainda não se domina a si mesmo, e, por isto, se tornou, não senhor, mas, escravo de Golem. Seja Golem escravo, e não Deus, e nossa civilização estará salva, Nosso horizonte não está fechado, e cerrando os olhos à realidade circundante, podemos enxergar, na imaginação, o nosso futuro distante, a nossa morada feliz, o topos uranos descido a Terra, aquela grande estância de luz qual Sol a resplender no seu fulgor mais vivo. A aurora deste Sol já se nos afigura despontar nos pórticos desse dia eterno. Isto não é sonho lindo, esperança vã rósea utopia de poeta e pensador; nosso destino é lá, e lá chegaremos, se acertamos os nossos passos, se ajustarmos as nossas desavenças e oposições pelos vínculos do amor. Se o mundo não tem esperanças, ei-la, aqui está a Esperança! se não tem caminho, eis aqui o Caminho! Sem sombra de dúvida, o homem, um dia, será feliz, mas terá que construir com o coração, com a cabeça, com as mãos essa felicidade. Arregimentemo-nos em torno deste altaneiro ideal, porque, assim como a utopia de ontem é pura realidade hoje, também este messiânico, vaporoso e róseo sonho, será concretização amanhã. A própria técnica o tem demonstrado, com superar, em audácia, os mais arrojados sonhadores! O coração e a mente são o par de asas com que voarão os homens à estrelada esfera; visitarão os mais longínquos orbes, e com humanidades outras travarão contato; não antes, porém, de vencido haverem o dragão do egoísmo, terrível, formidoloso, habitante ainda de seus corações.

No entanto, sobre estes dois fundamentos, coração e mente, intelectual e moral, ergue-se um terceiro, derivado - a sensibilidade estética. O encantar-se, o embevecer-se, amorosamente, ante o outro (objeto), e o compreender, mentalmente, esse outro, são os fundamentos da Arte; porque esse outro pode ser um Irmão, um igual, por pertencer a um mesmo plano ou nível, ou pode ser um ente ou cena de nível inferior ou superior. É assim que a alma do esteta aprende a abrir-se para o outro, a embeber-se na contemplação do outro, a saturar-se da harmonia, da beleza que vai nesse outro. E empregando modos diferentes de linguagem, descreve suas emoções seja pintalgando o pentagrama musical, seja traçando desenhos ou pondo cores à tela com o pincel, seja com o escopro e o maço dando formas à pedra bruta. Cada escola de pensamento se expande pelo mundo da estesia, onde cada artista, inspirado pela grande idéia-mãe, fala na linguagem que lhe é peculiar. Na música, de um modo, temos a orquestração instrumental, a sinfonia; de outro, o canto melódico, linear, e o coral volumétrico em que se aliam duas artes irmãs - a música e a poesia. Então, alongando a vista no rumo do futuro e apurando o ouvido nessa direção, podemos antever e pré-escutar as harmonias e as belezas extasiantes do grande mundo por nascer.

O símio, assustado, temeroso, que se levantou, a custo, nas patas traseiras, a caminho de ser homem, cuidou que Deus o fizera assim; mais tarde, o pré-homem macacóide que já cultuava esse Deus em formas várias, pensou achar-se no pináculo; depois veio o homem antigo, e o moderno, agora, que também não são o fim, visto como é seu destino tornar-se um ente topos-urânico, um anjo sensível à beleza, pleno de amor e de sabedoria.

O homem foi feito do quadrúpede conforme o provam seus duzentos órgãos residuais. Ora, o quadrúpede posto em posição ereta é um arranjo forçado, mero recurso da Natureza, e nunca a forma perfeita que ao homem conviva, se diretamente

houvesse ele sido feito pelas mãos de Deus. Ninguém espere, pois, achar entre os entes celestiais que diretamente Deus criou, as imperfeições próprias do homem oriundo da evolução. Foi petulância e vaidade antropomórficas declarar que Deus fizera o homem segundo sua própria imagem... porque o homem é um ente imperfeito, também quanto à forma corporal. Quem começou nadando, rastejando, andando de quatro e depois de dois, não pode ser a imagem e semelhança de Aquele que é, por todos os aspectos, o Excelso.

Um anjo é um foco de luz iridescente, esteta, amoroso e sábio, sem pernas para locomover-se, porque se desloca pela volição; sem mãos para segurar, conquanto possa projetar de si, do foco que é, esses instrumentos, quando a necessidade o exige. A corporificação da energia de que se constituem os altos nubes, e, depois, a ondulação da matéria ou volta desta à forma dinâmica são, para tais espíritos, processos automáticos, fáceis e rápidos, dependendo somente do querer. Os animais vivem sobrecarregados com suas armas e utensílios que trazem como partes de suas estruturas; já o homem, num ponto mais acima, conservou suas mãos indiferenciadas que se aplicam aos instrumentos que cria para o seu labor. O anjo nem de mãos precisa, e se as necessita, cria-as, de pronto, como faz o homem ao construir seus instrumentos de trabalho, todos exteriores ao próprio corpo, e não como no animal em que tais utensílios fazem parte da anatomia, da estrutura, do somático. Por este motivo, a classificação dos animais se faz por suas formas anatômicas. Paralelamente, não há outro modo de classificar os homens que não seja por suas habilidades executivas ou funcionais. Num plano mais alto ainda que o do gênio, o anjo vive a gozar das belezas do ilimitado, a enxergar, por intuição instantânea, direta, o ser das coisas, em sua total inteireza e verdade, não por lampejos fugazes, como ocorre com o gênio, mas por luz de continuada e mediana claridade; concomitantemente, vive de amar a seus irmãos mais do que a si mesmo.

Tal, a criatura que Deus criou do seu amor incriado, da incriada luz; tal, o destino do homem! E para incentivá-lo a andar neste caminho, foi expendido o ingente esforço de fazer este livro.

EPÍLOGO

Flamínio Pelório suicidou-se, e o Dr. Bolvan Durakov acabou louco. A este resultado extremo levaram a filosofia e a moral materialistas.

Sempre se ouve falar em filosofia materialista, mas nunca se pode saber o que venha a ser essa filosofia. Não há nenhum filósofo que a tenha desenvolvido em sistema, e não há uma obra sequer em que se possa estudá-la, toda, inteira, da premissa maior até suas últimas consequências. Assim, a filosofia chamada materialista se resume numas frases esparsas e vagas, que não se encaixam em sistema nenhum.

Quando o Dr. Bolván escreve isto, na sua obra "A Deidade Matéria" :

"O maior desejo do homem é ser mais ou mais ser; e como o tempo da vida, por longo que seja, é curto, para mais ser é preciso correr mais. Assim andava o homem primitivo a pé, correndo, e para correr mais, domesticou o cavalo; e já montado nele, e já em carros foi o homem ganhando velocidade e encurtando o tempo cronológico, dispondo, assim, de mais tempo vital que é o da duração da sua vida. Esporeado sempre pela ambição de ser mais, criou ele as máquinas de vencer espaços, e não contente ainda, inventou o vôo, superou a barreira do som uma e duas vezes, e não satisfeito, fabricou os foguetes de ir a Lua primeiro, e, depois, a outros planetas. E

onde não podia ir com seu corpo, fez-se onipresente com sua imagem e sua voz, e isto, com a velocidade da luz. A história do homem se reduz à história da velocidade, e sua grandeza cresce e é mais ser, quanto mais velozmente corre para vencer os espaços e devorar o tempo. Quem poderá duvidar de que um astronauta é mais ser do que o homem primitivo que só sabia andar de pé rasteiro? Pois se o crescer da velocidade agigantou o homem, segue-se que mais velocidade equivale a mais ser, que movimento é igual a ser. Quem pára, morre; quem corre, vive; e a própria morte sempre foi entendida como um perpétuo repouso. A expressão "repousa em paz", nos túmulos escrita, é uma redundância, pois é impossível repousar lutando. Se a vida é luta, a paz é morte, seguindo-se que quem está em paz, está em repouso, quer dizer, morto. Por isto, proponho se escreva nas campas, de agora em diante, somente: "em paz"; porque estar em paz é já estar em repouso, morto"

Quando o Dr. Bolvan coloca o assunto deste modo, parece até que tem uns visos de verdade. Mas quando consideramos que o homem primitivo para alcançar mais ser, fez exatamente o oposto de correr, que foi parar e pensar, então vemos que a suposta meia verdade de Bolván é erro, é mentira. Porque a história do homem não é a história da velocidade, e sim, a história do pensamento. Foi pensando que o homem conseguiu superar-se, conquistando, como domínio seu, a técnica e a velocidade. Foi parando de correr com as pernas para pensar, que pode programar a domesticação do cavalo, inventar o carro de tração animal, o motorizado, o avião e o foguete. Atrás dos vãos espaciais oculta-se uma estafante lucubração, feita em silêncio, em repouso físico. As leis do movimento intuiu-as Galileu de olhos fechados, pensando, sentado em seu gabinete de trabalho silencioso. Os problemas não se resolveram nem se resolvem correndo mais, e sim parando de correr, para pensar; daí que em fala com autoridade o faz ex-cathedra, sentado na cadeira, e jamais, nunca, de corrida, ex-abrupto. Esta é a causa por que aqueles que não tem tempo, por correrem muito, acabam por não saber por que e para onde correm....

A interrogação metafísica: quem existe?, recebeu pronta resposta do homem comum: as coisas existem. Mas como as coisas são decomponíveis em outras, não há nenhum filósofo antigo ou moderno que afirme pura e simplesmente isso. Ora, o Dr. Osmard Andrade Faria caiu neste erro: declarou que a matéria é que existe, e tudo o mais, a partir dela. Como a matéria é puro movimento, então, só o movimento existe, e daqui saiu toda a filosofia e moral materialistas expostas neste livro.

O doutor escreveu bem como médico, e pessimamente como filósofo, porque sua aventura hipnológica implicou numa transposição indébita do plano empírico ou experimental da medicina, para o da metafísica, dando razão a Sócrates que diz: os artesãos, porque conhecem bem o seu ofício, cuidam que tudo sabem. Textualmente: "Parece-me que também os bons artífices tinham o mesmo defeito dos poetas: pelo fato de executarem bem a sua própria arte, cada um pretendia ser sapientíssimo nas coisas de maior importância, e esse erro obscurecia o seu saber" (Platão, Apologia de Sócrates, 23).

O mesmo que Platão, diz Ortega, ao demonstrar que o homem de ciência moderno é homem-massa, "um primitivo, um bárbaro moderno" (Ortega y Gasset, A Rebelião das Massas, 171). "Porque - como escreve - outrora os homens podiam dividir-se, em sábios e ignorantes, em mais ou menos sábios e mais ou menos ignorantes. Mas o especialista não pode ser submetido a nenhuma destas duas categorias. Não é um sábio, porque ignora formalmente o que não entra na sua especialidade; mas tampouco é um ignorante, porque é "um homem de ciência" e conhece muito bem sua porciúncula de universo. Devemos dizer que é um sabio-ignorante, coisa sobremodo grave, pois significa que é um senhor que se comportará

em todas as questões que ignora, não como um ignorante, mas com toda a petulância de quem na sua questão especial é um sábio" (Ortega y Gasset, A Rebelião das Massas, 174).

Isto mesmo é o que escreve M. Garcia Morentes: "Não existe nada mais desanimador que o espetáculo oferecido pelos cientistas mais ilustres nas disciplinas positivas, sobretudo no transcurso destes últimos trinta ou quarenta anos quando se puseram a filosofar sem saber filosofia. O fato de ter descoberto uma nova estrela no firmamento ou ter exposto uma nova lei da gravitação universal, não autoriza e muito menos justifica, ou legítima, que um físico de toda a vida (Einstein?), um matemático de sempre (Bertrand Roussel?), ponha-se de repente, sem preparação alguma, ser exercitação prévia, a fazer filosofia. Lamentavelmente, costuma acontecer que grandes figuras da ciência merecedoras de toda nossa veneração, toda nossa admiração, expõem-se as vezes ao ridículo, porque se meteram a filosofar de maneira absolutamente pueril e quase selvagem" (M. Garcia Morentes, Fundamentos de Filosofia, 36). Os parêntesis são nossos. Foi o que aconteceu com o Dr. Osmard Andrade Faria.

Preenchendo, por inteiro, estes ditos de Platão, de Ortega e de Morentes, o Dr. Osmard Andrade começa, modestamente, assim: "O homem pensa e por isso descobre que existe (cogito, ergo sum) mas se percebe que pensa falta-lhe descobrir por que pensa" (O. Andrade Faria, Hipnose Médica, 37). E acrescenta ainda tímido: "Aos neurofisiologistas, aos filósofos, aos tratadistas, enfim, a responsabilidade de esmiuçar o problema. Não a nós que nos carecem os elementos de base para tal. A nós, apenas a verificação na prática daquilo que a teoria ainda não explica dentro dos Cânones tradicionais da patologia humana" (O. Andrade Faria, Hipnose Médica, 39). Passou-se um ano apenas, e o Dr. Osmard sentiu-se já preparado para afirmar, com ânimo resoluto: "A concepção filosófica primitiva de que o homem existia porque pensava (cogito, ergo sum), poderá ser hoje considerada ao contrario, ou seja, o homem não apenas descobre que existe por pensar, mas pensa, justamente por existir" (O. Andrade Faria, Hipnose e Letargia, 148). E assim, o doutor se vai insinuando, sorrateiramente, entre os filósofos, com sua premissa cartesiana pelo avesso que diz: o homem existe, logo pensa. Por isto acrescenta: "Parece óbvio que não pode haver pensamento sem matéria cerebral e assim, o primeiro seria uma consequência, uma resultante, uma elaboração da segunda"(O. Andrade Faria, Hipnose e Letargia, 234). E ousado, agora, sentencia: "tudo aquilo que a matéria gera, nada poderia ser senão matéria" (O. Andrade Faria, Hipnose e Letargia, 234).

Vale a pena colocar, então, na mesma corda-de-puxar, com Descartes, o doutor, para ver qual vence e arrasta o outro; primeiro Descartes: Penso, logo existo. Existo, porque penso. Se não pensasse, eu não existiria para mim. Só tem existência para si, aquilo que pensa. A matéria bruta não pensa; por isto, ela não existe para si. Eu sei que ela existe, porque a penso; porém, ela, como não se pensa, não sabe que existe. Se eu não pensasse, nem eu, nem a matéria existiriam para mim, como nem eu, nem ela existimos, para si, tendo em vista que ela não pensa. As coisas passaram a ter existência desde quando apareceu o pensamento, que, sem ele, nada existiria, seja porque, sem um pensamento plasmador (leis - princípios), as coisas jamais sairiam do caos primevo, seja porque, existindo as coisas pensadas por Deus, ainda não havia o homem que as repensasse. Portanto as coisas existem, por terem sido ante-pensadas juntamente com o homem; então, entre elas, o homem foi formado, para depois, por sua vez, pós-pensá-las. Assim, as coisas existem para mim, porque repenso aqueles pensamentos que foram postos nelas, fazendo-as ter existência em si mesmas, independente de que eu as pense ou não. Alguém as pensou, e, em as pensando, fê-

las existentes, independente de mim; todavia se eu não as pensasse, para mim, elas não existiriam. Deste modo, por causa de ter havido um pensar anterior, tornou-se possível o meu existir e o meu repensar posterior. Se não tivesse sido criado um só que seja ser pensante, como aconteceu por todo o tempo imensurável, anterior ao advento do homem, o universo existiria em si mesmo, como sempre existiu, porém, não, para nenhuma criatura material. Desta maneira, as coisas que ignoro, nas quais não penso, pode ser que existam em si, alhures; todavia, para mim, não existem, visto como não as penso.

Como nada pode existir ou ser, sem um antecipado pensamento plasmador, assim para as coisas que o homem faz, assim para as obras que Deus criou; como eu próprio, com ser criatura, tive de ser pensado com as coisas, sem o que eu e elas não existiríamos; como só tive consciência de mim pensando, quando eu já existia feito por alguém, como coisa pensante ("eu sou uma coisa que pensa" - Descartes), segue-se que nem eu nem as coisas somos necessários, isto é, não nos bastamos a nós mesmos, não somos auto-suficientes, não nos auto-construímos nem nos auto-conservamos, sozinhos, sem um pensamento plasmador que se manifesta sob o aspecto de princípios e de leis imutáveis. A esse Ser necessário que pensou a mim e às coisas por meio de leis; que, por isso, preexiste às coisas e a mim, chamo Deus. Eu que penso, tiro meus pensamentos das coisas, e não, do nada. Ainda para imaginar, preciso retirar a matéria prima das minhas imaginações das coisas que me circundam. Ora, se alguém pôs os pensamentos nas coisas, como o artista põe o seu na sua obra, de onde, agora, os tiro para o meu uso, esse Alguém essencial, necessário, preexiste ou ante-está às coisas e a mim. A esse Alguém, chamo Deus. Até aqui, Descartes. Agora, o medico:

A matéria não pensa, contudo, existe; para quem? Para Deus não pode ser, visto como ainda o homem não apareceu para pensá-lo, para criá-lo. E mesmo sem pensar, a matéria se arranja, segundo um plano lógico, isto é, inteligente... que não existe, uma vez que inteligência é razão, é pensamento, e este ainda não despontou da matéria; portanto, ela se arranja a si mesma, inteligentemente, por acaso (!). Acaso inteligente? E por acaso vai inteligentemente (mas sem inteligência) complicando os seus arranjos. Até que nasce, por acaso inteligente (!), a célula viva que ainda não pensa que existe, mas sabe resolver os seus problemas, inteligentemente (!), por acaso (?). As células se associam em colônias, e, dentro destas, se diversificam para a execução de funções específicas. Fazem a divisão do trabalho, por acaso, visto que não pensam, nem se sabem existir. Um grupo começa a assumir a liderança sem saber por que, nem como, nem para que, e por um feliz acaso se formaram as células nervosas que se reúnem em gânglios espalhados pelo corpo da colônia celular. Um grupo destes gânglios nervosos resolve, sem mais aquela, liderar sobre os demais que aceitam, submissos, esta liderança, e eis, aqui está, como surgiu o primitivo cérebro. O que era antes simples irritabilidade, depois tropismo, depois reflexo, depois instinto, aos poucos foi transformando-se em reflexão e pensamento. Então, o homem, porque pensa, inventa Deus, e passa a dizer que esse Deus o criara a ele, visto que acha impossível que se tenha criado a si mesmo..., mas, de fato, não só se criou a si mesmo, senão que criou, também, ao próprio Deus. E passados dois milhões de anos, desde o Homo Habilis, surge Descartes que se cuida existir porque pensa, quando, na verdade, pensa porque a matéria existe. Não existisse ela, ele não pensaria. A matéria existe, logo penso (Osmard); penso, logo a matéria existe (Descartes).

Desde que a matéria antecede ao pensamento, e Deus é criatura do homem criador; uma vez que o pensamento é consequente, e não há um Deus que tivesse pensado o universo por meio de leis, para que este pudesse plasmar-se na substância

informe do caos, então, todas as leis e princípios, com serem pensamento puro, pós-existem à matéria. Os princípios e leis, neste caso, não se descobrem, senão que despontam, surgem, nascem, aparecem, são criados da matéria. Tudo isto vem dar neste "evangelho" segundo Bolván:

No princípio era o acaso e o caos, sem pensamento nem lei; e o acaso geria (sem gerir) o caos que, por isto mesmo, continuava caos. Depois, por acaso, no meio do caos, começou uma ordem que, casualmente, se foi evidenciando como princípio e lei; esta lei, filha do acaso e do caos, foi organizando o mesmo caos, por acaso, e ainda, por acaso, foi destronando o mesmo acaso. Assim é que o Dr. Osmard explica, casualmente, como, no fim duma cadeia infinita de transformações casuais, surgiu o pensamento. Casualmente, dizemos, porque o próprio pensamento apareceu do caos, por acaso, e esta teoria para explicar a origem do pensamento, se aplica a gênese do pensamento osmardiano. Pois claro: se o pensamento é um produto do acaso, as obras de Osmard, concedendo-se que são produtos do seu pensamento, têm que ser originárias do acaso também.

Este feliz acaso inteligente osmardiano é o mesmo que "as circunstâncias fortuitas" de Demócrito, segundo as quais tudo se fez, levando a Jaques Maintain a usar desta figura: o Partenão grego ter-se-ia construído sozinho, para o que "foi suficiente jogar pedras umas sobre as outras durante um número indefinido de anos"; ou então, para se fazerem as tragédias de Racine, bastou "agitar confusamente, durante muito tempo, caracteres de imprensa" (Jaques Maritain, Introdução Geral à Filosofia, 39). Pior ainda: os próprios tipos gráficos se fizeram a si mesmos, por acaso inteligente, para que fosse possível, por outra feliz acaso, aparecer as tragédias de Racine. Arão também usou deste artifício para desculpar-se da feitura do bezerro de ouro; disse ele, a Moisés, que tomara ouro ao povo para jogá-lo no fogo; e tendo-o feito, "saiu este bezerro" (Ex. 32, 24)!...

Valeu também, este capítulo, como aplicação do método de redução ao absurdo. Consiste este método em considerar a verdade de uma proposição, não diretamente, mas pelo desenvolver a sua contraditória que leva a um resultado impossível ou absurdo. Deste modo, se a pretensa filosofia e moral materialistas levaram ao caos representado pelo suicídio de Pelório, e pela loucura do doutor Bolván Durakov, segue-se que a verdade se acha na doutrina oposta a do materialismo.

Todavia, o materialismo, levado ao extremo do suicídio e da loucura, está sendo possível em nosso mundo, por causa da exaustão das filosofias, e, sobretudo, pelo formidável repto, o maior de todos os tempos, assentado pela doutrina da evolução. Cessado o cultivo do campo filosófico, como soe acontecer com a terra abandonada, as ervas daninhas do materialismo o invadem por todos os lados. A carência de filosofia no mundo encorajou os especialistas de outras disciplinas a se fazerem filósofos; e como são cegos nisto, deu-se o caso, como diz no Evangelho, de estes cegos se porem a conduzir outros... no rumo do abismo. Onde não ha médico, surge a curandeiro; pela mesma razão, quando não há filósofos, um simples médico se faz a si filósofo. Deste modo, o charlatão está para o médico, assim como este esta para o filósofo, no ponto em que se põe esse a fazer filosofia, espiando o universo pela estreita viseira do seu especialismo. Ora, quando um indivíduo qualquer começa a dar receitas e a curar, como se fora médico, o que fazem os médicos? Porém, como a filosofia é campo de todos, e, por isso, de ninguém; como não há nenhuma lei que proíba o exercício ilegal da filosofia, cumpre aos mesmos filósofos aplicar os drásticos, os corretivos da cirurgia que consiste em alimpar a parte daninha que invade o campo filosófico. Assim, para o charlatão, cadeia; para o médico-filósofo, a redução ao absurdo ...

Estudando vinte e quatro civilizações, Toynbee chegou ao resultado de que, quando um repto deixa de ser respondido, a civilização entra em deperecimento, colapso e morte. Pois a nossa deixou de replicar ao repto da evolução, uma vez que todas as filosofias antigas e modernas pressupõem uma criação perfeita, plasmada diretamente por Deus. Assim o mundo tresvaria, hoje, por falta de um norte filosófico. Por causa disto, a verdade exposta nesta obra, entendemos, se impõe, peremptória e urgentemente, como urna necessidade de sobrevivência e de preservação de todos os valores, a custo, adquiridos. Pena é que a grande maioria não se aperceba disto. Para viver a vida vegetativa dos reflexos naturais, ou a dos reflexos aprendidos, ou de imitação servil, estas graves questões são até incomodas, Mas há o bom número dos que querem saber, e só sabendo, sentir-se-ão tranquilizados, seguros, ainda que no meio da perdição não desejada, mas para a qual colaboram, levados, de roldão, pelas circunstâncias, sem poder parar e pensar; e se tentam faze-lo, vêem-se logo metidos em beco sem saída; deste modo, a contragosto, são arrastados para o colapso que preludia o fim da nossa civilização. Parar e pensar: eis o remédio grego que se, por tardio, não salvou a civilização helênica, contudo, fê-la perviver nas civilizações que a sucederam.

Oxalá este brado de alerta possa ser ouvido; mas se o não for, paciência: o mundo novo que surgir das cinzas do velho, palmilhará este caminho, visto como não há outro. Não ha nesta afirmação peremptória vaidade alguma; ela representa nossa convicção mais arraigada, mais profunda. Este caminho, único para o pensamento que não sabe mais por onde prosseguir, não é nosso: é o caminho que, independente de nós, mais dias menos dias, o mundo filosófico teria de descobrir. Trata-se de uma descoberta, e não, de uma invenção.

Todo mundo enxerga que a sociedade nossa caminha, a passos largos para o seu colapso final. Cada um vê o problema e propõe a sua solução. Uns são pela volta à autoridade paternal do tipo patriarcal agrário, único meio de se evitar a anarquia. sobre que se assentam as ditaduras estatais. Todavia, os regimes totalitários, discricionários, também estão em decadência, por falta de uma filosofia; a autoridade do Estado conseguida só pela força, é como a pressão que comprime uma mola; não havendo a livre adesão interna, intrínseca, não há força que mantenha, por muito tempo, a mola recalçada. Outros, e são a maioria, acham que o único caminho é o homem melhorar-se moralmente. Mas, que é moral? sobre que fundamento se assenta ela? Dizer que o homem deve ser bom, num mundo supinamente mau, é uma zoada de gongo... Sem saber por que, ninguém se propõe a melhorar-se, e afirmar que é porque, sem a melhora moral, a sociedade se desintegra, dizer isso, causa riso. "Que importa (já dizia Vieira) que o mundo se acabe para mim, ou para todos? Que importa que o mundo se acabe para mim, ou eu para ele?" O que me importa (pensa cada um) é "gozar a vida" com o mínimo de sofrimentos, e depois de mim, o dilúvio!

Tanto que alguém nos quer fazer bons, ficamos em guarda, pois pode ser que nos tenha tomado por bobo a ser explorado de algum modo. Dizer que o homem precisa melhorar-se moralmente, sem dar um porque que valha, é o mesmo que pedir que tenhamos fé, que sejamos mais inteligentes, que procuremos ser mais altos em estatura e mais belos...

Há um porque devemos ser bons, remoto, do qual decorre o porque próximo que é: senão o mundo se acaba. Sem a solução metafísica do porque remoto, cada um pensará de si para consigo: pois que se acabe!

Os homens de pensamento, sobretudo os não filósofos, depois de gastarem dois séculos em solapar os alicerces da moral, concluem, agora, assustados, que sem a moral o mundo vai para o diabo. Que se poderá pensar de um homem que se pusesse

a serrar o pé do galho em que se achasse trepado? e galho esse suspenso sobre um abismo? Só tem o direito moral de destruir aquele que tem algo melhor para repor no lugar. pois bem. Os demolidores já fizeram a sua obra; agora, ou o mundo aceita esta construção que oferecemos, ou leva a breca!

É deste parecer, também, o conspícuo pensador Pedro Dantas ao qual pedimos nos autorizasse inserir, neste livro, o artigo da sua lavra "Carência de Filosofia", no que ele aquiesceu, de boa vontade. Citado artigo foi publicado no jornal "O Estado de S. Paulo", em 5 de julho de 1969, quando a publicação de "Um Estudo do Nosso Tempo", na "Folha de Piraju", ia já pela metade. Deste modo, conseguimos um fecho de ouro para estas páginas, que é o mencionado artigo do mui ilustrado senhor Pedro Dantas.

CARÊNCIA DE FILOSOFIA

Se forem corretas as idéias aqui expostas, em artigos anteriores, seremos levados a concluir que a crise fundamental do mundo contemporâneo, essa crise que abala os alicerces da sociedade - e tanto da sociedade das famílias quanto da sociedade das nações - não é predominantemente política, nem econômica, nem, tampouco, puramente ética, tal como algumas vezes se supõe: é, sim, essencialmente filosófica. Nossa grande culpa, que estamos purgando severamente, foi ter acreditado e é seguir acreditando na sabedoria do "primum vivere", que, já tendo prestado serviços relevantes, não é mais solução, antes pelo contrário. Hoje, o recomendável, o necessário, é "primum philosophari". Filosofar para viver, pois que, ou filosofamos, primeiro, ou iremos chafurdar na bagunça e nos desintegraremos no caos.

Esse é o destino que nos ameaça. A profunda crise que atravessamos, de âmbito universal, indica o início da desintegração a que estaremos condenados, por nos recusarmos à filosofia. A crise alastra-se por todos os planos e domínios das nossas atividades. É política, econômica, moral, cultural. Desta vez, vai tudo raso. Destruiremos ou deixaremos destruir-se o que existe, sem saber o que reconstruir, nem como reconstruir alguma coisa, no lugar vazio. Nada resistirá à avalanche. E, dado que ao cataclismo ainda sobrevivam restos de uma pobre humanidade sem rumo, decaída da sua condição de grandeza, será preciso recomeçar do princípio, como após o dilúvio.

Recomeçar, implica uma tomada de posição, em face do mundo e da vida. Implica uma filosofia. Filosofar, primeiro, para alcançar uma razão de viver. Sem fundações filosóficas, toda construção com esse objetivo sempre desmoronará.

Nunca havia sucedido ao espírito humano deixar-se ficar ao abandono, em total, angustioso, vertiginoso desamparo, que é como o de um cosmonauta perdido. Não se trata, sequer, de uma queda, que segue uma lei e um sentido. Nem é, propriamente, morrer. É um modo indizível de aniquilamento. Nunca nos acontecerá nada de semelhante, porque sempre filosofamos, desde que somos gente. em todas as idades. Pouco importa que as primeiras atitudes filosóficas fossem tão diferentes na verdadeira filosofia, quanto os vagidos de um recém-nascido diferem de um poema de Mallarmé. O fato é que elas existiam e dominavam a vida, conferindo-lhe o que hoje lhe falta, parece faltar: um sentido, um sentido qualquer.

O problema não era tão terrível assim, enquanto as crises do espírito se desenrolavam em torno da preferência concedida a determinado sentido, que, em vez de outro, se deveria atribuir à vida. Podiam hostilizar-se, entredevorar-se, odientos, os partidários das diversas soluções. Mas, todos tinham uma solução, tinham o que propor, pois filosofavam. Destruir o teu, para construir meu mundo, ou vice-versa, é um

conflito positivo, uma exaltação, uma briga. Não é uma crise desesperada. Nem tudo está perdido, enquanto cada um se julga senhor da verdade e supõe saber como se deve agir.

Hoje, o que se destrói é um mundo sem sucedâneo à vista, é um mundo que se diria exausto, esgotado em seu poder de renovação. Não se trata, porém, de um inexorável processo de decrepitude. O caso é, antes, de carência, uma espécie de avitaminose mortal, do tipo do escorbuto, que se cura com laranjas, o que não impediu a moléstia de dizimar exércitos e populações, ao tempo em que não era conhecida a etiologia da tão temida "peste". Mal comparando, o mundo contemporâneo deixa-se dizimar por essa crise da peste, que, ela também, não passa de um caso de carência - a carência de filosofar.

O que fazemos é debater-nos em vão de encontro aos problemas que nos angustiam, como os enclausurados que se arrebatam contra muros e grades; debatemo-nos sem perceber o essencial: que a vida não dá né com alguma filosofia. A



Associação Filosófica "Luiz Caramaschi"
Praça Arruda, 54 – Caixa Postal 44 – Fone (14) 3351.1900
18800-000 – PIRAJU – SP
CNPJ – MF – 50.846.096/0001 – 81

mitindo,
s para a
lemática
te, deve
Não nos
mundo,
além de

AUTORIZAÇÃO

A Associação Filosófica "Luiz Caramaschi", na pessoa de seu Presidente, Senhor Douglas H. Ribas autoriza a publicação, ou seja, a inserção da obra escrita pelo Professor e Filósofo Luiz Caramaschi, por meio eletrônico na página www.dominiopublico.gov.br do Governo Federal, onde poderá reproduzi-la, em particular mediante cópia digital, impressa ou qualquer que seja o meio a ser utilizado, sendo que também autorizo armazená-la permanentemente na biblioteca digital do Domínio Público, sem restrições de acesso pelos visitantes do site, objetivando colocá-la ao alcance do público e permitir a quem a ela tiver acesso que a reproduza, seja extraindo cópia ou conforme critério estabelecido pelo administrador do site www.dominiopublico.gov.br do Governo Federal.

Estância Turística de Piraju, 10 de maio de 2010.

DOUGLAS H. RIBAS
Presidente da Associação Filosófica
"Luiz Caramaschi"

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)